



**Helder Fernando de
Oliveira Couto**

**Turismo e Política de Turismo no
Concelho de Espinho**



**Helder Fernando de
Oliveira Couto**

**Turismo e Política de Turismo no
Concelho de Espinho**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão e Desenvolvimento em Turismo, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Joaquim da Costa Leite, Professor Associado com Agregação do Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro, e co-orientação do Professor Doutor Carlos Manuel Martins da Costa, Professor Associado com Agregação do Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro.

o júri

presidente

Prof. Doutor Carlos Manuel Martins da Costa
Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Joaquim Costa Leite
Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Maria João Aibéo Carneiro
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Ana Maria dos Santos Cardoso de Matos Temudo Barata
Professora Auxiliar com Agregação do Departamento de História da Universidade de Évora

agradecimentos

Dedico esta dissertação aos meus pais, noiva e família em geral, pela compreensão dispensada. O apoio nos momentos mais complicados e de menor disponibilidade, fazem toda a diferença. Assim sendo, aqui fica o meu agradecimento público, a eles pelo incansável apoio que me deram no decorrer desta dissertação.

Não poderia deixar de apresentar igualmente o meu agradecimento, pelo apoio e colaboração demonstrados, às pessoas que passo a identificar:

Senhor Professor Doutor Joaquim da Costa Leite
Senhor Professor Doutor Carlos Manuel Martins da Costa

A todos os professores que leccionaram aulas no ano lectivo 2005/06 no mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo

À Câmara Municipal de Espinho, na pessoa do Seu Presidente Dr. José Barbosa Mota e a todos os Seus Vereadores de Câmara.

No Pelouro do Turismo, destacar o apoio da Dr.^a Manuela Avelar que, desde o início, me dispensou em todo o processo, tendo acompanhado o desenrolar desta dissertação de forma muito próxima.

No Hotel PraiaGolfe, empresa que represento, destacar o apoio da Administração, nas pessoas do Dr. Rodrigo Barros e do Sr. Alfredo Barros, no sentido de me concederem as condições adequadas, dentro do possível, para garantir a exequibilidade desta dissertação que, se pretende de uso e interesse para todos os actores do tecido económico no Concelho de Espinho. A todos que não tenham nome institucional, mas que tenham tido especial colaboração na execução desta dissertação, o meu sincero agradecimento. Sem o apoio de todos os referenciados, não me teria sido possível apresentar a presente, dentro do espaço temporal definido.

MUITO OBRIGADO PELA CONFIANÇA DEMONSTRADA!

palavras-chave

Concelho de Espinho, Poder Local, Turismo, Política do Turismo, Orientação Estratégica, Desenvolvimento.

resumo

Espinho é uma das terras que em Portugal “nasceu” mais cedo para o Turismo, sendo considerada uma estância balnear de referência a partir da segunda metade do séc. XIX. O Turismo é assim, uma realidade indelével em Espinho, contudo, existirá uma política para o Turismo no Concelho de Espinho capaz de captar todas as sinergias, envolver todas as entidades em torno de objectivos e estratégias delineadas para o sector? Ao mesmo tempo, existirão esses mesmos objectivos e estratégias definidas que, sejam do conhecimento público e generalizado?

Estas são as questões às quais esta dissertação pretende dar resposta.

Partindo da análise histórica do Turismo no Concelho de Espinho, na busca de evidências de actividade turística desde os tempos mais remotos, aprofundamos o estudo do sector do Turismo no Concelho de Espinho de forma a melhor o conhecermos, e por fim, recorrendo a entrevistas, foi possível auscultar os principais agentes económicos deste espaço territorial, no que se refere aos pontos de vista de cada um e de todos sobre a temática em estudo, tentando diversificar na selecção dos entrevistados, de forma a não criar resultados tendenciosos.

Desta investigação, concluiu-se não existir Política do Turismo no Concelho de Espinho, pois para isso não basta existirem vontades, mas sim fundamentalmente têm de existir objectivos concretos e claros que, sejam do conhecimento público e que originem a definição de uma estratégia que, estabeleça uma orientação comum para todos os agentes turísticos, com vista à prossecução dos objectivos e metas inicialmente estabelecidas.

Keyword's

Espinho Municipality, Local Level, Tourism, Tourism Policy, Strategic way, Development

Abstract

Espinho is one of the places where tourism was first “born” in Portugal and it was considered a holiday resort of reference from the second half of the XIX century.

Tourism is thus an undeniable reality in Espinho. However, can we speak about a policy for tourism in Espinho Municipality, able to capture all the synergies, to involve all entities, around objectives and strategies outlined for the tourism sector? Are those objectives and strategies known to the public?

These are the issues to which this Master dissertation's is intended to answer.

Based on historical analysis of tourism in Espinho, we searched evidences of touristic activity in the past, we deepened the study of the tourism sector in Espinho in order to know it better, and finally, we used interviews, to hear the main economic agents of Espinho, as the way to know the views of each one and all, about the subject under study, trying to diversify and not create tendentious results.

In this research, it was concluded that there is no policy for tourism in Espinho, because individual wills are not enough, there must be clear and concrete objectives/targets, and public awareness of those objectives, leading to a strategy to establish a common orientation for all touristic agents, in order to achieve the stated objectives and targets.

Índice

Índice.....	VII
Abreviaturas e Acrónimos.....	X
Índice de Figuras.....	XI
Índice de Tabelas.....	XIII
Prefácio.....	XV
Capítulo 1 - Introdução.....	1
1.1. Enquadramento.....	1
1.2. Objectivos.....	4
1.3. <i>Base Metodológica</i>	5
1.4. Notas Introdutórias à Área Geográfica em Estudo	7
Capítulo 2 - Antecedentes históricos – Uma abordagem ao nível do Turismo	11
2.1. <i>introdução</i>	11
2.2. <i>História ao Pormenor – O Turismo como motor de</i>	
<i>Desenvolvimento</i>	12
2.2.1. As Origens	12
2.2.2. A Colónia Piscatória.....	14
2.2.3. A Estância balnear.....	15
2.2.4. A Criação da Freguesia.....	17
2.2.5. A Fase de Afirmação.....	20
2.2.6. A Criação do Concelho.....	24
2.2.7. Um Percurso Singular.....	27
2.2.8. O Turismo no Concelho – marcos históricos determinantes para o	28
seu desenvolvimento.....	
2.3. Considerações Finais.....	35
Capítulo 3 - O Sector Turístico no Concelho de Espinho.....	36
3.1. <i>introdução</i>	36
3.2. O Sector Turístico.....	37
3.2.1. Internacional.....	39
3.2.2. Nacional.....	41

3.2.3. Porto e Norte de Portugal	48
3.3. O Sector turístico no Concelho de Espinho.....	61
3.3.1. Oferta de estabelecimentos hoteleiros no Concelho de Espinho....	62
3.3.2. Procura nos estabelecimentos hoteleiros no Concelho de Espinho.	64
3.3.3. Estudo do Perfil do Turista que visita o Concelho de Espinho.....	67
3.3.4. Apresentação de bases metodológicas para estudo da Procura e Oferta Turística no Concelho de Espinho.....	69
3.3.4.1. <i>Estudo da Procura Turística no Concelho de Espinho</i>	70
3.3.4.2. Estudo da Oferta Turística no Concelho de Espinho.....	71
3.4. Considerações Finais.....	71
Capítulo 4 – Os fundamentos gerais de uma Política de Turismo.....	76
4.1. <i>introdução</i>	76
4.2. Política de Turismo – abordagem ao nível Internacional.....	77
4.2.1. Conceptualização da Política Turística.....	79
4.2.2. Objectivos da Política de Turismo.....	80
4.2.3. O Sector Publico e Privado na Política de Turismo.....	80
4.2.4. Processo de tomada de decisão na Política de Turismo.....	83
4.3 Política de Turismo – abordagem ao nível Nacional.....	86
4.4 Política de Turismo – abordagem ao nível Local.....	88
4.5. Paradigmas emergentes da Política de Turismo.....	90
4.5.1. A relação entre planeamento e Turismo.....	90
4.5.1. 1. Etapas Fundamentais no Planeamento Turístico.....	92
4.5.1.2. Grupos de Actores e as Redes no Planeamento Turístico.....	94
4.5.2. Colaboração e parcerias.....	95
4.6. Modelo para o planeamento e a definição de uma Política de Turismo..	98
Capítulo 5 - A Política de Turismo no Concelho de Espinho.....	100
5.1. <i>introdução</i>	100
5.2. Definição do âmbito das Entrevistas.....	101
5.2.1. Abordagem metodológica e conceptual.....	101
5.3. Análise das Entrevistas Realizadas.....	110
5.3.1. Entidades Camarárias.....	110
5.3.2. Entidades Camarárias da Oposição.....	127

5.3.3. Outras Entidades em Geral.....	134
5.4. Análise Conjugada dos elementos chave que compõem uma política de Turismo.....	147
5.4.1. Enquadramento.....	148
5.4.2. Análise dos resultados globais.....	152
5.4.2.1. Importância do sector turístico no Concelho de Espinho.....	152
5.4.2.2. Objectivos do sector turístico no Concelho de Espinho.....	153
5.4.2.3. Relações institucionais no sector turístico do Concelho de Espinho.....	155
5.4.2.4. Estratégia do sector turístico no Concelho de Espinho.....	156
5.4.2.5. Receptividade da população local face ao Turismo no Concelho de Espinho.....	158
5.4.2.6. Política de Turismo no Concelho de Espinho.....	159
5.4.2.7. Papel do estado central no processo de criação e implementação de uma política de Turismo.....	162
5.5 Considerações Finais.....	163
Capítulo 6 - Conclusão.....	167
6.1. Síntese das Conclusões.....	168
6.2. Orientações para o futuro do Turismo no Concelho de Espinho – Propostas decorrentes da comparação com “Best Practices” a nível Nacional e Internacional	170
Bibliografia.....	175
Capítulo 8 – Anexos.....	183
Anexo 3.1. Sector Turístico no Concelho de Espinho.....	184
Anexo 5.1. Guiões de Entrevista.....	185
Anexo 5.2. Transcrição das Entrevistas realizadas.....	191

Abreviaturas e Acrónimos

PDM's - Planos Directores Municipais

PENT - Plano Estratégico Nacional do Turismo

Piter - Projecto Integrado Turístico Estruturante de Base Regional do Gerês

WTO - World Tourism Organization

CET/UnB - Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília

INE - Instituto Nacional de estatística

OMT – Organización Mundial del Turismo

itp - Instituto de Turismo de Portugal

IPDT - Instituto de Planeamento e Desenvolvimento do Turismo

VFR - Visita a Familiares e Amigos

MICE - Meeting Incentive Conferences and Exhibitions

Índice de Figuras

Figura 1.1 – Enquadramento Geográfico do Concelho de Espinho.....	8
Figura 1.2 – Estrutura Etária da População residente no Concelho de Espinho, em 2001.....	9
Figura 2.1 – Cartaz promocional da Fábrica de Conservas “Brandão, Gomes & C. ^a ”	23
Figura 3.1 – Chegadas Internacionais de Turistas (1950-2005).....	38
Figura 3.2 – Variação das Dormidas e Hóspedes dos Estabelecimentos Hoteleiros em 2007.....	46
Figura 3.3 – Evolução Anual da importância das “Viagens e Turismo” nas Exportações Nacionais.....	47
Figura 3.4 – Evolução Anual da importância das “ Viagens e Turismo” na Balança de Transacções Correntes.....	47
Figura 3.5 – Variação das Dormidas e Hóspedes dos Estabelecimentos Hoteleiros em 2007 – Norte de Portugal.....	50
Figura 3.6 - Evolução Anual dos Passageiros Desembarcados por tipo de Voo no Aeroporto Francisco Sá Carneiro.....	51
Figura 3.7 – Género dos Turistas que visitam o Porto.....	55
Figura 3.8 – Idades dos Turistas que visitam o Porto.....	55
Figura 3.9 – Nacionalidade dos Turistas que visitam o Porto.....	56
Figura 3.10 – Países de Origem dos Turistas que visitam o Porto.....	56
Figura 3.11 – Meios de transporte utilizados pelos Turistas que visitam o Porto.....	57
Figura 3.12 – Com quem viaja o Turista.....	57
Figura 3.13 - Motivações dos Turistas que visitam o Porto.....	58
Figura 3.14 – Grau de satisfação dos Turistas que visitam o Porto.....	58
Figura 3.15 – Onde se instalam os Turistas que visitam o Porto?.....	59
Figura 3.16 – Categoria Hotel utilizado pelos turistas.....	59
Figura 3.17 – Tempo de estadia dos Turistas que visitam o Porto.....	60
Figura 3.18 – O sector Turístico Internacional no horizonte 2020.....	72

Figura 4.1 – Representação Conceptual do modelo sistémico do sector Turístico.....	84
Figura 4.2 – Impactes do desenvolvimento de uma Política no sector do Turismo.....	85
Figura 4.3 – O processo de desenvolvimento de uma Política de Turismo.....	85
Figura 4.4 – A formulação da Política de Turismo Internacional – Diagrama Geral.....	86
Figura 4.5– Grupos de actores relacionados com as políticas turísticas e ambientais de um destino turístico.....	95
Figura 4.6 – Modelo para o planeamento e desenvolvimento de uma Política de Turismo – Caso da Tailândia.....	98
Figura 5.1 – Nº de entrevistas realizadas por cada tipo de grupo seleccionado.	149
Figura 5.2 – Divisão das entrevistas realizadas às entidades gerais pelos subgrupos considerados.....	150
Figura 5.3 – É importante o sector turístico no Concelho de Espinho?.....	152
Figura 5.4 – Existem objectivos para o sector turístico no Concelho de Espinho?.....	153
Figura 5.5 – Os objectivos são claros?.....	154
Figura 5.6 – A oposição partilha dos objectivos definidos?.....	155
Figura 5.7 – A relação entre Câmara e os agentes turísticos é fácil?.....	155
Figura 5.8 – Existe estratégia definida para o Turismo no Concelho de Espinho?.....	157
Figura 5.9 – A estratégia é do conhecimento público?.....	158
Figura 5.10 – Existe uma boa receptividade da população face aos turistas?...	158
Figura 5.11 – Existe uma política de Turismo no Concelho de Espinho?.....	159
Figura 5.12 – Acha o papel do estado central crucial em todo o processo, de criação e implementação de uma política de Turismo?.....	162

Índice de Tabelas

Tabela 2.1 - Casas de Jogo nos Inícios do Séc.XX.....	30
Tabela 2.2 - População nas freguesias de Espinho em 1940.....	33
Tabela 3.1 – Entradas de Visitantes Não Residentes.....	44
Tabela 3.2 – Evolução das Receitas nos Principais mercados emissores.....	45
Tabela 3.3 – Indicadores de hotelaria na Região Norte, 2006.....	49
Tabela 3.4 – Estabelecimentos, capacidade de alojamento e proveitos de Aposento, nos estabelecimentos hoteleiros da Região Norte, 2006.....	49
Tabela 3.5 – Estabelecimentos e capacidade de alojamento no Concelho de Espinho, evolução no período de 2001 a 2004.....	62
Tabela 3.6 – Estabelecimentos, capacidade de alojamento e proveitos de aposento no Concelho de Espinho, 2006.....	63
Tabela 3.7 – Indicadores de hotelaria no Concelho de Espinho, 2006.....	64
Tabela 3.8 – Estada média e taxa de ocupação na hotelaria do Concelho de Espinho, 2006.....	65
Tabela 3.9 – Dormidas e hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros no Concelho de Espinho, 2006.....	65
Tabela 3.10 – Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros no Concelho de Espinho, segundo o país de residência habitual, 2006.....	66
Tabela 3.11 – Hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros no Concelho de Espinho, segundo o país de residência habitual, 2006.....	66
Tabela 3.12 – Dormidas e estada média nos estabelecimentos no Concelho de Espinho, evolução no período de 2001 a 2004.....	67
Tabela 4.1 – Boa Prática no Planeamento Nacional e Regional	93
Tabela 4.2 - Benefícios potenciais da colaboração e parcerias no planeamento Turístico.....	97
Tabela 5.1 – Matriz das questões formuladas nos diferentes guiões de Entrevista.....	103

Tabela 5.2 – Identificação das entidades a entrevistar, com estado da Entrevista.....	105
Tabela 5.3 – Número de entrevistas realizadas, distribuição pelos grupos Considerados.....	110
Tabela 5.4 – Respostas às questões centrais de uma Política de Turismo.....	148
Tabela 5.5 – Classificação da actividade das Entidades entrevistadas.....	151

Prefácio

A motivação pessoal para o estudo do tema “*Turismo*” é algo que desde cedo se configurou. A Licenciatura em Gestão e Planeamento em Turismo em 2002 e mais recentemente o ano curricular do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo aprofundaram esta apetência.

Paralelamente, e não menos importante, o facto de ser Director Comercial do Hotel PraiaGolfe em Espinho, tornou premente a necessidade de contribuir para a realidade espacial, em que o mesmo se insere.

Assim sendo, o passado justifica a opção presente, pois sempre estive ligado ao sector turístico, representando diferentes unidades hoteleiras ao longo dos tempos e contribuindo para a sua realidade comercial.

Apesar deste contexto, e após adquirir conhecimentos mais sólidos em áreas de gestão e planeamento, julguei ser importante para mim, contribuir agora para o espaço territorial em que a unidade hoteleira que represento, se insere.

Ao mesmo tempo, o tema proposto pelo coordenador do Mestrado, Professor Doutor Carlos Costa – História do Turismo em Espinho, foi aproveitado, no sentido de servir de fundamento para aquele que foi o tema final seleccionado.

Conjuntamente com o Professor Doutor Joaquim Costa Leite, meu orientador, pensamos que seria importante, face a este cenário, estudarmos o Turismo e a política de Turismo no Concelho de Espinho, sendo que a História iria ser elemento de estudo, tentando-se encontrar no passado, os fundamentos e as justificações para o que acontece no presente no sector turístico deste espaço.

A escolha do tema está relacionada, com o factor proximidade e afinidade com o espaço territorial seleccionado, tendo sempre presente a responsabilidade acrescida de trabalhar um espaço que, se conhece e para o qual queremos trazer algo de “novo”, definindo aqui o novo como conhecimento, organização, orientação e relacionamento organizacional.

Que este possa, ser um contributo positivo e que realmente traga algo de novo.

Helder Couto
30 de Abril 2008

Capítulo 1 - Introdução

1.1. Enquadramento

O Turismo não é algo de novo, pois remonta aos nossos antepassados, aperfeiçoando-se nas formas e no estilo, mas baseando-se sempre no mesmo pressuposto, o da deslocação.

Em todo o mundo, os Países tiveram de se adequar a um sector que, anualmente conhece um crescimento sustentado assinalável, e proceder de forma a adoptar uma série de medidas que permitam desenvolver e monitorizar o mesmo.

Portugal não é excepção, e como tal através dos tempos foram desenvolvidos planos e iniciativas para regulamentar um sector que está em constante mutação. *Licínio Cunha*, no seu livro *Economia e Política do Turismo*, descreve essa fase de adequação, em que segundo este autor o Turismo em Portugal desenvolveu-se baseado no clima favorável, na mão-de-obra barata e nos preços baixos em geral, aliado ao facto de os operadores turísticos internacionais, necessitarem de novos destinos turísticos. Segundo o mesmo autor, não foi operado um esforço de criação de capacidade organizativa das empresas, nem tão pouco de produtos turísticos com validade intrínseca inquestionável.

Neste sentido, a diversificação do produto turístico afigurou-se, como o grande desafio para o Turismo em Portugal, daí ter sido desenvolvido, em meados dos anos 80, um Plano Nacional para o Turismo. A filosofia genérica deste Plano, foi a transformação qualitativa do Turismo, baseada na defesa da qualidade, da diversificação e da harmonização do aproveitamento do território. No seguimento deste plano, poder-se-á dizer que, algumas das Câmaras Municipais, a quem foi atribuída a função regulamentadora de todo este processo, apostaram no crescimento rápido e desmedido, não se submetendo às orientações definidas neste Plano que, se direccionavam para a contenção do crescimento e o seu melhor enquadramento pela criação de “áreas de interesse para o Turismo”, como também não elaboraram como lhes competia aliás, Planos Directores Municipais (PDM's) capazes de controlar os desequilíbrios estruturais.

Os PDM's eram tidos como instrumentos fundamentais para a criação de um conjunto de iniciativas, capazes de contribuírem para a diversificação do Turismo e o melhor aproveitamento do território.

Assim sendo, e neste cenário, esta é uma das grandes problemáticas que pretendemos analisar nesta dissertação, ou seja, concluir se a Câmara Municipal de Espinho soube desenvolver-se e criar as iniciativas necessárias para que a actividade turística se fosse diversificando, ao longo dos tempos. Ao mesmo tempo, e porque o Turismo está, como já afirmamos, em constante mutação, com um mundo globalizado, em que temos a possibilidade de nos deslocarmos facilmente e termos acesso a informações de todos os destinos turísticos sem nos deslocarmos, tornou-se imprescindível que se criassem outros instrumentos regulamentadores do sector em Portugal, para que o mesmo não estagnasse. Assim, e segundo a Resolução do Conselho de Ministros 53/2007, publicada no Diário da Republica, o Turismo é definido como um sector estratégico fundamental para o País, e por isso, e com a intenção de aumentar as receitas externas, combater o desemprego, e acima de tudo reforçar a imagem externa de Portugal, pela valorização do património cultural e natural, obviou-se a necessidade de definir um Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT).

Este plano foi definido com a função de articular igualmente, o Turismo com outras áreas, como o ordenamento do território, o ambiente, o desenvolvimento rural, o património cultural, a saúde, o desporto, as infra-estruturas e o transporte aéreo.

Contudo, todos estes objectivos deste plano, não serão possíveis, caso não se consiga mobilizar o sector publico e privado, bem como, a própria população para o desenvolvimento sustentado do Turismo. A participação da população é fundamental em todo este processo, pois será ela a dar mostras da hospitalidade e de espírito acolhedor ao turista em geral.

É precisamente, neste âmbito que, se situa mais uma das problemáticas que pretendemos ver aqui analisadas, ou seja, até que ponto é que existe uma Política de Turismo para o Concelho de Espinho? Por outro lado, em que medida é que a população local está envolvida nas definições estratégicas turísticas do Concelho de Espinho?

Como sabemos, o Turismo é um sector de actividade com uma expressão extremamente significativa em Portugal, representando cerca de 10% do PIB Português, pelo que, sendo o Turismo um sector tão importante, carece de um conjunto de orientações estratégicas que delimitem o seu funcionamento. E se esta é uma verdade indesmentível ao nível Nacional, ao nível Local a importância é ainda mais fulcral, pois é no Local que, começa a realidade Nacional, daí este tema, ocupar grande parte do espaço de debate ao nível do Turismo.

Nos tempos mais recentes, começaram a surgir uma série de iniciativas locais para desenvolvimento do Turismo, como são exemplo, o Plano Estratégico do Seixal em 2006, o Projecto Integrado Turístico Estruturante de Base Regional do Gerês (Piter) em 1999 entre outros casos, o que de certa forma, configura um cenário propício ao surgimento de uma série de iniciativas locais, capazes de promover e fomentar as potencialidades de cada espaço territorial, numa lógica local, mas orientada para uma Base Nacional que sirva os interesses e os desígnios Nacionais para o Turismo.

O Concelho de Espinho, não tem nenhum Plano Estratégico para o Turismo, contudo vamos analisar ao longo desta investigação, se poderemos falar numa política de Turismo neste Concelho, e de que forma é que o Turismo se desenvolveu através dos tempos.

A hipótese que aqui colocamos para ser verificada, é que apesar de existirem iniciativas e medidas tomadas no âmbito do Turismo, isso não permite por si só que, se possa falar em política do Turismo no Concelho de Espinho. Ao mesmo tempo, definimos que, por hipótese, a população local não é chamada a participar na definição estratégica para o Turismo no Concelho de Espinho, sendo que a Câmara Municipal soube adequar-se ao longo dos tempos às novas realidades, e utilizar os instrumentos ao seu dispor para criar as condições necessárias à diversificação do sector turístico no Concelho de Espinho. Partimos à procura da verificação das hipóteses aqui levantadas, sempre sustentadas num trabalho isento e sério, sem pretender em nenhum momento, realizar análises tendenciosas ou políticas.

1.2. Objectivos

Na verdade, e perante o tema em estudo, vários objectivos poderiam ser estabelecidos, contudo optamos por uma via realista e lógica, perante o que se pretendia. Não pretendemos em nenhum momento, alargar demasiado a nossa análise a temas secundários, pelo que nos centramos, no essencial da investigação, ou seja, a Política de Turismo, o Turismo e suas áreas adjacentes.

Neste contexto, o objectivo principal desta dissertação, passa por tentar perceber se existe uma política do Turismo no Concelho de Espinho, e de que forma é que a existência da mesma, pode ser potenciadora para o desenvolvimento turístico do espaço geográfico em estudo.

Ao mesmo tempo, definimos que seria importante tentar perceber se a Câmara Municipal soube desenvolver-se, de forma a potenciar e a diversificar o Turismo no Concelho de Espinho, assim como, envolver a população local na definição estratégica para o sector, como forma de criar uma maior consciencialização para a real mais-valia do Turismo, em qualquer espaço geográfico.

Como é evidente, este tema abarca duas grandes áreas, a política do Turismo e o próprio conhecimento do sector turístico no Concelho de Espinho.

Desta forma, definimos outros objectivos que poderemos considerar secundários, mas que serão fundamentais para atingir os objectivos principais, a que nos propomos.

Neste sentido, e porque não faria sentido estudarmos a Política de Turismo sem conhecermos o sector turístico no Concelho de Espinho, pretendemos identificar quais os reais recursos turísticos do Concelho de Espinho, quais as sinergias existentes entre esses recursos, quem procura Espinho e sobretudo, tentar perceber o que falta a Espinho para renovar o seu potencial turístico, no presente e no futuro.

Adicionalmente, pretende-se elaborar um CD-ROM que apresente o sector Turístico no Concelho de Espinho que, apresente as suas mais-valias e dê a conhecer este destino, pois até ao momento não temos nada do género realizado no Concelho, para além da sua página Web que, contudo não satisfaz por si só, e na nossa opinião, as necessidades de promoção/divulgação de uma área destino.

Ao mesmo tempo queremos tentar perceber, o que falta para que Espinho possa evoluir mais e afirmar-se no âmbito turístico Nacional e até Internacional, recorrendo para isso, a uma comparação com outras realidades turísticas semelhantes, consideradas “Best Practices”, de forma a retirar os ensinamentos devidos, e apresentar uma série de propostas que possam constituir as grandes linhas estratégicas da política turística a nível local no Concelho de Espinho.

1.3. Base Metodológica

Toda a investigação, foi orientada no sentido de verificar quais as condições necessárias à existência de política de Turismo no Concelho de Espinho, assim como, verificar a existência e o potencial da actividade turística no Concelho de Espinho.

O estudo da História de Espinho permitiu, em primeira instância, concluir da existência de actividade turística neste espaço territorial, assim como, encontrar nos antepassados alguns fundamentos, para o que acontece actualmente no Concelho de Espinho em termos turísticos.

No seguimento desta lógica, seguiu-se um capítulo referente ao Sector do Turismo no Concelho de Espinho, de forma a conhecer quem são os “stakeholders” e quem procura este espaço territorial para passar as suas férias. Pretendíamos no fim de contas, conhecer o sector turístico no Concelho de Espinho, de forma a melhor estudá-lo e conseguir aferir correctamente da existência ou não de uma política de Turismo.

O estudo da essência de uma política de Turismo permitiu concluir, se no Concelho de Espinho, estão reunidas as condições para a existência da mesma, assim como, avançar com uma série de propostas capazes de melhorarem o desempenho do Concelho de Espinho em termos turísticos.

Explicado que foi, o enquadramento que nos levou a optar por esta dissertação e a sua estruturação lógica, passaremos agora a apresentar a base metodológica, utilizada genericamente para a elaboração desta dissertação, e que respeita as etapas do procedimento de elaboração de um estudo científico, definidas no Manual de Investigação em Ciências Sociais (Quivy et al, 1998:27).

Quando iniciamos esta pesquisa, deparamo-nos com a inexistência de alguns dados na base territorial Concelhia, o que à partida poderia dificultar o nosso trabalho. Contudo, a recorrência a pesquisas bibliográficas bastante abrangentes, proporcionaram-nos encontrar, referências ao Turismo do Concelho de Espinho em áreas não directamente relacionadas com a que estava em estudo.

Certos das dificuldades, e numa primeira fase, foi feita uma pesquisa bibliográfica, de cariz teórico sobre o tema em estudo, com o objectivo de conhecer melhor a temática que nos propúnhamos desenvolver. Pretendíamos, acima de tudo, construir um cenário capaz de nos fornecer elementos importantes a serem analisados quer no passado, quer no presente do Turismo do Concelho de Espinho, assim como, instrumentos para avaliarmos a existência de política de Turismo no Concelho de Espinho.

Numa 2ª fase, recorrendo à leitura de bibliografia variada, de trabalho de campo, de conversas informais com vários agentes turísticos locais, conseguimos ir direccionando melhor a investigação, eliminando do caminho as impossibilidades e optando por caminhos alternativos.

Nesta fase, foi também quando surgiram os primeiros problemas, pois faltava informação estatística actualizada e desagregada ao nível concelhio em relação a alguns indicadores, mas conseguiu-se contornar o problema da forma já aqui referida.

Prosseguindo e numa 3ª fase, traçamos guiões de entrevista a serem aplicados a uma série de agentes turísticos e não turísticos (situação a ser abordada com mais pormenor no capítulo 5 desta dissertação), tendo prosseguido para a sua aplicação. Esta tarefa revelou-se relativamente fácil, pois os agentes turísticos locais, mostraram boa colaboração e acederam à realização da entrevista, sem grandes dificuldades. Apesar desta exemplar colaboração de alguns, outros houve, ainda que com pouca expressão absoluta que, demonstraram uma clara falta de espírito comercial e de colaboração. Neste último caso, apesar de contactados para serem entrevistados, sempre se negaram a aceder à entrevista, pelo que nos vimos obrigados a desistir de efectuar a entrevista. O problema neste caso é que tratava-se tão só, do principal “player” do sector turístico do Concelho de Espinho – o Grupo Solverde.

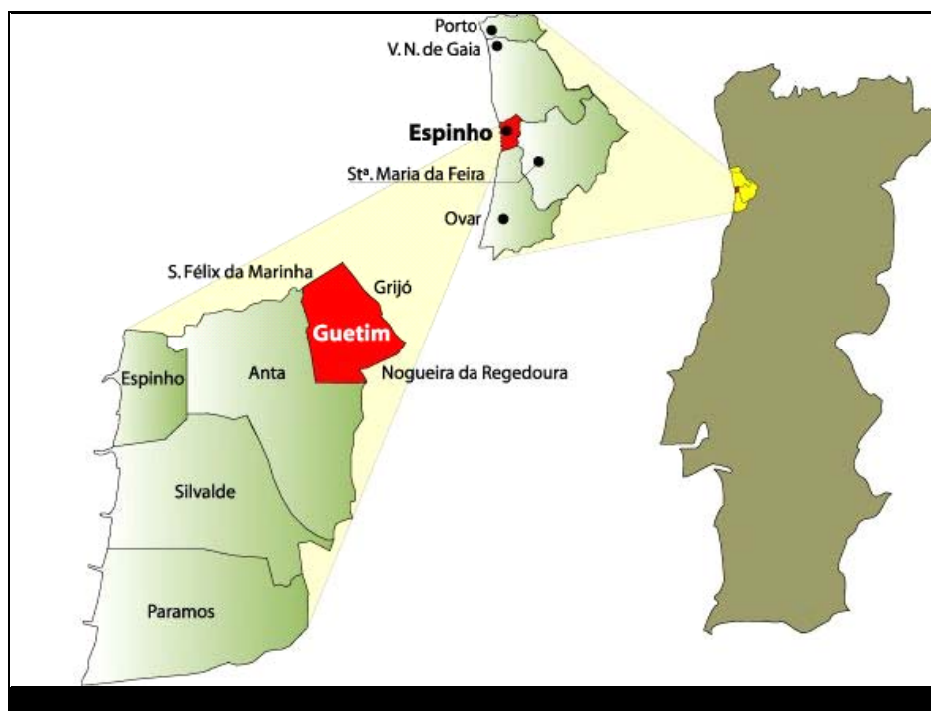
A quarta fase de investigação, surge na sequência das entrevistas realizadas, dando-se o devido tratamento às respostas obtidas, de forma a retirar informação pertinente para concluir do tema em estudo.

A quinta e última fase, correspondem à análise de alguns casos a nível Nacional e Internacional que podem ser vistos como boas práticas, tentando transpor essas situações para a realidade do Concelho de Espinho. Por uma questão de simplificação de abordagem, e porque também não pretendíamos avançar muito com grandes propostas, que necessitariam de outras análises e outros estudos, esta abordagem foi incluída na conclusão, de forma a abrir um precedente para outros estudos futuros.

1.4 Notas Introdutórias à Área Geográfica em Estudo

Dado que vamos estudar o Concelho de Espinho, faz todo o sentido, apresentar um breve enquadramento deste espaço geográfico, para que todos os que lerem esta dissertação a possam localizar perfeitamente no espaço.

Com base em dados cedidos pela Secção de Turismo da Câmara Municipal de Espinho, referentes ao Plano Director Municipal de 1991, e com a devida actualização da informação através dos dados disponibilizados em <http://www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho>, podemos apresentar o Concelho de Espinho como um Município da Região do Douro Litoral Português, pertencente ao Distrito de Aveiro, e constituído por 5 freguesias: Espinho, Silvalde, Anta, Paramos e Guetim. Propomos a consulta da figura 1.1, onde está bem visível o enquadramento do Concelho de Espinho.

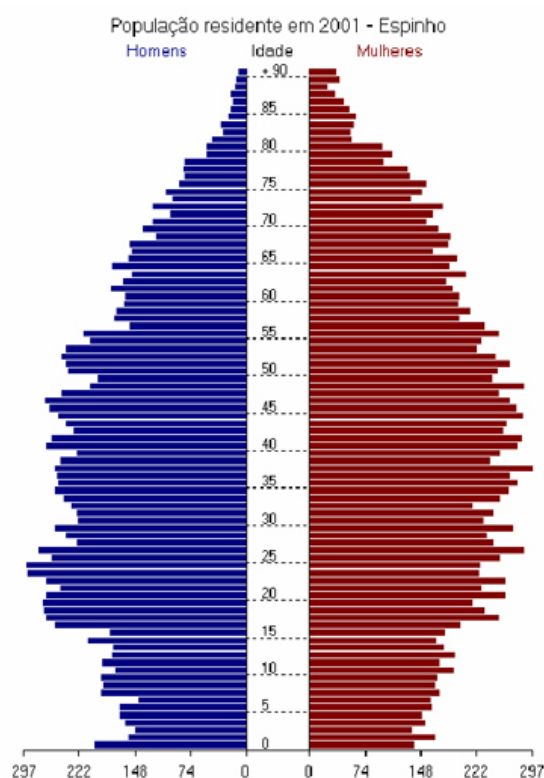
Figura 1.1 – Enquadramento Geográfico do Concelho de Espinho

Fonte: <http://www.jf-guetim.pt>

Para além disto, Espinho beneficia da proximidade do Porto e de Santa Maria da Feira que, a Norte e a Sul funcionam como áreas complementares e pólos atractivos para Espinho, pelo tipo de Turismo que promovem. Enquanto que, no Porto e na Feira falamos mais de Turismo cultural e de lazer, em Espinho é o Turismo de Sol e praia e o Turismo desportivo a imperar. O Concelho de Espinho tem cerca de 21,42 Km², inserido numa zona plana ao longo da costa atlântica, caracterizada por amplas praias que, outrora fizeram com que Espinho fosse conhecida como a “Rainha da Costa Verde”. Com cerca de 30 500 habitantes, segundo Dados do Anuário Estatístico da Região Norte em 2006, o Concelho de Espinho tem uma estrutura etária da população residente, segundo dados do INE para 2001, claramente em envelhecimento, sendo a representatividade dos jovens reduzida (consultar a figura 1.2.).

A pirâmide etária achatada na sua base representa de facto, o reduzido número de jovens do Concelho, nomeadamente até aos 25 anos, em favor de escalões etários superiores entre os 25 a 45 anos. Ao mesmo tempo, temos um número já significativo de população acima dos 65 anos de idade, o que cria uma série de dificuldades ao desenvolvimento turístico Concelhio, como veremos mais à frente em maior pormenor.

Figura 1.2 – Estrutura Etária da População residente no Concelho de Espinho, em 2001



Fonte: <http://www.cm-espinho.pt/>

Ao envelhecimento progressivo da população não estará alheio, o facto de Espinho ser um espaço geográfico com um custo de vida elevado, tendo o custo da habitação crescido assinalavelmente. Esta situação, funcionou como aspecto repulsivo aos mais jovens que, se vêm obrigados a comprar habitação nas zonas limítrofes ao Concelho de Espinho.

Em termos económicos, no Concelho de Espinho, o sector secundário e terciário evidenciam-se pela percentagem de população activa que absorvem. Estes dois sectores juntos, preenchem quase a totalidade da população activa concelhia. É importante referir, a importância do sector secundário no desenvolvimento sócio económico do Concelho, pois este sector emprega mais de metade da população activa. O sector primário em Espinho é insignificante. Ao mesmo tempo, e se nos referirmos à Cidade de Espinho por si só, veremos que apenas existe sector terciário, sendo um espaço claramente voltado para os serviços.

Estamos portanto, perante um Concelho de serviços, como aliás o vamos demonstrar, mais adiante no capítulo 3. Avancemos agora para o Capítulo 2, onde vamos analisar e verificar a existência de actividade turística no Concelho de Espinho, desde os seus tempos mais remotos.

Capítulo 2 - Antecedentes Históricos – Uma abordagem ao nível do Turismo no Concelho de Espinho

O presente, pode ser o reflexo de um passado que, marcou o trajecto de uma determinada terra. Assim aconteceu com Espinho, existindo um passado valiosíssimo que, projectou este espaço geográfico, no cenário Nacional e Internacional ao nível do Turismo e enquanto destino de eleição, para os mais ricos e abastados numa 1ª fase, e posteriormente, para todas as classes em geral. As raízes de Espinho, enquanto cidade e mais tarde enquanto espaço concelhio, prefiguraram um futuro auspicioso, para uma terra de tão grandes valias.

2.1 introdução

Debrucemo-nos na análise de algumas fases chave, da história de Espinho para, por um lado, averiguarmos a existência de actividade turística, e por outro, conhecermos e compreendermos, o surgimento e a dimensão da actividade turística por Aqui. Contudo, não será por demais relembrar que, não pretendemos centrar aqui todo o trabalho científico, sendo apenas, o ponto de partida e um ponto de análise, numa explanação que se pretende ver efectuada, e que não remete para o estudo exaustivo desta temática.

Para a execução deste capítulo, sobre a história do Turismo em Espinho, foram utilizadas um conjunto de obras bibliográficas, cuidadosamente seleccionadas, a internet, assim como, algumas informações dadas por Carlos Gaio, aquando da entrevista realizada, e que mais adiante abordaremos.

Contudo, não devemos esquecer que a História pretende aqui ser abordada, eminentemente sob o ponto de vista Turístico, ou seja, verificar como esta actividade, surgiu e se desenvolveu ao longo dos tempos, tentando reproduzir e situar no tempo, episódios que proporcionaram, esse mesmo desenvolvimento. Assim sendo, partimos com este objectivo, para uma explanação clara e objectiva, dos elementos que marcaram a História do Concelho de Espinho.

2.2. História ao Pormenor – O Turismo como motor de desenvolvimento

A elaboração de um esboço histórico sobre Espinho, sumário e elucidativo, obriga-nos a evidenciar os aspectos mais marcantes que, identifiquem as suas origens e evidenciem as etapas decisivas da sua evolução, desde que emergiu como pequeno aglomerado piscatório, até se transformar mais tarde em povoação, capaz de atingir o estatuto de freguesia e de se expandir com força suficiente, para alcançar, como Concelho, uma autonomia sólida e duradoura, tendo no Turismo uma das suas principais actividades.

Espinho, como muitas outras terras, transporta no tempo aliada à sua origem e do seu topónimo, uma história que ficou na memória popular, sob a forma de uma lenda. Assim, segundo o descrito na página da *Câmara Municipal de Espinho* (www.cm-espinho.pt), o nome de Espinho teria sido atribuído por dois galegos, cuja embarcação naufragara nestas paragens. Estes ter-se-ão salvo na altura, segundo o descrito, agarrados a uma prancha de madeira, que os impediu de desaparecer nas profundezas do mar! Segundo reza a lenda, terão depois de salvos, encetado uma discussão sobre a origem da madeira "salvadora". Enquanto um, garantia que era madeira de castanho, o outro dizia que, era de pinho. Assim, nesta situação disse: "No! És Pino", pelo que, da junção destas duas palavras, e segundo a lenda, teria então surgido o topónimo Espinho (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

Obviamente que esta explicação, baseia-se numa lenda, e portanto interessa-nos conhecer os factos históricos de que dispomos, pela confrontação das várias fontes bibliográficas, e que efectivamente prefigurem, o real cenário histórico, para o Concelho de Espinho.

2.2.1. As Origens

Espinho, enquanto área Concelhia e segundo Faustino (2001), é recente, mas são muitas as referências históricas do território que, hoje se dá pelo nome de Concelho de Espinho. Ainda segundo a mesma fonte, "*O Castro de Ovil e o achado arqueológico da praia de Silvalde permitem-nos, ter a ideia de ocupação humana do séc. I a.C. séc. I d.C., no espaço que hoje constitui o Concelho de Espinho*".

Na Idade Média, e segundo Lima (1979:21-22), existem registos de que o topónimo “Villa Spino” data de 985, baseado num trabalho realizado por Alexandre Herculano, reunindo uma colecção de documentos “Portugaliæ Monimenta Historica Diplomata et Cartæ”. Brandão (1991:13) também refere estes documentos, mostrando claramente a referência a “villa Spino”, “uilla espinu”, ou “vila spinus”, por esta altura, num texto escrito em latim.

A historiografia moderna afirma que, Espinho foi buscar o seu topónimo ao lugar de Espinho – Terra, conforme se pode comprovar em *Faustino* (2001), foi integrado na freguesia de S. Félix da Marinha, Concelho de Vila Nova de Gaia. Esse lugar de Espinho - Terra ficou conhecido na época medieval por “Villa Spino”.

Em finais do século XVIII, e segundo o mesmo autor, com a chegada a esta costa de pescadores (essencialmente provenientes do Furadouro, Concelho de Ovar), para as primeiras companhias de Pesca, igualmente retratados em *Camara Municipal* (in <http://www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho>), a praia de Espinho começa a ser denominada por Espinho - Mar. Anos volvidos Espinho - Mar, deixaria de ser apenas uma terra de pescadores, de redes estendidas nos areais, para passar a atrair e acolher nos meses de estio, veraneantes seduzidos pelas belezas das suas praias cuja fama rapidamente “galgou muros” e espalhou-se pelo país e estrangeiro.

Por esta altura Ramalho Ortigão (1986:245) escreveu que “*Espinho é entre todas as praias a mais estimada por aqueles que a frequentam. Os banhistas de Espinho tomam-se todos por este sítio de uma espécie de exaltação patriótica, exclusiva e intransigente*”, o que aliás apenas demonstrava a importância que esta praia estava a ganhar para os veraneantes. Espinho era com efeito, e segundo Ramalho Ortigão, “de todas as praias a mais estimada por aqueles que a frequentam. Os banhistas de Espinho tomam-se todos por este sitio de uma espécie de exaltação patriótica, exclusiva e intransigente” (1876: 89) e por excelência além *da Costa célebre da sardinha, “a piscina consagrada da magistratura...”* (1986:245)

As referências a “Espinho – Mar” remontam à época da integração do território no reino das Astúrias e Leão, existindo documentos (datados de 985, 1055 ou 1080), conforme descrito por Brandão (1991:13), em que aparece a designação de “villa” Spinu (ou Espinu), relativa a uma propriedade rural localizada a poente do monte

de Seitela (perto do mar) e confrontada com o lugar de Brito (a norte) e com Anta (a sul). O vasto areal, terá surgido muito depois do período de dominação romana, quando as águas do oceano recuaram por força da sedimentação de areias e da formação dunar, sendo referido como local de pesca numa carta de D. Manuel (datada de 1510), conforme Brandão (1991:21), que concede os direitos da pescaria realizada "na costa do mar da foz d'espinho até foz de Vouga".

Na segunda metade do séc. XVIII, esta faixa costeira foi alvo de reformulação administrativa, determinada pelo Bispo do Porto, tendo como ponto de referência uma pequena lagoa, cuja margem norte se manteve integrada no lugar de Espinho da paróquia de S. Félix da Marinha, ao passo que a margem sul transitou para a paróquia de Anta, dando origem a um novo lugar de Espinho

2.2.2 A Colónia Piscatória

A partir de 1771, e conforme *Camara Municipal* (in <http://www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho>), os livros de registos da paróquia de Anta passam a ter os nascimentos e óbitos ocorridos no lugar de Espinho, pois manter-se-ia o hábito de ocupação temporária da costa durante o Verão, com regresso a Ovar, quando as condições naturais assim o exigiam.

Em 1776, chegou ao Furadouro um francês, chamado Jean Pierre Mijaule e natural de Languedoc que, aí instalou um armazém de conservação em salmoura, permitindo manter o peixe durante vários meses e, conseqüentemente, vendê-lo no Inverno a preços muito superiores, quando antes os excedentes eram cedidos aos agricultores, para adubo, a preços mais baixos.

Fruto desta nova técnica, alguns núcleos decidiram fixar-se definitivamente nas zonas onde permaneciam na época de pesca, pois passaram a ter negócio todo o ano, podendo diversificar os métodos e recolher maiores quantidades e outra variedade de géneros: junto à costa através da "arte pequena" (faneca, polvo, linguado, caranguejo); as maiores distâncias através da "arte grande" ou "arte xávega" (principalmente sardinha). Desta forma intensificavam-se as relações comerciais com outras colónias a norte (Afurada, Matosinhos, Póvoa de Varzim), pelo que as ligações com Ovar se foram diluindo.

A povoação do lugar de Espinho, e segundo Brandão (1991:22) era constituída, no início do séc. XIX, por cerca de 120 famílias que, habitavam em casas de madeira, amontoadas em torno de um largo e ligadas por vielas estreitas, enquanto junto ao mar se situavam barracos, para guarda dos aparelhos de pesca e instalação dos armazéns de salga. Em 1809, e ainda segundo o mesmo autor (1991,23), concluiu-se a construção de uma capela, votada ao culto de Nossa Senhora da Guia, usual na Galiza, cabendo a iniciativa a Eugénio Nunes, de origem galega e residente na costa, onde herdara uma série de bens (casas, armazéns, um quintal e o único poço de água do lugar).

2.2.3. A Estância balnear

A evolução registada na sociedade portuguesa ao longo do século XIX repercutiu-se no processo de crescimento de Espinho, segundo o descrito em *Camara Municipal* (in <http://www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho>),. A alteração de costumes e a modernização dos meios de transporte levaram a mudanças radicais nas rotinas do seu núcleo permanente, gerando outros tipos de interesses e outras dinâmicas.

As classes sociais com maior poder económico, segundo Gaio (1999:96), da nobreza à burguesia, importaram uma série de hábitos em voga na Europa, designadamente a prática de passar parte do tempo disponível fora de casa, quer no campo, quer na praia, tornando-se frequente, a partir de 1840, a atracção pelo mar (que os franceses rotulavam como o "désir du rivage"), passando Espinho a ser frequentado, no Verão e no Outono, por famílias da Feira, de Oliveira de Azeméis, da Anadia, de Arouca e, também, do Porto. Esta prática originou, segundo Francisco Brandão (1991:25), novas actividades e induziu à construção de mais habitações, principalmente para uso sazonal, algumas de madeira, outras de pedra e cal, a primeira das quais construída, em 1843, por um industrial de Oleiros, fabricante de papel, chamado José de Sá Couto .

Os proprietários de barcos de pesca dedicaram-se, também, a organizar as "idas a banhos" (como eram popularmente conhecidas na altura), alugando barracas de madeira, pintadas com cores garridas, e apoiando os veraneantes no uso das terapias proporcionadas pelo mar. O comércio era, segundo Brandão (1991:25),

claramente incipiente, não existindo, em 1864, fabrico de pão que, vinha do Porto ou da Feira, mas tão só algumas mercearias, 13 tabernas, uma botica de farmacêutico, uma loja de louças e outras utilidades, um talho de carne de vaca, bem como uma assembleia recreativa para organização de bailes e demais divertimentos. Os benefícios do comboio ainda não se faziam sentir, pois os viajantes tinham que se apeiar na Granja ou em Esmoriz, donde se transportavam, com malas e bagagens, em carros puxados a bois

Quando, em 1863, e segundo o mesmo autor, a linha férrea, entre Ovar e Gaia, entrou em funcionamento, Espinho não foi dotado de apeadeiro, apesar de ser a povoação marítima, de Aveiro ao Porto, mais próxima da via, pois a distância da passagem de nível à primeira casa era de 100 metros, só parando comboios para carregar caixotes com o pescado. A fim de inverter a situação, encetaram-se negociações com a Companhia Real dos Caminhos-de-ferro, por iniciativa de três banhistas influentes: o comendador Joaquim de Sá Couto (filho do primeiro proprietário de casa de pedra e cal), o Marquês da Graciosa (natural da Anadia) e o advogado Joaquim Correia Leal (natural de Paços de Brandão). O apeadeiro foi instalado em 1870, ao passo que a estação foi inaugurada em 1874, momento a partir do qual surgiu outra visibilidade, com um movimento de passageiros estimado em 1200, datando desse ano registos que calculavam a população, na época balnear, em cerca de 3000 pessoas, enquanto o número de residentes fixos se ficava por 600 indivíduos.

Os estabelecimentos comerciais difundiram-se com facilidade (principalmente sucursais de lojas do Porto), apareceram os primeiros hotéis ("Bragança", "Particular", "Nova Estrela"), multiplicaram-se os cafés e botequins.

Em qualquer destes espaços funcionavam casinos, apesar de não serem permitidos por lei, mas tolerados pelas autoridades, atendendo ao seu papel como fonte de negócio e de entretenimento. Entre essa gama diversificada de estabelecimentos, destacaram-se, durante décadas, duas casas, situadas no quarteirão poente, fronteiro à via-férrea (onde se situa hoje o Casino) que, funcionaram como pontos de referência e símbolos de uma certa forma de estar. A Assembleia Recreativa que, se começou a construir em 1864, era a sede de um grupo de elite (donde constava o nome do Comendador Sá Couto), e estava

preparada para a realização de festas e para funcionar como espaço de lazer, com salas de jogos e de bilhar. Na esquina, com a actual Rua 19, ficava o Hotel e Café Chinês, aberto em 1888, sob a gerência do fotógrafo Carlos Evaristo que, também possuía sala de jogo e orquestra permanente, passando à história como o local preferido de tertúlias com diferentes origens sociais.

Todo este ambiente que, transfigurou a colónia piscatória, foi descrito por Ramalho Ortigão (1876: 89) que, classificava as estâncias balneares em dois tipos: as aristocráticas, com uma acentuada selecção social (Costa do Estoril ou Granja); as democráticas, com uma frequência diversificada (Nazaré, Figueira da Foz, Póvoa de Varzim ou Espinho). Acorriam gentes de todas as proveniências, numa atmosfera animada, a que não faltavam o estourar de foguetes na estação, sempre que chegavam comboios com novos turistas: famílias lisboetas ou espanholas, janotas da Régua ou de Viseu, negociantes de Penafiel ou do Porto, lavradores minhotos ou transmontanos, funcionários públicos e magistrados.

Espinho ao longo dos tempos viveu para recuperar das investidas do mar que, em muitos casos causou destruição, como aliás é perceptível pela análise da obra de Teixeira (1997), contudo Espinho sempre soube ultrapassar as dificuldades, pois sabia bem que esta terra tinha nascido para o Turismo.

2.2.4 A Criação da Freguesia

Em meados da década de sessenta do século XIX, e conforme descrito por Pereira (1970), o traçado urbano de Espinho tinha na via-férrea a linha divisória entre nascente e poente, sendo a distância entre aquela e a Rua do Cruzeiro (actual Rua 2) de 120 metros, enquanto que daí até à praia percorriam-se 220 metros, aumentando para 310 metros na direcção da Rua de Camões (actual Rua 25). O eixo principal designado por "Chiado", com início junto à praia subia, para lá da linha, até encontrar um largo com moradia (onde funcionava uma botica de farmacêutico) e uma mina de água, ao qual se seguia uma via sinuosa até aos limites de Anta. A maioria das casas situava-se abaixo do caminho-de-ferro (100 palheiros, 60 construções antigas e 65 construções modernas), sendo raras as habitações localizadas a nascente, onde existia um pinhal com 4 casebres (no

quarteirão entre as ruas 12-16 e 19-25), o largo da Murta, fronteiro à estação, com 8 prédios recentes, e algumas edificações dispersas (7 casas e 3 palheiros).

A existência de um núcleo densamente povoado e sem condições de expansão, levou a Câmara Municipal da Feira, em 1876, a proceder a esforços de ordenamento, de modo a que a povoação deixasse de se confinar ao perímetro tradicional e se estendesse para nascente, a partir de uma planta topográfica elaborada, a título gracioso, pelo Eng.º José Coelho Bandeira de Melo. Assim, prolongou-se o "Chiado", através de expropriações, passando a nova artéria a ostentar o nome do autor da planta (actual Rua 19), enquanto o largo da Murta ficou com o nome do mais conceituado dos frequentadores da praia, o Marquês da Graciosa (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

De um ano para o outro e segundo os relatos do Padre André de Lima (1905), “surgiram ruas inteiras povoadas, por completo, de construções novas e, nas já existentes, os velhos casebres e palheiros esbeiçados desapareciam, para dar lugar a elegantes e bem lançados prédios que, se alinhavam em largas e espaçosas ruas”.

A vida da população residente girava em torno de preocupações religiosas, pois as relações com o pároco de Anta não eram fáceis e a Capela dos Galegos mostrava-se desadequada. No entanto, foi neste templo que se celebraram as primeiras festas, em 1869, dedicadas a Santa Rita, enquanto no ano seguinte também honravam Nossa Senhora da Ajuda, muito popular entre as pessoas oriundas de Ovar, pelo que a capela passou a estar-lhe votada, em detrimento da originária Nossa Senhora da Guia. As diligências para a construção de um novo espaço deram lugar a duas iniciativas distintas: uma defensora da sua localização longe das investidas do mar, liderada pelo Marquês da Graciosa; outra favorável à sua permanência na costa, protagonizada pela classe piscatória, com o apoio do Comendador Sá Couto (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

A primeira solução avançou de imediato, sendo inaugurada, em 1877, a Capela de Santa Maria Maior (ainda hoje aberta ao culto, na Rua 8, entre as Ruas 25 e 23). A segunda hipótese encontrou mais dificuldades no seu financiamento, pelo que só foi benzida em 1883, como Capela de Nossa Senhora da Ajuda.

A consequente auto-suficiência aumentou a clivagem com a sede da freguesia, passando a contestação ao poder instituído a basear-se em questões relacionadas com o quotidiano religioso, segundo a liderança da Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda que, substituiu, em 1885, a Confraria, mantendo-se a sua presidência a cargo de José António Pires de Resende, farmacêutico natural de Ovar. De acordo com a organização administrativa, as freguesias eram dirigidas por uma Junta de Paróquia, com competências em matéria de gestão da Igreja, do cemitério e dos baldios. Tendo Espinho a maioria de cidadãos recenseados (350 num total de 550 eleitores), a Irmandade apresentou candidatura à Junta, dando lugar a quatro eleições sucessivas e sempre anuladas, visto Anta não assumir a sua derrota.

O clima de tensão foi-se adensando, aumentando as situações de confronto aberto com o pároco, pelo que Espinho chamou para a defesa da sua causa o Conselheiro Correia Leal, deputado do Partido Progressista pelo círculo da Feira e proprietário de uma casa na praia. Os argumentos apresentados mereceram o acolhimento do Bispo do Porto, D. Américo dos Santos Silva que, autorizou o uso da Capela "como Sacrário e Pia Baptismal, para o bem-estar espiritual e temporal de todos", passando a população a precisar de Anta só para receber o sacramento do matrimónio e para enterrar os seus mortos. A Câmara Municipal da Feira, também, se pronunciou favoravelmente, no sentido de que os esforços despendidos, para construir e manter a Capela, constituíam prova cabal da existência de recursos suficientes para custear os encargos ordinários de uma vida paroquial independente(www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

Preparadas para a provável autonomia, as forças locais trataram de limitar o território, tarefa que ficou a cargo do mais antigo comerciante da localidade (Manuel António Pereira, proprietário de uma loja de louças, fundada em 1864) e de um fotógrafo (de apelido Ferreira, com "atelier" na Rua da Estrela). Preocupados com as investidas do mar, cortaram os limites mais para cima que lhes foi possível, a fim de se dispôr de uma área de terrenos para acolherem novos prédios, definindo as seguintes referências: a poente, o mar; a nascente, a estrada de Silvalde que seguia até à Ponte de Anta e terminava na Tabuaça; a norte, a freguesia de S. Félix da Marinha; a sul, uma extensão arenosa desde a Rua 1.º de

Dezembro (actual Rua 29) até à zona de implantação da futura fábrica de conservas.

Sustentado nas posições da Diocese e da Câmara Municipal, o Governo pode avançar, em 23 de Maio de 1889, por decreto do Ministério dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, com a criação da Paróquia de Nossa Senhora da Ajuda, mas a decisão ficou incompleta, visto não ter sido dissolvida a Junta de Paróquia. Assim, Espinho continuava na dependência de Anta, à qual tinha de pagar contribuições, só vendo consagrada, um ano depois, a independência para efeitos civis e administrativos, por intermédio de novo decreto, em 30 de Dezembro de 1890 (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

As reacções de Anta à autonomia de Espinho fizeram-se sentir a vários níveis, concretamente a indisponibilidade de lugares em integrarem a nova freguesia, tendo dado origem a decisão governamental que transferiu, em 1896, os lugares da Ponte de Anta, da Tabuaça e do Mocho, para a jurisdição da freguesia de Anta (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

2.2.5 A Fase de Afirmação

Os cuidados tidos aquando do desenho dos limites, foram comprovados na prática, pois Espinho enfrentava perigosas investidas do mar e começava a assistir ao desaparecimento do seu aglomerado primitivo. A distância entre a linha de maré-alta e a via-férrea, no seguimento da actual rua 19 que, era de 450 metros em 1866, começou a encurtar-se à medida que a força das águas destruíam palheiros, casas, travessas e ruas, sendo em 1889 de 355 metros. Os factos ganharam uma dimensão tal que, a Rainha-Mãe, D. Maria Pia, a banhos na Granja, visitou Espinho, em 1891, e doou uma verba para construção de novas casas (36) para pescadores, em terreno cedido pela Junta de Freguesia (sito a poente da actual Rua 2, entre as Ruas 35 e 39), passando esse pequeno aglomerado a ser conhecido como "Bairro da Rainha". Iniciou-se, deste modo, uma mudança do núcleo piscatório para sul, facto que materializou, em termos geográficos, o crescente distanciamento entre diferentes modos de vida, com o isolamento dos costumes piscatórios, face à emergência do aglomerado urbano peculiar, com tiques citadinos (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

Com a autonomia administrativa, os novos responsáveis locais viram-se na necessidade de resolver os problemas mais prementes. Um dos problemas era o relacionamento tenso com a Companhia dos Caminhos de Ferro, pois a localidade agitava-se quando foi confrontada com o anúncio de que a via-férrea iria ser vedada com um muro de vários metros de altura, tendo-se constituído uma comissão que foi a Lisboa apresentar os seus protestos e viu as suas reivindicações satisfeitas, pois a solução foi alterada, em Agosto de 1893, no sentido de ladear a linha, com uma grade de ferro e de instalar uma ponte para peões, na passagem da actual Rua 19, conhecida durante décadas como a "Passarelle", Gaio (1999).

À medida que a população se diversificava, e segundo o descrito por Pereira (1970), a conjugação de esforços tornou-se um imperativo, pelo que as dinâmicas associativas deixaram de se confinar à esfera religiosa, para incidirem nos domínios da solidariedade e da segurança. As mudanças também se fizeram sentir a nível do tecido económico, com o aparecimento de actividades e equipamentos relevantes.

Um empresário natural do Porto, João Baptista de Carvalho, mandou construir uma sala de espectáculos, com 24 camarotes, 500 lugares de plateia e 250 de galeria, num terreno que confrontava com as actuais ruas 19 e 16 (por isso, conhecida como Avenida do Teatro). Designado por Teatro Aliança, abriu as portas em 2 de Agosto de 1890, com o drama "A Falsa Adúltera", representado pela "Troupe Artística", dirigida pelos actores Taveira e José Ricardo. Em 1899, um grupo de cidadãos avançou com a edificação de uma Praça de Touros, em madeira e com capacidade para 500 espectadores, em terrenos próximos dos actuais Paços do Concelho (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

Em 1894, passou a realizar-se uma Feira, nos terrenos do actual Parque João de Deus, por iniciativa de individualidades de freguesias vizinhas, interessadas no escoamento da produção agrícola, e de comerciantes locais, conscientes de que esta seria uma forma de atrair consumidores de outras localidades que, não ficariam pela feira, mas que procurariam, por certo, os seus estabelecimentos, como se veio a comprovar de imediato. A comissão que organizou o evento era constituída pelo médico, de Anta, António Pinto de Araújo Ribeiro, pelo negociante

António de Oliveira Salvador e pelo farmacêutico Pires de Resende. A oferta deste mercado que, começou por ser mensal e realizado ao domingo, era diversificada, incluindo géneros alimentares, utensílios agrícolas, gado, fazendas, quinquilharias e objectos de ouro, relógios e máquinas de costura (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

Por outro lado, temos os efeitos da Revolução Industrial, provocada pela utilização da máquina a vapor, trouxe um incremento às actividades produtivas, designadamente ao ramo das conservas de peixe que, passaram a constituir, a par do vinho e da fruta, a tríade de produtos nacionais conhecidos no estrangeiro. Em Espinho, existiam, desde há muito, pequenos negócios ligados à salga de peixe e respectivo comércio, tendo sido tentadas algumas iniciativas fabris, por operadores de Matosinhos, mas nenhuma vingou, até à criação, em 1894, de um empreendimento com efectiva sustentabilidade. Instalada num terreno pantanoso, a sul do novo aglomerado piscatório, a Fábrica de Conservas "Brandão, Gomes & C.a", foi fundada pelos irmãos Brandão (Henrique e Alexandre) e pelos irmãos Gomes (Augusto e José que, cedo saíria da sociedade), todos oriundos de Ovar e regressados do Brasil, onde angariaram fortunas consideráveis (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

Introduzindo os processos e a maquinaria mais moderna, com tecnologia importada (França, Holanda e Alemanha), a Fábrica centrou-se na conserva da sardinha, mas disponibilizava uma oferta diversificada que, incluía outros tipos de peixes, sopas, legumes, carnes, compotas e refeições preparadas. A energia era fornecida por um motor de explosão a gás pobre, por outro com três caldeiras a vapor e por um dínamo para iluminação eléctrica (em 1897, estavam já instaladas cerca de 150 lâmpadas), empregando um contingente de trabalhadores variável conforme o volume de matéria-prima (entre 300 e 500 pessoas, predominantemente do sexo feminino). Nos primeiros seis meses de laboração, foram produzidas 40 toneladas de produtos, pelo que foi celebrado um contrato, com os Caminhos de Ferro, para o transporte mínimo anual de 70.000 quilos, sendo o seu escoamento dirigido, preferencialmente, para a exportação, onde pontificavam os mercados de África e do Brasil. A sua estratégia de penetração apoiou-se na qualidade e numa campanha publicitária intensiva, a partir da divisa

"Melhorando Sempre", pelo que angariou, em pouco tempo, o reconhecimento público. Em 1895, foi nomeada, por alvará de D. Carlos, fornecedora da Casa Real, "tendo em consideração o seu progressivo desenvolvimento industrial". Em 1897, segundo Gaio (1999), o Júri da Classe IV da Exposição Industrial do Porto, atribuiu-lhe a única medalha de ouro para o ramo conserveiro, e o Governo agraciou-a, um mês depois, com o oficialato da Ordem de Mérito Industrial

A Fábrica de Conservas "Brandão, Gomes & C.^a", ao atingir proporções relevantes no mercado nacional, teve uma influência determinante no desenvolvimento de Espinho: absorvia grande parte do pescado, assegurando a sobrevivência de centenas de famílias; criou postos de trabalho, atraindo novos residentes e gerando rendimentos que aumentaram o poder de compra e permitiram consolidar o comércio local; gerou um aumento das receitas fiscais cobradas na freguesia, transformando-a numa das mais rentáveis do Concelho da Feira; estimulou o progresso tecnológico, arrastando inovações decisivas como a luz eléctrica, o telefone e o telégrafo; promoveu o nome de Espinho, associando-o ao prestígio da sua marca, pelo que funcionava como **cartaz de propaganda turística** (aspecto chave no desenvolvimento do Turismo no Concelho de Espinho) (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

Figura 2.1 – Cartaz promocional da Fábrica de Conservas "Brandão, Gomes & C.^a



Fonte: www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm

Esta visibilidade de Espinho, deu origem ao facto simbólico de esta ter sido a

terceira localidade do país a testemunhar a novidade do Cinematógrafo, inventado em 1895 pelos irmãos Lumière.

Nos finais do século XIX, Espinho era, segundo o descrito em www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm, uma localidade completamente transformada, com uma actividade económica regular e rentável, possuindo uma série de equipamentos colectivos pouco vulgar e norteando-se por uma dinâmica associativa estimulante, pelo que podia considerar-se como uma realidade muito distinta do panorama ruralizado e depressivo reinante na sua circunscrição administrativa (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm)

2.2.6 A Criação do Concelho

A prosperidade de Espinho nesta altura, segundo Gaio (1999:195-202) constituía um dado adquirido e jogava a seu favor. A localidade gerava então tantas receitas fiscais como todas as restantes 35 freguesias do Concelho da Feira, era procurada anualmente por mais de 20.000 banhistas, tinha ligações ferroviárias privilegiadas, com uma proximidade estratégica ao Porto, evidenciando uma actividade económica equilibrada que, sustentava o seu núcleo de habitantes permanentes (cerca de 4.000 pessoas)

No entanto, estes consideravam insuficiente a atenção que lhes era dada pelo município, tendo mostrado o seu descontentamento de tal forma que, um grupo de amadores conseguiu, em 1895, um assinalável êxito com a revista teatral “Por um Óculo”, da autoria de António Pedro Félix, levada à cena no Teatro Aliança, em que o tema central eram as críticas pela falta de cuidado que o município dedicava à freguesia de Espinho. Não seria, portanto, de estranhar que qualquer tentativa autonomista encontrasse forte receptividade na população, como se vinha a prefigurar com insistência desde a criação da paróquia, nem que a iniciativa partisse de um núcleo claramente liderado pelos dirigentes da Fábrica de Conservas.

Os argumentos centravam-se nas qualidades da povoação (condições naturais, importância dos seus edifícios e labor económico) e nas carências motivadas pela ausência de uma política municipal capaz (falta de arruamentos, de escola pública, de polícia, de iluminação e de água potável), solicitando-se que fosse decretado o

Concelho de Espinho e, por conveniência própria, a anexação das freguesias de Anta, Silvalde, Paramos, Oleiros, Nogueira, Mozelos, Lamas e Paços de Brandão. A comissão promotora era liderada por Augusto Gomes (sócio-gerente da fábrica de conservas) e integrava dois homens de Oleiros: José de Sá Couto Moreira (proprietário abastado e sobrinho do Comendador Sá Couto que, se manteve neutral em virtude das suas ligações com a Feira) e António de Castro Soares (médico conhecido pelas suas qualidades oratórias. As diligências, tomadas em Lisboa, conseguiram reunir o consenso dos dois grandes partidos do sistema constitucional e fazer subir a petição à Câmara dos Deputados. O Partido Regenerador que, estava na oposição, manifestou-se através do seu órgão oficial, o jornal “A Tarde”, considerando como legítima “a reclamação daquele laborioso povo”. O Partido Progressista que, estava no Governo, começou por se mostrar cauteloso e reticente, mas acabou por tomar a iniciativa, mandatando a sua principal figura parlamentar, Frederico Ressano Garcia, para defender a petição espinhense e o projecto de criação do Concelho. No seu discurso, proferido em 28 de Fevereiro, salientou a importância da localidade como praia e sede de uma fábrica de conservas, repisou o argumento da disparidade entre o volume de receitas fiscais gerado e a exiguidade de investimentos públicos realizados, concluindo com um apelo dramático: «Portanto, Espinho está condenado a uma próxima decadência, se não lhe acudirem a tempo!», Gaio (1999:190). Nas reuniões seguintes fizeram ouvir-se deputados eleitos pelo círculo da Feira, alertando para os perigos da decisão ou alegando que Espinho não dispunha de recursos próprios para sobreviver, e respostas em sua defesa, como no caso do deputado Adriano Antero que, leu uma representação da Associação Industrial Portuense onde se afirmava: «É de sobejo conhecida a importância industrial de que já goza actualmente Espinho e fácil é de prever o grau de desenvolvimento fabril que ainda pode atingir, caso lhe seja concedida a autonomia administrativa que ambiciona». O objectivo começava a concretizar-se, ainda que sem ver cumpridos todos os requisitos, pois não foi prevista a inclusão de oito freguesias da Feira no novo Concelho, conforme constava da petição, limitando-o territorialmente à sua freguesia originária (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

Em 11 de Julho, o projecto foi levado à Câmara dos Deputados, para ser votado, tendo por base um relatório elaborado pela comissão de administração pública, com parecer inequívoco: «É incontestável que aquela importante estação balnear tem, como poucas localidades, todas as condições de vida autónoma e até superiores a grande número de Concelhos existentes.» (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm). O Presidente pôs o assunto à discussão e, após uma pausa, constatando o silêncio, concluiu: «Como ninguém pede a palavra, considera-se aprovado.» Seguindo os trâmites, o projecto subiu à Câmara dos Pares, onde tinham assento figuras destacadas do regime monárquico, não suscitando qualquer oposição. O relatório da respectiva comissão, a que pertencia o Marquês da Graciosa, era cautelosamente favorável: «Da criação deste Concelho resulta, é verdade, um pequeno aumento de despesas públicas, mas, por tal motivo, não deve recusar-se àquela florescente povoação a autonomia administrativa que, tenazmente deseja e reclama.» Em 17 de Agosto, a lei foi promulgada pelo Rei D. Carlos e publicada uma semana depois, sendo decretada em Setembro a constituição de comissões para gerirem os municípios, até à realização de eleições. O Governador Civil de Aveiro nomeou Augusto Gomes para o cargo de Administrador do Concelho, figura que representava o Governo a nível local e exercia poderes em matéria de ordem pública, instalando-se a Câmara Municipal, no dia 21 de Setembro, num edifício sito na actual Rua 19, entre as ruas 16 e 18. A comissão administrativa era presidida pelo médico Castro Soares e integrava quatro vereadores, conhecidos e activos proprietários residentes em Espinho. Em 13 de Novembro, estes elementos seriam reconduzidos nos cargos, em resultado de uma eleição sem concorrência.

A equipa responsável pelos primeiros passos da gestão municipal representava as dinâmicas sociais vigentes e era composta por personalidades marcantes que, continuaram a influenciar a vida da comunidade nos anos seguintes:

O primeiro executivo avançou com iniciativas que promoveram o desenvolvimento da povoação: arborizou e limpou ruas; aplicou novas regras de higiene e salubridade; iniciou o abastecimento de água (através de fontanários) e a iluminação pública regular; recuperou a escola primária Conde Ferreira (na actual

rua 23); aprovou uma nova planta topográfica, elaborada pelo Eng. Bandeira Neiva que, orientou, em grande parte, o crescimento urbano nas décadas seguintes.

No entanto, a Feira mostrava-se inconformada com a situação, pretendendo que o Concelho de Espinho fosse reintegrado na sua esfera administrativa, pelo que apresentou, em 25/4/1901, um projecto de lei para a sua extinção, alegando-se que este era “microscópico”, “povoado por pescadores e poucas famílias”, “com vestígios do seu primitivo carácter”. Em resposta, a Câmara Municipal enviou aos poderes públicos um enérgico protesto, em que procurou desmontar, com números e factos, esses argumentos. O Centro Comercial do Porto e a Associação Industrial Portuense (agregiações que mantinham um bom relacionamento com a “Brandão, Gomes”) fizeram chegar à Câmara de Deputados petições de defesa da causa espinhense: «Tirar a um povo o direito da emancipação, quando esse povo prova irrefutavelmente que tem elementos de vida independente, é sem dúvida um acto pouco razoável e justo.»

Este processo de luta, contra a tentativa de extinção, teve a virtude de dar origem ao primeiro órgão da imprensa escrita local e de revelar o seu fundador como uma das personalidades mais marcantes dos primeiros anos do Concelho. Confirmada a necessidade em se dispor de meios próprios de divulgação das causas autonomistas, surgiu, em 6 de Janeiro de 1901, o semanário “A Gazeta de Espinho”, que viria a constituir-se como uma tribuna privilegiada de informação e de debate, com uma presença regular, apesar de alguns problemas circunstanciais, ao longo de trinta anos.

2.2.7. Um Percurso Singular

A confirmação de Espinho como Concelho, constituiu a etapa decisiva de um acelerado processo evolutivo que, transformou, durante o século XIX, uma pequena aldeia piscatória numa povoação, com atractividade e dinâmica social suficientes, capaz de se afirmar e de conseguir ultrapassar as contingências. Apesar de se tratar de um Concelho com uma reduzida escala geográfica e um passado pouco longínquo, o que contribuiu sempre para lhe retirar algum peso institucional, Espinho percorreu, ao longo do século XX, um trajecto semelhante,

pois continuou a revelar um espírito de perseverança e uma energia colectiva apreciáveis (www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm).

Segundo Carlos Gaio (1999, 277-278), Espinho enfrentou por esta altura violentas investidas do mar que, destruíram o seu núcleo originário, e viu alargado o Concelho a mais quatro freguesias (Anta, Guetim, Paramos e Silvalde), após vicissitudes e retrocessos, mas conseguiu adoptar um figurino de ordenamento urbanístico equilibrado, encontrando, igualmente, soluções para ir respondendo às necessidades básicas crescentes da sua população residente e dos seus utilizadores sazonais. Espinho deparou-se com contextos complexos, em que as transformações económicas foram, por vezes, drásticas, mas não perdeu a capacidade de auto-suficiência, e procurou adaptar-se, com maleabilidade, às diferentes conjunturas sociais e políticas, usando-se dos mecanismos gerados por uma comunidade multifacetada. Em qualquer circunstância, encontra-se, sempre, o mesmo traço afirmativo, como marca de um percurso singular

2.2.8. O Turismo no Concelho – marcos históricos determinantes para o seu desenvolvimento

Durante séculos, Espinho resumiu-se a um mero ponto de costa, procurado como zona de pesca que, passou de uma utilização temporária e sazonal para uma ocupação permanente, quando foi possível ali erguer uma aldeia. Assim sendo, e segundo o que afirma Carlos Gaio, só as condições económicas, sociais e políticas vigentes em Portugal na segunda metade do século XIX permitiram um crescimento rápido, capaz de transformar o anterior pequeno povoado numa estância balnear (Gaio, 1999:97).

A mudança de costumes fez com que nas épocas de Outono e Verão, várias pessoas chegassem a Espinho por razões de saúde e de lazer, proporcionado por alterações radicais nos hábitos da sua população permanente e pela criação de novos interesses.

A modernização dos meios de transporte e a paragem do comboio deram-lhe outra visibilidade e tornaram a sua localização atractiva.

O facto de Espinho, passar a ser sede de uma das principais unidades conserveiras, como já descrito atrás, gerou consideráveis benefícios para sua transformação como localidade próspera.

Por volta de 1840, o núcleo habitacional concentrava-se junto ao mar, as habitações eram de madeira (tradicionalmente designados por “palheiros”), amontoavam-se sem ordem e disseminavam-se pelo areal numa encruzilhada de ruelas. Por essa altura, houve contudo um proprietário que teve o arrojo de mandar construir uma casa de pedra, sobradada, tarefa de muito custo porque a condução dos materiais era muito difícil, não existindo os mecanismos de que actualmente dispomos para tal. Este arrojo, foi protagonizado por José de Sá Couto, radicado em Sampaio de Oleiros e vulto destacado da região na época.

Segundo o Padre André Lima, em 1863, quando a linha férrea entre Ovar e Gaia foi aberta ao público, não se julgava que Espinho fosse merecedora de ser dotada, não só como uma estação, mas até como apeadeiro, sendo que os banhistas que aqui se dirigiam, tinham de sair na estação da Granja e Esmoriz, para aqui se deslocarem em carros puxados a bois (p.^e André Lima, “Espinho – Breves Apontamentos para a sua História”, 1927).

Contudo, e conforme retratado na época, estes inconvenientes não impediram que o numero de banhistas fosse aumentando, com gentes de outras zonas, nomeadamente de Anadia e do Porto, zonas onde o veraneiar se mostrava um luxo.

Em 1869, e segundo Gaio (1999:97) descreve, Albano Coutinho Júnior escreve num folhetim que publicava na imprensa portuense “ *Até há pouco existiam aqui uns poucos de casebres, hediondos na forma e falhos de cómodos internos. Hoje há edifícios muito regulares e projectam-se outros luxuosos*”, o que caracteriza bem a evolução que, Espinho verificava e a certeza com que se afirmava enquanto destino de veraneio, sendo a sua praia, considerada uma das mais importantes da região na altura.

Depois de Espinho ser apenas uma pequena povoação de pescadores, passou a coexistir com a estância balnear, adaptou-se a outra fisionomia (Gaio, 1999: 97).

Com a conquista de um apeadeiro para o comboio já aqui retratado neste capítulo, sucederam-se as construções, os banhistas vieram para ficar e a actividade

económica expandiu-se bastante, sendo exemplo disso a instalação de estabelecimentos comerciais, de hotéis ou de cafés, descrita por Gaio. Como é evidente, estes movimentos surgiram face à importância crescente de Espinho enquanto estância balnear, evidenciando claras condições de sustentação destas expectativas agora criadas (Gaio, 1999:99).

Portugal, tal como outros países europeus, apesar de mais tardiamente, conheceu a atracção pelo mar, definido aqui no sentido de gosto pelos banhos de água salgada e também nos rios. Aliado a isto, a medicina começava a sugerir os tratamentos em termas ou praias para a cura dos males que as pessoas padeciam, factor que veio beneficiar em muito Espinho, dadas as suas características sobejamente conhecidas de estância balnear e até termal.

Citando Ramalho Ortigão, “As casas de Espinho, alugam-se mobiladas e com louça ou sem louça e têm, segundo as comodidades que oferecem, uma larga tarifa de preços, desde 200 réis até 4\$500 por dia...”. Os primeiros hotéis conhecidos em Espinho foram o “Particular”, o “Bragança” e o “Nova Estrela”. Face aos preços baixos, algumas famílias do Porto ter-se-ão mudado pois em Espinho tudo era mais barato (Gaio, 1999:102).

Apresentamos em seguida uma inventariação das casas de jogo existentes no início do séc. XX, e que demonstra de forma clara a dinâmica que Espinho começava a ganhar em termos de animação e diversão na época.

Tabela 2.1 – Casas de Jogo nos inícios do séc. XX

CAFÉS E HOTEIS	TABERNAS E “PATAQUEIRAS”
Café Central	Barbosa Cauteleiro
Café Chinês	Barbosa dos Pirolitos
Café Madrid	Chico do Pipo
Café da Praia	Falcão
Casino Paraíso de Viseu	Falperra
Casino Peninsular	Jardim do Teatro Aliança
Grande Hotel	Pires
Hotel Bragança	

Fonte: Álvaro Pereira, 1970,

Este período de maior desenvolvimento, fez aumentar a fama das romarias, constituindo, já nesta altura um verdadeiro cartaz de promoção turística, com comprovado sucesso junto das camadas mais populares (Gaio, 1999:128).

De acordo com Gaio, o costume de “ir a banhos” enraizou-se e a Praia de Espinho confirmou, ao longo das primeiras décadas do século, as suas características de estância procurada por diferentes estratos sociais (Gaio, 1999:328)

Porque estamos a analisar na história os períodos mais marcantes da evolução da actividade turística, achamos pertinente apresentar em seguida, alguns acontecimentos que, no nosso entender, se revelaram fulcrais no desenvolvimento do Turismo no Concelho de Espinho.

Recorrendo aos Anais da História de Espinho (Brandão, 1992)., destacamos:

Ano de 1929

Casino peninsular (Brandão, 1992:28)

Abriu as suas portas, no dia 6 de Maio, este casino que a Empresa “Espinho-Praia”, concessionária do jogo em Espinho, explorava.

Época Balnear (Brandão, 1992:28)

Em Julho continuava a afluir a Espinho numerosas famílias portuguesas e espanholas para veraneio.

D. José Vila (Brandão, 1992:29)

Jornalista Espanhol que veraneava em Espinho. Escreveu várias crónicas para o “Diário de Córdoba” e “Correo Extremeño”, de propaganda às belezas da Praia de Espinho.

D. David Gonzalez Cabalero (Brandão, 1992:29)

Jornalista Espanhol, veraneante em Espinho durante alguns anos. Escreveu várias crónicas sobre a Praia de Espinho para o jornal “Nuevo Dia”, de Cáceres.

Ano de 1932**Balneário de Espinho** (Brandão, 1992:47)

O Jornal “Defesa de Espinho” de 10 de Abril noticiava que o balneário de Espinho estava condenado a acabar por não haver quem quisesse explorar e acrescentava que Espinho estava com azar: sem praça de touros, sem teatro e sem balneário, além de outras coisas de menos importância nada mais era preciso para que muitos dos antigos frequentadores da praia a abandonassem em demanda de outras onde pudessem desfrutar as comodidades que aqui estavam a faltar.

Campeonato Mundial de Bilhar (Brandão, 1992:52)

A convite do presidente da comissão de iniciativa de Espinho, reuniram no dia 18 de Julho, os representantes de algumas colectividades, empresas locais e Imprensa, a fim de tomarem conhecimento do programa do Campeonato Mundial de Bilhar e dar execução.

Nesta reunião compareceu o secretário da Federação Nacional dos Amadores de Bilhar que salientaria a importância do certame que, se realizava pela primeira vez em Portugal, tendo cabido a Espinho a honra de receber no seu seio os representantes dos diversos países.

O local do certame foi o salão da Assembleia de Espinho. A comissão organizadora foi constituída por representantes das seguintes entidades e colectividades: Câmara Municipal, Comissão de Iniciativa, Associação Comercial e Industrial, Sporting Club de Espinho, Bombeiros Voluntários de Espinho, Liga dos Interesses Gerais de Espinho e Rancho Juvenil de Espinho.

Ano de 1934 - Oporto Golf Club (Brandão, 1992:89)

Esta agremiação, sediada em Espinho, inaugurou no dia 18 de Março, mais nove buracos no seu campo de golfe.

Ano de 1936 - Banhistas Espanhóis (Brandão, 1992:120)

A Colónia espanhola de veraneantes era, pouco numerosa, devido aos trágicos acontecimentos que ensanguentavam o país vizinho – a guerra civil.

Ano de 1937 - Pensão Demétrio (Brandão, 1992:132)

Abriu em Junho o antigo “Hotel da Beira-mar”, e que passou a denominar-se por “Pensão Demétrio”

Ano de 1939 - Palácio Hotel (Brandão, 1992:146)

Foi inaugurado no dia 22 de Julho, com um solene banquete, dispondo de 102 quartos, dos quais 36 com banho privativo.

Ano de 1940 - População de Espinho

O censo realizado em Dezembro apurou o seguinte resultado:

Tabela 2.2 – População nas freguesias de Espinho em 1940

Freguesias	Famílias	Homens	Mulheres	População Total
Espinho	1.757	3.620	4.697	8.317
Anta	741	1.603	1.695	3.298
Silvalde	671	1.972	1.632	3.604
Paramos	440	918	1.040	1.958
Guetim	208	435	490	925

Fonte: Brandão, 1992: 164

Ano de 1941(Brandão, 1992:171)**Praça de touros**

Foi inaugurada no dia 3 de Agosto

Ano de 1946 (Brandão, 1992:225)**Linha-férrea**

O Concelho Municipal votou por unanimidade a transferência da linha-férrea do Norte para a variante a nascente de Espinho (Brandão, 1992: 225).

Ano de 1953**Sociedade de Turismo da Costa Verde**

Por escritura de 1 de Abril foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada que se denominou “ Sociedade de Turismo da Costa Verde, Lda.”, cuja sede se estabeleceu no Casino de Espinho.

O seu objectivo foi a exploração de casinos, restaurantes, hotéis, casa de espectáculo, dancings, cinemas, e jogos permitidos por lei.

Ano de 1954

Roteiro Turístico (Brandão, 1992:308)

A Comissão Municipal de Turismo de Espinho publicou, nesta data um Roteiro Turístico.

Ano de 1958

Sociedade de Turismo de Espinho (Brandão, 1992:358)

Por escritura lavrada no dia 27 de Junho, no Cartório Notarial de Espinho, foi constituída uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede na Av. 8 e tinha como objecto o fomento turístico e de propaganda de Espinho, podendo também exercer qualquer actividade de indústria, comercio cultura ou recreio.

No dia 2 de Julho foi assinada pelo Ministro do Interior o contrato da nova concessão para a exploração da zona de jogo de Espinho dada a esta Sociedade.

Ano de 1973

Abre portas o Hotel PraiaGolfe pela STE, unidade hoteleira de 4 estrelas.

Ano de 1986

Abre portas o Hotel Solverde, unidade hoteleira de 5 estrelas.

Por tudo isto, fica aqui bem evidenciada a dinâmica turística que o Concelho de Espinho ganhou através dos tempos, e cujo desenvolvimento será objecto de estudo nesta investigação.

O desenvolvimento turístico em Espinho decorreu da praia e da criação da estação nesta cidade, pois fez com que a burguesia comesçasse a utilizar Espinho, por uma questão de saúde e bem-estar e sobretudo para passar longos períodos de férias.

2.3. **Considerações Finais**

No decurso do séc. XX, podemos verificar que Espinho soube desenvolver-se e afirmar-se em vários domínios. O núcleo piscatório possibilitou, num primeiro momento, a indústria de conservas e cordoaria, tendo por seu lado, o gosto burguês pelas praias de banhos feito crescer e desenvolver o aglomerado urbano. A cidade desenvolveu o sector de serviços, através do jogo, os espectáculos de teatro, cinema, musica, touradas e até corridas de automóveis, configurando um cenário de grande potencial turístico. Esta importância surge, em grande medida, devido à localização geográfica e pela existência de boas acessibilidades, embora que ainda longe das actuais exigências de desenvolvimento socioeconómico do Município.

Espinho, e segundo discurso preconizado pelo Presidente da Câmara José Mota, situa-se num interface ferroviário do eixo Norte-Sul com a ligação aos Concelhos do interior, o que, neste aspecto, transforma a autarquia numa autêntica *“placa giratória de importantes pólos económicos”*.

Nos nossos dias, Espinho é uma cidade moderna, estância turística de alto nível que acolhe milhares de visitantes nacionais e estrangeiros, concorrendo para isto inúmeras razões, de entre as quais se destacam o clima e o facto de ser uma concorrida zona de jogo.

Para quem visita, a cidade de Espinho tem para oferecer praias de areias douradas e uma excelente qualidade das suas águas que, lhe granjearam o epíteto de "Rainha da Costa Verde". Além das formosas praias possui o mais antigo campo de golfe da Península Ibérica, um esplêndido aeródromo, um hipódromo, a maior e mais importante feira semanal do país, casino, hotéis, piscinas, parque de campismo, balneário marinho, nave polivalente, complexo de ténis e centro multimeios.

No âmbito cultural e desportivo, várias actividades realizadas ao longo do ano, são motivo de forte atracção. Neste cenário, estão abertas as hostilidades no que respeita às mais-valias turísticas do Concelho, sendo que as mesmas serão analisadas com todo o pormenor no capítulo 3.

Capítulo 3 - O Sector Turístico no Concelho de Espinho

3.1 introdução

O Concelho de Espinho é um espaço geográfico que, se desenvolveu fruto de uma sociedade burguesa que viu no veraneio, um dos principais elementos dinamizadores deste espaço. Começamos, no capítulo anterior por apresentar os antecedentes históricos que, de certa forma acabaram por justificar a importância turística que este espaço territorial possui actualmente, pretendendo-se neste capítulo, buscar agora os fundamentos do desenvolvimento turístico presente, bem como, futuro de Espinho.

Assim sendo, e na continuidade do Capítulo 2, pretendemos aqui realizar uma análise consistente, do sector turístico no Concelho de Espinho que, apesar da sua importância, apresenta lacunas efectivas em termos de informação.

Avançamos assim, para uma parte fundamental de Análise do Sector Turístico no Concelho de Espinho, assim como, pretendemos aqui também abordar o Turismo a nível Internacional, Nacional e do Porto e Norte de Portugal, sistematizando informação existente, de forma a obviar o peso e a importância deste sector, bem como, contextualizar toda a explanação aqui reproduzida.

No que concerne ao Concelho de Espinho, será analisada a Oferta e Procura Turística, tentando-se identificar todos os agentes económicos com papel relevante, assim como, tentar traçar o perfil de quem visita Espinho, tarefa que, por si só, será deveras complicada.

Ao mesmo tempo, pretendemos verificar quais as medidas implementadas pela Câmara para tentar diversificar o Turismo, evitando a sua centralização no típico mercado de “Sol e praia” que, é desde o surgimento deste destino turístico a grande mais-valia turística de Espinho.

Fazendo uso de uma base documental diversa, da internet e de um conjunto de artigos de opinião que, permitem neste âmbito, responder a cada uma das questões que nos propomos aqui analisar, pensamos que poderemos abrir aqui um precedente importante para um estudo futuro mais abrangente e consistente que, envolva todos agentes turísticos locais. É fundamental conhecermos “quem nos visita”, pois só assim, poderemos desenvolver estratégias orientadas para

segmentos concretos e direccionar correctamente os nossos esforços, para os atingirmos com sucesso.

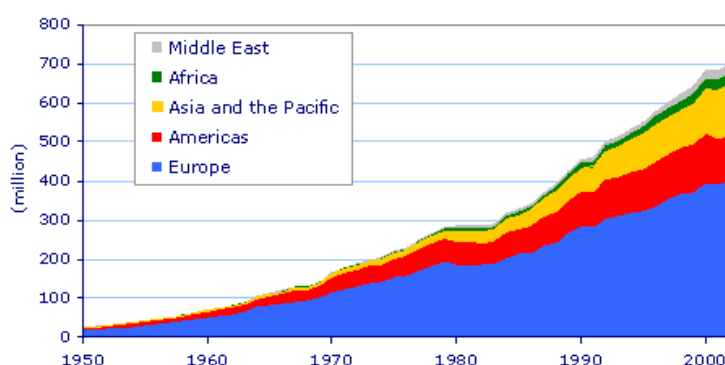
Ao longo deste capítulo, vamos verificar que nem sempre, e no que se refere fundamentalmente ao Concelho de Espinho, o sector turístico está devidamente estudado numa base local, pelo que só recorrendo a outras bases documentais, conseguimos dar resposta aos objectivos a que nos propomos.

Iniciamos assim, uma análise do sector turístico, nas suas mais diversas abrangências, não sendo contudo, objectivo deste capítulo ser muito exaustivo no tratamento das informações a apresentar, antes se optando por uma perspectiva de simplicidade e de complementaridade ao tema fundamental em estudo – A política do Turismo.

3.2. O Sector Turístico

O crescimento substancial da actividade turística dos últimos anos, marca claramente o Turismo como um assinalável fenómeno económico e social do último século. A provar esta teoria encontram-se os dados apresentados pela World Tourism Organization (WTO), onde se pode verificar que passamos de uns insignificantes 25 milhões de chegadas internacionais em 1950 para uns significativos 900 milhões em 2007 (adaptado de: <http://www.unwto.org/facts/pub.html>)

Apresentamos abaixo um gráfico da evolução das chegadas internacionais no período de 1950 a 2005, onde podemos verificar que este indicador aumentou em termos médios 6,5% ao ano, e que representa sem dúvida, um dos poucos sectores a conseguir fugir ao contexto de crise económica que paira no horizonte.

Figura 3.1 – Chegadas Internacionais de Turistas (1950-2005)

Fonte: www.unwto.org

É sabido, e segundo o defendido pela WTO que, a procura turística depende em grande medida das condições económicas, nos principais mercados emissores. O que acontece, é que quando as economias crescem, o nível de rendimento disponível, normalmente também aumenta e por consequência a disponibilidade para viajar, sendo que uma parte deste aumento de rendimento, será normalmente gasta em Turismo, especialmente no caso das economias emergentes. Ao contrário, o agravamento da situação económica, resultará normalmente numa redução dos gastos em Turismo (adaptado de: <http://www.unwto.org/facts/pub.html>).

O ano de 2007 foi um ano complicado, em que o clima de insegurança por um lado, e a prospecção por outro, fizeram com que, o preço do petróleo aumentasse exponencialmente e consecutivamente, todos os bens e serviços de que dele estavam dependentes. Ao mesmo tempo, o contexto internacional nunca foi o melhor, pois as economias internacionais nucleares (EUA, Alemanha, França, entre outros) revelaram alguma instabilidade e falta de confiança dos investidores, concretizada no aumento do desemprego em alguns Países mais dependentes das economias mais fortes.

Foi o caso concreto de Portugal que, viu contudo, no Turismo uma das suas tábuas de salvação, não sendo contudo caso único, no contexto turístico internacional.

Apesar de todo este clima económico desfavorável, o Turismo em 2007 manteve o seu crescimento dos últimos anos, tendo atingido, segundo dados divulgados pela WTO, 900 milhões de chegadas internacionais de turistas. É assim, um

sector próspero, mesmo em situações consideradas adversas, pois as pessoas associam, cada vez mais o Turismo a uma forma de cultura, sendo que na pirâmide das necessidades de Maslow, hoje em dia o Turismo aparece cada vez mais, como uma necessidade básica das civilizações desenvolvidas ou em vias de desenvolvimento. Podemos falar assim, numa inversão da cadeia de valores, com a população a colocar no topo das suas necessidades a vontade de viajar, quer seja por uma questão de cultura ou auto-estima e afirmação perante a sociedade.

Este é o cenário genérico de um sector extremamente próspero que, será a seguir ao sector automóvel, segundo alguns críticos afirmam, o que maior expressão internacional terá.

Neste cenário, e porque queremos ver aqui representada, de forma clara, a importância do Turismo em termos gerais, passaremos em seguida a apresentar uma análise do sector turístico em termos Internacionais, Nacionais, da Região do Porto e Norte de Portugal, onde se insere o Concelho de Espinho, e finalmente do Concelho de Espinho.

3.2.1. Internacional

Segundo dados apresentados pela WTO na Fitur em Madrid, no dia 29 de Janeiro de 2008, o Turismo mundial superou as expectativas em 2007, ao alcançar um novo recorde, próximo das 900 milhões de Chegadas Internacionais de Turistas. Os resultados confirmam por sua vez, a tendência de crescimento progressivo dos últimos anos e a resistência do sector aos factores externos adversos.

Em termos genéricos, segundo a WTO e comparando com os resultados de 2006, o sector turístico mundial conheceu um aumento de 6%, representando um aumento de cerca de 52 milhões, nas chegadas Internacionais em 2007.

O crescimento da economia e do Turismo estão, segundo esta mesma organização, a ser impulsionados pelos mercados emergentes e pelas economias em desenvolvimento, ainda que os mercados tradicionais, continuem a ser os principais destinos, o crescimento mais rápido destes mercados confirma o grande potencial turístico dos mesmos.

Dos 52 milhões de chegadas adicionais em 2007 em todo mundo, a Europa recebeu 19 milhões, Ásia e Pacífico 17 milhões, Américas cerca de 6 milhões, África 3 milhões e Médio Oriente 5 milhões.

Se analisarmos especificamente cada um dos espaços geográficos referidos, verificamos que (dados apresentados pela wto):

Médio Oriente somou em 2007, 46 milhões de chegadas de turistas internacionais e continua a representar até agora, uma das histórias de êxito da década, apesar de todo o clima de instabilidade e ameaça constante. Esta região do planeta, está a tornar-se um destino forte ao aumentar o numero dos seus visitantes muito mais rapidamente que o resto do mundo. Arábia Saudita e Egipto devem ser tidos em conta, pois também foram mais dois casos que cresceram em 2007 acima dos demais países.

Na base de um crescimento forte, superior a 7% ao ano desde 2000, a Ásia e Pacífico impulsiona também o Turismo internacional, com um total de 185 milhões de visitantes.

Neste âmbito, devemos destacar destinos como o Japão, Malásia, Camboja, Vietname, Indonésia, Índia, China que continuam a melhorar os seus índices turísticos.

Com um total de estimado de 44 milhões de viajantes Internacionais, a **África** confirmou o seu dinamismo ao manter o crescimento de 2006, e regista agora um crescimento médio anual de 7% desde 2000. Em 2007, a África do Norte parece ter tido resultados ligeiramente melhores que a África Subsariana, principalmente devido ao crescimento de Marrocos.

A **região das Américas** renovou dinamismo e duplicou o seu índice de crescimento, depois dos 2% registados em 2006. A região foi projectada pela recuperação do mercado receptor dos EUA e dos fortes resultados da América Central e Sul que, foram favorecidos pelo Euro forte e uma afluência turística constante desde os EUA.

A primeira região destino mundial, e que tem uma quota superior a 50% de todas as chegadas turísticas internacionais, **Europa**, está a crescer mais do que a média e somou, segundo a WTO, 480 milhões de chegadas de turistas em 2007. Ainda segundo esta mesma organização, destinos como a Turquia (+18%),

Grécia (+12%) e Portugal (+10%), são prova do efeito positivo da recuperação económica continua da região em 2007. “A globalização, as mudanças demográficas e a evolução dos transportes são factores decisivos no desenvolvimento da indústria do Turismo Europeu”,

Apesar de a Europa ser a região do mundo mais visitada por estrangeiros, *numa palestra no Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET/UnB), e segundo o afirmado por Lionello Punzo, de Itália, e Carlos Costa, de Portugal*, o Turismo neste continente tem registado níveis de crescimento mais baixos do que no resto do mundo. Isto tem levado instituições governamentais e empresas da área de Turismo a enfrentar o desafio de criar novos destinos capazes de despertar o interesse dos visitantes (Costa, 2006, CET)

Perante este cenário, e após apresentado de forma genérica o potencial do sector turístico por todo o mundo, passamos em seguida a analisar um pouco melhor os 10% de aumento das chegadas de turistas em 2007 em Portugal.

3.2.2. Nacional

O Turismo como vimos, tem-se mostrado um sector muito próspero em termos internacionais, conhecendo anualmente um crescimento sustentado que, o torna num dos principais sectores de actividade económica. Neste Universo, destaca-se a Europa como principal destino, como apresentamos anteriormente, onde obviamente se inclui Portugal.

O Presidente da Republica Português, Cavaco Silva, defende que o Turismo é, *“reconhecido como um sector de actividade com capacidade para impulsionar processos de desenvolvimento económico sustentáveis, estimular o crescimento competitivo de clusters produtivos, preservar recursos naturais e ambientais e criar emprego qualificado e coesão social, o que aliás se prefiguram como contributos essenciais na luta constante pela eliminação da pobreza, pela inclusão social, pela segurança e pela paz.”*

Como vemos, o Turismo é visto como a actividade capaz de impulsionar o crescimento num curto espaço de tempo, em regiões desfavorecidas ou com necessidade de reajustamentos económicos. Mas o Turismo não é hoje, apenas

importante pelas vantagens directas que cria, mas também pelos efeitos multiplicadores e indutores que tende a provocar nos espaços onde se desenvolve, pois gera e sustenta tecidos produtivos formados por micro e pequenas empresas.

Para Portugal, o sector do Turismo tem, como é conhecido, uma importância fundamental, sendo a sua capacidade competitiva em relação a outros destinos, decisiva para que o nosso País se afirme num mundo que se revela cada mais exigente e globalizado. Em Portugal, o Turismo foi-se desenvolvendo através dos tempos, e à medida que as entidades governamentais perceberam que o Turismo, era uma das grandes mais-valias deste território tão pequeno e “à beira mar plantado”.

Foi precisamente com base no mar e nas praias que Portugal se desenvolveu turisticamente, com uma costa belíssima capaz de motivar a deslocação de pessoas por longos períodos de veraneio. Com o surgir de medidas estratégicas e de Planos para o Turismo nos anos 80, certas regiões destacaram-se e tornaram-se em verdadeiros “cartões-de-visita” de Portugal, como sejam, Algarve, Espinho e Figueira da Foz, em primeira instância, e depois Lisboa e Madeira mais tarde.

Avançando, agora no tempo, encontramos em Portugal várias zonas turísticas que identificam hoje em dia, uma cultura portuguesa com algumas variantes que, em conjunto formam um País repleto de potencialidades para o Turismo.

Temos em Portugal 3 grandes marcas turísticas, de referir Algarve, Lisboa e Madeira.

O Turismo é indicado por muitos, como um sector estratégico prioritário para Portugal, e se recorrermos às notas de abertura do Ministro da Economia, Manuel Pinho, aquando do lançamento do PENT, apresentado em Janeiro de 2006 na Bolsa de Turismo de Lisboa, ficamos bem esclarecidos da sua importância enquanto sector chave da economia.

Segundo Manuel Pinho, o “*Turismo tem uma importância verdadeiramente estratégica para a economia portuguesa, em virtude da sua capacidade em criar riqueza e emprego*”. Podemos aliás constatar que actualmente, está a ser feita uma grande aposta no Turismo, por parte do Governo e dos empresários do sector, com a apresentação em 2008 de diversos projectos de interesse turístico

(Pit's), um pouco por todo o País. São fundamentalmente, projectos de alta qualidade, destinados às zonas tradicionais e ao mesmo tempo, estão a surgir novos destinos de grande qualidade, por exemplo no Litoral Alentejano, na zona Oeste, em Porto Santo e no Douro, fruto da iniciativa empresarial e da capacidade em se desbloquear processos que, se encontravam parados há anos por questões meramente burocráticas.

Podemos dizer que, Portugal tem actualmente, capacidade instalada de boa qualidade em termos de infra-estruturas e de recursos humanos, apesar de existir sempre a discussão em torno da necessidade de melhor qualificar os funcionários da hotelaria.

Apesar desta tendência positiva, devemos ter consciência que muito terá que ser feito para fomentar este crescimento sustentado neste sector, pois estamos perante um sector em constante mutação que exige constantes reajustes. Assim, e para fazer face aos desafios do futuro que se avizinha é necessário segmentar melhor as propostas de valor, aumentar a oferta de qualidade, melhorar as acessibilidades, desenvolver o Turismo residencial e de saúde, criar uma imagem mais forte junto dos clientes mais exigentes, facilitar o licenciamento e aligeirar a burocracia, questão fundamental que tem sido elemento de trabalho constante para as entidades governamentais.

É evidente, que para atingir todos estes objectivos é necessário dispor de uma estratégia capaz de dotar o sector de uma série de instrumentos orientados para estes mesmos objectivos, e como tal a resposta encontrada para tal foi o PENT.

O PENT baseia-se na ideia fundamental de que “É possível ir mais longe no Turismo!”. Sabemos que dispomos de recursos excepcionais em termos de localização, segurança do País, património histórico e cultural, afabilidade do povo Português, qualidade das praias, potencial em desenvolver o golfe e as actividades náuticas, e que apenas necessitamos de um rumo e de um fio condutor que oriente todo o sector e faça cada um trabalhar para um todo que se pretende homogéneo e com um grande nível de qualidade.

Segundo Bernardo Trindade, nosso Secretário de Estado do Turismo, “*Portugal está a afirmar-se como destino turístico de excelência*”. Até por esta afirmação, verificamos que a vocação de Portugal é cada vez mais o Turismo, pelo que é

essencial mobilizar esforços e fazer convergir meios e sinergias, num sentido comum.

O Turismo atravessa assim, um bom momento e por isso, as receitas em Portugal têm vindo a aumentar sustentadamente.

Até aqui, falamos na importância do Turismo em termos abstractos, dando a conhecer alguns testemunhos que conferem ao Turismo uma importância vital para a Economia do nosso País, contudo, podemos recorrer a alguns números para explicitar precisamente a relevância do sector turístico que, tem vindo de ano para ano, a ganhar uma maior dimensão.

Portugal registou, conforme se pode verificar na tabela 3.1, em 2006 um acréscimo de 6,3% relativamente a 2005 no total das chegadas de turistas, totalizando 11,3 milhões de chegadas que, se traduziram num total de 6,7 mil milhões de euros em receitas do Turismo, mais 7,3% que em período homólogo de 2005, tendo sido considerado um ano de recuperação. O crescimento verificado nas chegadas (6,3%), foi ainda segundo o Instituto de Turismo de Portugal (itp), superior ao registado no Mundo (4,9%) e na Europa (4,3%), e em termos de receitas, superior ao aumento verificado na Europa (6,7%), o que permitiu o aumento das respectivas quotas de mercado.

Tabela 3.1 – Entradas de Visitantes Não Residentes

Unidade: Milhares

Tipo de Visitante	Visitantes		
	2006	2005	▲ 06/05
Excursionistas	11.306	10.561	7,1%
Turistas	11.282	10.612	6,3%
Total	22.588	21.172	6,7%

Fonte: Instituto de Turismo de Portugal, O Turismo em 2006 em Portugal, Continente e Regiões Autónomas

Ao mesmo tempo, retiramos desta tabela que em 2006, Portugal recebeu cerca de 22 600 000 visitantes, incluindo turistas e excursionistas. Se tivermos em conta que, somos um País com cerca de 10.000.000 habitantes, então facilmente encontraremos aqui mais uma evidência da importância deste sector.

De igual modo, podemos analisar a questão do aumento das receitas neste período. Conforme já referido, o aumento das receitas situou-se nos 7,3%, sendo que o mesmo se deveu em grande medida aos mercados emissores típicos: Espanha, Reino Unido, Holanda, Alemanha e França, conforme está explícito na Tabela 3.2.

Tabela 3.2 – Evolução das receitas nos principais mercados emissores

(10⁶ euros)

Países de Origem	Receitas			
	2006	2005	Var. % 06/05	% do Total 2006
Reino Unido	1.610,7	1.539,6	4,6	24,2%
França	975,4	910,6	7,1	14,7%
Espanha	964,8	902,7	6,9	14,5%
Alemanha	834,0	753,5	10,7	12,5%
Holanda	251,2	231,2	8,6	3,8%
Outros	2.013,0	1.861,0	8,2	30,3%
Total Geral	6.649,1	6.198,6	7,3	100,0%

Fonte: Banco de Portugal

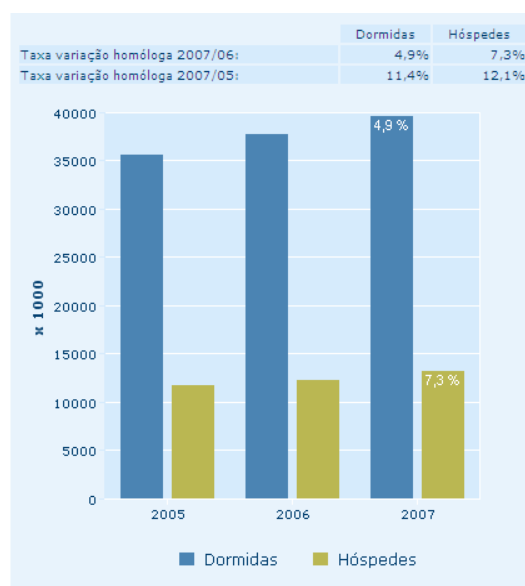
Fonte: Instituto de Turismo de Portugal, O Turismo em 2006 em Portugal, Continente e Regiões Autónomas

De facto, no período entre 2005 e 2006, o crescimento verificado nas receitas do Turismo em Portugal foi acompanhado por evoluções semelhantes nos 5 principais mercados emissores, sendo que no seu todo, estes representaram 66,3% do total do aumento verificado nas receitas do Turismo em 2006.

Em 2007, e segundo dados apresentados no Projecto Impactur, verificarmos que Portugal manteve o nível de crescimento apresentado em 2006, pelo que conferindo os indicadores apresentados de monitorização e actividade turística para 2007, conferimos que os estabelecimentos hoteleiros conseguiram uma variação positiva em termos de hóspedes na ordem dos 4,9% e de dormidas na ordem dos 7,3%, conforme figura 3.2.

Ao mesmo tempo, e verificando os resultados que tínhamos para essas mesmas variáveis em 2005, chegamos à conclusão que, se tem verificado uma variação positiva sustentada nos últimos anos que, traduzem a importância deste sector.

Figura. 3.2 – Variação das Dormidas e Hóspedes dos Estabelecimentos Hoteleiros em 2007



Fonte: www.ciitt.ualg.pt/

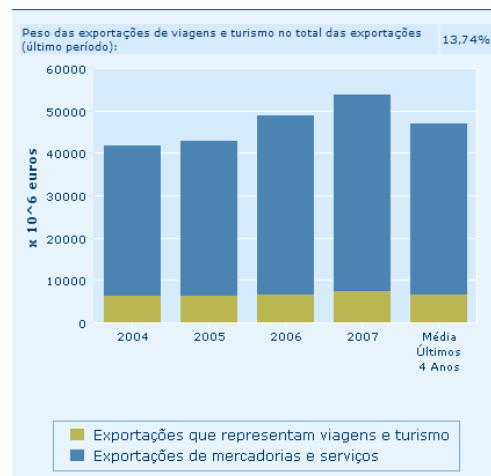
Finalmente, e para que possamos concluir da efectiva importância deste sector na economia Portuguesa, apresentamos abaixo a figura 3.3 que, retrata o peso das Viagens e Turismo nas Exportações de Portugal no período de 2004 a 2007.

A realidade é que, após um período de alguma estagnação em 2005, as “viagens e Turismo” têm aumentado a sua importância no cômputo geral de todas as exportações, tendo-se situado em 2007 nos 13,7% do total das exportações.

É um facto que, o abrandamento registado em 2005 resultou em parte da realização em 2004 do campeonato europeu de futebol em Portugal, pelo que nos dois anos seguintes a actividade turística, retomou ritmos de crescimento elevados. De facto, em termos nominais a Despesa em Consumo Turístico aumentou 3,2% e

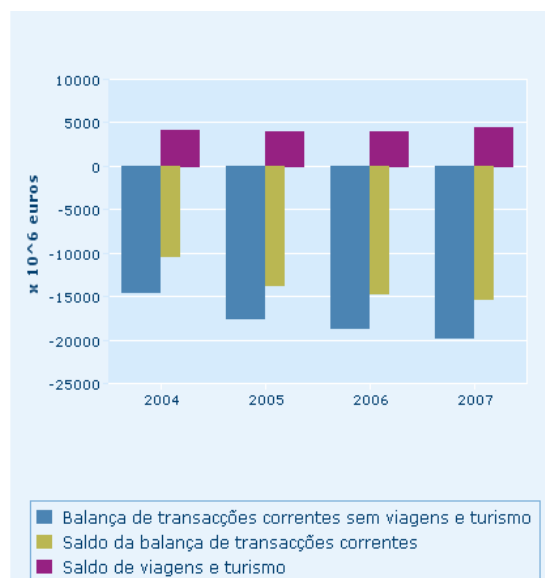
8,1%, respectivamente, em 2005 e 2006, estimando-se, para 2007, um crescimento de 10,8%, segundo dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2007, Conta Satélite do Turismo)

Figura 3.3 – Evolução Anual da importância das “Viagens e Turismo” nas Exportações Nacionais



Fonte: www.ciitt.ualg.pt/

Figura 3.4 – Evolução Anual da importância das “Viagens e Turismo” na Balança de Transacções Correntes



Fonte: www.ciitt.ualg.pt/

E se dúvidas restassem, através da análise da figura 3.4, essas dúvidas seriam todas esclarecidas. Bem sabemos que a Balança de Transacções Correntes de

Portugal é claramente deficitária, pois somos um País claramente importador, e apesar de as exportações terem aumentado ligeiramente nos últimos anos, nunca tal foi suficiente para equilibrar a dita balança.

Apesar disto, as “Viagens e Turismo” aparecem como factor chave nas exportações, contribuindo para atenuar o deficit inevitável da nossa balança. Bem sabemos que não temos em Portugal petróleo, nem Diamantes, nem gás, pelo que nos devemos centrar e apostar naquilo em que realmente somos bons e para o qual temos vocação que, é sem dúvida alguma o Turismo.

Mas se em Portugal como um todo o Turismo é importante, o mesmo poderá não acontecer em todas as suas regiões.

Contudo no âmbito desta dissertação, pretendemos ver agora analisada apenas a importância da região do Porto e Norte de Portugal, em termos turísticos.

Prossequimos com este objectivo!

3.2.3. Porto e Norte de Portugal

Como vimos, o Turismo tem-se vindo a afirmar a nível mundial e Nacional, como um dos principais sectores económicos.

No caso concreto de Portugal, existem regiões com comportamentos diversos no cenário turístico. Temos Algarve, Lisboa e Madeira que, são já regiões turísticas perfeitamente identificadas no contexto internacional, e depois temos outras regiões menos desenvolvidas em termos turísticos, e para as quais também foi desenvolvido o PENT. Nesta situação, encontra-se o Porto e Norte de Portugal, a Região Centro, a Região do Alentejo e os Açores.

A área em estudo, o Concelho de Espinho, integra-se na área turística promocional do Porto e Norte de Portugal, normalmente tratada em termos estatísticos como região Norte.

Tabela 3.3 - Indicadores de hotelaria na Região Norte, 2006

Ano 2006	Estadia média de hóspedes estrangeiros	Capacidade de alojamento por 1000 habitantes	Hóspedes por habitante	Proporção de hóspedes estrangeiros	Proporção de dormidas entre Julho-Setembro	Dormidas em estab. hoteleiros por 100 habitantes	Proveitos de aposento por capacidade de alojamento
	N.º de noites	N.º		%		N.º	Milhares de euros
Portugal	3,9	24,9	1,2	52,6	36,8	354,4	4,4
Norte	2,1	9,5	0,6	35,2	34,3	102,7	3,4

Fonte: INE, 2006, Estatísticas do Turismo

Pela análise da Tabela 3.3, podemos concluir que a região Norte está ainda muito aquém dos valores registados a nível Nacional, para todos os indicadores de hotelaria apresentados. De destacar a capacidade de alojamento ainda muito reduzida, face ao valor Nacional, assim como, a clara falta de capacidade para reter os hóspedes estrangeiros por períodos longos, sendo a estadia média dos mesmos de 2,1 noites no Norte, enquanto que, a nível Nacional se situa nas 3,9 noites, no período em análise.

Os restantes indicadores apresentados, apenas evidenciam o ainda fraco desenvolvimento deste sector, a Norte de Portugal.

A tabela 3.4 reforça esta ideia, pois precisamos a Norte de mais estabelecimentos Hoteleiros, de mais oferta e de mais capacidade. Podemos verificar que no Norte, temos muitos estabelecimentos hoteleiros, cerca de 22% do total Nacional, mas com uma capacidade de alojamento reduzida, cerca de 13% do total Nacional, o que se reflecte por sua vez nos proveitos decorrentes do aposento.

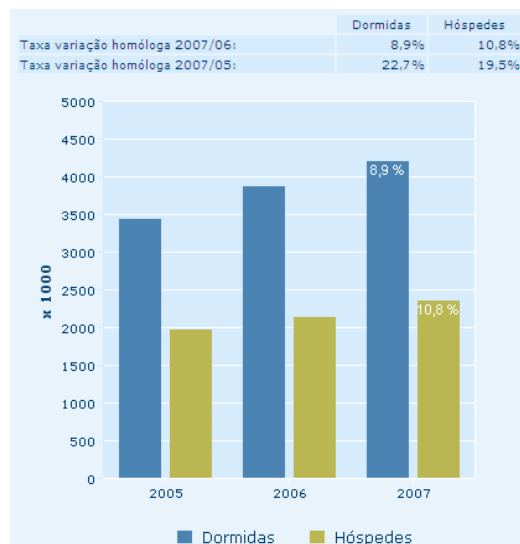
Tabela 3.4 - Estabelecimentos, capacidade de alojamento e proveitos de aposento nos estabelecimentos hoteleiros da Região Norte, 2006

Ano 2006	Estabelecimentos				Capacidade de alojamento				Proveitos de aposento			
	Total	Hotéis	Pensões	Outros	Total	Hotéis	Pensões	Outros	Total	Hotéis	Pensões	Outros
	N.º								Milhares de euros			
Portugal	2 028	622	877	529	264 037	127 423	42 159	94 455	1 153 248	767 291	83 209	302 748
Norte	452	122	270	60	35 504	19 306	12 148	4 050	121 558	86 783	17 544	17 231

Fonte: INE, 2006, Estatísticas do Turismo

Se efectuarmos a mesma análise que fizemos ao nível Nacional, face ao representado na figura 3.5, verificamos que, o Norte de Portugal tem crescido acima dos valores verificados para o território nacional como um todo.

Figura 3.5 – Variação das Dormidas e Hóspedes dos Estabelecimentos Hoteleiros em 2007 – Norte de Portugal

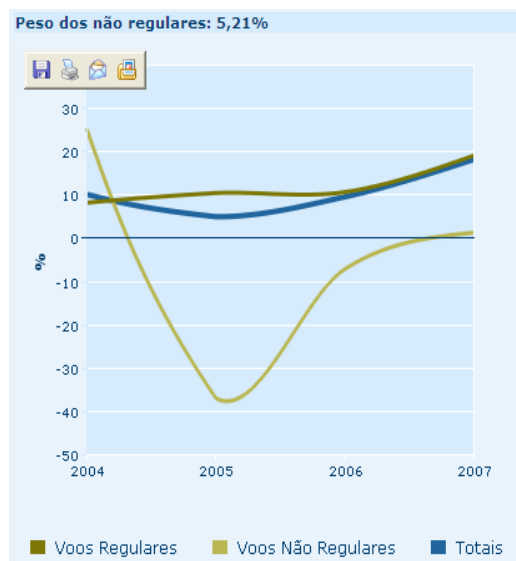


Fonte: www.ciitt.ualg.pt/

Esta situação tem associada uma explicação que, se prende por um lado, com o PENT que veio contemplar esta, como sendo uma das regiões prioritárias a serem desenvolvidas, e ao mesmo tempo, o facto de a renovação do Aeroporto Francisco Sá Carneiro ter sido um completo sucesso, tendo feito deste aeroporto um terminal bastante atractivo para as companhias aéreas de “Low-Cost”; como sejam a Ryanair, Easyjet, e outras. Obviamente que esta situação se concretizou efectivamente no aumento de fluxos turísticos para a zona Norte de Portugal, pois este é um aeroporto considerado como um dos melhores da Europa.

Apresentamos abaixo a figura 3.6 que, retrata efectivamente o aumento do número de rotas em direcção ao Porto.

Figura 3.6 – Evolução Anual dos Passageiros Desembarcados por tipo de Vôo no Aeroporto Francisco Sá Carneiro



Fonte: ANA – Aeroportos de Portugal, S.A.

Inclusivé, uma das companhias “Low-Cost” está a ponderar seleccionar o Aeroporto do Porto para constituir ali um “HUB”, ou seja uma base da Ryanair. Isto seria óptimo para a região, pois permitiria que este fosse ponto de partida e de chegada para muitos voos a nível internacional. Contudo, existem alguns entraves, sobretudo em termos de custos impostos pela ANA à Ryanair, daí que estejam igualmente a ser ponderadas, outras alternativas para tal situação.

Mas se falamos da importância dos estabelecimentos hoteleiros e do aumento do tráfego aéreo nesta região, devemos de igual forma, pensar nas reais mais-valias turísticas deste espaço territorial, para que possamos depois também estudar o perfil de quem o visita.

O Norte de Portugal é conhecida como a mais antiga região de Portugal, sobretudo ligada à história e ao tempo da monarquia. Os pontos que podemos considerar com maior interesse turístico no Norte de Portugal, são:

- Rio Douro (permite a navegação em passeios organizados);
- Quintas produtoras do famoso Vinho do Porto (entre Mesão-Frio e Pinhão);

- Património Arqueológico: Gravuras Rupestres de Vila Nova de Foz Côa;
- Vasto Património Histórico e Arquitectónico:
 - Castelos e conventos medievais;
 - Pequenas igrejas românicas disseminadas na paisagem;
 - Casas solarengas;
 - Grandes santuários setecentistas;
- Património Cultural:
 - o povo preserva as suas danças e cantares (de forte influência celta, como a dança dos pauliteiros, em Miranda);
 - Festividades: S. João no Porto, Senhora da Agonia, Festas da Semana Santa, Romaria da Nossa Senhora dos Remédios;
- Cenário ideal para o Montanhismo, a Canoagem ou o repouso do Turismo Termal (Carvalhelhos, Chaves, Pedras Salgadas e Vidago).
- Belas praias, estâncias balneares e vilas encantadoras (Caminha, Vila Nova de Cerveira, Moledo, Vila Praia de Âncora, **Espinho**);
- Para o interior, destaca-se o único Parque Nacional de Portugal que, se estende pelas serras de Peneda, Soajo e Gêres.

Com base nesta oferta e cultura vastíssima, e baseado na arte de bem receber do Norte do País, deveremos destacar aqui alguns pontos de passagem obrigatórios para o turista:

- **Porto:** a mais imponente cidade do Norte deu o seu nome ao vinho e a Portugal, tendo merecido por parte da UNESCO a classificação de património mundial.
- **Viana do Castelo:** situada na Foz do Rio Lima, é famosa pelo artesanato e pela cor dos trajes regionais;

- **Braga:** eclesiástica, fundada pelos Celtas em 300 a.C., esta cidade respira história;
- **Barcelos:** cidade de muralha e torre de menagem medievais;
- **Bragança:** imponente cidade com castelo e muralhas medievais;
- **Guimarães:** cidade-berço de Portugal, com castelo e muralhas medievais, guarda um centro histórico magnificamente preservado;
- **Ponte de Lima:** lindíssima vila de ponte romana e de torres medievais, é conhecida pela grande concentração de solares (Turismo de Habitação);
- **Vila Real:** cidade com grande diversidade de arquitectura religiosa, possuindo a obra-prima do barroco em Portugal – o Palácio de Mateus;
- **Lamego:** o ex-líbris da cidade é o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, com a sua imponente escadaria barroca (686 degraus).

Esta pode ser apelidada, de uma breve referência aos pontos que poderiam constituir um bom roteiro turístico, capaz de dar a conhecer o melhor da história, da gastronomia e da cultura desta região.

Agora sim, devemos estudar quem afinal visita o Norte do País, o que procuram, quais são os seus desejos e vontades e de que forma chegam a este espaço territorial.

Esta tarefa não se afigurava fácil, pois normalmente neste âmbito não existem grandes estudos, contudo face ao crescimento do Turismo no Norte do País, acima retratado, tem-se verificado uma crescente preocupação de estudar o sector do Turismo em todas as suas vertentes, sendo o perfil do turista umas das temáticas recentemente analisada.

No dia 25 de Junho 2007, foi publicado no Jornal de Noticias um artigo da autoria de Augusto Correia que estuda o perfil do turista que visita o Porto, pelo que confrontando com um outro estudo sobre “O Norte de Portugal Turístico: 1991 – 1995”, iremos aqui tentar traçar o perfil do turista da região Norte de Portugal.

A capital nacional do trabalho, como outrora o Porto foi definido, é um destino apetecível para Turismo e lazer, aliás como já foi comprovado.

A história e os monumentos da cidade “Invicta” e da indústria conquistam turistas, segundo um estudo piloto do Instituto de Planeamento e Desenvolvimento do Turismo (IPDT). A simpatia das pessoas, as ruas estreitas que desaguam no Douro, o vinho das uvas nascidas rio acima e a gastronomia estão no topo dos interesses do visitante, de acordo com o perfil que foi traçado.

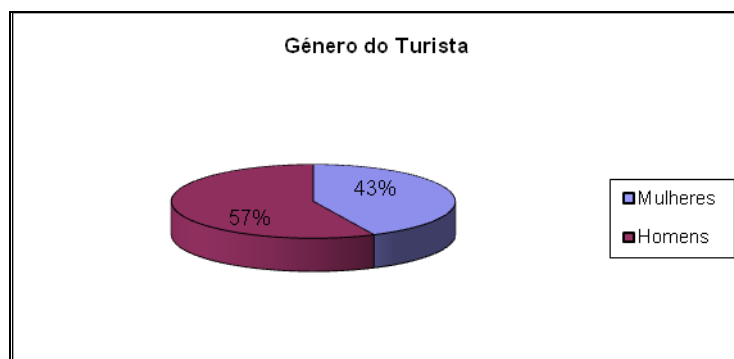
O Turista que visita o Porto é profissionalmente activo, procura cultura e autenticidade do destino, afirma António Costa, presidente do IPDT. Além disto, o turista interessa-se pela gastronomia e história do País, tem qualificações de nível superior e fica em média, mais de 2 noites, conclui o dito estudo publicado no Jornal de Noticias.

Os turistas chegam fundamentalmente de avião e directamente para o Porto, de acordo com os dados do estudo do IPDT, realizado com o apoio do Centro de Estudos de Tendência em Hotelaria e Turismo da Universidade Fernando Pessoa, no Porto.

Em seguida apresentaremos uma análise mais cuidada de cada um dos elementos estudados, para que possamos efectivamente conhecer quem visita esta zona.

No que se refere ao género do turista, e conforme a figura 3.7 abaixo, observou-se que 57% eram homens e 43% mulheres, o que não confere, na nossa opinião, uma importante base de distinção a ter em conta na identificação do turista.

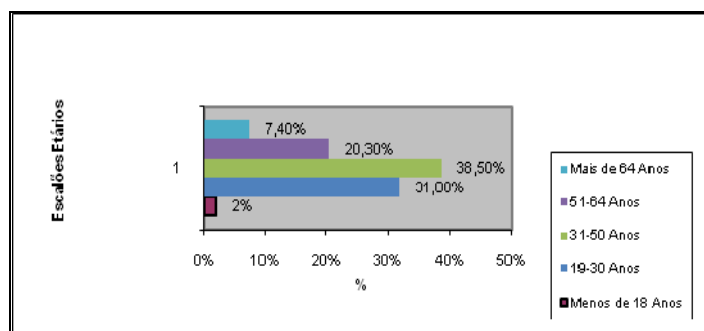
Figura 3.7 – Género dos Turistas que visitam o Porto



Adaptado de: Jornal de Noticias, 25 de Junho 2007

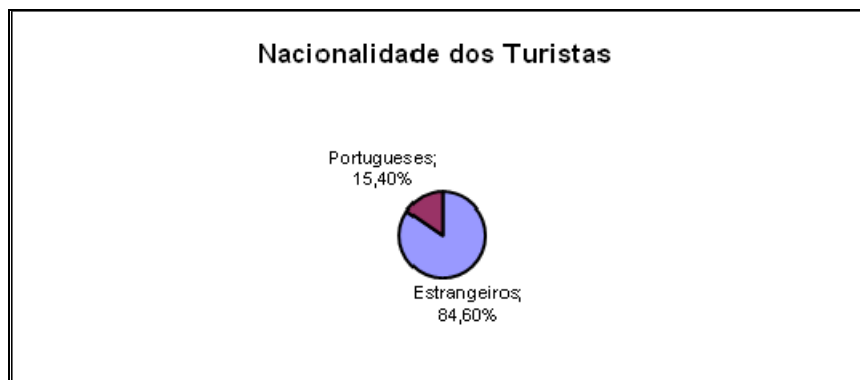
O escalão etário que concentra maior número de turistas é o dos 31-50 anos com 38,50% do total, seguido do escalão dos 19 aos 30 anos com 31,80% e dos 51-64 anos com 20,30%, conforme figura 3.8. Desta forma, fica bem demonstrado que este não é um destino muito usual para os mais novos, e que são as classes etárias com interesses culturais e de negócios que escolhem este destino.

Figura 3.8 – Idades dos Turistas que visitam o Porto



Adaptado de: Jornal de Noticias, 25 de Junho 2007

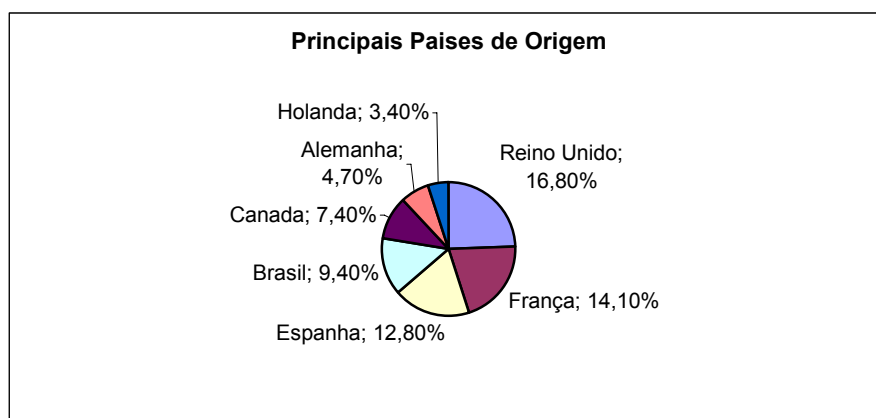
Quanto à Nacionalidade dos Turistas, verificamos que os estrangeiros representam 84,6% da totalidade dos turistas de quem visita o Porto, conforme se pode verificar na figura 3.9.

Figura 3.9 – Nacionalidade dos Turistas que visitam o Porto

Adaptado de: Jornal de Noticias, 25 de Junho 2007

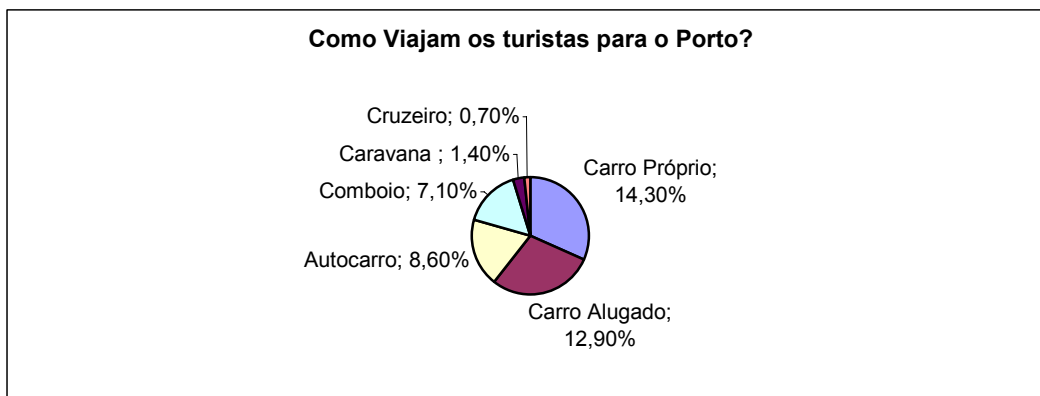
Os turistas estrangeiros que chegam ao Porto são provenientes basicamente dos mercados emissores típicos para Portugal, como sejam, Reino Unido, França, Espanha, Brasil, entre outros (ver figura 3.10).

Por sua vez, o peso dos turistas do mercado Nacional é diminuto, o que contraria a base de relação existente entre estes dois mercados a nível Nacional.

Figura 3.10 – Países de Origem dos Turistas que visitam o Porto

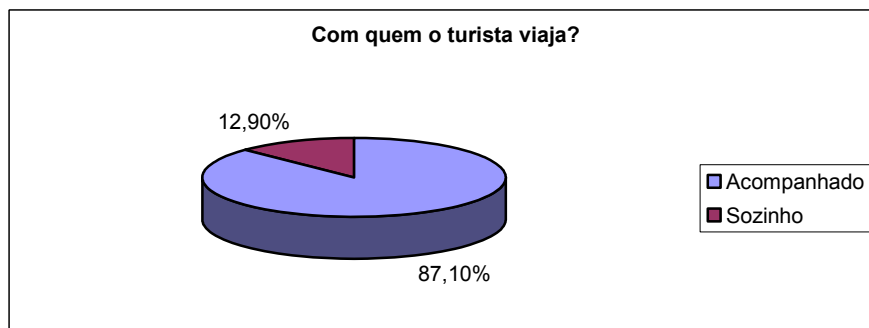
Adaptado de: Jornal de Noticias, 25 de Junho 2007

Pela figura 3.9 abaixo, constatamos que o meio de deslocação favorito dos turistas para o Porto é o automóvel, o que dá mostras de um turista activo que pretende explorar a zona e não ficar estático no mesmo espaço geográfico.

Figura 3.11 – Meios de transporte utilizados pelos Turistas que visitam o Porto

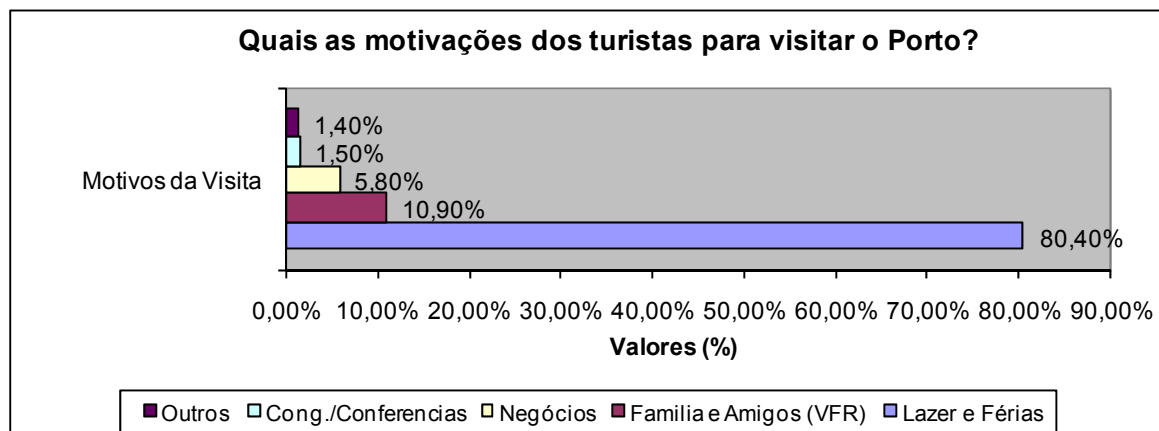
Adaptado de: Jornal de Notícias, 25 de Junho 2007

O turista viaja em 87,10% das vezes acompanhado, conforme se verifica na figura 3.12, sendo que pelo conhecimento que temos da zona, se baseia fundamentalmente na companhia da família. Os que viajam sozinhos representam em grande parte, pessoas que viajam em negócios ao Porto.

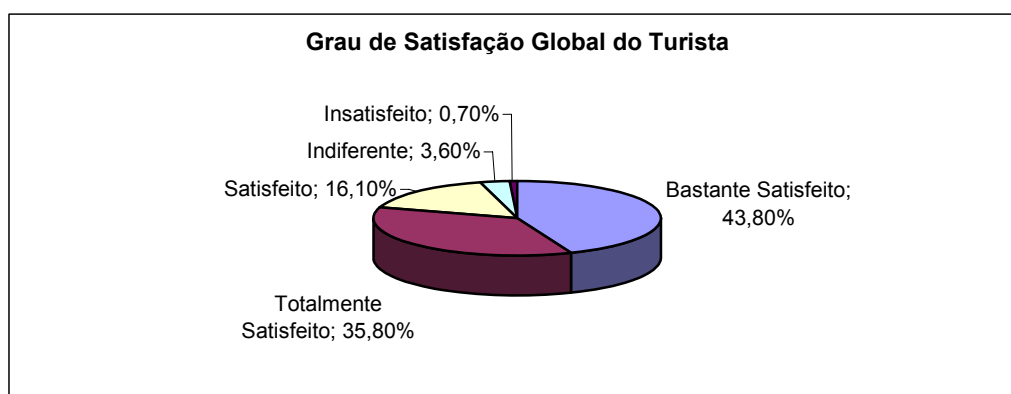
Figura 3.12 – Com quem o turista viaja?

Adaptado de: Jornal de Notícias, 25 de Junho 2007

A grande motivação para o turista visitar o Porto é, conforme figura 3.13, e ainda segundo este estudo, o Lazer e as Férias (80,40% dos inquiridos), sendo seguido da Visita a Familiares e Amigos (VFR) e dos negócios.

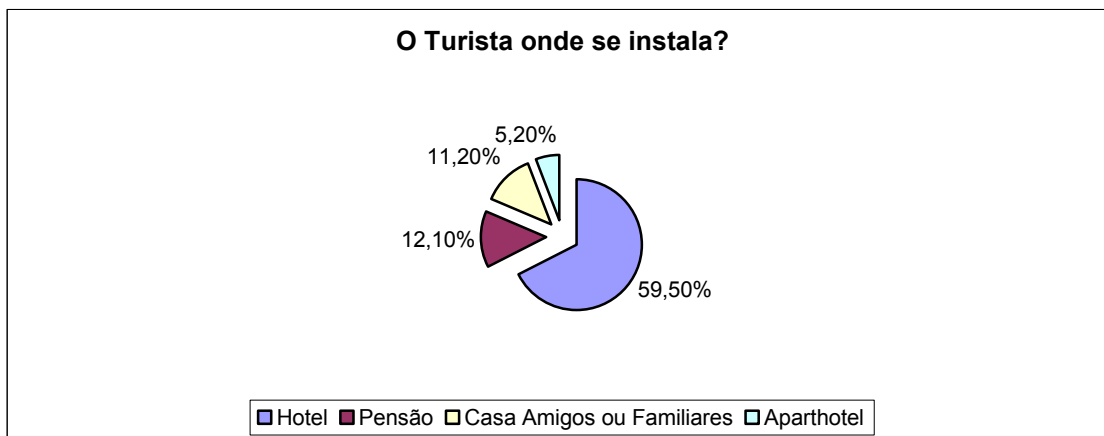
Figura 3.13 – Motivações dos Turistas que visitam o Porto

De referir o grau de satisfação global do turista que, em 95,70% é positivo (ver figura 3.14). Este é um excelente indicador para a determinação do potencial turístico desta zona. Haverá muitas coisas que faltarão e será necessário fazer e melhorar, contudo o facto de se saber que o turista tem uma opinião positiva sobre o destino, dá toda a margem para se evoluir e se fazer melhor.

Figura 3.14 – Grau de satisfação dos Turistas que visitam o Porto

Além do potencial já descrito, verificamos que 59,50% fica alojado em Hotéis durante a sua permanência no Porto, o que se reflecte obviamente no efeito multiplicador do sector turístico desta Cidade (ver figura 3.15).

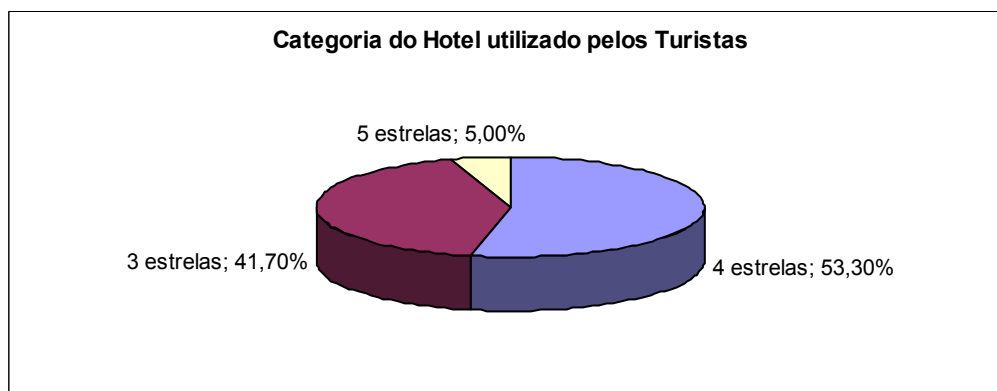
Figura 3.15 – Onde se instalam os Turistas que visitam o Porto?



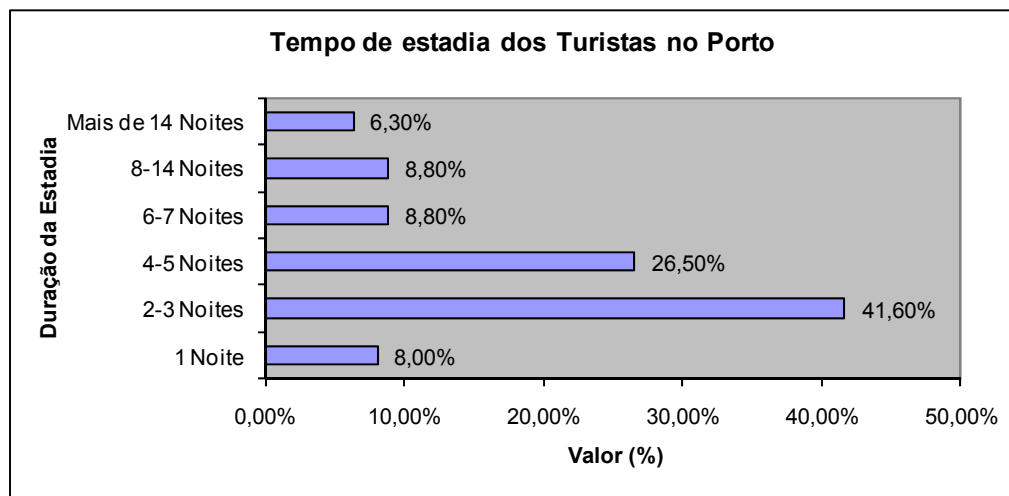
Adaptado de: Jornal de Noticias, 25 de Junho 2007

Mas além deste aspecto, onde se instala o turista, é importante saber em que categoria de alojamento se aloja para aferir do seu poder de compra. Pois bem, concluímos que neste estudo, o turista se aloja fundamentalmente em Hotéis de 3 e 4 estrelas, o que desde logo reflecte que o turista que visita o Porto tem um razoável poder de compra (ver figura 3.16).

Figura 3.16 – Categoria do Hotel Utilizado pelos Turistas



Adaptado de: Jornal de Noticias, 25 de Junho 2007

Figura 3.17 – Tempo de estadia dos Turistas que visitam o Porto

Adaptado de: Jornal de Noticias, 25 de Junho 2007

Por fim, e analisado que foi o tempo de estadia dos turistas no Porto, e conforme figura 3.17, verificamos que quase 70% dos turistas, permanece no Porto um período variável entre 2 e 5 noites. Esta situação apenas transparece o que atrás referimos que, existe alguma dificuldade de facto de fazer permanecer o turista por períodos mais alargados. Daqui podemos retirar que apesar de existir uma boa oferta, de os turistas estarem satisfeitos, haverá contudo necessidade de aumentar e diversificar a oferta de forma a criar atractivo suficiente para o turista permanecer períodos mais alargados.

Com o presente estudo, conseguimos traçar aqui o perfil básico do turista do Porto que pode ser generalizado a toda a região Norte, pela sua especificidade e pela relativa proximidade a outras cidades de interesse nesta região. E quando falamos de outras cidades, falamos também de Espinho que, dista apenas 25 quilómetros do Porto e por isso beneficia disso mesmo em termos turísticos.

Avancemos agora sim, e finalmente, após ter sido feito o devido enquadramento do sector turístico no mundo, no País e na Região Norte, para aquele que será o estudo fundamental deste sector no Concelho de Espinho, espaço geográfico sobre o qual recai esta dissertação.

3.3. O Sector turístico no Concelho de Espinho

Por tudo quanto foi apresentado, até ao momento, não devemos ter dúvidas em afirmar que efectivamente existe actividade turística, neste Concelho do Norte de Portugal, pois esta terra cresceu com base numa vocação turística muito forte.

Espinho tem-se tornado numa grande estância turística, esta é a opinião de alguns. Para isso contribuem o azul do mar límpido e com grande qualidade, e as suas areias douradas. Por outro lado, temos os críticos que afirmam que, Espinho não progrediu, antes pelo contrário perdeu a qualidade de “Rainha da Costa Verde”, com que outrora foi apelidada.

É um facto que, os tempos mudaram e que o Turismo assume hoje formas muito mais sofisticadas decorrentes da globalização, contudo também é verdade que o Concelho de Espinho tem uma localização estratégica, tendo como Concelhos vizinhos o Porto e Santa Maria da Feira que, poderão ser dois grandes aliados na capitalização dos turistas que visitam a região do Norte de Portugal. O Turista é hoje em dia, muito mais móvel, pelo que não gosta de permanecer longos períodos no mesmo local, daí que se for devidamente promovida a colaboração inter-municipal entre estes 3 Concelhos, os efeitos multiplicadores da actividade turística, poderão ser melhorados. Cada um destes Concelhos tem um tipo de oferta turística específica, direccionada para segmentos de mercado distintos que, se trabalhados numa base supra-municipal poderão acrescentar valor ao produto turístico do Norte de Portugal.

Obviamente que, o Concelho de Espinho, por estes aspectos atrás citados, e apesar de a colaboração supra-municipal não ser uma pratica actual, consegue aqui e ali capitalizar mais alguns turistas que, vêm especificamente para visitar os Concelhos vizinhos, mas depois acabam por se deslocar ao Concelho de Espinho, e eventualmente pernoitar ai, pela sua proximidade e atractividade enquanto destino de “sol&praia”.

Passemos então a uma análise atenta do sector do Turismo no Concelho de Espinho, tendo contudo, subjacente alguma falta de informação que dificultará o tratamento do tema.

Apenas conseguimos encontrar informação sobre a oferta e a procura nos estabelecimentos hoteleiros do Concelho de Espinho, pois não há outro tipo de contabilização dos turistas que passam por este município.

Vejamos então alguns indicadores que identificam a oferta e a procura dos estabelecimentos hoteleiros em Espinho.

3.3.1. Oferta de estabelecimentos hoteleiros no Concelho de Espinho

No que se refere à oferta, e concretamente aos estabelecimentos hoteleiros do Concelho de Espinho no período entre 2000 e 2004, podemos dizer que desde 2001 que se mantém constante, apenas se tendo verificado uma pequena variação de 1,1% em termos do número de camas disponíveis (ver tabela 3.5).

Os 5 estabelecimentos hoteleiros identificados nas tabelas 3.5 e 3.6, correspondem ao: Hotel PraiaGolfe (4 estrelas), Apart-Hotel Solverde (3 estrelas), Hotel Residencial Mar Azul (2 estrelas), Hotel Residencial Néry(2 estrelas) e Pensão Residencial Espinho.

Tabela 3.5 – Estabelecimentos e capacidade de alojamento no Concelho de Espinho, evolução no período de 2001 a 2004

NUTS II / CONCELHOS	CAPACIDADE									
	Estabelecimentos					Camas				
	2001	2002	2003	2004	var. % 04/01	2001	2002	2003	2004	var. % 04/01
Espinho	5	5	5	5	0,0%	831	831	831	840	1,1%

Adaptado de: Direcção Geral de Turismo, Fevereiro 2006,
Evolução das Zonas Balneares com Bandeira Azul 2000/05

Avançando um pouco mais no tempo, em 2006, verificamos que continuamos com os mesmos 5 estabelecimentos hoteleiros atrás identificados, tendo-se registado uma variação positiva em termos de capacidade de alojamento na ordem dos 2,4%, conforme tabela 3.6.

Tabela 3.6 – Estabelecimentos, capacidade de alojamento e proveitos de aposento no Concelho de Espinho, 2006

Ano 2006	Estabelecimentos				Capacidade de alojamento				Proveitos de aposento			
	Total	Hotéis	Pensões	Outros	Total	Hotéis	Pensões	Outros	Total	Hotéis	Pensões	Outros
	N.º								Milhares de euros			
Espinho	5	3	1	1	851	423	68	360	x	x	x	x

X – Informação não disponível

Fonte: INE, 2006, Anuário Estatístico da Região Norte

Estes indicadores apresentados, podem ser representativos da falta de atractividade ao investimento neste espaço geográfico, pois apesar de uma época balnear com ocupações muito elevadas, temos também uma época baixa bastante longa que, se situa entre Outubro e Março.

Por este facto, é complicado a qualquer negócio conseguir suportar a actividade ao longo de todo o ano, o que faz com que não abundem investimentos turísticos no Concelho de Espinho.

Muitos dizem que Espinho deveria ter maior capacidade hoteleira, pois claramente não tem capacidade para receber a realização de grandes eventos. Neste âmbito, devo acrescentar a minha opinião pessoal, de quem conhece o Concelho de Espinho e representa um dos estabelecimentos hoteleiros mais importantes neste espaço. Pela experiência que tenho, apercebo-me claramente que falta capacidade de alojamento a Espinho, mas que seja sobretudo de qualidade, pois o Concelho de Espinho tem uma área reduzida e o seu parque hoteleiro está todo concentrado no centro da Cidade de Espinho. Na minha opinião, neste caso mais concorrência seria extremamente favorável para o Concelho de Espinho, pois criar-se-ia capacidade hoteleira para receber ao longo do ano outro tipo de eventos, com outra envergadura, e que fossem capazes de potenciar a utilização de infra-estruturas criadas que em seguida serão apresentadas ao pormenor.

Entendo que existam por vezes certos pressupostos urbanísticos que as entidades camarárias pretendem manter, contudo deve-se dar margem para novos projectos e novas ideias que tragam progresso ao Concelho de Espinho.

3.3.2. Procura nos estabelecimentos hoteleiros no Concelho de Espinho

No que se refere à procura do Concelho de Espinho, apenas temos informação disponível quanto aos estabelecimentos hoteleiros, pois não há outra contabilização dos turistas no Concelho de Espinho.

Tabela 3.7 – Indicadores de hotelaria no Concelho de Espinho, 2006

Ano 2006	Estada média de hóspedes estrangeiros	Capacidade de alojamento por 1000 habitantes	Hóspedes por habitante	Proporção de hóspedes estrangeiros	Proporção de dormidas entre Julho-Setembro	Dormidas em estab. Hoteleiros por 100 habitantes
	<i>N.º de noites</i>	<i>N.º</i>		<i>%</i>		<i>N.º</i>
Espinho	4,0	27,8	1,0	53,9	41,4	342,4

Fonte: INE, 2006, Anuário Estatístico da Região Norte

Assim sendo, e visualizando a informação que temos disponível na tabela 3.7, tiramos algumas conclusões de extremo interesse que nos darão uma ideia da competitividade e atractividade do sector turístico no Concelho de Espinho

Começando pela estada média dos hóspedes estrangeiros, e comparando com os dados anteriores apresentados para Portugal e para o Norte de Portugal, verificamos que o Concelho de Espinho apresenta um indicador com valores bastante melhores que a região Norte e ao nível do que se verifica nível Nacional, com 4 noites de estada média.

No que se refere à capacidade de alojamento por cada 1000 habitantes, e apesar do que se disse anteriormente, o Concelho de Espinho, tem uma capacidade superior à de Portugal e muito superior à da generalidade da região Norte, com capacidade de alojar 28 turistas em cada 1000 habitantes.

O índice de hóspedes por habitante está ligeiramente abaixo do valor verificado a nível Nacional, mas claramente melhor que o da região Norte. A mesma situação verifica-se em relação à proporção de hóspedes estrangeiros e à proporção de dormidas entre Julho a Setembro, com o Concelho de Espinho a registar valores muito semelhantes aos de Portugal como um todo. Dado de se tratar de um destino de “Sol e praia, o peso das dormidas entre Julho e Setembro é maior pois corresponde à época balnear e época alta do Concelho de Espinho.

Por fim, e no que respeita às dormidas em estabelecimentos Hoteleiros por 100 habitantes, verificamos que mais uma vez, o Concelho de Espinho está ao nível Nacional e evidencia um potencial de atracção muito grande, pois apesar de ser um Concelho pequeno, consegue triplicar a sua população em termos de dormidas, o que é notável diga-se.

A tabela 3.8 abaixo, representa as efectivas dificuldades de se obterem dados correctos e completos do Concelho de Espinho, pois conforme está retratado, apenas os Hotéis têm informação sobre os diversos indicadores, sendo que os estabelecimentos hoteleiros de menor dimensão, não têm ou não disponibilizam este tipo de informação.

Contudo, pela experiência que tenho, posso dizer que a taxa de ocupação aqui indicada é claramente errada, pois os valores conseguidos são superiores aos indicados.

Tabela 3.8 – Estada média e taxa de ocupação na hotelaria do Concelho de Espinho, 2006

Ano 2006	Estada média no estabelecimento				Taxa de ocupação-cama (líquida)			
	Total	Hotéis	Pensões	Outros estabelecimentos	Total	Hotéis	Pensões	Outros estabelecimentos
	N.º de noites				%			
Espinho	3,3	2,5	33,6	33,8

... – Informação não disponível

Fonte: INE, 2006, Anuário Estatístico da Região Norte

Na tabela 3.9 temos representada a importância das dormidas e dos hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros do Concelho de Espinho, onde podemos verificar que os hotéis representam 50% das dormidas e cerca de 67% dos hóspedes, fruto da maior qualidade que representam.

Tabela 3.9 – Dormidas e hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros no Concelho de Espinho, 2006

Unidade:

N.º

Ano 2006	Dormidas				Hóspedes			
	Total	Hotéis	Pensões	Outros	Total	Hotéis	Pensões	Outros
Espinho	104 944	52 204	31 688	21 100

Fonte: INE, 2006, Anuário Estatístico da Região Norte

Se analisarmos as dormidas nos estabelecimentos hoteleiros do Concelho de Espinho, mais ao pormenor, e conforme a tabela 3.10, verificamos que os países de proveniência dos turistas são em 80% dos casos, de Países da União Europeia (a 25 Países).

Portugal tem um peso nas dormidas de cerca de 35%, seguido de Países como a Espanha (26%), Alemanha, França, Holanda, Bélgica e Reino Unido. Se retiramos as dormidas dos portugueses, veremos que os Espanhóis representam cerca de 40% das dormidas, o que reflecte a grande importância deste mercado para o Turismo do Concelho de Espinho.

Tabela 3.10 – Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros no Concelho de Espinho, segundo o país de residência habitual, 2006

Unidade:

N.º

Ano 2006	Total Geral	Total UE25	União Europeia (15)								E.U.A.
			Total	dos quais							
				Portugal	Alemanha	Espanha	França	Itália	Países Baixos	Reino Unido	
Espinho	104 944	84 045	82 883	36 328	4 357	27 302	3 856	1 331	3 244	3 159	996

Fonte: INE, 2006, Anuário Estatístico da Região Norte

Tabela 3.11 – Hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros no Concelho de Espinho, segundo o país de residência habitual, 2006

Ano 2006	Total Geral	Total UE25	União Europeia (15)								E.U.A.
			Total	dos quais							
				Portugal	Alemanha	Espanha	França	Itália	Países Baixos	Reino Unido	
Espinho	31 688	29 282	29 010	14 624	1 112	8 743	1 465	470	861	789	293

Fonte: INE, 2006, Anuário Estatístico da Região Norte

Ao mesmo tempo, e para tentarmos buscar alguma tendência em termos de procura, apresentamos a tabela demonstrativa da evolução das dormidas e da estada média nos estabelecimentos hoteleiros do Concelho de Espinho para o período de 2001 a 2004.

Tabela 3.12 – Dormidas e estadia média nos estabelecimentos hoteleiros no Concelho de Espinho, evolução no período de 2001 a 2004

NUTS II / CONCELHOS	DORMIDAS					ESTADA MÉDIA (dias)				
	2001	2002	2003	2004	var. % 04/01	2001	2002	2003	2004	var. % 04/01
Espinho	97.247	91.958	93.789	101.296	4,2%	3,2	3,0	3,1	3,1	0,0

Adaptado de: Direcção Geral de Turismo, Fevereiro 2006,
Evolução das Zonas Balneares com Bandeira Azul 2000/05

Em termos de Estada média, nada a referir, pois manteve-se no período em análise inalterada e sendo que em 2006, também estamos mais ou menos ao mesmo nível.

Em termos de Dormidas, deveremos referir que após um ano de quebra assinalável em 2002 nas dormidas, o Concelho de Espinho tem verificado um aumento sustentado deste indicador, sendo que 2004 com a realização do Euro em Portugal, o Concelho de Espinho conseguiu dar um salto importante em termos de dormidas (aumentou cerca de 8% as suas dormidas em 2004). Depois deste ano excepcional para todo o País, poderia ser normal que as dormidas voltassem ao nível anterior, contudo o Concelho de Espinho ao que parece conseguiu aguentar-se e retomar o crescimento sustentado, como aliás tivemos já oportunidade de verificar pelos dados apresentados para o ano de 2006.

Esperemos que o Concelho de Espinho consiga manter este crescimento sustentado, é certo que é na base de 1/2 % ao ano, mas significa que o Concelho de Espinho consegue manter o seu potencial turístico ao longo dos anos e apesar de ser um Concelho apelidado por muitos de “envelhecido”, consegue mesmo assim crescer em termos turísticos.

3.3.3. Estudo do Perfil do Turista que visita o Concelho de Espinho

Recorrendo a um estudo publicado na página de internet da região de Turismo do Alto Minho, www.rtam.pt/ com referência a 2006, podemos aqui fazer uma contextualização do perfil do turista que visita Espinho, tendo ainda em conta o

conhecimento pessoal que temos da realidade turística do Concelho de Espinho e da sua procura, e por outro lado, o perfil do turista já traçado anteriormente para a cidade do Porto. O estudo que apresentamos, ainda que se refira à cidade do Porto apresenta, até pela proximidade com o Concelho de Espinho, várias semelhanças com o caso do Concelho de Espinho.

O Concelho de Espinho, é visitado já por longa tradição pelos "Galegos", povo oriundo da província da Galiza – Espanha que, aproveitam as pontes e fins-de-semana (City e Short Breaks), assim como as mini-férias ou férias, para virem a Portugal e, logicamente, ao Norte de Portugal e, concretamente, a Espinho.

Este turista, tem vindo a assumir ao longo dos tempos outras variantes, pois surgem novas gerações de turistas galegos (20/35 anos) – respectivamente quer sejam “singles” (jovens independentes com rendimentos próprios) ou os designados “Dinks” (casais sem filhos em que ambos têm rendimentos) que, são verdadeiros entusiastas das férias activas e/ou dos destinos de praia, com animação e equipamentos desportivos e de lazer, mesmo na época baixa. Utilizam preferencialmente o seu automóvel particular para se deslocarem, à semelhança do que tínhamos verificado para a cidade do Porto, já que gostam de explorar a região (usualmente designados de exploradores alocêntricos).

Escolhem o Concelho de Espinho para pernoitar e normalmente, não pretendem permanecer no mesmo local, durante todo o período de férias ou mini-férias. Neste caso concreto, utilizam a proximidade de cidades como, Santa Maria da Feira e Porto para irem à procura de diversão (ex: Cruzeiros no Douro, Visita panorâmica ao Porto em autocarro, visita às caves de vinho do Porto, visita ao Visionarium/Europarque, etc).

Quanto ao alojamento estes turistas preferem os hotéis de 3 e 4 estrelas, aliás como tínhamos já concluído para o caso do Porto.

Além desta nova geração temos as típicas famílias, divididas em famílias jovens com filhos, famílias estabelecidas com filhos e os designados “Empty Nesters” (famílias em que os filhos já saíram de casa) – idade compreendida entre os 35 e 54 anos.

No que diz respeito aos “Empty Nesters”, trata-se de um novo segmento de mercado que é extremamente importante, pois buscam fundamentalmente lazer e cultura e dispõem normalmente de orçamentos maiores para as suas férias. Por último temos, os jovens / seniores YAS – Young Active Séniores (55 – 64 anos) – escolhem, criteriosamente, os Hotéis e os Spas, gostam de fazer compras, sobretudo, em feiras e apreciam os segmentos “Meeting Incentive Conferences and Exhibitions” (MICE) e Golfe.

Todos estes segmentos, devem ser analisados cuidadosamente no Concelho de Espinho, pois se conhecemos quem nos visita, teremos que adequar a oferta a tudo aquilo que a nossa procura espera encontrar e deseja, pois caso contrário, poderemos correr o risco de estarmos a ter um desempenho muito inferior aquilo que seria suposto, em termos de efeito multiplicador.

Já analisamos a oferta de estabelecimentos hoteleiros no Concelho de Espinho, contudo o sector turístico é representado e caracterizado, por muito mais que isso.

Em seguida apresentamos uma matriz simplificada dos recursos turísticos do Concelho de Espinho que, irá ser complementada por a elaboração de um Cd-ROM com a Inventariação dos Recursos Turísticos do Concelho de Espinho que, amavelmente me foi cedida pelo Instituto de Turismo de Portugal, Camara Municipal de Espinho, e completada por mim.

3.3.4. Apresentação de bases metodológicas para estudo da Procura e Oferta Turística no Concelho de Espinho

Dado que nos deparamos com algumas dificuldades para obter análises estatísticas do Turismo no Concelho de Espinho, e sobretudo porque não existem estudos neste sector realizados pela Câmara Municipal, achamos pertinente contribuir para que tal se possa vir a fazer no futuro, com uma proposta metodológica para realizar um estudo coerente e válido da procura e da oferta no sector do Turismo.

3.3.4.1. Estudo da Procura Turística no Concelho de Espinho

É certo que apresentamos aqui alguns números e algum conhecimento adicional, mas muito terá que ser feito para que possamos de facto dizer que conhecemos verdadeiramente a procura do Concelho de Espinho.

Recorrendo a uma proposta de base metodológica apresentada pelo Gabinete de Estudos & Estatísticas da Associação de Hotéis de Portugal, apresentamos uma proposta para se estudar a procura do Concelho de Espinho, conforme segue:

1. Procura Actual
 - a. Mercados
 - b. Segmentos
 - c. Canais de Distribuição
 - d. Perfil do Turista
2. Procura Potencial
 - a. Análise de Enquadramento
 - i. Regional, Nacional
3. Quadro de Contexto e Tendências
4. Quadro Motivacional dos Fluxos Turísticos
5. Organização de Produtos
6. Distribuição e Comunicação
7. Mix Oferta / Procura
 - a. Análise SWOT (*Estudo das Oportunidades, Ameaças, Forças e Fraquezas do destino*)
8. Mercados/Segmentos/Produtos
 - a. Quadro de Mais-Valias
 - i. Por Mercado
 - ii. Por Segmento
 - b. Modelo Destino/Imagem

Adaptado de: Gabinete de Estudos e Estatísticas, 2007, Associação de Hotéis de Portugal, Hotel Monitor

3.3.4.2. Estudo da Oferta Turística no Concelho de Espinho

No que diz respeito à Oferta, e recorrendo à mesma fonte, apresentamos em seguida uma proposta de base metodológica do estudo da oferta turística que defendemos deveria ser feita para o Concelho de Espinho, á imagem e semelhança do estudo aprofundado da procura, conforme anteriormente apresentado.

1. Recursos Turísticos (Anexo 3.1, CD-ROM)
 - a. Patrimoniais
 - b. Alojamento
 - c. Equipamentos
 - d. Eventos
2. Quadro de Investimentos
 - a. Públicos
 - b. Privados
3. Estudo de Posicionamento (*BenchMark*)
4. Modelo de Boas Práticas
5. Estudo de *Brandawareness* actual.
6. Massa Crítica da Oferta Turística do Destino: Qualidade e Organização
7. Alojamento (tipologia, dimensão) (Anexo 3.1, CD-ROM)
8. Equipamentos (tipologia) (Anexo 3.1, CD-ROM)
9. Eventos (tipologia, calendário) (Anexo 3.1, CD-ROM)
10. Produtos “ *Umbrella* “

Adaptado de: Gabinete de Estudos e Estatísticas, 2007, Associação de Hotéis de Portugal, Hotel Monitor

3.4. Considerações Finais

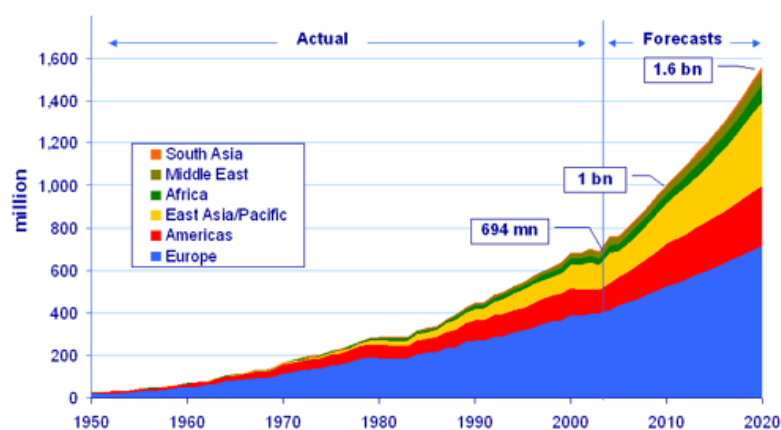
Chegados a este ponto, pretendemos apenas, estabelecer aqui algumas tendências referentes ao tema aqui estudado, bem como, efectuar algumas propostas do que se poderá fazer para reforçar a procura turística para o Concelho de Espinho.

Segundo a WTO, apesar da evolução do Turismo internacional nos últimos anos ter sido irregular, mantém contudo a tendência positiva para o futuro. É precisamente neste cenário que a mesma organização lança as projecções para o Sector Turístico Internacional com o horizonte 2020.

Prevê-se que em 2020 as chegadas internacionais de turistas atinjam os 1,6 biliões, com a Europa a manter a sua preponderância e a Ásia e Pacífico a exceder todas as expectativas e a conseguir assumir-se como o segundo continente com maior fluxo turístico. Mais deve-se acrescentar que, se prevê que no horizonte 2020, será a China a ser o principal destino turístico a nível mundial, retirando esse posto aos Estados Unidos da América. A China conhecerá nos próximos anos um progresso turístico notável, sendo que muitos acreditam que até antes do horizonte 2020, este será já o principal destino turístico mundial (adaptado **de:** www.unwto.org/facts/pub.html)

Apresentamos na Figura 3.18, o cenário do sector turístico internacional com base no horizonte 2020.

Figura 3.18 – O sector Turístico Internacional no horizonte 2020



Fonte: www.unwto.org/facts/pub.html

No que se refere às perspectivas no imediato, e para 2008, a WTO mantém a confiança alta, apesar dessa percepção se poder degradar. O facto é que em todo o mundo, as economias acusaram um pouco a sua volatilidade, e em alguns mercados a confiança degradou-se na base da incerteza causada pela crise das

hipotecas de alto risco e das perspectivas económicas, em particular dos Estados Unidos, junto com os desequilíbrios mundiais e a subida generalizada dos preços do petróleo.

O Turismo internacional pode ser afectado por este contexto mundial, mas se nos tivermos em conta tudo quanto foi dito ao longo deste capítulo, e baseados na experiência do passado e na clara resistência do sector perante situações adversas, acreditamos que o sector turístico vá continuar a crescer sustentadamente em 2008.

Portugal não haverá de ser excepção, e com os Pit's previstos para todo o território Nacional, o Turismo será cada vez mais um sector preponderante da nossa economia.

No âmbito Nacional e como vimos, através do PENT, a região do Porto e Norte de Portugal começa a ganhar maior relevância em termos turísticos e apresenta já indicadores que o demonstram claramente.

O sector turístico no Concelho de Espinho está pouco estudado e isso reflecte-se muitas vezes na falta de medidas concretas orientadas para o perfil dos turistas que visitam este espaço geográfico.

Espinho tem de combater, qualificando a oferta. Tem as suas magníficas praias, o casino, mas tem também de ter uma oferta turística cultural diversificada, como são exemplo os existentes Festival Internacional de Cinema (Cinanima), o Festival de Música de Verão. Ao mesmo tempo Espinho deve capitalizar a sua proximidade em relação ao Europarque, centro empresarial e congressos e da exponsor, centro de feiras e exposições, e ao mesmo tempo as próprias infra-estruturas que tem ao dispor no CE, como sejam, a Nave Polivalente, o Centro multimeios e outras, para organização de congressos, realizações de eventos, colóquios e debates, etc.

Ao mesmo tempo, não poderíamos deixar de comentar a situação da gastronomia local. Espinho tem, como se sabe uma grande tradição ligada à pesca, fazendo parte da sua cultura, contudo no Concelho de Espinho a restauração não está ligada ao Turismo, mas sim aparece como algo individualizado que tenta se fazer valer por si próprio.

Em termos de recursos turísticos, podemos dizer que o Concelho de Espinho está bem servido, contudo falta uma questão essencial relacionada com a animação nocturna, como sejam, bares e discotecas, porque é necessário fornecer opções de entretenimento a quem visita Espinho e sobretudo à população residente.

Verificamos que Espinho em termos de oferta se tem mantido sensivelmente ao mesmo nível durante anos, com variações pouco sensíveis da capacidade de alojamento dos seus estabelecimentos hoteleiros.

O Concelho de Espinho tem contudo mantido um nível de procura bastante significativo, mesmo ao nível do que se verifica para o caso Nacional, o que faz pressupor que o Concelho de Espinho apesar de não conseguir grandes desenvolvimentos, consegue acima de tudo manter o seu potencial turístico.

No estudo do perfil do turista, meramente teórico, concluímos que o turista de Espinho é na sua maior parte oriundo de Espanha – “Galego” e portanto temos que saber ir de encontro às suas expectativas e saber estimular cada vez mais este mercado.

Como tal, deixamos também aqui algumas sugestões daquilo que julgamos importante ser tido em conta:

- Presença sistemática e organizada do Concelho de Espinho nas principais feiras e eventos da Galiza;
- Necessidade do Concelho de Espinho ter uma boa informação (portal oficial na internet em mais do que um idioma), brochuras e folhetos especializados (não só ao nível de Turismo com roteiros e circuitos, alojamento, restauração, animação, touring, pubs e discotecas), como de compras em geral;
- Necessidade de se manter aberto o comércio aos Sábados e Domingos no Concelho de Espinho, e durante a semana de acordo com os hábitos galegos, pois como vimos estes turistas vêm também para comprar formas de cultura locais, logo se não têm o comércio aberto aos fins-de-semana

poderá ser um grande obstáculo a aumentar o efeito multiplicador e indutor do Turismo no Concelho de Espinho;

- Necessidade de uma promoção genérica conjunta de vilas e cidades do Porto e Norte de Portugal, onde os galegos se possam dirigir para fazer Turismo e Compras, dadas as novas ligações transfronteiriças e as novas acessibilidades. Basicamente promover a mobilidade;
- Necessidade dos Centros turísticos irem de encontro às expectativas do cliente, pois tratando-se a maior das vezes de percursos pedonais, devem ter uma sinalização cuidada (mesmo ao pormenor) devendo levar o turista aos monumentos religiosos, ao comércio tradicional, às lojas de artesanato, aos restaurantes típicos, aos museus, à animação de rua, às compras, com indicações úteis, inclusive, em línguas estrangeiras.

Postas estas indicações que nos parecem fundamentais até pelas entrevistas realizadas aos agentes económicos do Concelho de Espinho, a que faremos referência no capítulo 5 desta dissertação, não nos deVerão restar quaisquer tipos de dúvidas em afirmar que estamos perante um sector que é na opinião generalizada forte, talhado para um crescimento sustentado assinalável, e que no caso do Concelho de Espinho, e dada a reorganização urbanística que está prevista para a cidade de Espinho com as obras de abaixamento da Linha Férrea, deve assumir contornos de renovação do seu potencial com o surgimento eventual de mais investimento hoteleiro e turístico que dote o Concelho de Espinho de condições ainda mais excepcionais para o Turismo.

As possibilidades para este sector no Concelho de Espinho são imensas, contudo cabe ao poder político saber gerir essas possibilidades da melhor forma, de maneira a produzir o melhor resultado final para os interesses do Concelho de Espinho.

É essa combinação que, vamos estudar em seguida, tentando conhecer qual deverá ser a melhor combinação, para o sector do Turismo no Concelho de Espinho.

Capítulo 4 - Os fundamentos gerais de uma Política de Turismo

4.1. introdução

Analizado que foi no capítulo 3, o sector turístico no Concelho de Espinho, aliás um dos temas chave neste trabalho, nas suas mais diversas vertentes, avançamos agora para o estudo de outra temática extremamente importante, no âmbito das problemáticas formuladas para esta dissertação, o estudo dos fundamentos gerais de uma qualquer política de Turismo, para que possamos aferir da sua existência, numa fase posterior, no Concelho de Espinho.

Apresentados que foram os “players” do Sector Turístico para o Concelho de Espinho, o estudo da essência de uma política de Turismo, irá permitir conhecer as condições que se terão de verificar, para termos de facto uma Política de Turismo, num qualquer espaço geográfico, como forma potenciadora dos efeitos indutores e multiplicadores do sector turístico e basicamente, como rumo e orientação estratégica para o sector público e privado neste sector.

Neste contexto, devemos obrigatoriamente distinguir três realidades diversas, a Internacional, Nacional e a base local, onde tudo começa, pois cada uma das realidades encerra uma forma distinta de orientação estratégica que, deve ser trabalhada e orientada para uma lógica micro, mas claramente vocacionada para uma lógica macro.

O objectivo fundamental deste capítulo é conhecer os objectivos, função e essência genérica da política de Turismo, abordando para isso outros temas adjacentes que, lhe estão associados, como é o caso do planeamento.

Não pretendemos contudo, explorar em demasia esta temática, pois em si, este é um tema muito vasto que, a nível internacional abarca muitos paradigmas que, não queremos, nem pretendemos ver aqui analisados ao pormenor, pois seria neste caso uma investigação extremamente morosa e que daria certamente origem a uma outra dissertação de mestrado.

Para a execução deste capítulo, recorreremos à análise de bibliografia diversa, como à recolha de diversos exemplos de políticas adoptadas, por Países e até regiões, para aferirmos então, do verdadeiro âmbito de uma política de Turismo.

Partimos assim, em busca de conhecimento que, nos permitirá mais à frente, dar resposta a uma das problemáticas centrais desta dissertação – A política do Turismo no Concelho de Espinho.

4.2. Política de Turismo – abordagem ao nível Internacional

Se recuarmos no tempo, verificamos que a política de Turismo num primeiro momento esteve orientada para o aumento do número de visitantes, o que possibilitou a expansão do Turismo de massas, por volta dos anos 50. Nesta fase, o Turismo desenvolveu-se sobretudo no aspecto quantitativo.

Em 1978, de acordo com a Organización Mundial del Turismo (1998), criou-se a necessidade de estabelecer novas regras para a Política Turística, juntando aos objectivos tradicionais, já referidos, a maximização do bem-estar dos agentes turísticos, através de objectivos instrumentais, como sejam, meio-ambientais, económicos e sociais, para que se conseguisse um desenvolvimento equilibrado do sector turístico, evitando a destruição dos atractivos naturais do destino, dos estilos de vida e culturas tradicionais.

Assim sendo, a política turística passou, desde finais dos anos 70, a integrar aspectos qualitativos, sobretudo no que respeita ao aumento da qualidade e da conservação dos recursos que sustentam a actividade.

Assim, e perante este cenário, o objectivo da política turística não pode ser, pensado exclusivamente pela vertente promocional (estratégia forte de comercialização, maximização do número de visitantes), nem sequer, por uma vertente meramente genérica (contribuir para o rendimento e bem-estar dos residentes), pois este último objectivo é objectivo final de toda a política económica.

O objectivo central do sector público deve centrar-se na criação e manutenção das condições adequadas para fomentar a competitividade das empresas e regiões turísticas. Todo este trabalho da administração pública, constitui parte dos requisitos necessários para que se possa oferecer uma experiência turística na globalidade de qualidade, e que sem ela é impossível de se pretender a total satisfação do consumidor, a sua fidelização e a competitividade dos estabelecimentos hoteleiros, regiões e países turísticos.

A crise do sector turístico, em finais dos anos 80 e princípio dos anos 90, obrigou a uma nova atitude por parte do sector público. A crescente concorrência de destinos alternativos, em outras áreas mais distantes com uns preços mais competitivos, em conjunto com a aparição de outros segmentos de mercado que, competiam directamente com os destinos tradicionais e a alteração das motivações dos turistas, constituíram as principais razões da alteração da concepção da política turística,

afastando-se das posturas mantidas até então – maximização do numero de visitantes – e introduzindo um conjunto de actuações tanto qualitativas, como quantitativas (OMT, 1998).

A este nível, pode-se levantar a questão, para que necessitamos de uma Política de Turismo?

Lickorish, defende que várias razões podem ser apontadas para para a necessidade de um País ou uma região, definir uma Política para o Turismo. Argumenta que, os recursos devem ser usados e direccionados, o mais eficientemente possível, como um sector de exportação, o que confere grande importância económica a este sector, para os Países. Ao mesmo tempo, e segundo o defendido pelo autor, o Turismo pode ter outras características também elas importantes, a referir:

- O Turismo é frequentemente uma substancial fonte de troca de ganhos através das trocas Internacionais;
- Como sector de exportação, este sector não tem quaisquer restrições de quotas ou comercialização, com as quais lidam outros sectores;
- Os turistas internacionais utilizam as infra-estruturas naturais de um País (ex: clima, história, cultura geográfica, etc). Estas atracções são pertenças do País e não foram desenvolvidas especificamente para o mesmo. Em termos económicos, podemos dizer que, o sector turístico utiliza a infra-estrutura natural com um baixo custo marginal;
- O Turismo é uma actividade em parte baseada em trabalho intensivo, com bom potencial para a criação de emprego, uma das questões fundamentais em qualquer País hoje em dia;
- Definido como “amalgama” de produtos e serviços procurados, o Turismo pode ser elemento catalisador de outros sectores adjacentes (ex: restaurantes, comércio local, etc). Em termos económicos, podemos dizer que, existem várias possibilidades de ligação entre a actividade turística e outros sectores da economia (ex: hotelaria, infra-estruturas em geral).

(Adaptado de: Lickorish, 1991: 62)

Por tudo isto, a necessidade de uma Política de Turismo que controle, incentive e regule este sector, é muito grande, pois este sector é fundamental pela importância económica, social e cultural que encerra.

4.2.1. Conceptualização da Política Turística

A política turística, deve ver-se como mais uma ligação da cadeia que conduz a um maior bem-estar dos cidadãos de um País, servindo de complemento à actuação dos agentes privados que, intervêm no mercado turístico com a finalidade de evitar comportamentos que desviem o funcionamento do objectivo principal preconizado.

Neste âmbito, o sector público surge como aquele que, regula a actividade turística, utilizando medidas de tipo coercivo, como por exemplo os impostos, ou mesmo a concessão de incentivos com a finalidade de favorecer determinadas iniciativas que o sector privado não pode enfrentar, por si só.

O trabalho das administrações públicas no momento de desenvolver qualquer política é muito complexo. Para o desenvolvimento da mesma, deve-se partir de uma análise pormenorizada da situação do sector que, permita determinar os pontos fortes e fracos da actividade turística, tanto pelo lado da oferta como da procura, situação que desenvolvemos no capítulo 3, mas sobre a qual, se deverá realizar um trabalho com pormenor. Por outro lado, o sector público é o único capaz de enfrentar os custos tendentes à recompilação, arquivo e análise da informação necessária, para uma correcta tomada de decisões que, de outra maneira seria inatingível para o sector privado, pela falta de recursos.

No caso da política turística, estas funções do sector público são de grande importância, já que, comparando com outras políticas sectoriais já atrás referenciadas, esta caracteriza-se por uma grande complexidade que vem determinada pela variedade de subsectores que, formam o denominado sector turístico (composto por: restauração, alojamento, agências de viagens, etc.), o que complica de sobremaneira a tomada de decisões geral, já que cada subsector tem problemas diferentes e específicos; e por outro lado a heterogeneidade do sector, gera problemas maiores para as administrações públicas dos Países, na sua função de coordenação do mercado.

4.2.2. Objectivos da Política de Turismo

A iniciativa pública tem uma grande influência no âmbito económico e social. Tanto o estabelecimento de impostos, como a concessão de benefícios a empresas ou ao consumo afectam as decisões económicas adoptadas pelos agentes implicados.

A orientação de um qualquer governo, e segundo o que adianta a OMT, deve estar orientada para conseguir o máximo de bem-estar para os seus cidadãos, facto que é muitas vezes esquecido sobretudo nos grandes destinos, pois o desenvolvimento é essencialmente vocacionado para o bem-estar do turista, esquecendo-se que a população residente, deverá ser a primeira a beneficiar do mesmo.

Este objectivo principal a que nos referimos, pode formular-se com base num maior desenvolvimento económico, pleno emprego, equilíbrio económico exterior, estabilidade do nível de preços para os cidadãos de um destino. Caso os efeitos positivos da actividade turística, se façam notar com alguma relevância, a população residente de um destino é fundamental no acolhimento dos turistas e visitantes, funcionando como um elemento fundamental da cultura de um determinado destino e como, efectivo “cartão-de-visita”.

Por seu lado, o Governo desenvolve a Política Económica para poder lograr atingir o objectivo atrás referido, contando para isso com Políticas Instrumentais – Política Monetária, Fiscal, Exterior, Laboral, etc. ou sectoriais – Política Industrial, Agrícola, Turística, etc.

No âmbito deste trabalho, não queremos obviamente tecer aqui grandes considerações relativamente a outras políticas que não a turística, pois é esta, a que dá resposta à problemática inicialmente formulada. Contudo, temos consciência de que o Turismo abarca outras actividades e está intimamente ligado e dependente de outras políticas que podem determinar a projecção deste sector num determinado destino.

4.2.3. O Sector Público e Privado na Política de Turismo

A presença do sector público, é como sabemos bastante ampla em todos os Países da nossa envolvente, e estende-se a quase qualquer âmbito da vida quotidiana, não sendo o Turismo uma excepção.

Apesar deste contexto, e como afirma a OMT, têm-se progressivamente dado lugar, à filosofia do liberalismo económico, em que o sector privado deve assumir o protagonismo da actividade no mercado, limitando-se a acção do sector público à

criação das condições necessárias para que o sector privado possa desenvolver a sua actividade (OMT, 1998). E é aqui que na nossa opinião, reside a grande questão, pois não podemos exigir ao sector público espírito pró-activo, mas sim regulador, incentivador das práticas turísticas e sobretudo do investimento, criando incentivos para que o sector privado se sinta encorajado a investir. Este é aliás, um ponto-chave que, que no capítulo 5 irá ser desenvolvido mais em pormenor.

Ao mesmo tempo, o sector público tem um papel fundamental, no equilíbrio das forças de mercado, pois existem estruturas empresariais monopolistas ou oligopolistas que, em todo o momento, pretendem controlar completamente o mercado, sendo função do sector público, assegurar que tal não aconteça e todas as estruturas empresariais usufruam de paridade no mercado concorrencial com os demais.

É precisamente neste âmbito que, surge a política de Turismo, pois a existência de fortes grupos de pressão com interesses económicos muito específicos, faz com que, o processo de produção assente numa dinâmica baseada na obtenção de um rápido benefício, a curto e médio prazo e não, como seria devido, numa estratégia que garanta a obtenção de benefícios sustentados a longo prazo.

E de facto, é nesta questão que reside, segundo a OMT, o grande desafio da Política Turística, assente na compatibilização do princípio da liberdade de mercado com a preservação das vantagens estruturais que assegurem a continuidade da actividade em condições adequadas. A situação descrita, e como será compreensível, obriga que se mantenha um maior controlo público da actividade de mercado, situação que pode entrar em conflito com as referidas tendências liberalizadoras da economia desenvolvida nos últimos anos (OMT, 1998).

Estes dois princípios atrás referidos (a liberdade de mercado e a exigência de que o sector publico, estabeleça os mecanismos necessários para preservar as condições que sustentam a actividade) estão previstos nas constituições de muitos Países, pelo que, representam uma preocupação generalizada, contudo diga-se que, muitas vezes, com aplicações incorrectas. Sabemos bem que, muitas vezes o problema não reside nas constituições dos Países, mas sim sobretudo na sua falta de capacidade, de aplicar e fazer cumprir integralmente essa mesma constituição.

Por outro lado, não podemos esquecer que o Turismo está intimamente ligado ao uso de recursos naturais escassos e de meios naturais frágeis, pelo que, se devem ter em

conta os problemas ambientais no desenvolvimento de uma qualquer actividade, e sobretudo no caso da actividade turística.

Desta forma, e segundo o apresentado, obvia-se a necessidade de realizar um esforço de educação e consciencialização de todos os agentes que, intervêm na experiência turística: desde empresários, funcionários, visitantes e residentes, num trabalho que deve ser realizado, por um organismo publico que, cuide dos interesses comuns.

Contudo, e apesar desta clara necessidade do sector publico intervir, existem alguns factores que condicionam esta mesma actuação. A referir:

- Existência de interesses próprios dentro das Administrações Publicas que podem distorcer uma tomada de decisões racional e consentânea com as reais necessidades;
- No sector turístico, quando se transferem as competências em matéria turística, para as administrações locais, supõe-se que estas tomem medidas importantes tendentes ao desenvolvimento futuro do destino turístico da localidade a que respeitam, regulando o uso do solo, classificando o solo urbanizável, aprovando ou rejeitando licenças, para a abertura de actividades ou realização de obras, etc. Conseguir ter a coragem política para assim proceder, sem ceder a pressões vindas da população ou das empresas locais é extremamente complicado.

Pelo apresentado, não será de espantar que, por vezes estas pressões a que nos referimos, se tornem em projectos megalómanos, de aproveitamento de terrenos que, nem sempre têm em conta os custos futuros implicados.

No sector turístico, e recorrendo mais uma vez à OMT, verificamos que o futuro da intervenção do estado deve tender, para a assumpção de um papel central na fixação de critérios de desenvolvimento e na coordenação da actuação, dos agentes privados que nele interagem.

Por último, também se deve considerar o esforço de coordenação e cooperação, desenvolvido a nível internacional. Exemplo disto mesmo é a OMT, organismo supra-nacional que, aconselha 2/3 dos governos mundiais, nas suas responsabilidades turísticas. Simultaneamente a União Europeia, começou igualmente a preocupar-se em, regular e fomentar a actividade turística dentro das suas fronteiras, por ter compreendido a sua importância para os estados membros.

Apresentada que foi a importância do trabalho do sector público no mercado turístico, deve-se agora considerar quais são os distintos níveis da administração que, estão relacionados com esta actividade, considerando as suas competências e os conflitos que podem advir da complexidade administrativa.

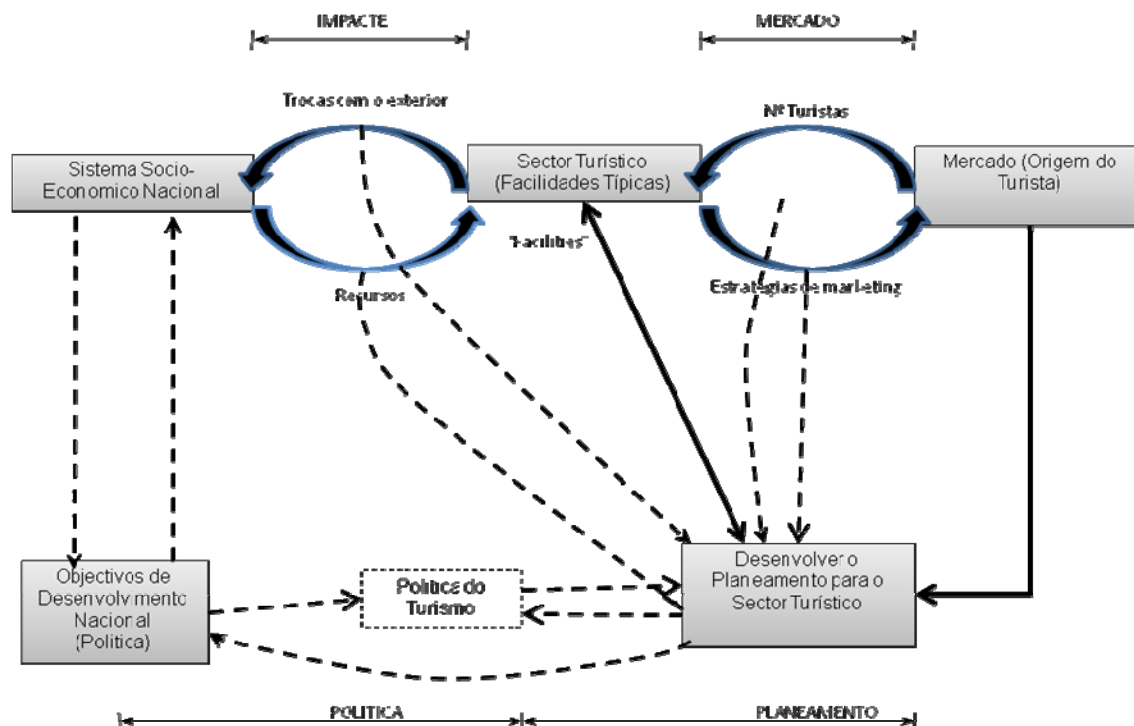
Regra geral, quanto maior é a importância do sector turístico para uma economia, maior é o grau de intervenção pública e mais numerosas as administrações públicas envolvidas. A actuação do sector público leva-se a efeito, na maioria dos países, através de uma estrutura vertical, com três níveis básicos de organização: nacional, regional e local.

4.2.4. Processo de tomada de decisão na Política do Turismo

Não tem sido escrita muita coisa sobre o processo de produzir decisões políticas no Turismo. Para a maior parte dos países, as decisões políticas referentes ao Turismo focaram-se em dois objectivos básicos: maximizar as chegadas de turistas e desenvolver o saldo da balança de pagamentos, através das receitas do Turismo internacional.

Este é aliás, o caso que se verifica já em Portugal, com o sector turístico a desempenhar um papel fundamental na economia do País, daí a aposta crescente, no aumento do número de turistas e visitantes que, passam por Portugal com o consequente reflexo positivo, em termos de balança comercial.

Se recorrermos a uma reunião realizada pelo Instituto de Gestão e ciências em Miami Beach na Florida em 3 Novembro 1976, verificamos que já na altura, foi apresentado um modelo sistémico para o sector turístico, representado abaixo na figura 4.1.

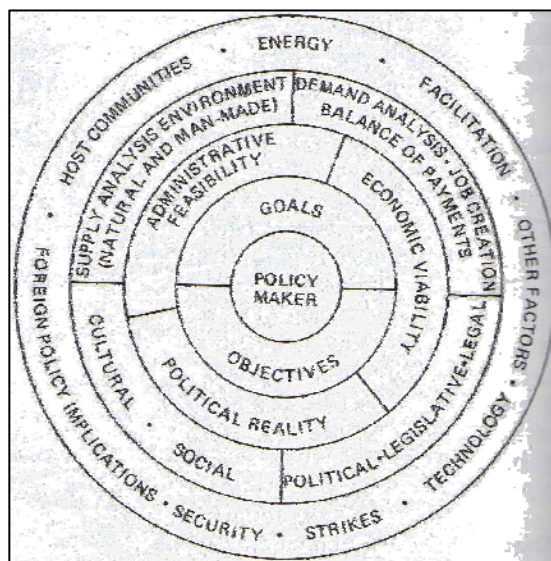
Figura 4.1 – Representação Conceptual do modelo sistémico do sector turístico

Fonte: Adaptado de Edgell et all. (1990:104)

O modelo apresentado na figura 4.1, do autor Edgell, retrata de forma bastante fiel o que, é o sector turístico nos nossos dias, com todas as suas realidades e desafios, num claro, bom exemplo de como desenvolver uma Política de Turismo, que integre todas as componentes do sector turístico de um determinado destino.

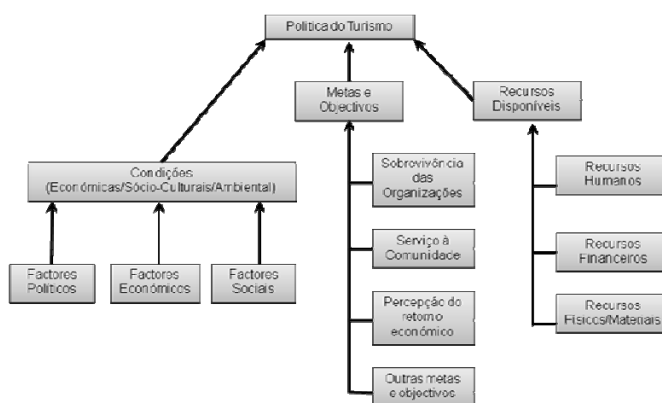
Por outro lado, se considerarmos o efeito do desenvolvimento de uma política para o Turismo, verificamos pela análise da figura 4.2 que os impactes de uma tal medida, se traduzem num âmbito muito abrangente, em que vários níveis de análise são estabelecidos (procura, oferta, contexto social, político e legal) e onde praticamente tudo é influenciado (comunidade residente, política externa, segurança, tecnologia, etc.) através das metas e objectivos estabelecidos.

A política do Turismo, segundo a abordagem decorrente do encontro atrás referenciado, expressa na figura 4.3, tem como ponto de partida um conjunto de metas e objectivos estabelecidos e que, se destinam a conseguir rentabilizar da melhor forma os recursos disponíveis, num determinado destino, assim como, a gerir os factores envolventes que, afectam a actividade do sector turístico.

Figura 4.2 – Impactes do desenvolvimento de uma Política no sector do Turismo

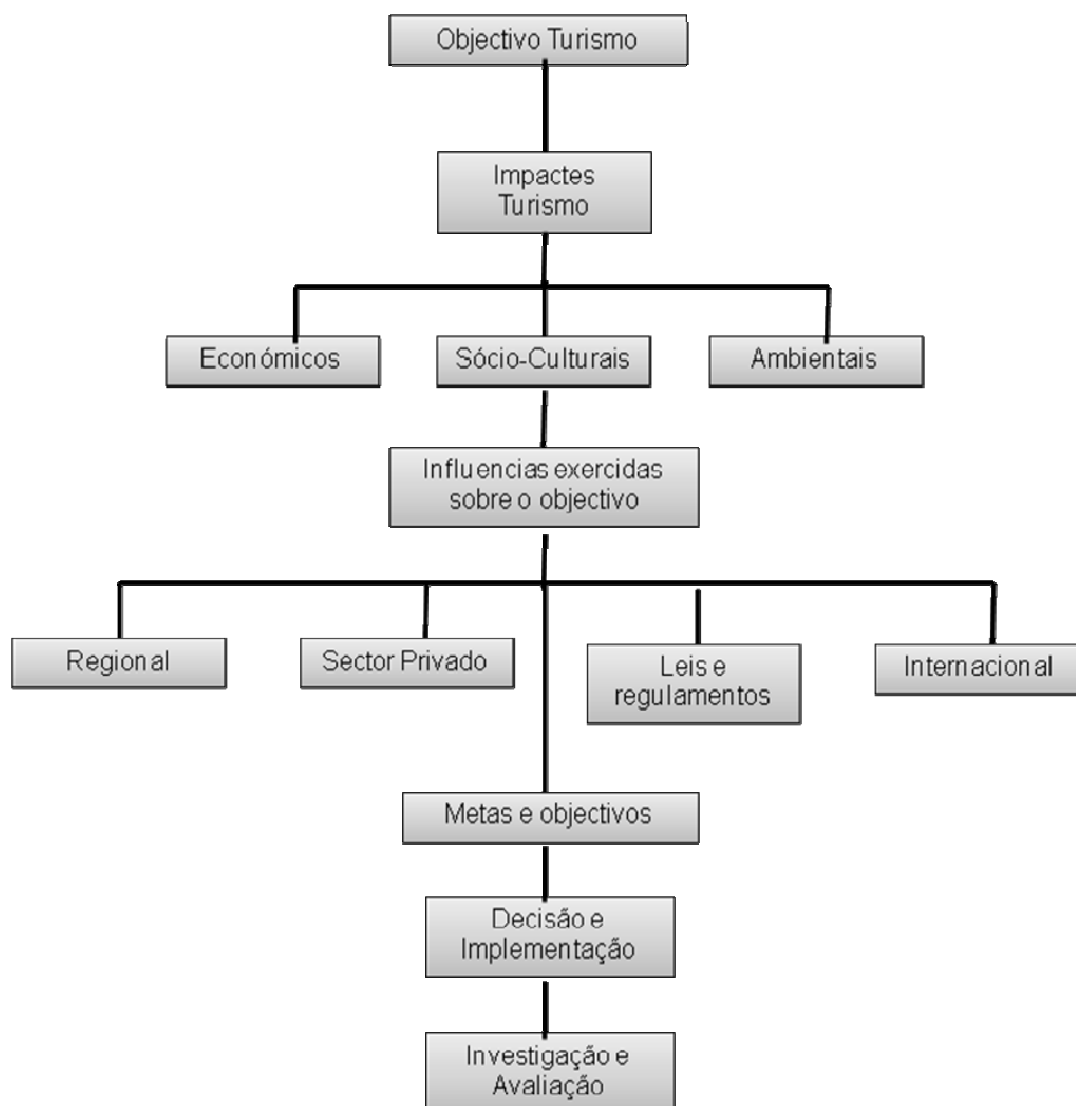
Fonte: Edgell et all (1990:104)

Basicamente, falamos de um ponto de encontro, para as necessidades económicas, sociais e políticas de uma população, tendo em conta a utilização sustentável dos recursos humanos, financeiros e físicos, de forma a ir de encontro às metas e objectivos formulados para o futuro turístico de um determinado espaço geográfico.

Figura 4.3 – O processo de desenvolvimento de uma Política do Turismo

Fonte: Adaptado de Edgell et all (1990:105)

Recorrendo ainda ao mesmo autor, podemos apresentar aqui, um diagrama geral do processo de formulação de uma Política de Turismo ao nível Internacional que, apesar desse âmbito, pode também ser pensado ao nível local.

Figura 4.4 – A formulação da política do Turismo Internacional – Diagrama Geral

Fonte: Adaptado de Edgell et all. (1990:106)

4.3 Política de Turismo – abordagem ao nível Nacional

A **nível Nacional**, o Turismo representa uma responsabilidade do governo que, deve formular uma política turística geral especificando o peso que se vai atribuir ao sector na economia nacional, quais são os objectivos perseguidos, que meios se vão aplicar para atingir esses objectivos, etc. Normalmente o governo delega a formulação detalhada da sua política, assim como a sua execução, a uma organização Nacional de Turismo.

As competências e âmbito de actuação, variam bastante de País para País, dependendo do grau de delegação efectuado pelo governo.

Já em 2000, Costa abordou este tema, sobretudo no que respeita, ao papel do sector privado na construção de uma política para o Turismo em Portugal. Nessa altura, o

sector do Turismo já era, uma realidade indiscutível, e aquilo que eram meras previsões na data, são hoje, uma realidade clara e evidente.

A expressão económica apresentada pelo sector turístico em termos nacionais, assim como, a sua forte capacidade para induzir desenvolvimento, ao nível de outros sectores de actividade, tem vindo a crescer muito rapidamente, assumindo já uma expressão de grande relevo no contexto nacional.

Neste sentido, o caminho passa por enquadrar, fundamentar e perspectivar pro-activamente o desenvolvimento e a política do Turismo em conhecimento técnico científico de base. Este é de facto o grande desafio com que se depara este sector.

Em palestra no CET/UnB, Costa, em Maio de 2006 (in www.unb.br/cet), analisou a situação do sector turístico em Portugal, sobretudo no que respeita, à sua Política de Turismo.

Segundo a análise efectuada por Costa, o mesmo reconhece erros na condução das políticas de Turismo em Portugal. Basta para isso, pensarmos que, o País tem cerca de 10 milhões de habitantes, recebe cerca de 30 milhões de estrangeiros anualmente, e além disso, o Turismo doméstico em Portugal tem conhecido um crescimento significativo, por via do desenvolvimento das condições de vida, nos últimos anos.

Apesar disso, enquanto Portugal figura como 19º entre os melhores destinos mundiais em termos de chegadas, Portugal aparece apenas como 23º no ranking de receitas (WTO, 2007, in www.wto.org). A não proporcionalidade, das receitas com as chegadas de turistas, apenas evidencia, a incapacidade dos portugueses de negociar com os visitantes.

Os turistas e excursionistas, devem ser tratados como clientes, devendo-se capitalizar a sua presença e aumentar desta forma o efeito multiplicador do Turismo. Esta é já, uma velha problemática do sector turístico em Portugal, apesar das recentes iniciativas, com o PENT a definir uma linha política, para o Turismo em Portugal, continuamos a não conseguir suprir esta lacuna efectiva.

Outro aspecto ressaltado por Costa, é o grande peso de empresas de pequeno porte no sector turístico. Por exemplo em Portugal, as empresas com até nove empregados constituem 81% das empresas do sector hoteleiro, 96% dos restaurantes, 25% das agências de viagem. Afirma Costa que “*Sob o ponto de vista económico, os sectores*

turísticos locais, devem ser entendidos como redes. Uma empresa não é independente, mas parte de uma rede”.

É precisamente nesta base que, deve surgir uma base política e de planeamento local, em que todos os actores trabalhem para um nível macro, caracterizado pela transversalidade no relacionamento dos diversos “players” do sector turístico.

4.4. Política de Turismo – abordagem ao nível Local

Analizada que foi a situação da política de Turismo Nacional e concretamente de Portugal, é pertinente agora definirmos o âmbito desta mesma política, mas agora numa vertente regional e local.

A actuação do sector público a nível regional, está a ganhar cada vez mais importância, dado que a região é em muitas ocasiões considerada um destino turístico em si mesma, independente do País em que se situe. Esta situação é tão mais verdade, quanto maior for o número de recursos turísticos e potencial turístico de uma região.

Em Portugal, temos o caso do Algarve, Lisboa e Vale do Tejo, e Madeira, como as regiões que pela “massa crítica turística” que apresentam, possuem por si só um potencial turístico enormíssimo, com reconhecimento internacional.

Por outro lado, a deslocação progressiva dos visitantes até núcleos afastados dos centros turísticos e tradicionais, e a necessidade de actuar eficazmente num sector cada vez mais complexo, dificultam a gestão centralizada da actividade turística.

Se por exemplo, verificarmos o que acontece com Espanha, a nível regional, as comunidades autónomas desfrutam de competências plenas para a gestão, planificação e promoção do sector turístico. O governo central, ocupa-se de coordenar a promoção externa, de gerir as facilidades existentes, como os castelos, e das políticas e planificação geral que afectam o Turismo como actividade económica.

A vantagem desta organização, é que as competências das autoridades públicas a nível regional, permitem cancelar políticas negativas para o desenvolvimento da região, adoptadas somente com base em considerações económicas, gerais do país.

Em termos gerais, a crescente complexidade do fenómeno turístico, sugere uma maior descentralização, na tomada de decisões que afectam o sector. Além de tudo, a administração autónoma usufrui de outra vantagem, respeitante à maior proximidade aos problemas dos agentes envolvidos no mercado, e o melhor conhecimento da

situação da sua região. Sabemos o quanto, o conhecimento da realidade é hoje uma questão essencial, podendo ser factor chave numa política eficaz.

Em Portugal, foram criadas as Regiões de Turismo em 1956, <http://lexturistica.blogspot.com>, para desempenhar as funções das comunidades autónomas em Espanha, contudo e apesar dos sucessivos reajustes, acabaram sempre por serem ineficazes na sua grande maioria, pois as 19 Regiões de Turismo anteriormente existentes não tiveram condições para realizarem o trabalho, para o qual haviam sido criadas. Falhou sobretudo o apoio do Governo, orientação estratégica, meios financeiros, objectivos claros e acima de tudo um rumo político para o Turismo.

Mais recentemente, Portugal passou a ter, as designadas regiões turísticas de Norte, Centro, Lisboa, Alentejo e Algarve - além de Madeira e Açores. Para além destas, foram ainda definidos, os pólos turísticos Douro, Serra da Estrela, Leiria-Fátima, Oeste, Litoral Alentejano e Alqueva (<http://ww1.rtp.pt>, Notícias Rtp, dia 10 de Abril 2008).

As regiões escolhidas, foram coincidentes com as regiões administrativas, e os pólos autónomos com as áreas definidas como prioritárias no já referenciado PENT que, se prevê venham a ter, uma determinada dimensão dentro de algum tempo.

A intervenção das **autoridades locais**, no âmbito turístico por seu lado, deve centrar-se na promoção e no desenvolvimento físico da actividade na base municipal, na previsão das infra-estruturas básicas que, acompanham a urbanização, na manutenção dos elementos culturais locais. Não se deve esquecer que, é a administração local que realiza o planeamento urbano que, concede licenças, tanto para a construção como para a abertura de novas actividades, etc.

Neste cenário, a actuação local é fundamental, pois se não tivermos uma linha estratégica definida a nível local, não existirá Política de Turismo a nível Nacional que nos valha, pois se a nível local tivermos desordenamento do território, a nível Nacional irá resultar exactamente no mesmo.

A crescente afluência de turistas tem obrigado, nos últimos anos, a uma planificação do desenvolvimento turístico, pelo que, este nível de actuação pública, parece ser actualmente, a mais adequada para responder às necessidades específicas dos residentes da zona e dos visitantes, já que permite um melhor conhecimento das necessidades e problemas do destino turístico.

Contudo, podem existir áreas de conflito e sobreposição de medidas, nestas diferentes dimensões apresentadas, pelo que é conveniente realizar um esforço de coordenação e

aproximação, das diferentes posturas que podem manter as administrações públicas, tanto horizontalmente, entre os diferentes departamentos envolvidos, como verticalmente, entre os diferentes níveis de administração.

4.5. Paradigmas emergentes da Política do Turismo

O planeamento turístico, a todos os níveis, é essencial para conseguir desenvolver e gerir com sucesso o Turismo.

Segundo o defendido por Inskeep (1993), o planeamento a longo prazo traz benefícios para um destino turístico, sem grandes consequências negativas e mantendo a satisfação dos mercados turísticos. Ao invés, os destinos que permitiram o desenvolvimento do Turismo sem planeamento, estão agora a sofrer de problemas sociais e ambientais. Ao mesmo tempo, as áreas que, conhecem um desenvolvimento descontrolado do Turismo, não têm condições para, competir com as áreas que se desenvolvem planeadamente, pois os turistas de hoje em dia, valorizam muito estes aspectos, reflectindo-se em termos de promoção e de efeito económico nestas áreas.

O Turismo é um sector complicado que, sobrepõe diversos sectores económicos e da sociedade em geral que, quando não planeado pode gerar impactes indesejados e inesperados, no destino turístico a que dizem respeito.

Este é um sector ainda novo para alguns Países, pelo que, a falta de conhecimento acerca do seu funcionamento, torna o planeamento essencial para que, o Turismo se desenvolva correctamente, desde o seu início. Mesmo nas áreas em que o Turismo se encontra desenvolvido, o planeamento é necessário para revitalizar este sector e manter a sua sustentabilidade. A sustentabilidade de uma qualquer actividade é hoje essencial, pois se não tivermos em conta o futuro, podemos fazer perigar a própria existência dessa mesma actividade.

4.5.1. A relação entre planeamento e Turismo

Não poderíamos deixar de abordar a política do Turismo sem falarmos em planeamento, pois acaba por ser, um elemento fundamental no desenvolvimento de uma política de Turismo.

O Turismo tem revelado ao longo dos tempos, as fragilidades de um sector e de uma indústria cujas matérias-primas, para além de finitas, são, em alguns casos, não renováveis. A incapacidade humana, para repor os recursos turísticos naturais e

patrimoniais, inviabiliza em certas situações a reconstrução da identidade cultural, de um povo que, subitamente se viu invadido por quem procura a diferença e a autenticidade.

A ideia adiantada por alguns, de que o Turismo pode conduzir à sua própria destruição, encontra base de sustentação, quando assistimos à deformação da oferta turística, de destinos que tiveram aí a base do seu sucesso. E podemos apresentar aqui um exemplo, bem evidente disso mesmo. Os destinos de mergulho que, nas profundezas das suas águas, possuíam uma grande riqueza em termos de corais e outras formas marinhas e que receberam a visita de muitos turistas, viram em alguns casos, essa riqueza ser destruída e como tal a base do seu desenvolvimento turístico desapareceu.

É certo que, podemos sempre tentar educar o turista, para que ele tenha consciência de um código de conduta que, deve respeitar não apenas por si próprio, mas fundamentalmente pelas gerações futuras e por todos os turistas que, venham a pretender visitar esse mesmo destino.

Neste cenário, torna-se essencial diminuir as pressões ambientais, sociais e económicas, através de acções de planeamento e de ordenamento do território por parte das autoridades públicas.

Segundo *Hall*, a política pública é um aspecto importante nas questões turísticas, pois segundo estes, desempenha um papel fundamental na regulação da indústria turística e nas actividades com ela relacionadas. Mais afirma que, o desenvolvimento de uma política, está intimamente relacionada com as características económicas e sociais da sociedade.

Ao mesmo tempo, a compreensão do processo da política pública, em relação ao Turismo, depende de todo um trabalho de explicação dos processos políticos, e de identificação da base de relações existentes entre pessoas, actividades e políticas.

Já em 1993 *Inskeep* conduziu um estudo detalhado do planeamento turístico nacional e regional para a WTO, apercebendo-se que existia uma preocupação generalizada para desenvolver uma política de Turismo coerente, com um balanço dos objectivos ambientais, socioculturais e económico.

Em seguida apresentamos na tabela 4.1, uma matriz das principais conclusões decorrentes do estudo realizado por *Inskeep* neste período.

Da matriz apresentada, fica a ideia que é preciso desenvolver o Turismo, mas de forma correcta, ou seja, conscientes de que o seu desenvolvimento terá impactes inevitáveis

no espaço geográfico a que respeita, e que por isso obriga ao controle do crescimento do Turismo, numa perspectiva sustentável que tenha em conta não só o presente, mas acima de tudo o futuro.

A tal facto, não será alheia a referência usual a “Turismo Verde”, “Turismo sustentável” e “EcoTurismo”, demonstrando a crescente consciencialização para os impactes negativos do Turismo e a necessidade de controlar, o tipo e a escala de actividade turística nos destinos, o que não se afigura tarefa fácil.

As razões que, justificam a necessidade de controlo do crescimento do Turismo passam por permitir, aos residentes a possibilidade de se ajustarem a uma nova realidade, pelo equilíbrio com o desenvolvimento de infra-estruturas e pela integração, com o desenvolvimento de outros sectores económicos.

4.5.1.1. Etapas Fundamentais no Planeamento Turístico

Dada a importância retratada de termos um bom processo de planeamento da actividade turística, e porque queremos também, aqui deixar uma proposta de procedimento para a Câmara Municipal de Espinho, apresentaremos resumidamente, em seguida, as etapas fundamentais para um planeamento efectivo da actividade turística.

No processo de planeamento do desenvolvimento turístico, e segundo Lickorish et al. (1997), podemos falar em 6 etapas fundamentais:

1. Estabelecimento de objectivos;
2. Incorporação destes objectivos na definição da política;
3. A formulação das medidas políticas para estabelecer os parâmetros para o planeamento;
4. Um programa de implementação para atingir o que foi estabelecido no plano;
5. Um mecanismo de monitorização para verificar, se o plano de desenvolvimento turístico, vai de encontro aos seus objectivos;
6. Processo de revisão para rever e refinar objectivos e políticas como necessário.

Tabela 4.1 – Boa Prática no Planeamento Nacional e Regional

-
- Destinos cuidadosamente planeados e geridos, são mais susceptíveis de ter sucesso que áreas não planeadas
 - O planeamento fornece linhas orientadoras para os Países menos desenvolvidos, darem início à sua actividade turística no caminho certo
 - O planeamento direcciona o Turismo nas áreas em que, já está estabelecido para ser mais benéfico
 - O planeamento efectivo, tem de ser baseado em algumas abordagens metodológicas, com a aplicação de um processo de planeamento sequencial
 - O desenvolvimento da qualidade do Turismo, implica a preservação do ambiente, manutenção da identidade cultural e a obtenção de elevados níveis de satisfação turística enquanto fonte geradora de benefícios económicos
 - Os destinos, devem escolher a combinação das formas de Turismo, mais apropriadas para o seu espaço geográfico
 - Os princípios de planeamento, incluem o estabelecimento de “portas de entrada” para os turistas, a formação de “clusters” de atracções e fundamentalmente, uma plataforma de desenvolvimento
 - O Desenvolvimento do produto e de marketing, tem de ser cuidadosamente coordenado
 - O envolvimento da comunidade local, é reconhecido como um aspecto essencial
 - O Turismo está hoje integrado, nas economias nacionais e locais dos diferentes espaços geográficos
 - O planeamento efectivo, requiere não apenas procedimentos e técnicas, mas também consenso político e uma liderança forte
 - Os projectos-piloto, podem demonstrar como as novas formas de Turismo e abordagens do Turismo podem funcionar
 - A coordenação do sector público com o privado, é essencial para implementar um plano com sucesso
 - Incentivos ao investimento, podem ser úteis na implementação de estratégias de investimento
 - Os turistas têm de estar informados, acerca dos seus destinos e serem encorajados a respeitá-los
 - Os governos Nacionais e locais têm de, na maior parte das vezes tomar as iniciativas no estabelecimento de níveis de qualidade para o desenvolvimento turístico
 - É necessária uma constante monitorização
-

Adaptado de: Inskeep, 1993, National and Regional Planning

Estas etapas, devem ter uma abordagem flexível, podendo sempre serem introduzidas alterações pertinentes, de acordo com a realidade do espaço físico a que respeitam.

4.5.1.2. Grupos de Actores e as Redes no Planeamento Turístico

Já falamos da importância do planeamento da actividade turística, para a definição de uma política de turismo, mas falta-nos contudo, analisar mais atentamente quais os grupos de actores a considerar no planeamento turístico.

A figura 4.4 estabelece ao três níveis de grupos de actores, ou “stakeholders”, a considerar no planeamento da actividade turística, a referir:

Grupo Actores Internacionais

Grupo Actores Nacionais

Grupo Actores Locais

Estes três grupos representam três níveis de actuação que, como já referido, devem articular-se e trabalhar conjuntamente para uma lógica macro.

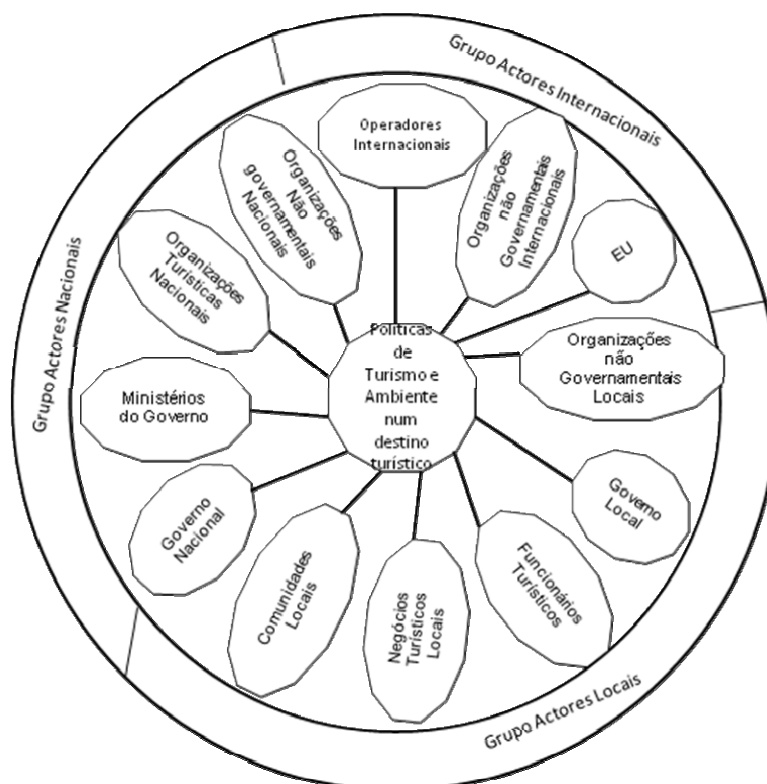
A lógica macro referida, obtem-se por via da constituição de redes, ou seja, identificação de conjuntos de grupos, com interesses similares que, possam trabalhar conjuntamente e criar maior valor acrescentado para a sua actividade.

O âmbito das “redes” assenta na presunção de que as relações que ligam os actores sociais entre si, possuem uma certa consistência. Por exemplo, os hoteleiros num destino e os operadores turísticos externos, ou entre um investidor hoteleiro e grupos ambientalistas locais. As redes fornecem um foco relacional entre as pessoas envolvidas no sistema turístico, estabelecendo a ligação entre o nível micro e macro.

As redes políticas são um tipo específico de rede que, representa “a *infra-estrutura social da formulação e implementação da política*” (Marin and Mayntz, 1991).

As políticas públicas são desenvolvidas e implementadas por actores interdependentes das redes políticas. De acordo com Kickert et al. (1997), o conceito de rede política, estabelece a relação das políticas públicas com o seu contexto institucional e estratégico, ou seja, a rede pública, semi-pública e alguns actores que participam em alguns campos políticos.

Figura 4.5 – Grupos de actores relacionados com as políticas turísticas e ambientais de um destino turístico



Fonte: Adaptado de Costa et al. (2006: 157)

Se avançarmos para a perspectiva do Turismo, verificamos que um dos aspectos fundamentais para o estudo das redes da política turística, é a identificação e avaliação de indivíduos e grupos com relevância.

4.5.2. Colaboração e parcerias

Não poderíamos deixar, de abordar a importância da colaboração e das parcerias ao nível do desenvolvimento, de uma política de Turismo e do planeamento da actividade turística, pois a eficácia e eficiência deste sector, será tanto maior, quanto mais efectivas forem as parcerias entre os diferentes “stakeholders”.

Neste âmbito, surge o conceito de “stakeholder”, já referido no capítulo 3, e que representa todos os grupos que têm interesses no sector turístico.

Por exemplo, e no que respeita ao Concelho de Espinho, identificamos os principais agentes turísticos ou “stakeholders” que, desenvolvem a sua actividade no sector turístico deste espaço geográfico (câmara municipal, atracções turísticas, hotelaria, etc).

A colaboração envolve, segundo Gray (1989), relações entre os “stakeholders”, quando as partes interagem umas com as outras, face a um objectivo ou problema comum. Cada “stakeholder” controla recursos, tal como conhecimento, técnica e capital, mas não consegue, possuir todos os recursos necessários, para atingir os seus objectivos isoladamente e planear efectivamente, com vista ao desenvolvimento futuro. Tal facto, deve-se à complexidade dos objectivos turísticos, normalmente relacionados com a natureza fragmentada da indústria, e os múltiplos “stakeholders” que influencia.

A dependência de recursos referida, e a interdependência dos “stakeholders” significa que, existem benefícios mútuos para os mesmos, quando colaboram uns com os outros, ou seja, que o valor acrescentado final, é maior do que aquele que se obteria, trabalhando cada um por si.

Selin e Beason (1991) defendem que, os benefícios mútuos atrás referidos, incluem um processo de colaboração no qual os agentes têm a possibilidade de aprender, uns com os outros, aprender com o próprio processo, desenvolver políticas inovadoras e responder com prontidão a alterações de envolvente.

Ao mesmo tempo, e segundo Edgell e Haenisch (1995), deste processo poderão decorrer sinergias efectivas da partilha de recursos, riscos e resultados, assim como, da preferência de “vantagens decorrentes da colaboração” em detrimento de “vantagens individuais competitivas”.

A colaboração, tal como está aqui descrita, pode levar na opinião de Kickert et al. (1997) à troca de informação, objectivos e recursos, para que o resultado final desta parceria possa ser melhor do que, o que cada um, individualmente obteria.

Normalmente a colaboração interactiva, pressupõe o diálogo presencial, e esta é uma característica que distingue este processo de colaboração, de outros tipos de colaboração no desenvolvimento de uma política (Carr et al., 1998).

Na opinião de Wood e Gray (1991), o processo de colaboração ocorre, quando um grupo de “stakeholders” de um determinado domínio, se envolve num processo interactivo, baseando-se em regras partilhadas, normas e estruturas comuns, para decidir ou actuar sobre questões relacionadas com esse mesmo domínio.

Neste âmbito, parece-nos que já está clara a importância de que, no sector turístico exista colaboração e parcerias efectivas. Neste contexto, vamos em seguida apresentar, uma base de potenciais benefícios, decorrentes da colaboração e parceria dos diferentes “stakeholders”, no sector turístico.

Na tabela 4.2, está bem retratada a importância das parcerias e da existência de colaboração efectiva, entre os diferentes actores do sector turístico, para um melhor planeamento da actividade turística. Neste sentido, não é de estranhar que os que assim procedem, consigam um valor acrescentado final maior que, os que trabalham, pensam e gerem individualmente. Ao mesmo tempo, deve ser retida a ideia que, o espírito de partilha de informação no sector turístico é, à semelhança do que acontece noutros sectores, uma vantagem competitiva e não uma desvantagem, como por diversas vezes é encarada.

Tabela 4.2 – Benefícios potenciais da colaboração e parcerias no planeamento turístico

-
- Poder de tomada de decisão e controle pode difundir-se por múltiplos stakeholders que estão afectados pelos objectivos definidos, o que favorece a democracia;
 - O envolvimento de diversos “stakeholders” pode aumentar a aceitação social das políticas, de forma a tornar a sua implementação e fortalecimento mais fácil;
 - Atitudes mais construtivas podem resultar do trabalho conjunto;
 - As partes que são directamente afectadas pelos objectivos podem acrescentar conhecimento, atitudes e outras capacidades ao processo de desenvolvimento de uma política;
 - Podem ser geradas sinergias do facto de se trabalhar em conjunto, conduzindo eventualmente a maior inovação e eficácia;
 - As partes envolvidas no desenvolvimento de uma política, colocam em princípio maior empenho na implementação das políticas;
 - Quando estão envolvidos no processo de desenvolvimento de uma política de Turismo vários “stakeholders”, as políticas tendem a ser mais flexíveis e sensíveis às circunstâncias locais e às mudanças de condições;
 - As actividades não turísticas podem também ser impulsionadas, proporcionando a melhoria da base económica, social e de emprego de uma dada região ou comunidade.
-

Adaptado de: Bramwell et al., 2006:7

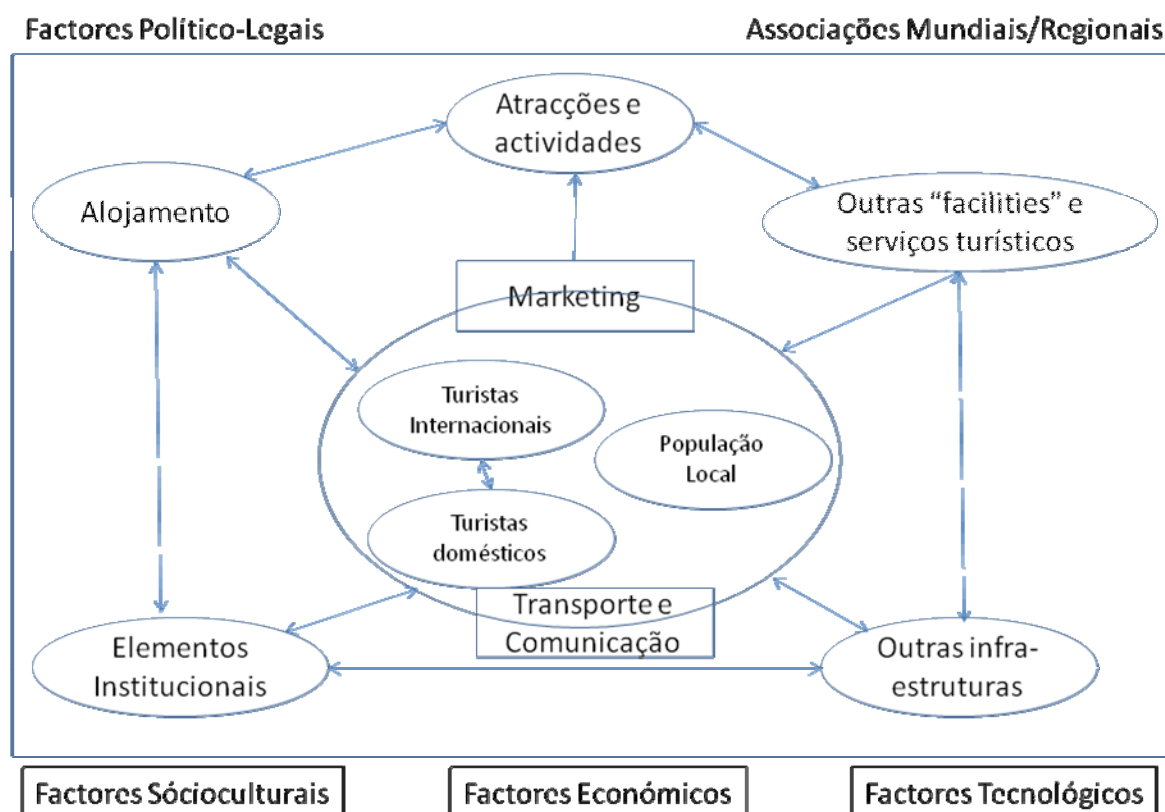
Ao mesmo tempo, os aspectos descritos na tabela 4.2., dizem apenas respeito a alguns dos aspectos positivos, da colaboração e parceria efectiva no sector turístico. Devemos pensar também que, poderão existir problemas a este nível, pois existem sempre “lobbies” instalados que, podem enviesar os objectivos da colaboração e parceria entre os diferentes “stakeholders”.

4.6. Modelo para o planeamento e a definição de uma Política de Turismo

Não poderíamos finalizar este capítulo, sem apresentar aqui um modelo para o planeamento e a definição de uma política para o Turismo.

Neste pressuposto, e após termos confrontado com alguns exemplos de outros Países, decidimos aqui apresentar o modelo definido para a Tailândia que, na nossa opinião retrata, na generalidade, todas as áreas de actuação que, devem estar plasmadas no planeamento e na definição de uma Política de Turismo.

Figura 4.6 – Modelo para o planeamento e desenvolvimento de uma Política de Turismo – Caso da Tailândia



Adaptado de: Chaisawat, 2006

Pela observação da figura 4.5, verificamos que o planeamento e a política de turismo, são dois instrumentos essenciais para regulamentar o funcionamento de tão complexo sector, pois estão em questão uma série de elementos e de grupos de interesse que, justificam essa importância.

Os governos têm a possibilidade de interferirem, através da introdução de factores político/legais que, irão ter repercussões ao nível dos factores socioculturais, económicos e tecnológicos que, devemos considerar no âmbito turístico.

A melhor combinação de todos factores referidos, será conseguida através do planeamento e convergência com as entidades do sector turístico, de forma a, respeitando o bem-estar da população local, conseguir criar o melhor ambiente possível para o Turismo. Tal, só será possível por via da definição de uma Política de Turismo que defina objectivos, estratégia e uma linha de orientação para todos os actores/”stakeholders” do sector turístico.

Por tudo quanto foi referido neste capítulo, parece-nos que ficou bem clara a importância do desenvolvimento de uma política de turismo em um qualquer espaço territorial que, possua potencial turístico suficiente para ser visitado por um número razoável de turistas.

Serão os turistas, a obviar a necessidade de uma política de turismo que, regule o sector, com respeito pela população local, mas também com o especial objectivo de impulsionar a actividade turística.

Partimos desta forma para o capítulo 5, com o especial objectivo de verificar se estão reunidas as condições aqui descritas, para que possamos falar em política de turismo no Concelho de Espinho.

Capítulo 5 - A Política de Turismo no Concelho de Espinho

5.1 introdução

Depois de no capítulo 4, termos feito o enquadramento da política de Turismo, estudando a sua definição aos mais diversos níveis, e apresentados que foram os actores do sector turístico de um qualquer destino, estamos agora em plenas condições, de avançar para um dos capítulos decisivos e centrais, no âmbito das problemáticas inicialmente formuladas para esta dissertação.

O Concelho de Espinho, como vimos no capítulo 1, trata-se de um espaço geográfico de reduzida dimensão, o que poderia fazer supor que, dispusesse de poucos recursos turísticos e atracções que pudessem efectivamente, captar a atenção do turista e cativá-lo a deslocar-se até Espinho.

Contudo, também vimos, pelo inventário de recursos turísticos apresentado no Anexo 3.1. e também pelos antecedentes históricos explanados que, este espaço tem grandes potencialidades turísticas, sendo inclusive um dos primeiros espaços onde se desenvolveu o Turismo em Portugal.

Ao mesmo tempo, e de acordo com as novas dinâmicas criadas no sector turístico em Portugal, e em todo o mundo em geral, com o Turismo a assumir-se como um dos principais sectores de actividade, obviou-se a necessidade de criar instrumentos de controlo da actividade turística, para que a mesma se desenvolva sustentadamente, com respeito pelas gerações presentes e futuras, e acima de tudo, orientada para o bem-estar das populações, dos destinos a que respeita.

A política de Turismo, é função da administração pública ao nível macro – Nacional, contudo é no nível micro – local e regional, no qual se desenvolvem as grandes políticas e estratégias do sector turístico, pois as entidades locais conhecem melhor o seu espaço físico, as suas potencialidades e a melhor forma de as estimular, sem porém colocar em causa a sua existência e desenvolvimento para o futuro.

O capítulo 5, no âmbito desta dissertação, serve para averiguarmos a existência de uma política de Turismo no Concelho de Espinho, recorrendo para isso a entrevistas direccionadas a entidades e pessoas com responsabilidades no sector turístico do Concelho de Espinho.

Passamos de seguida, a apresentar o âmbito das entrevistas definidas, de acordo com o contexto desta investigação.

5.2. Definição do âmbito das Entrevistas

Quando pensamos em elaborar este capítulo, tínhamos subjacente o interesse de, face ao sector turístico abordado, no âmbito desta dissertação, tentar ir um pouco mais além e falarmos da problemática “Política de Turismo”, vista como um aspecto fulcral no desenvolvimento turístico local, de um qualquer espaço geográfico.

Obviamente que o Concelho de Espinho, representado pela sua Cidade, pelo potencial turístico que encerra, terá eventualmente na Política de Turismo, uma mais-valia para o seu desenvolvimento. Neste cenário, surge a questão fundamental: Poderemos falar em política de Turismo no Concelho de Espinho?

Mas paralelamente a esta questão, interessava-nos conhecer a opinião e posicionamento das pessoas que, decidem o rumo turístico do Concelho de Espinho, relativamente a uma série de questões que conjuntamente, propiciam a existência de uma política de Turismo.

5.2.1. Abordagem metodológica e conceptual

Para a realização das entrevistas que servem de base a este capítulo, começamos por numa primeira fase da investigação proceder a duas acções fundamentais:

- **Preparação do trabalho de campo**, com a efectivação dos primeiros contactos para determinação das entidades/personalidades chave, a serem entrevistadas no âmbito desta temática;
- **Recolha de informações**, recorrendo ao gabinete de Turismo da Câmara Municipal de Espinho, à biblioteca de Espinho e a informação cedida pelos jornais da Cidade, com diversos artigos escritos, no âmbito da questão turística do Concelho de Espinho, assim como, o conhecimento do âmbito de uma Política de Turismo, preconizado no capítulo anterior, e que permitiu abordar questões fundamentais para a resposta à questão central, formulada no contexto deste capítulo 5.

Numa segunda fase, e partindo já para a preparação das entrevistas, foram considerados os seguintes aspectos:

- Objectivos da entrevista

Os objectivos que foram definidos para as entrevistas realizadas, foram:

1. Objectivo principal é averiguar da existência de uma política de Turismo, no Concelho de Espinho;
2. Conhecer a percepção das pessoas e entidades da importância do sector turístico no Concelho de Espinho;
3. Avaliar o conhecimento das entidades, das reais mais-valias e debilidades turísticas do Concelho de Espinho;
4. Avaliar o nível de relacionamento institucional entre os diferentes agentes turísticos locais;
5. Averiguar se existe uma estratégia para o sector Turístico no Concelho de Espinho, e se a população está envolvida nela;
6. Avaliar da percepção da integração do Concelho de Espinho na realidade turística Nacional;
7. Conhecer qual é a essência da política de Turismo, para as entidades entrevistadas;
8. Conhecer quais os problemas que as entidades identificam no Concelho de Espinho, ao nível dos diversos sectores;
9. Conhecer os projectos/investimentos que estão em curso, ou previstos para o Concelho de Espinho, e qual a sua importância para o desenvolvimento turístico futuro;
10. Por último, conhecer quais são as grandes linhas orientadoras para o sector turístico no Concelho de Espinho.

- Elaboração do guião para a entrevista

No seguimento dos objectivos definidos no ponto anterior, estabelecemos um conjunto de questões a colocar aos entrevistados que possibilitassem a obtenção dos objectivos estabelecidos.

Ao mesmo tempo, e porque na recolha das informações, nos pareceu importante, elaboramos não um guião de entrevista, mas sim três guiões, dirigidos às entidades camarárias, às entidades camarárias da oposição e às outras entidades em geral. Em seguida apresentamos na tabela 5.1, uma matriz das questões formuladas nos diferentes guiões de entrevista referenciados.

Tabela 5.1 – Matriz das questões formuladas nos diferentes guiões de entrevista

QUESTÕES	<i>Entrevista entidades camarárias</i>	<i>Entrevista às entidades camarárias da oposição</i>	<i>Entrevista às outras entidades em geral</i>
Qual o sector da sua responsabilidade no Concelho de Espinho?	✓	✓	✓
Acha o Turismo importante no Concelho de Espinho, em termos económicos, culturais, sociais?	✓	✓	✓
Quando falamos em Turismo no Concelho de Espinho, falamos em que na sua opinião?	✓	✓	✓
Quais são os objectivos que foram definidos para o sector turístico no Concelho de Espinho?	✓	✗	✗
Na sua opinião existem objectivos para o sector turístico do Concelho?	✗	✓	✓
A Oposição partilha desses objectivos?	✓	✗	✗
Esses mesmos objectivos são claros?	✗	✓	✓
Quais são as mais-valias turísticas no Concelho de Espinho?	✓	✓	✓
Quais as maiores carências no sector do Turismo no Concelho de Espinho?	✓	✓	✓
Como vê as relações comerciais/institucionais dos vários agentes económicos da região?	✓	✓	✓
A relação entre a câmara e os agentes económicos é fácil?	✓	✗	✗
Existe uma estratégia definida para o Turismo no Concelho?	✓	✓	✓
É do conhecimento público e generalizado?	✓	✓	✓
O Turismo no Concelho tem algum contributo em relação ao todo Nacional?	✓	✓	✓
Quando falamos em política do Turismo, falamos em que na sua opinião?	✓	✓	✓
Em função do que disse, pensa que existirá uma política do Turismo no Concelho?	✓	✓	✓

QUESTÕES	<i>Entrevista entidades camarárias</i>	<i>Entrevista às entidades camarárias da oposição</i>	<i>Entrevista às outras entidades em geral</i>
Quem é a entidade responsável?	✓	✓	✓
A nível Nacional, pensa que poderemos falar em política do Turismo?	✓	✓	✓
Relativamente aos problemas do sector/adjacentes, quais seriam algumas soluções que poderiam ser implementadas?	✓	✓	✓
Acha que existe uma boa receptividade da população face aos turistas?	✓	✓	✓
A sustentabilidade é tida em conta na estratégia turística do Concelho de Espinho?	✓	✓	✗
Tendo em conta os produtos turísticos existentes no Concelho, nunca pensou a Câmara em apostar em outros produtos, novos, revitalizados e diferentes?	✓	✓	✗
Quais os grandes projectos/investimentos previstos para o Concelho de Espinho?	✓	✓	✗
Qual será o papel do "Abaixamento da Linha-férrea" no âmbito turístico concelhio?	✓	✓	✗
Existirão mais projectos a serem realizados?	✓	✓	✗
Qual o papel que o estado central deve ter em todo este processo?	✓	✗	✗
Acha o papel do estado central crucial em todo este processo?	✗	✓	✓
Falando de futuro, quais são as grandes linhas para o desenvolvimento turístico do Concelho de Espinho?	✓	✓	✓
Conhece e sabe qual será o rumo?	✗	✗	✓
<u>TOTAL QUESTÕES</u>	<u>25</u>	<u>24</u>	<u>20</u>

Legenda: ✓ Questão incluída

✗ - Questão não incluída

Neste contexto, foram definidas por nós 25 questões a serem aplicadas nas entrevistas às entidades camarárias, 24 questões às entidades camarárias da oposição e 20 questões às outras entidades em geral, como aliás, se pode constatar pela tabela 5.1. Daqui resultaram os 3 guiões de entrevista apresentados no anexo 5.1., correspondentes aos 3 grupos considerados e já referidos.

Relativamente às outras entidades em geral, apenas referir que a entrevista efectuada a Paulo Pinho, não respeitou integralmente o guião de entrevista definido, para estas entidades, pois o fundamental, era averiguar a importância do sector turístico que foi percebida, os projectos do futuro para o Concelho e acima de tudo se o PDM reflectia ou não, uma preocupação pelo desenvolvimento do sector turístico, no Concelho de Espinho. Ao mesmo tempo, a pessoa em causa não vivia nem trabalhava em Espinho, pelo que preferiu não se referir a questões que, dirão mais respeito a entidades e pessoas de Espinho, pois elas sim, poderão falar com mais substância, sustenta.

Cada uma das questões formuladas, satisfaz um dos objectivos a que nos propomos neste capítulo, sendo que na sua globalidade, contribuem para a obtenção do objectivo principal estipulado.

Chegados a este ponto, era preciso agora definir a quem iríamos aplicar estas entrevistas.

- Selecção das Entidades/individualidades a serem entrevistadas

Definidos que estavam os guiões de entrevista, tínhamos agora que seleccionar as entidades/individualidades a quem as iríamos aplicar.

Neste sentido, e definidos que estavam os grandes grupos-alvo das entrevistas, que pretendíamos aplicar, procedemos à eleição das entidades e personalidades que gostaríamos de ver entrevistadas, no âmbito desta investigação.

Tabela 5.2 – Identificação das entidades a entrevistar, com estado da entrevista

Grupos Alvo	Entrevista não realizada	Entrevista Realizada
<u>Entidades camarárias</u>		
Presidente da Câmara de Espinho e Vereador do Pelouro do Turismo – Dr. José Mota		√
Vereador da Câmara de Espinho, Pelouro Saúde Pública, Protecção Civil e Obras – Sr. Manuel Rocha		√
Vereador da Câmara de Espinho, Pelouro Cultura – Dr. Carlos Gaio		√
Vereador e Vice-presidente da Câmara de Espinho – Sr. Rolando Sousa		√

Grupos Alvo	Entrevista não realizada	Entrevista Realizada
<u>Entidades camarárias da oposição</u>		
Vereadora da Oposição PSD – Dra. Maria Manuela Aguiar		√
Vereador da Oposição PSD – Dr. Luís Filipe Montenegro		√
Vereador CDS/PP - Dr. José Pinho	√	
<u>Entrevista às outras entidades em geral</u>		
Presidente Conselho de Administração do Hotel PraiaGolfe - Dr. Rodrigo Barros		√
Director Geral do Hotel Solverde Espinho/S.Félix da Marinha – Dr. Gonçalo Castro	√	
Director Geral do Aparthotel Solverde Espinho – Sr. Filipe Pereira	√	
Responsável do Casino Solverde	√	
Presidente da Associação Comercial de Espinho - Sr. Aleixo		√
Hotel Néry – Sr. Néry	√	
Hotel Mar Azul – Óscar Marques		√
Representante Oporto Golf Clube - Sr. Granja		√
Halcon Viagens – Sra. Catarina Curral		√
Skytours Viagens – Chefe de agência	√	
Jornal Maré Viva – Sr. João Limas		√
Jornal Defesa de Espinho – Sr. Lúcio Alberto		√
Gabinete Turismo da Câmara Municipal de Espinho – Dra. Manuela Avelar		√
Centro Multimeios de Espinho – Entrevista com a responsável Dr. Ventura		√
Nave Polivalente de Espinho – Entrevista com o responsável Prof. João Moutinho		√
Complexo de Ténis de Espinho – Entrevista com o responsável Prof. Ricardo Tavares		√
Karting Indoor Espinho – Entrevista com o responsável Álvaro Sabença		√
Director Academia Musica Prof. Alexandre Santos		√
Responsável do Futuro Plano Director Municipal de Espinho, Faculdade de Engenharia do Porto – Professor Dr. Paulo Pinho		√
Total Entrevistas	6	20

Dado que cabe, às autarquias a definição das linhas de actuação a desenvolver na área do Turismo, articulando-as com outros planos de desenvolvimento a vários níveis,

considerámos importante contactar as pessoas que, estão actualmente eleitas para gerir os destinos da Câmara Municipal de Espinho, com o objectivo de conhecermos as suas perspectivas, quanto ao papel do Turismo no desenvolvimento da região, e a política de desenvolvimento turístico prosseguida, se é que podemos falar nela. Neste pressuposto, foram entrevistados os 4 representantes do Partido Socialista que têm responsabilidades na gestão camarária do Concelho de Espinho, conforme a tabela 5.2 explícita.

De igual modo, e porque também eles, apesar de não interferirem directamente na gestão camarária, fazem parte das pessoas que têm uma palavra a dizer nos destinos do Concelho, consideramos os vereadores eleitos da oposição, 2 do Partido Social democrata e um do Partido Popular.

Além disto, e porque estava em análise uma problemática que dizia respeito a todos, pois refere-se ao território onde muitos vivem e esperam poder usufruir das melhores condições de vida possíveis, foram definidos algumas entidades de carácter geral que consideramos como prioritárias, servindo de representantes do tecido empresarial do sector turístico do Concelho de Espinho, assim como, representantes da voz e das preocupações da população local.

Neste âmbito definimos os seguintes subgrupos:

- **Hotelaria** – Hotel Solverde, Hotel PraiaGolfe, Aparthotel Solverde, Hotel Néry e Hotel Mar Azul;
- **Jornais** – Jornal Defesa de Espinho e Jornal Maré Viva;
- **Atracções turísticas** – Oporto Golf Club, Gabinete de Turismo de Espinho, Centro Multimeios de Espinho, Nave Polivalente de Espinho, Complexo de Ténis de Espinho, Karting Indoor de Espinho com discoteca, Academia de Musica de Espinho e Casino Solverde.
- **Entidades de interesse geral** – Faculdade de Engenharia do Porto, Associação Comercial de Espinho, Halcon Viagens e Viagens Skytour.

Numa terceira fase, partimos para a realização das entrevistas. Conforme apresentado na tabela 5.2, nem todas as entrevistas que tínhamos previsto foram realizadas, por motivos diversos. As entrevistas que não conseguimos realizar foram:

- **Entidades Camarárias da Oposição** – Vereador do CDS/PP;
- **Hotelaria** – Hotel Solverde, Aparthotel Solverde e Hotel Néry;
- **Atracções turísticas** – Casino Solverde;
- **Entidades de interesse geral** – Faculdade de Engenharia do Porto, Associação Comercial de Espinho, Halcon Viagens e Viagens Skytour.

De facto os motivos para a não realização destas entrevistas foram distintos, prendendo-se com factores de indisponibilidade concreta, para colaborar por um lado, e por outro, por incompatibilidade de disponibilidade, que nunca foi possível conciliar.

No caso do **vereador da oposição**, Dr. José Pinho, apesar de este se ter prontificado a colaborar, nunca foi possível conciliar agenda, dentro dos timings para a realização desta investigação.

Em termos hoteleiros, teremos de distinguir duas situações distintas:

- A do Hotel Néry que, dado o desenrolar das obras de “abaixamento da via-férrea” se encontrava em baixa de actividade, pelo que nunca ninguém se mostrou disponível para falar, por mera ausência das pessoas responsáveis;
- A do Hotel Solverde¹ e do Aparthotel Solverde que, reflecte uma posição estratégica de não conceder entrevistas a membros de empresas concorrentes, ainda que a temática em estudo nada tenha que ver com questões comerciais do sector hoteleiro. Nestes dois casos a entrevista foi liminarmente recusada.

Em termos de atracções turísticas do Concelho de Espinho, a única entidade a não conceder entrevista, foi o Casino de Espinho, pois está sobre a alçada do mesmo grupo hoteleiro que já nos havia recusado a cedência das mesmas.

Para fechar o contexto das entrevistas não realizadas, temos o caso da Agência de Viagens Skytour que, apesar de ter igualmente demonstrado disponibilidade para a cedência da entrevista, por uma questão de timing também não foi possível ser realizada.

¹ Pertence ao Concelho de Gaia, contudo como está na fronteira entre o Concelho de Espinho e o de V.N.Gaia, é normalmente considerado em Espinho em termos turísticos

Por outro lado, as entrevistas que conseguimos realizar, e conforme tabela 5.2, foram:

- **Entidades Camarárias da Oposição** – Vereadores da oposição PSD;
- **Hotelaria** – Hotel PraiaGolfe e Hotel Mar Azul;
- **Atracções turísticas** – Oporto Golf Club, Gabinete de Turismo de Espinho, Centro Multimeios de Espinho, Nave Polivalente de Espinho, Complexo de Ténis de Espinho, Karting Indoor de Espinho com discoteca, Academia de Musica de Espinho;
- **Entidades de interesse geral** – Faculdade de Engenharia do Porto, Associação Comercial de Espinho e Halcon Viagens.

Podemos dizer que conseguimos obter uma excelente colaboração, com as 20 entrevistas realizadas, sendo que as 6 entrevistas que não o foram, representam apenas situações que são normais, mas difíceis de compreender no âmbito da investigação que estávamos a desenvolver, e porque no caso do Grupo Solverde, trata-se somente do “player” mais importante do sector turístico do Concelho de Espinho.

As 20 entrevistas realizadas, pelos diferentes sectores que representam, permitiram que pudéssemos ter uma panorâmica bastante abrangente, do ponto de vista dos vários “players” do sector turístico ou da sociedade.

Assim, podemos afirmar que as respostas obtidas no âmbito destas entrevistas, representam de grosso modo, a posição de todos os Espinhenses de uma forma geral.

Na quarta e última fase, procedemos à transcrição das entrevistas que, foram todas elas gravadas com autorização dos entrevistados, e procedemos à análise das entrevistas, na tentativa de estabelecer, todo um cenário capaz de nos fazer aferir e concluir, acerca da existência de Política de Turismo no Concelho de Espinho.

É assim que avançamos, para próximo ponto deste capítulo, o da análise das entrevistas realizadas.

5.3. Análise das entrevistas realizadas

Conforme apresentamos atrás, foram considerados 3 grupos nucleares a serem entrevistados: entidades camarárias, entidades camarárias da oposição e outras entidades em geral².

Tabela 5.3 – Número de entrevistas realizadas, distribuição pelos grupos considerados

	Nº Entrevistas Realizadas	Importância Relativa
Entidades Camarárias	4	20%
Entidades Camarárias da Oposição	2	10%
Outras Entidades em Geral	14	70%
❖ Hotelaria	2	10%
❖ Jornais Locais	2	10%
❖ Atracções Turísticas	7	35%
❖ <i>Entidades de interesse geral</i>	3	15%
<i>Total Entrevistas</i>	20	100%

Cada um dos grupos referenciados, tem uma representatividade diferente nesta investigação, com as entidades camarárias entrevistadas a terem um peso de 20%, as entidades camarárias da oposição com um peso de 10% e as outras entidades em geral com um peso de 70%.

Passemos então à análise individualizada, das respostas de cada um destes grupos, com base no anexo 5.2, para então depois finalizarmos, com uma análise conjunta e cruzada de todas as respostas obtidas, de forma a tirar ilações representativas da realidade do Concelho de Espinho.

5.3.1. Entidades Camarárias

Neste âmbito, foram entrevistados, o Presidente da Câmara de Espinho, e o conjunto dos seus três vereadores que estão responsáveis pelos diferentes pelouros. A equipa camarária foi eleita pelo Partido Socialista (PS), estando à frente dos destinos do Concelho de Espinho há já alguns anos.

² Considerou-se como entidades em geral: hotelaria, jornais locais, atracções turísticas e outras

Neste contexto, e face à importância destas entidades, para o estudo da temática em questão, a análise que aqui iremos efectuar será bastante pormenorizada, de forma a captar todos os indícios e indicações que, contextualizem a resposta às problemáticas, por nós inicialmente formuladas.

As questões colocadas aos entrevistados, foram as apresentadas no anexo 5.1., guião de entrevista 5.1.1.

1 - Qual o sector da sua responsabilidade no Concelho de Espinho?

Todos os entrevistados, se dedicam única e exclusivamente à actividade na Câmara Municipal de Espinho.

2 - Acha o Turismo importante no Concelho de Espinho, em termos económicos, culturais, sociais?

Os 4 entrevistados, conferem grande importância ao sector turístico, pois como afirma o Presidente José Mota “...*Espinho é um Concelho que tende cada vez mais, a viver dos serviços e aí está inserido o Turismo*”. Segundo o mesmo, quando falamos em Turismo no Concelho de Espinho, não falamos apenas de praia, falamos de “*Turismo de praia naturalmente, de desporto, do Turismo de cultura e até do Turismo de conferência...*”.

Mais acrescenta que, estando o Concelho de Espinho inserido no destino turístico do Porto e Norte de Portugal seria “... *importante nos associarmos à Galiza, porque temos ter consciência que não vamos ter mais em Espinho o que tivemos há uns 30 ou 40 anos atrás, com pessoas a passar 15 dias de férias no Verão. Temos de aspirar a que o Turismo se direcione para o Norte de Portugal que, o turista passe 3 a 4 dias em Espinho que, vá ao Minho e se vocacione para o Turismo gastronómico e religioso que, fica 2 a 3 dias em Braga e depois fica 2 a 4 dias na Galiza. Há alterações sensíveis muito grandes que têm vindo a acontecer no sector turístico do Concelho de Espinho*”. Por seu lado, o Vereador Manuel Rocha, diz que “*o Turismo é para o Concelho um vector muito importante...e gera um interesse que merece ser explorado e potenciado*”.

O vereador Carlos Gaio, define extremamente bem e de forma sintética a importância do Turismo para o Concelho de Espinho, afirmando que “...*o Turismo é uma trave mestra em Espinho desde os seus primórdios. Tem importância económica, cultural, social. O Turismo não pode ser uma opção, mas é sem duvida uma das portas para o futuro de Espinho*”.

O vice-presidente Rolando Sousa, por seu lado, *afirma que é indispensável que o Turismo seja importante. Segundo o mesmo afirma, "...antigamente em termos de Sol e praia tínhamos Póvoa do Varzim, Foz e Costa do Estoril, não havia mais nada".* Contudo, e segundo o que defende *"...as coisas foram mudando e foram surgindo os novos sítios turísticos, como sejam o Algarve o Sul de Espanha, as Caraíbas, etc. Isto fez mudar as nossas características turísticas."*

O entrevistado defende que o Turismo do Concelho de Espinho é hoje diferente, continua a ser importante no Turismo do Concelho de Espinho, o Sol e Mar, mas a verdade é há necessidade de diversificar, porque não há a possibilidade de manter essa tradição antiga de que Espinho era *"a Rainha da Costa Verde"*.

Isto hoje está ultrapassado, pois de facto, nessa altura vinha para Espinho muita gente do Interior e de Espanha, sobretudo de Badajoz, de Porto Vila Real e Viseu inclusivamente e que tinham casa aqui durante o Verão todo. O problema também é de vida familiar, pois antigamente era o poder paternal que prevaleciam, pois só o homem trabalhava, as mulheres ficavam a tomar conta das crianças e essa era verdadeiramente uma característica de Espinho. Hoje as pessoas vêm para a Praia, mas vão embora todos os dias, pois melhoraram os acessos, os transportes o que facilita sobremaneira as deslocações. Nós temos portanto de encontrar outras alternativas que, penso pessoalmente situarem-se no Turismo cultural, no Turismo desportivo, no Turismo de Congressos, sobretudo em eventos que tenhamos capacidade hoteleira para os seus participantes.

3 - Quando falamos em Turismo no Concelho de Espinho, falamos em que na sua opinião?

Falar em Turismo, pode ser significado de muita coisa, e no Concelho de Espinho, não é excepção.

O Presidente José Mota, refere que o Turismo no Concelho de Espinho, baseia-se em *"...conferências, desporto a nível Nacional e Internacional (provas internacionais, campeonatos do mundo de Andebol, classificações em termos de voleibol, campeonato do mundo de esgrima, só para dar alguns exemplos), Festivais Internacionais de Musica e Cinema de Animação..."*

Refere ainda que a Câmara tem apostado na criação de um conjunto de equipamentos, como são exemplo, Nave Polivalente, Centro Multimeios, Fórum de Arte e Cultura –

FACE muito brevemente e depois, que também têm vindo a apostar na criação de”...padrões de qualidade de vida elevados, num Concelho onde a água e o saneamento chega a quase 100% da sua população”.

Temos também, um grande equilíbrio urbanístico para o Turismo, pois a construção está muito limitada por aqui, é um aspecto que temos vindo a salvaguardar ao longo dos anos e que beneficia o conceito de Turismo que em Espinho é defendido.

A opinião do Vereador Manuel Rocha, vai no sentido de que, a aposta não pode ser apenas num Turismo de sol e praia, pois este é limitado a um espaço de tempo reduzido, daí terem de existir outras soluções. Mas segundo o mesmo, “... a criação de algumas infra-estruturas em Espinho, e falo nomeadamente no Centro Multimeios, no Complexo Ténis de Espinho e na Nave Desportiva vieram precisamente sedimentar a aposta em criar atractivos fora da típica época balnear, capazes de atrair pessoas”.

Por seu lado, o Vereador Carlos Gaio é um pouco mais céptico, pois diz que a palavra Turismo pode ter em si vários significados.

Diz que Espinho enquanto local procurado em termos turísticos, apenas pela sua costa faz parte do passado. Segundo o que defende “...Espinho vem adquirindo outras configurações, nomeadamente ao nível de outros aspectos turísticos que não ocorrem territorialmente na época balnear. Portanto quando falamos em Turismo, falamos em praia, mas também em cultura, desporto onde temos uma série de equipamentos em afirmação em Espinho”.

De igual forma, o Vereador Rolando Sousa, pensa que o Sol e praia continuam a ser importante, mas tem de estar associada à realização de Eventos.

Exemplos disso, são segundo o mesmo, na época baixa de Inverno as provas de atletismo de Pista Coberta, em que durante todos os fins-de-semana estão em Espinho centenas de atletas, e alguns eventos que já são característicos do Concelho de Espinho (Cinanima e o Festival de Música) que, trazem muita gente a Espinho.

Por outro lado, defende que “... uma das características que nós temos, é a nossa qualidade urbana, pois penso que é apetecível para muita gente vir passar um fim-de-semana a Espinho, porque julgo que Espinho continua a atrair pela sua qualidade hoteleira”.

4 - Quais são os objectivos que foram definidos para o sector turístico no Concelho de Espinho?

Todo sector não evolui sem objectivos, pelo que é fundamental a sua existência para nortear o desenvolvimento de um determinado destino.

No Concelho de Espinho, e segundo o Presidente, *“...Os objectivos que foram definidos, são aqueles que citei nas outras questões...”*, ou seja, quer dizer que passam fundamentalmente pela criação de grandes infra-estruturas que possibilitem organizar eventos de alguma relevância. Mais acrescenta que *“...nós fizemos um plano estratégico através de uma empresa credenciada, onde definimos os nossos objectivos. Tudo o que se tem vindo a fazer neste Concelho tem a ver com o Turismo”. Remata com “Tudo o que fazemos é a medida do que idealizamos e do que estabelecemos como nosso objectivo”*.

Neste âmbito foi colocada uma outra questão, pois se existe um plano, gostaríamos de saber se o mesmo é do conhecimento público e generalizado?

A resposta obtida foi algo surpreendente, pois o presidente afirmou que *“...o plano estratégico é como deve calcular um documento nosso que, tem vindo a ser seguido segundo o que nele está estabelecido. Nesta medida é um instrumento que temos em conta na nossa gestão autárquica, mas cujo conteúdo não é do conhecimento de outras pessoas que não as do executivo autárquico”*.

– Bem eu em Espinho nunca tive outro Pelouro, e como é óbvio apenas faço uma análise enquanto Espinhense. Eu penso que durante muitos anos estive quase exclusivamente virado para a praia, e havia um grande crescimento de Espinho por força da existência do comboio e por falta de outros, isto é, não era tão vulgarizado o carro, assim como, pelo facto das pessoas terem um período limitado de férias faz com que as pessoas procurem locais onde 100% garantido, vão encontrar bom tempo.

Portanto, quando se construiu os equipamentos que se construíram em Espinho, penso que a política idealizada foi na altura a de precisamente criar atractivos fora da época balnear. Na política mais ou menos todos têm ideias idênticas. Poderá divergir em questões de pormenor, mas no geral penso que há acordo relativamente aos objectivos do executivo camarário.

5 - A Oposição partilha desses objectivos?

Todos os entrevistados dizem que a oposição partilhará dos objectivos delineados pelo executivo camarário, pelo neste aspecto não existirão grandes divergências.

Afirmam contudo que “ *a oposição tem de dizer sempre alguma coisa diferente*”, mas adiantam que no Concelho de Espinho não haverá possibilidades para fazer muito mais em termos turísticos. Numa frase chave, o Presidente resume o seu pensamento, de que “ *...não temos muito mais para apostar, aqui em Espinho em termos de Turismo, tentamos isso sim, inovar no que é possível*”.

6 - Quais são as mais-valias turísticas no Concelho de Espinho?

Todo o sector baseia-se e desenvolve-se assente numa série de mais-valias que possam fornecer valor acrescentado e diferenciar um qualquer produto, neste caso concreto, o da oferta turística.

No que concerne às mais-valias turísticas efectivas do Concelho de Espinho, todos os entrevistados estão em sintonia. Referem a importância e a qualidade da costa do Concelho de Espinho, e ao mesmo tempo, um conjunto de equipamentos ligados ao desporto e cultura muito importantes. Exemplos disso mesmo são: Nave Polivalente, Complexo de Ténis, 2 Piscinas de boa qualidade, Centro Multimeios, o Fórum de Arte e Cultura que vai entrar em funcionamento em breve, o Campo de Golfe que é cada vez mais importante para o Turismo, o Karting Indoor de Espinho que é importante por uma questão de animação. Além disto, conferem também importância às unidades hoteleiras do Concelho de Espinho, assim como, e principalmente ao Casino de Espinho que é, segundo o Presidente José Mota, “ *uma verdadeira fonte de atracção turística, pois passam por lá em média 3500 pessoas por dia*”.

O Casino é uma peça fundamental para o desenvolvimento turístico de Espinho.

7 - Quais as maiores carências no sector do Turismo no Concelho de Espinho?

Ao invés, e porque nem tudo é positivo, é preciso conhecermos realmente quais são as lacunas de desenvolvimento, no caso concreto turístico, para podermos orientar uma qualquer estratégia para suprir eventuais lacunas ou deficiências que pretendemos ver eliminadas ou diminuídas.

Começando pelo discurso do Sr. Presidente, ele defende que *“Espinho precisará em breve de ter mais algumas camas e de boa qualidade, penso que a restauração precisa de melhorar mais, e como é evidente existem um conjunto de coisas que devem evoluir também”*.

Diz que com a realização da obra de enterramento da linha-férrea que, é considerada pelo executivo uma obra estruturante deveras importante, e que visa criar melhores condições em termos de segurança e de espaço para as pessoas se poderem movimentar. Finaliza dizendo que *“outras coisas existirão para fazer e para mudar para melhor quando esta obra estiver concluída”*.

Ao mesmo tempo está quase concluída uma outra obra - a Pousada da Juventude que será importante para o desenvolvimento turístico pois serve os com muito dinheiro e os com pouco dinheiro. Os equipamentos desportivos que possuímos precisavam de um equipamento que os apoiasse nomeadamente ao nível de competições mais jovens, sendo solução de alojamento a preços mais reduzidos.

Por seu lado, o vereador Manuel Rocha, defende que *“...as carências que eu penso que o Concelho tem, são basicamente ao nível de infra-estruturas viárias que permitam uma maior mobilidade em Espinho e também ao nível de estacionamento no centro de Espinho”*.

O vereador Carlos Gaio, defende que ao nível da restauração se tem de *“...melhorar a organização e funcionamento destes estabelecimentos”*, pois a restauração deve estar preparada para reagir de uma forma mais activa e profissionalizada face à procura para que se possam tirar os devidos dividendos.

Para finalizar, e recorrendo à entrevista com o vereador Rolando Sousa, verificamos que a preocupação do mesmo é a “noite em Espinho” problemas.

Sabemos que a noite é uma questão importante, pois os jovens criaram certos hábitos relativamente à noite. *O mesmo reflecte que “... as zonas de diversão nocturna estão colocadas nas áreas habitacionais que criam um conflito permanente, pelo ruído que fazem que, se torna muito difícil de gerir...”*.

Refere ainda que pensam *“...deveríamos arranjar um local onde pudéssemos ter instalações de vida nocturna, em locais privilegiados naturalmente, mas um pouco afastados das zonas habitacionais”*.

8 - Como vê as relações comerciais/institucionais dos vários agentes económicos da região?

As relações institucionais entre os diferentes actores do tecido económico são fundamentais para aumentar os efeitos multiplicadores da actividade turística, só possível com a colaboração de todos para um objectivo que deve ser comum.

O Presidente diz que *“...a relação da câmara com a Hotelaria, agência de viagens e restauração existe e é frequente”*.

Segundo o mesmo, a Câmara tem com a Hotelaria e a restauração uma excelente relação, e preocupa-se em trazer para Espinho actividades que os ajudem a sobreviver em boas condições.

Mais defende que uma das apostas do executivo é feita em comum acordo, falando obviamente dos eventos organizados pela Câmara nas suas infra-estruturas, dos quais são exemplos: o voleibol de praia que se realiza em Espinho há já alguns anos, Taça do Mundo de Esgrima, o Congresso Internacional de Folclore que são todos eventos que se realizam na época baixa. Segundo o próprio afirma *“...tentamos sempre atrair na medida do possível nas épocas mais baixas do ano actividades deste género para apoiar os agentes económicos de Espinho”*.

O vereador Manuel Rocha corrobora da opinião do presidente e diz não ter dúvidas que existem relações óptimas entre os agentes económicos turísticos, nomeadamente entre a Câmara, Hotelaria, Restauração e Agencias de Viagens. A câmara faz segundo o próprio *“uma agenda cultural que faz circular pelas Juntas de Freguesia e equipamentos do Concelho, preocupa-se em organizar actividades capazes de trazerem benefícios para os comerciantes”*

Vereador Rolando Sousa

O vereador Rolando Sousa e Carlos Gaio corroboram igualmente da opinião dos entrevistados anteriores, reconhecendo que existem boas relações entre os diversos agentes económicos, aliás como é devido e necessário.

9 - A relação entre a câmara e os agentes económicos é fácil?

Todos os entrevistados, até por tudo quanto referiram na questão anterior, dizem que a relação entre a Câmara e demais agentes económicos é fácil e normal.

10 - Existe uma estratégia definida para o Turismo no Concelho?

Para se atingirem os objectivos delineados, é essencial dispormos de estratégias integradas que possibilitem a sua prossecução.

Os entrevistados estão todos de acordo e afirmam que existe uma estratégia para o Turismo no Concelho de Espinho, pois alegam que nada poderia acontecer no Turismo em Espinho se não existisse esta estratégia.

O vereador Carlos Gaio, afirma que “existem linhas orientadoras para o sector turístico. Convém também ter noção que é a Câmara Municipal que tem atribuições no âmbito turístico, mas não se pode centrar todas as responsabilidades sobre a dinâmica das políticas definidas aqui”. Esta é também uma questão chave que devemos ter em consideração neste âmbito e que já foi abordada no capítulo 4.

Podemos também recorrer às afirmações do vereador Rolando Sousa que, defende que se deve optar por aquilo que designa de “... uma estratégia regional que traga as pessoas que não vêm só a Espinho”.

Temos aqui na zona do Porto algumas instalações importantes às quais nós tentamos aderir numa estratégia mais ampla do que uma meramente concelhia”. É aquilo que normalmente se designa de uma estratégia macro em detrimento de uma estratégia micro.

11 - É do conhecimento público e generalizado?

Todos os entrevistados que responderam a esta questão, dizem que a estratégia é de facto do conhecimento público, mas *“há sempre quem não queira ouvir”*.

12 - O Turismo no Concelho tem algum contributo em relação ao todo Nacional?

Todos os entrevistados reconhecem alguma importância do Concelho de Espinho em termos turísticos em relação ao todo Nacional, contudo têm noção da sua expressão reduzida. A importância do Concelho de Espinho é de facto bem à sua medida, ou seja, reduzida.

13 - Quando falamos em Política de Turismo, falamos em que na sua opinião?

Em relação a esta questão central no âmbito das problemáticas formuladas para esta dissertação, obtivemos respostas que pouco contribuem para o real conhecimento de

uma política de Turismo, pois os conceitos dos entrevistados baseiam-se em generalidades que nem sempre respondem à questão formulada.

Na opinião do Presidente José Mota, o Turismo foi um sector muito mal tratado durante anos e *“as pessoas deviam compreender que têm de apostar neste sector, pois temos todos os valores para nos distinguirmos como um destino de eleição (temos um clima invejável, costa e uma gastronomia fantástica”*.

Segundo o mesmo, a Política de Turismo é basicamente conseguir por ao dispor do turista informação de como são as praias, o que se pode comer, o que existe em termos de Turismo religioso, como são as pessoas, como é a animação, etc.

Por seu lado, o vereador Manuel Rocha, apresenta um conceito que se aproximará bastante da realidade e que revela alguma consciência das coisas. Segundo este, “...as políticas são sempre, um elencar de todas as necessidades e depois disto é óbvio que nós não podemos satisfazer todas as necessidades que queremos. A estratégia política em qualquer sector e também neste, é precisamente ver de todas as necessidades que estão em cima da mesa quais as mais urgentes, definindo prioridades e optando por estas.

Por seu lado, o vereador Carlos Gaio, considera que a política de Turismo abarca em si vários segmentos de política, baseando-se nos elementos da Oferta que atraem a procura, com certas intervenções dos agentes económicos. Conclui dizendo que *“...não falamos numa única política, mas sim numa política com vários instrumentos”*.

Por fim, o vereador Rolando Sousa fala do Turismo e não de uma política de Turismo. Contudo, buscando nas suas declarações algo que contribua para esta questão, poder-se-á dizer que o mesmo encara a Política de Turismo como a capacidade de atrair pessoas para dentro da malha de Espinho. Segundo afirma *“Se nos conseguirmos centrar no Turismo de negócios e depois conseguir manter as pessoas 2 ou 3 dias por aqui, já é um passo importante”*.

Como se pode ver um conceito muito vago daquilo que deve ser efectivamente a política de um sector nevrálgico para o Concelho de Espinho.

14 - Em função do que disse, pensa que existirá uma Política de Turismo no Concelho?

O Presidente José Mota assim como todo o executivo defendem que poderemos de facto falar de uma política de Turismo no Concelho de Espinho, *“não fundamentalista”* e com perfeita consciência de qual é o lugar do Concelho de Espinho.

Contudo, aqui destacar o teor da conversa com o vereador Rolando Sousa que, respondeu de forma muito pragmática, dizendo *“ora bem, estou numa posição em que é difícil responder a esta questão. Estamos aqui para ser julgados e não para julgar”*.

Apesar de entendermos o teor desta afirmação, percebemos aqui algum receio em falar de uma realidade que não diz respeito ao seu pelouro.

15 - Quem é a entidade responsável?

No que respeita à entidade que deverá ser responsável pela política de Turismo, não existem dúvida que, deverá ser a Câmara de Espinho. Contudo, todos os entrevistados referem a importância e emergência de uma maior integração e participação de todos os agentes económicos.

16 - A nível Nacional, pensa que poderemos falar em política de Turismo?

A nível Nacional, todos os entrevistados de uma maneira geral, reconhecem a existência de uma política de Turismo.

O Presidente José Mota, diz que *“nestes últimos anos tem havido um trabalho importante, pois penso que os responsáveis deste País começam a ganhar consciência efectiva da importância do Turismo em Portugal”*.

Por outro lado, o vereador Carlos Gaio, reconhece a existência de uma Política de Turismo, mas à qual podem ser apontadas algumas deficiências. O vereador Rolando Sousa, defende que se *“...tem vindo a fazer algo para desenvolver uma Política de Turismo Nacional, muito com base em atrair as pessoas para determinadas zonas, sobretudo em termos da temperatura e da qualidade do tempo”*. Finaliza dizendo que acharia importante apostar sobretudo na atracção de pessoas para a prática do Golfe que está em grande expansão e que tem grande potencial em Portugal para atrair pessoas.

17 - Relativamente aos problemas do sector/adjacentes, quais seriam algumas soluções que poderiam ser implementadas?

O Presidente defende que a principal questão está no trabalho do Estado Central, pois se a imagem do Turismo de Portugal não for boa, então não valera a pena o Concelho de Espinho tentar diferenciar-se porque não o conseguirá.

O vereador Manuel Rocha especifica alguns problemas interessantes, como seja, a *falta promoção*. Segundo afirma “... na Câmara, temos apostado em equipamentos com elevados custos de manutenção, mas que vemos como a única possibilidade de trazer e atrair pessoas para Espinho e fazê-las conhecer e visitar o Concelho”. Segundo defende que, este é um aspecto chave para trazer as pessoas para o Concelho e para aumentar as vendas dos comerciantes do Concelho de Espinho.

Por outro lado, o vereador Rolando Sousa, defende que se deveria pensar numa estratégia regional, em que se repartissem os períodos de estadia por exemplo, vocacionando os turistas que visitam Espinho a visitar o Porto e vice-versa. Segundo o próprio, seria importante este trabalho ser efectuado em conjunto, o que nem sempre acontece e seria importante promover.

18 - Acha que existe uma boa receptividade da população face aos turistas?

Em Turismo sabemos o quanto é importante a hospitalidade e simpatia das pessoas face aos turistas, sendo factor fundamental para o seu desenvolvimento.

Neste contexto, e analisando o caso do Concelho de Espinho, os entrevistados não têm qualquer duvida em afirmar que a população de Espinho é extremamente hospitaleira e acolhedora, pois as pessoas habituaram-se a conviver ao longo dos tempos com os turistas. Além do mais e segundo o que defendem, as pessoas têm agora perfeita consciência da importância da vinda dos turistas e sua permanência no Concelho de Espinho, retribuindo com atenção, dedicação e hospitalidade que eles merecem durante a sua permanência por aqui.

Mais acrescentam que, a população local sempre viu com bons olhos os turistas em Espinho, pois habituou-se a conviver com essa realidade. E isto faz parte da própria existência, porque Espinho esteve sempre relacionado com o Turismo e com a época

banhar, e por isso tornou-se em algo indissociável da vida dos residentes do Concelho de Espinho.

19 - A sustentabilidade é tida em conta na estratégia turística do Concelho de Espinho?

Alguns anos a esta parte, a sustentabilidade, ou seja o desenvolvimento no presente tendo como preocupação o respeito das gerações futuras, assumiu grande relevância no âmbito internacional, pois constitui condição essencial para o desenvolvimento de uma actividade duradoura.

O presidente José Mota é taxativo e afirma que *“ a sustentabilidade é tida em conta na nossa estratégia, porque desenvolvemos não só para as gerações do presente como para os do futuro”*.

Recorrendo agora ao contributo do vereador Manuel Rocha, verificamos que defende que *“...os sistemas são sustentáveis quando tem em conta o futuro das actividades”*. Mais acrescenta que, *“...no Concelho não é permitida a construção indiscriminada, existindo uma série de regras e limitações a respeitar, pelo que nessa medida a resposta está dada, pois aposta-se na manutenção de uma vida de qualidade para os residentes e consequentemente também para o Turismo”*.

Por seu lado, o vereador Rolando Sousa, defende que se deve manter uma política de sustentabilidade com os agentes económicos, as unidades hoteleiras locais têm custos fixos ao longo de todo o ano, pelo que necessitam de actividade ao longo de todo o ano e a câmara conta com uma postura agressiva das gerências dos hotéis no sentido de aplicarem políticas estratégicas sustentáveis.

Por outro lado, e referindo-se à sustentabilidade de infra-estruturas como a da Nave Polivalente, Complexo de Ténis, defende que estes investimentos são sustentáveis, pois *“...o principal objectivo não é ter receitas, mas sim proporcionar receitas aos diferentes agentes económicos do Concelho”*.

20 - Tendo em conta os produtos turísticos existentes no Concelho, nunca pensou a Câmara em apostar em outros produtos, novos, revitalizados e diferentes?

O presidente José Mota defende que, *“ dadas as mais-valias turísticos do Concelho de Espinho, não poderiam ser outros e não podemos inventar muito. Temos como é evidente, e apesar disso uma grande preocupação, em desenvolver novas iniciativas e projectos que possibilitem a diversificação da nossa realidade turística”*.

O vereador Carlos Gaio, por seu lado, defende que se tem pensado bastante neste assunto, e que não é por acaso que o desporto começa a ter um papel importante no Concelho de Espinho. Mais acrescenta que, *“as actividades que se desenvolvem na Nave Polivalente tem importantes efeitos multiplicadores no Turismo, e isso é uma aposta clara da Câmara em mudar o sector turístico, nos nossos antepassados baseada exclusivamente na época balnear.*

O vereador Rolando Sousa diz que *“A nossa obrigação é criar condições para uma boa qualidade de vida e para resolver os problemas do dia-a-dia”.*

Nesse sentido, defende que *“...a criação de uma Esplanada a Norte do Hotel PraiaGolfe veio criar uma zona aprazível para as pessoas visitarem Espinho com toda a segurança, as obras da Piscina Solar Atlântico que, veio revitalizar completamente este equipamento, tendo-se despendido cerca de 1 milhão de contos numa piscina de 1940, para tornar este local num espaço de lazer e diversão”.*

Para concluir, diz pensar que tudo tem sido feito para fazer face à necessidade de atrair pessoas.

21 - Quais os grandes projectos/investimentos previstos para o Concelho de Espinho?

Para analisar e conhecer a oferta turística de um espaço geográfico, é também importante conhecermos os projectos/investimentos que irão decorrer no curto/médio/longo prazo.

Assim, e neste contexto, o executivo transmitiu-me os seguintes projectos a serem realizados no Concelho de Espinho:

- Abaixamento da via-férrea;
- Todos os trabalhos de ordenamento/arranjo urbanístico decorrentes do espaço que será libertado à superfície;
- Projecto Fórum de Arte e Cultura de Espinho (FACE) que irá ser mais um equipamento
- Candidatura ao Quadro Comunitário de Apoio, onde estão em foco questões mais estruturais, como seja, as Escolas Primárias. Criar condições em escolas que foram construídas à 40 ou 50 anos e que não respondem às necessidades actuais dos jovens e do ensino.

- Por outro lado, temos a construção do CIC – Centro Interpretação do Castro de Ovil que é um Castro que temos em Paramos e que não é explorado a alguns anos.
- Construção de uma nova Biblioteca na Cidade de Espinho.
- Possibilidade de deslocalizar o nosso Parque de Campismo para outro local, num projecto de médio e longo prazo;
- Há também a possibilidade de uma remodelação do nosso Campo de Golfe, mas esse é um projecto mais de longo prazo.

Estes são portanto os principais projectos para o futuro do Concelho que me foram transmitidos pelo executivo camarário.

22 - Qual será o papel do “Abaixamento da Via-férrea” no âmbito turístico concelhio?

Todo o executivo acredita que a obra de “abaixamento da via-férrea” vai proporcionar a revitalização da cidade e do Concelho de Espinho.

Na perspectiva do presidente, esta obra será simplesmente o ponto de desenvolvimento fundamental do Concelho de Espinho, pois vai tornar-se num ponto de atracção futura ate para as pessoas verificarem como ficou a obra.

Ao mesmo tempo, será em grande medida a possibilidade de revitalizar o centro de Espinho, dando maior qualidade de vida aos residentes e aos que aqui se deslocam.

Será sem dúvida um instrumento de equilíbrio urbano e um aspecto turístico muito importante. A Linha-férrea, veio isolar de certa forma a parte Nascente da parte Poente do Concelho e aí, localizam-se alguns dos mais importantes agentes económicos. Com esta obra, cria-se uma unidade até aqui desconhecida, com aspectos positivos efectivos, assim como, se disporá de espaço para criar outras atractividades naquela zona para o Turismo.

23 - Existirão mais projectos a serem realizados?

Questionado sobre se surgirão mais projectos no seguimento da realização desta obra, todos responderam que objectivamente vão ser realizados mais projectos. Irá decorrer um concurso de ideias em Espinho promovido pela Câmara Municipal e que pretende

decidir o que fazer à superfície após a conclusão da obra de abaixamento da Linha férrea. Quase certa é a criação de uma zona nobre com espaços de lazer e cultura, tentando dotar Espinho com mais parques de estacionamento que são claramente uma lacuna no Concelho de Espinho.

A nova estação dos caminhos-de-ferro dizem, vai marcar duas áreas fundamentais uma a Norte e outra a Sul do Centro da Cidade. Nestes espaços pretende-se colocar infra-estruturas ligadas à cultura, com criação de espaços ajardinados e aprazíveis, segundo o defendido pelo executivo.

Apesar destes ideais, devemos considerar o decurso do concurso de ideias em marcha que, deverá trazer novidades que, todos os agentes económicos do Concelho de Espinho esperam sejam as melhores para este espaço.

24 - Qual o papel que o estado central deve ter em todo este processo?

Falamos de política de Turismo ao nível local e Nacional, mas afinal qual deverá ser o papel do estado central neste âmbito?

Os entrevistados defendem que o estado central tem papel preponderante, pois essa política deve vir do nível nacional. Contudo, isto não invalida que ao nível local não se possa ter as linhas estratégicas próprias e lutar pela realidade que representamos tal e qual ela se apresenta.

Por outro lado, o vereador Carlos Gaio, defende que o “...estado central tem um papel regulador que, deve ser salientado o papel que o sector privado deve ter”.

25 - Falando de futuro, quais são as grandes linhas para o desenvolvimento turístico do Concelho de Espinho?

Nesta questão os entrevistados recusaram-se praticamente a responder, pois dizem ter respondido a isto ao longo das outras questões.

O vereador Manuel Rocha defende contudo que “Espinho terá de crescer mais ao nível de infra-estruturas que tragam pessoas, fora da época balnear, pois nessa época temos também concorrentes de peso”.

Por seu lado, o vereador Carlos Gaio, defende que as grandes linhas passam por manter e reforçar aquilo que é a importância da época balnear, apostar em outro tipo de Turismo ligado ao lazer, ao desporto e à cultura.

O vereador Rolando Sousa diz que *“o grande desafio é, continuar a apostar no “Sol e Mar”, mas temos de diversificar e temos de criar condições para que se desenvolva o Turismo Cultural e o Turismo desportivo”*.

A diversificação deve e tem de ser o caminho!

5.3.2. Entidades Camarárias da Oposição

Neste caso, apenas foram entrevistados dois vereadores da oposição, ambos do Partido Social Democrata (PSD) que, obviamente explanaram os seus pontos de vista sobre a temática em estudo, enquanto possíveis dirigentes dos destinos do Concelho de Espinho.

As questões colocadas aos entrevistados foram as apresentadas no anexo 5.1., guião de entrevista 5.1.2.

Passemos à análise das suas respostas.

1 - Qual o sector da sua responsabilidade no Concelho de Espinho?

Nos dois casos, estamos a falar de pessoas que ocupam o cargo de vereadores da oposição, contudo em ambos os casos sem competências adstritas.

2 - Acha o Turismo importante no Concelho de Espinho, em termos económicos, culturais, sociais?

Nos dois casos, os vereadores da oposição conferem grande importância ao sector turístico no Concelho de Espinho, não só pela preponderância económica, mas também pela importância social e cultural. Ao mesmo tempo, Luís Montenegro afirma que é inevitável a aposta no Turismo, pois o Concelho não tem industria nem explorações agrícolas, pelo que se obvia a aposta neste sector. Por outro lado, Manuela Aguiar pensa que a proximidade do Concelho de Espinho em relação ao Porto aumenta o potencial turístico de Espinho, além do natural potencial que remonta aos antepassados.

3 - Quando falamos em Turismo no Concelho de Espinho, falamos em que na sua opinião?

Os entrevistados caracterizam o Turismo do Concelho de Espinho como sendo fundamentalmente de sol e praia e desportivo, ainda que exista alguma variante cultural, mas pouco desenvolvida. Além disto, Luís Montenegro, destaca a importância de se proceder à integração do Concelho de Espinho em outras áreas mais alargadas que possibilitem a definição de uma política de Turismo que tenha por base uma área com potencial turístico relevante questão que, é complicada para o Concelho de Espinho, pois nitidamente não tem dimensão, para ter um grande potencial turístico.

4 - Na sua opinião existem objectivos para o sector turístico do Concelho?

Neste âmbito, os dois entrevistados revelam que não conseguem vislumbrar grandes objectivos para o sector turístico no Concelho de Espinho. Desde logo afirmam que os objectivos do Concelho de Espinho se resumem em termos turísticos à realização de alguns eventos de média expressão, o que dizem demonstra pouca ambição nesta matéria. Defendem que muito mais deve ser feito, por um lado, diversificando e expandindo a oferta turística, e por outro lado, organizando grandes eventos em Espinho, fazendo com isso que, restauração, hotelaria e comércio local, beneficiem efectivamente com a realização dos mesmos.

Outro aspecto fundamental, referido por Luís Montenegro na sua entrevista, é *“poderei dizer que não existem objectivos estratégicos, não sabemos que tipo de turistas procuramos e fundamentalmente que tipo de turistas vem a Espinho, se repetem a visita, etc.”*, e este é um ponto-chave em toda a investigação, pois já concluímos no capítulo 3 que, tal facto é verdadeiro e se desconhece quem visita o Concelho de Espinho, o que é um factor importante a ter em conta numa qualquer estratégia para o sector turístico.

5 - Os mesmos são claros?

No caso dos entrevistados, e dado que pensam que não existem objectivos para o Turismo no Concelho de Espinho, esta questão não se aplica.

6 - Quais são as mais-valias turísticas no Concelho de Espinho?

No que respeita às mais-valias turísticas identificadas pelos entrevistados, verificamos que se baseiam fundamentalmente na praia, localização geográfica, equipamentos desportivos e culturais e também na segurança e calma do próprio Concelho de Espinho.

7 - Quais as maiores carências no sector do Turismo no Concelho de Espinho?

Manuela Aguiar, aponta a falta de sinalética turística à entrada da cidade e do Concelho de Espinho como a principal carência do Concelho de Espinho em termos turísticos.

Por seu lado, Luís Montenegro vai mais longe e afirma que “A principal carência é a falta de uma estratégia. Não sabemos exactamente o que queremos, nem tão pouco

sabemos para onde queremos ir”. Além disso, e segundo o mesmo tem-se adoptado algumas políticas que são erradas, pois dever-se-ia apostar mais na criação de eventos de grandes dimensões e ao mesmo tempo apostar no Turismo de negócios com um cariz muito particular. Ainda segundo o mesmo, existirão “clusters” no sector turístico que não estão a ser devidamente aproveitados, como é o caso do Turismo de saúde, pois Espinho dispõe de um balneário marinho.

Segundo Luís Montenegro “...*tendo em conta o mundo globalizado em que vivemos, Espinho está a perder objectivamente competitividade em relação aos outros...*”, o que prefigura aqui a maior carência que um espaço geográfico pode ter, pois se não acompanha o desenvolvimento de outros espaços vizinhos, corre o risco de cair no esquecimento e ir apenas subsistindo no tempo. Ainda segundo este, e para terminar, refere que “... *não apostamos sequer o suficiente na protecção e manutenção das nossas praias, o que indicia uma vez mais a falta de estratégia e de rumo...*”.

8 - Como vê as relações comerciais/institucionais dos vários agentes económicos da região?

Ambos os entrevistados dizem que apenas reconhecem alguma relação existente entre a câmara e a hotelaria, pois têm necessidade de ter a parceria dos mesmos para a realização dos eventos que organizam, contudo dizem não ver os comerciantes, agentes de viagem e a restauração a ser ouvida, o que afirma Luís Montenegro ser uma pena, pois “... *a gastronomia de Espinho podia desenvolver-se, pois tem tradição em pratos típicos que lhe podiam dar notoriedade caso esta fosse uma aposta clara...*”

9 - Existe uma estratégia definida para o Turismo no Concelho?

Os dois entrevistados afirmam não existir uma estratégia para o Turismo no Concelho de Espinho. No caso de Manuela Aguiar, afirma ainda que o Concelho de Espinho perdeu competitividade e é hoje preterido em relação a Santa Maria da Feira e à Póvoa do Varzim que se souberam desenvolver através dos tempos, com uma estratégia de desenvolvimento bastante eficaz.

10 - É do conhecimento público e generalizado?

Dado que os entrevistados disseram que não existe estratégia para o Turismo no Concelho de Espinho, esta questão não é aplicável.

11 - O Turismo no Concelho tem algum contributo em relação ao todo Nacional?

Em relação a esta questão, enquanto que Manuela Aguiar não tem dúvidas em afirmar que o Turismo no Concelho de Espinho tem o seu contributo para o todo Nacional, já Luís Montenegro diz ter as suas dúvidas, por segundo afirma “...*Temos uma ou outra coisa que tem impacto, sobretudo os grandes eventos que têm aqui lugar, mas julgo que muito aquém do que poderíamos ter*”.

12 - Quando falamos em política do Turismo, falamos em que na sua opinião?

Política de Turismo para Manuela Aguiar são “...*orientações capazes de potenciar as mais-valias turísticas de um espaço geográfico...no caso de Espinho, temos o mar, a Praia, Voleibol, o Rancho Folclórico, entre outras...*”

Ao mesmo tempo, diz que seria importante potenciar a restauração no Concelho de Espinho.

Por outro lado, Luís Montenegro encara a política de Turismo como “...*aquilo que deve ser uma prioridade e um desígnio Nacional...*”. Pela importância, por todos reconhecida, do sector turístico, torna-se obviamente necessária a existência de um conjunto de orientações capazes de orientar as mais-valias turísticas do Concelho de Espinho.

Os entrevistados encaram a política de Turismo como algo de essencial que deve orientar o desenvolvimento turístico do Concelho de Espinho para o futuro.

13 - Em função do que disse, pensa que existirá uma política do Turismo no Concelho?

Ambos os entrevistados pensam que não podemos falar de Política de Turismo no Concelho de Espinho, por motivos diversos. No caso de Luís Montenegro, afirma que existe alguma obra feita e que foram feitos alguns investimentos nos últimos anos, mas que para um sector altamente profissionalizado como é o caso do turístico, é muito pouco. A verdade é que segundo Luís Montenegro, “...*não conhecemos quem nos visita...*”, nem tão pouco sabemos “...*quais os efeitos das actividades culturais e desportivas na economia local...*”, e “... *Espinho não tem ligação com os Concelhos vizinhos sobretudo no aproveitamento da agenda cultural do Porto e do Europarque em Santa Maria da Feira de forma a criar sinergias potenciadoras de maior atracção, não pode falar em política de Turismo*”

14 - Quem é a entidade responsável?

Nos dois casos, e dado que disseram não se poder falar em Política de Turismo, esta questão não é aplicável.

15 - A nível Nacional, pensa que poderemos falar em política do Turismo?

No que respeita à política de Turismo ao nível Nacional, enquanto Luís Montenegro pensa que o PENT é claramente um bom exemplo disso, ainda que com algumas limitações, Manuela Aguiar, diz que pensa que não existe verdadeiramente política de Turismo a nível Nacional, pois como afirma *“...se compararmos com a Madeira verificamos que têm uma estratégia para o Turismo verdadeiramente implacável, apostando na qualidade e em unidades hoteleiras de elevado nível. Se tivéssemos no Continente um Presidente como o da Madeira com certeza que as coisas seriam diferentes, pois seríamos muito mais profissionais e convictos no que fazemos...”*

Neste ponto denota-se alguma tendência partidária, pelo que se deve ponderar o contexto das afirmações proferidas.

16 - Relativamente aos problemas do sector/adjacentes, quais seriam algumas soluções que poderiam ser implementadas?

As soluções apontadas pelos entrevistados para os problemas do Concelho de Espinho são diversas. Manuela Aguiar defende que *“...é importante termos Praias limpas e ordenadas, boa restauração e sermos capazes de organizar eventos que captem pessoas especialmente na época baixa... importante alargar a época banear...”*. Por seu lado, Luís Montenegro, defende que falta um estudo de caracterização do Turismo que possa sustentar o desenvolvimento futuro do sector. Ao mesmo tempo, defende que *“Seria fundamental interligar os sectores e os agentes económicos, aproveitar a proximidade de S.M.Feira, Gaia, área Metropolitana do Porto...”*

17 - Acha que existe uma boa receptividade da população face aos turistas?

Sobre esta questão, os entrevistados estão de acordo que, os Espinhenses têm uma boa receptividade face ao Turismo, pois compreendem que é fundamental para o desenvolvimento do Concelho de Espinho.

18 - A sustentabilidade é tida em conta na estratégia turística do Concelho de Espinho?

A este nível, enquanto que, Manuela Aguiar insistiu na ideia de que não existe estratégia turística no Concelho de Espinho, temos por outro lado, Luís Montenegro a dizer que a sustentabilidade não é tida em conta na estratégia turística, pois segundo o próprio *“Andamos a enganar-nos! Construámos grandes infra-estruturas desportivas e passamos a patrocinar por completo eventos desportivos para que os mesmos venham para aqui. O natural será que o poderemos conseguir durante mais alguns anos, mas depois, vamos perder estes eventos, e vamos ficar, com infra-estruturas extremamente pesadas em termos de custos de manutenção, literalmente ao abandono.”*.

19 - Tendo em conta os produtos turísticos existentes no Concelho, nunca pensou a Câmara em apostar em outros produtos, novos, revitalizados e diferentes?

Manuela Aguiar diz que *“...estamos próximos do Porto e Santa Maria da Feira que são destinos com grande actividade cultural...”*, e assim poderia ser feito muito mais de maneira a conseguir *“...uma maior integração inter-municipal com o aproveitamento das valências de cada destino...”*.

Luís Montenegro, afirma que não tem visto grande discussão sobre este ponto, da aposta em novos produtos turísticos. Diz *“Continuo a pensar que podemos e devemos ser um palco privilegiado para grandes eventos. Mas quando nós nem conseguimos fazer perdurar no tempo as grandes práticas que marcaram a história do Concelho, como é o caso da pesca artesanal, penso que está tudo dito quanto às capacidades do Concelho de preservar, desenvolver e potenciar...”*.

Os entrevistados retratam alguma incapacidade da Câmara em inovar e fazer coisas novas.

20 - Quais os grandes projectos/investimentos previstos para o Concelho de Espinho?

Com relação aos grandes projectos para o futuro no Concelho de Espinho, os entrevistados referem a *“obra de abaixamento da linha férrea, a construção da Pousada da Juventude que vai suportar a actividade da Nave Polivalente, e o projecto FACE...”*, como os grandes projectos a realizar no futuro em Espinho.

21 - Qual será o papel do “Abaixamento da Linha-férrea” no âmbito turístico concelhio?

Os entrevistados estão de acordo ao reconhecer que esta obra será extremamente importante para o Concelho de Espinho, e até determinante para a sua revitalização. Contudo, também referem “...esperemos que as opções de finalização da obra quer a Norte quer a Sul não sejam nefastas para a cidade e para as pessoas...”

Esta obra vai ser fundamental e vai abrir novas perspectivas, contudo é preciso não ceder na nossa opinião aos lobbies e interesses instalados no Concelho de Espinho.

22 - Existirão mais projectos a serem realizados?

Neste caso, os entrevistados, revelaram que apenas sabem que irá decorrer um concurso de ideias, demonstrando que a Câmara não partilha informações acerca de uma obra fundamental para a Cidade de Espinho e para o Concelho como um todo.

23 - Acha o papel do estado central crucial em todo este processo?

Neste âmbito, ambos os entrevistados defendem que o estado central deve interferir enquanto regulador, mas os principais impulsionadores devem ser na entidades locais, pois o conhecimento que possuem do seu espaço permite-lhes desenvolver boas estratégias e boas políticas turísticas.

Como aliás refere Luís Montenegro “*Acho que deve existir um órgão superior capaz de organizar e parece-me fundamental o inter-municipalismo, pois senão caímos no erro dos últimos 15/20 anos em que cada município construiu os seus equipamentos a seu belo prazer sem se pensarem nas áreas de abrangência. Deve existir um poder intermédio capaz de dizer que não é possível termos todos os Concelhos com equipamentos desportivo, pois é necessário diversificar a oferta...*”.

24 - Falando de futuro, quais são as grandes linhas para o desenvolvimento turístico do Concelho de Espinho?

No que respeita ao futuro, Luís Montenegro defende que este tenderá para uma maior “*interligação regional, preocupação em saber quem é o nosso turista, coordenação de todos os agentes económicos turísticos concelhios e aproveitamento de potencialidades na área dos negócios e da saúde, enquadradas nas nossas características e*

complementares a todas as ofertas que Espinho já possui, com um índice verdadeiro e competitividade.

Por seu lado, Manuela Aguiar, defende que, as grandes linhas para o desenvolvimento futuro passarão necessariamente pela "...diversificação e alargamento da oferta turística em Espinho, desenvolvimento da animação no Concelho e melhoria da estratégia de comunicação para com o turista..."

5.3.3. Outras Entidades em Geral

Neste âmbito, pretendíamos entrevistar os responsáveis pelas principais atracções turísticas do Concelho de Espinho, assim como, outras entidades pontualmente julgadas relevantes para o tema em estudo.

Assim e como já referido no ponto 5.2, entrevistamos as seguintes entidades:

- **Hotelaria** – Hotel PraiaGolfe e Hotel Mar Azul;
- **Atracções turísticas** – Oporto Golf Club, Gabinete de Turismo de Espinho, Centro Multimeios de Espinho, Nave Polivalente de Espinho, Complexo de Ténis de Espinho, Karting Indoor de Espinho com discoteca, Academia de Musica de Espinho;
- **Entidades de interesse geral** – Faculdade de Engenharia do Porto, Associação Comercial de Espinho e Halcon Viagens.

Aqui dado que temos um maior número de entrevistas, 14 no total, e para não proceder a análises muito morosas que não é de todo o pretendido, procederemos a uma análise objectiva e cruzada de todas as respostas obtidas, de forma a retirar as conclusões mais importantes para a temática em estudo.

As questões colocadas aos entrevistados foram as apresentadas no anexo 5.1., guião de entrevista 5.1.3..

Passemos então á análise individualizada das respostas obtidas, tendo sempre subjacente a problemática inicialmente formulada neste capítulo.

Apenas aqui destacar uma vez mais, o não contributo do Grupo Solverde para esta investigação que, através do Casino Solverde, Aparthotel Solverde e Hotel Solverde é o principal player do sector turístico do Concelho de Espinho, cuja participação era importante. Na falta de espírito de colaboração, prosseguimos com análise das

entrevistas às entidades que se mostraram interessadas e disponíveis e colaborar para o estudo de um tema que a todos interessa, ou deve preocupar.

1 - Qual o sector da sua actividade no Concelho de Espinho?

Neste âmbito, as responsabilidades das pessoas entrevistadas repartem-se pelos vários subsectores do Concelho de Espinho, 2 pessoas que operam na hotelaria, 7 que assumem a direcção das principais atracções do Concelho de Espinho, 2 pessoas que são directores dos 2 principais jornais de Espinho, 1 pessoa que é presidente da associação comercial local, 1 pessoa que é responsável por uma das principais agências de viagens de Espinho e para finalizar temos o responsável pela revisão do PDM de Espinho, director da FEEP ao qual se aplicou apenas algumas das questões previstas no guião para este grupo.

2 - Acha o Turismo importante no Concelho de Espinho, em termos económicos, culturais, sociais?

Quanto à importância do Turismo para o Concelho de Espinho não existem dúvidas, pois todos defendem que o Turismo é muito importante, pois tem vindo a consolidar-se ao longo dos anos.

Segundo alguns afirmam, o Turismo passou no Concelho de Espinho uns anos em que perdeu um bocado de protagonismo, mas nos últimos anos tem reconquistado segundo os mesmos a sua quota de mercado e tem-se vindo a consolidar não só através das potencialidades existentes, mas também da qualidade que tem melhorado nas suas infra-estruturas que, permite que Espinho se possa posicionar efectivamente no mercado de Turismo mais moderno.

Para outros, o Turismo é importante sobre todas as dimensões e até fundamental, pois tirando o Turismo e os serviços, e não tendo industria, o Concelho não tem mais nada. É portanto a única actividade com relevância e capaz de desenvolver todas as dimensões locais, seja económica, social ou cultural.

Outros defendem que apesar da inevitável importância do Turismo para o Concelho de Espinho, não vêm a Câmara apostar devidamente neste sector, pois não fazem o que poderiam fazer.

Por exemplo, e citando a entrevista efectuada a João Limas, director do Jornal Maré Viva, afirma que *“Espinho não tem sabido acompanhar a evolução pelo simples facto de*

não ter um programa paralelo durante a época balnear que consiga cativar as pessoas que a rodeiam”

3 - Quando falamos em Turismo no Concelho de Espinho, falamos em que na sua opinião?

Quando falamos em Turismo, e segundo os entrevistados, referimo-nos a uma componente forte de lazer, ao Turismo desportivo, ao óbvio Turismo de sol e praia e ao Turismo de negócios, à custa de duas ou três infra-estruturas de relevo que temos em redor de Espinho.

No entanto, referem que Espinho está demasiado velho, precisa de se revitalizar, pois segundo os mesmos, “Espinho parou no tempo”.

Sabemos que a ideia de Espinho como estância balnear tem os seus limites. Espinho tem desenvolvido outras valências associadas ao Turismo que não apenas o Sol e praia. Hoje em dia o Turismo é uma actividade transversal, e Espinho evidencia-se no Turismo cultural, Turismo de saúde e Turismo associado aos eventos técnicos e científicos.

Ao mesmo tempo, os entrevistados referem de uma maneira geral, a importância do balneário marinho, do campo de golfe, dos equipamentos desportivos interessantes como sejam o complexo de ténis, a Nave Polivalente e os recursos naturais, sobretudo na parte Sul da cidade de Espinho e até à freguesia de Paramos, onde a Lagoa de Paramos constitui um espaço de grande beleza e valia natural que, se encontra desaproveitada e tem muitas potencialidades para desenvolver.

Mais defendem que, “o Turismo é uma aposta mas tem de ser visto de uma perspectiva diversificada”, pois só assim é possível atrair um público diverso.

4 - Na sua opinião existem objectivos para o sector turístico do Concelho?

Quando falamos em objectivos para o sector do Turismo, tivemos respostas repartidas. Contudo a ideia geral é que os entrevistados nem sequer reconhecem a existência de objectivos para o sector turístico, e que se o fazem é porque estão integrados na estrutura camarária, tendo por isso de salvaguardar a sua posição.

Os entrevistados defendem que existem sim, os agentes económicos do Concelho de Espinho que fazem o seu trabalho de divulgação e promoção e esses têm objectivos, mas não é nada concentrado nem sequer em parceria.

Por outro lado, defendem igualmente que se o Concelho de Espinho tivesse realmente objectivos, teria de se dar a conhecer muito mais, através de melhor informação e sinalética à chegada do turista, e da simples existência de um mapa turístico do Concelho de Espinho que, não existe.

Por fim, apenas fazer referência ao teor da resposta dada pela responsável do Turismo Manuela Avelar que, esclarece que o facto da responsabilidade do sector turístico em Espinho ser da Câmara, faz com que os objectivos definidos sejam eminentemente políticos. Assim sendo, e neste cenário *“os objectivos têm um prazo de validade, correspondente ao tempo de duração do mandato, pelo que os objectivos são delineados a curto e médio prazo”*.

Mais acrescenta que, normalmente no sector público, e contrariamente ao sector privado, *“as pessoas planificam e pensam no curto e, médio prazo pois vêm a sua função limitada a um mandato de 3 ou 4 anos, e por isso tentam definir objectivos que não comprometam o futuro”*.

Estas declarações vão aliás ser determinantes para a conclusão da temática em estudo e desta dissertação como um todo.

5 - Os mesmos são claros?

No que respeita à clareza dos objectivos definidos, tivemos os entrevistados que responderam que não poderemos falar em objectivos no sector turístico do Concelho de Espinho, a afirmar que estes não são claros pois nem sequer existem, ao mesmo tempo que os restantes entrevistados responderam que apesar de eles existirem não são na sua generalidade muito claros, existem simplesmente.

6 - Quais são as mais-valias turísticas no Concelho de Espinho?

Genericamente as mais-valias turísticas identificadas pelos entrevistados foram:

- A Cidade como um todo, a segurança e a praia;
- Mar, bons acessos, pois o Concelho de Espinho está na periferia da segunda cidade do País - o Porto, o que deveria ser aproveitado;
- Um centro multimeios onde existe um planetário;
- O casino que consegue atrair um determinado nicho da população atraída pelo jogo;

- Uma nave polivalente que poderá acolher todo o tipo de organizações de índole cultural, social e desportiva;
- Todas estas infra-estruturas são complementadas por um parque hoteleiro com boas condições, pois todos os hotéis estão em zonas de excelência a poucos metros da praia, numa zona extremamente tranquila;
- Para além de tudo isto, alguns dos entrevistados, referem algo que dizem que os políticos frequentemente esquecem que, se prende com o Turismo rural. Na opinião dos entrevistados o Concelho de Espinho não se cinge apenas à cidade de Espinho, pois na freguesia de Paramos temos dois pontos que devem merecer destaque: são eles a Lagoa de Paramos Barrinha de Esmoriz que é um espaço de eleição pela sua beleza natural e a própria unicidade das espécies de aves que por ali param;
- Ao mesmo tempo, na freguesia de Paramos temos também o Castro de Ovil, onde há um projecto para rentabilizar e formar ali um determinado número de infra-estruturas que possa cativar outro tipo de pessoas que Espinho não consegue actualmente atrair. O Castro de Ovil é um sítio importante em termos históricos e naturais, pois apela à nossa curiosidade de saber como tudo o que nos rodeia nasceu;
- Para finalizar, e não menos importante, Espinho tem um aeródromo que, fez com que Espinho ganhasse em tempos a organização de alguns eventos importantes. Neste contexto, seria lógico que o Concelho de Espinho, até pelo parque empresarial extremamente relevante que existe na região, investisse neste aeródromo como ponto fundamental de chegada para algum tipo de clientes.

Neste âmbito, é por demais evidente que o Concelho de Espinho tem muitas infra-estruturas e que os políticos dizem estar sempre repletas de eventos, mas a questão fundamental a fazer, é se estes eventos serão os que mais interessam ao Concelho? Será que para um Concelho com o cariz turístico de Espinho estas são as actividades ideais? Estas são as questões fundamentais que ficam sem resposta, pois não existe nenhum estudo do impacto turístico destas infra-estruturas.

Neste ponto, destacar a afirmação de Álvaro Sabença, empresário da noite em Espinho que, afirma “...em Espinho o que acontece é que as pessoas trazem o dinheiro,

investem e depois não as deixam trabalhar. Só o Casino consegue trabalhar em pleno e sem restrições”. Segundo a mesma fonte, existem uma série de limitações burocráticas que limitam ou impedem o sucesso dos negócios em Espinho.

7 - Quais as maiores carências no sector do Turismo no Concelho de Espinho?

Ao invés, as maiores carências no sector do Turismo citadas pelos entrevistados foram:

- No Concelho de Espinho falta uma componente cultural, como sejam, igrejas, museus, e outras infra-estruturas capazes de assegurar alguma vida e alguma actividade em Espinho;
- Falta de divulgação/promoção ao nome Espinho;
- Situações de cariz mais genérico, como seja a já referida inexistência de um mapa turístico, a falta de sinalética turística, a circulação automóvel no centro da cidade, e algumas dificuldades em termos de transportes públicos para percorrer o Concelho de Espinho;
- Em termos de praias há pouca limpeza, excluindo a praia concessionada pela Câmara Municipal – Praia da Baia. Ao mesmo tempo, devemos falar em pouca abertura para que outras medidas sejam implementadas de forma a darmos a conhecer o que de melhor o Concelho de Espinho tem – a praia;
- Comodismo excessivo da população local que, por vezes não permite que existam actividades até mais tarde. O sossego e a qualidade de vida que Espinho oferece é uma mais-valia, sobretudo para quem vive por aqui, mas se Espinho quer ser um Concelho turístico tem de se sujeitar a algumas situações que são inerentes à actividade turística;
- Ausência de animação nocturna e de locais de lazer e diversão, pois Espinho não tem uma vida turística;
- Apesar de em Espinho existirem bons Restaurantes, com comida típica baseada numa enorme variedade de peixe, não são aproveitados como forma de cultura e diversão. Conforme afirma o Presidente da Associação Comercial de Espinho, *“...os políticos têm uma gestão política das situações, ou seja, podemos criar um ambiente atractivo e com muita animação e depois temos a população todos os dias a enviar cartas de reclamação para a Câmara. É esta a gestão política, vai a*

Câmara criar um ambiente que não é aceite pelos seus eleitores? É complicado e normalmente opta-se por não ir contra a população, pois o que conta são os votos!”

Em suma, e na opinião dos entrevistados, a maior carência reside fundamentalmente na animação. Não conseguem explicar muito bem o fenómeno da animação em termos privados, mas ao que parece prende-se com burocracias e taxas. A solução poderia passar por parcerias entre as empresas de animação e o município, pois assim estaria viabilizada e facilitada uma situação que se torna imprescindível para o Concelho de Espinho.

8 - Como vê as relações comerciais/institucionais dos vários agentes económicos da região?

As relações dos vários agentes económicos do Concelho de Espinho, são segundo a generalidade dos entrevistados, inexistentes ou muito ténues, embora alguns as classifiquem de boas.

Recorrendo ao contributo de Manuela Avelar, responsável do Turismo, afirma que “*não existe uma base de relações entre todos os agentes económicos do Concelho de Espinho*”. Excepção seja feita a 2 ou 3 casos que, correspondem aos hoteleiros, e que de facto têm uma perspectiva diferente das coisas, todos os outros sectores não estão interessados em dialogar.

Como exemplo, temos um caso narrado por Manuela Avelar que, diz “*recentemente estar a tentar fazer o levantamento pormenorizado da restauração de Espinho para fazer um roteiro gastronómico, contudo as pessoas resistem e não dão a informação*”.

Segundo defende o Presidente da Associação Comercial, e Assessor Independente do Presidente da Câmara, a Câmara não comunica com as pessoas e com os agentes turísticos, não diz qual vai ser o rumo e o que pensa fazer. Mais acrescenta que não há diálogo e que “*esta é a mentalidade empresarial que temos em Portugal e que Espinho não foge à regra*”.

Finaliza dizendo que “*...nós fazemos algumas coisas, trazemos para cá alguns milhares de pessoas, mas podíamos aproveitar melhor a presença das pessoas, temos de nos ajustar às necessidades das pessoas e não o contrario*”.

Por outro lado, temos os que defendem que as relações são boas, apesar de poderem ser melhores. Neste caso pensam que seria importante *“4/5 entidades mais importantes de Espinho, nomeadamente a STE – Sociedade de Turismo de Espinho através do Hotel PraiaGolfe, o Grupo Solverde, a Câmara e as restantes unidades hoteleiras que o Concelho tem, conseguirem sentar-se à mesa e definir uma estratégia de promoção comum”*.

Esta seria na opinião de alguns, uma forma de minimizar custos e conseguir criar um produto com um valor agregado superior.

A este nível, devemos também salientar por parte de alguns agentes turísticos, algum comodismo exagerado que, entendem que a Câmara tem de fazer tudo, contudo sabemos que as coisas não funcionam assim.

No que respeita a Hotelaria existe uma relação estreita, pois as pessoas responsáveis têm formação e impera a máxima do associativismo como caminho a seguir para o sucesso. No que diz respeito aos outros agentes, os entrevistados defendem que existe muito a ideia de esconder e não falar para o “vizinho” não saber e conhecer a sua realidade.

9 - Existe uma estratégia definida para o Turismo no Concelho?

No que concerne à estratégia para o sector turístico, todos estão em geral de acordo, afirmando que não existe uma estratégia para o Turismo no Concelho de Espinho.

Uns defendem que *“...existe uma vontade de definir uma estratégia, mas não existe efectivamente nenhuma estratégia. Mas a vontade existe, pois a câmara fez exactamente isso ao criar infra-estruturas para melhorar as valências do Concelho”*.

Outros afirmam que a *“estratégia existe mas não sai do papel”*.

Segundo afirmam não há uma estratégia definida. Defendem que a Câmara Municipal, deveria *“promover uma reunião geral com todos os agentes turísticos para definição de uma orientação”*. Seria importante definir objectivos e orientações claras para Espinho. Mas surge uma questão essencial, levantada pelo presidente da associação comercial que, é, *“será que queremos uma gestão empresarial ou uma gestão política que agrade aos eleitores?”*

Esta é a questão essencial da qual dependera a definição de uma estratégia turística eficaz.

Estratégia? Se não existe nenhum plano estratégico para o Turismo, então também não temos estratégia, é o ponto de vista defendido por Manuela Avelar.

10 - É do conhecimento público e generalizado?

Uns defendem que a estratégia não é do conhecimento público porque não existe pura e simplesmente.

Outros dizem que “...a estratégia que está definida essencialmente na mente dos políticos do Concelho, é expressa e publicitada por tudo aquilo que os jornais vão escrevendo...”, mas que a câmara não transmite qualquer informação aos seus cidadãos.

11 - O Turismo no Concelho tem algum contributo em relação ao todo Nacional?

No que concerne à importância do Turismo do Concelho de Espinho no todo Nacional, todos concordam que o Concelho de Espinho tem uma importância na medida da sua dimensão. Até porque o Concelho de Espinho é dos poucos que tem uma nave polivalente, um centro multimeios com planetário e um complexo de ténis no país. Portanto, por aí o Concelho de Espinho consegue capitalizar a organização de eventos que em mais nenhum Concelho se pode fazer porque não têm as características que nós temos.

Apesar de tudo isto, e não obstante, a relevância do Turismo do Concelho de Espinho poderia ser maior caso se conseguisse rentabilizar ao máximo a presença do turista em Espinho.

12 - Quando falamos em política do Turismo, falamos em que na sua opinião?

Na opinião dos entrevistados o termo “política de Turismo” é um termo muito vago em si próprio.

Uns defendem que política do Turismo equivale a todos os itens que compõem o Turismo, ou seja, a promoção, a requalificação, as propostas que desenvolvidas para atrair os turistas. Enfim são as valências que são apresentadas no mercado para que os turistas cheguem até nós.

A política de Turismo que é compreendida pelos entrevistados, é aquela que assenta no desenvolvimento de um plano de desenvolvimento turístico junto com privados e públicos, orientado para a criação de estruturas (espaços para comércio e serviços

adaptados ao Turismo). É fundamental existir maior diversidade de serviços turísticos para além da tradicional praia.

Falamos também, em todos os agentes e numa certa orquestração que tem de existir. Há necessidade de juntar as pessoas, uni-las, motivá-las e criar um plano com objectivos claros. Tal como as empresas privadas, e segundo o defendido pelo presidente da associação comercial, *“... devem existir metas a atingir e o negócio tem de dar lucro, senão têm de ser operadas alterações para que assim seja...”*.

Fundamentalmente, política de Turismo baseia-se em definir estratégias, ou seja definir para o sector 2 a 3 vectores de orientação para se direccionarem esforços para se atingirem. Um dos grandes vectores da política do Turismo em Espinho, poderia ser o como alterar o cenário da animação em Espinho. Pois Espinho tem um bom serviço, bons funcionários, falta somente animação, diversão, ocupação para os turistas que visitam Espinho e esperam encontrar uma zona animada e com vida.

13 - Em função do que disse, pensa que existirá uma política do Turismo no Concelho?

Relativamente a esta questão, os entrevistados não tiveram qualquer dúvida em afirmarem que não existe política de Turismo no Concelho de Espinho, até porque muitos deles não lhe reconhecem objectivos nem tão pouco estratégias, pelo que resulta daí a não existência de uma política de Turismo.

Apesar disto, alguns defendem que estarão reunidas as condições para vir a existir política do Turismo no Concelho, mas que ainda não existe actualmente.

Será uma questão de as pessoas se sentarem à mesa e chegarem a um consenso, segundo o que referem.

14 - Quem é a entidade responsável?

No âmbito da responsabilidade da política, e segundo o defendido pelos entrevistados, existem duas entidades que têm de assumir esse papel: a Câmara e o maior grupo hoteleiro do Concelho – Solverde. Se estes agentes económicos derem o impulso, todos os outros irão atrás. Estas entidades pelo peso que possuem têm necessariamente de ser a âncora disto tudo, tendo um efeito mobilizador no caso de avançarem.

15 - A nível Nacional, pensa que poderemos falar em política do Turismo?

Os entrevistados que ao nível Nacional aí sim podemos falar de Política de Turismo, pois Portugal em termos turísticos não é só Algarve.

A nível Nacional, com a nova estrutura estamos a caminhar para que haja uma estratégia concertada. Por exemplo o PENT, é segundo Rodrigo Barros extremamente elitista e cinge-se a novos projectos para grandes grupos. Para pequenas empresas, o PENT não servirá para nada, contudo para grandes grupos que façam avultados investimentos será muito útil, mas é sem dúvida redutor pois não contempla todos os agentes. Sabemos que grande parte das empresas no Turismo é de pequena e media dimensão e portanto é fundamental criar instrumentos para estes agentes poderem revitalizar os seus produtos.

16 - Relativamente aos problemas do sector/adjacentes, quais seriam algumas soluções que poderiam ser implementadas?

Os problemas indicados pelos entrevistados foram:

- Grande vazão de um estudo que mostre para onde ir, para quem Espinho se direcciona,
- Relativamente a toda a Área Metropolitana do Porto em Geral, falta um estudo que diga onde Espinho se deve posicionar e trabalhar para isso conjuntamente, câmaras municipais e agentes privados.
- Em Espinho não existe um estudo do perfil do turista, nem sequer de quantas pessoas nos visitam anualmente, o que é claramente um problema. Como poderemos saber a quem oferecer os nossos serviços e que estratégias definir para isso? Desta forma é impossível fazê-lo, pois não conhecemos o nosso turista efectivo e o potencial. Por exemplo,
- a troca de informações de resultados mensais dos hotéis é quase inexistente, é quase tema tabu haver abertura e transparência numa relação comercial saudável ainda que concorrencial. Em Espinho, cada unidade hoteleira tem o seu conhecimento mas não o partilha, tenta isso sim fazer-se valer por si própria.
- Essencialmente haver maior comunicação/interacção entre todos. Pois unidos poderemos sempre fazer mais do que individualmente. O público e o privado deviam colaborar muito mais, de forma a constituir sinergias efectivas. Isto penso

que não seria muito complicado, pois somos um Concelho muito pequeno, em que esta base de relações e de maior entreajuda não seria algo de complicado.

Ou seja, em suma falta conhecer o turista para melhor direccionar estratégias, melhor acolher, pois cada turista tem as suas preferências e nós devemos estar prontos para satisfazer todas as suas pretensões.

17 - Acha que existe uma boa receptividade da população face aos turistas?

Ao nível da receptividade da população de Espinho face aos turistas não há qualquer dúvida que os Espinhenses sabem receber bem. O povo de Espinho é bastante acolhedor, sendo que *“vem do passado esse espírito hospitaleiro do povo Espinhense, pois esta terra cresceu e desenvolveu-se com base no Turismo e nos serviços, logo não é novidade”*.

Contudo, e segundo um dos entrevistados, a população funciona muitas vezes como travão à própria animação, pois a câmara recebe propostas que se prolongam até à 1/2h da manhã, e vê-se obrigada a ponderar bem as propostas e a limitar a duração, pois senão terá no dia seguinte 20/30 reclamações.

Segundo defendem, *“Espinho tem uma população muito própria, com um nível de vida muito próprio, e quando a população vê alterado o sossego em que normalmente vive, não o aceita como sendo fruto do Turismo”*.

18 - Acha o papel do estado central crucial em todo este processo?

Os entrevistados não vêem a intervenção do estado central como fundamental, pois segundo defendem”...as autarquias são autónomas e tem elas próprias capacidade e possibilidade de apostar no sector do Turismo ou em qualquer outro que achem prioritário”.

Mais acrescentam que o estado deve dar indicações do que pretende para o Turismo Nacional e depois cada região tem de adequar o conceito do estado central a cada região.

O estado deve dar uma linha de orientação e definir as regras e os objectivos a atingir. Depois disto deve deixar que cada região trabalhe com os seus argumentos para as grandes linhas definidas.

O sector privado tem de ter um papel activo no sentido de apoiar as iniciativas do estado, contudo o estado tem de lhe dar confiança para investir, pois nenhum empresário quer perder dinheiro. É importante que se definam horizontes a 10/15 anos de distância com linhas orientadoras homogéneas, capazes de reunirem o apoio dos investidores para apostarem em projectos válidos e com alguma segurança de retorno financeiro.

É necessário trabalhar em rede para que possamos trabalhar conjuntamente para uma serie de objectivos.

19 - Falando de futuro, quais são as grandes linhas para o desenvolvimento turístico do Concelho de Espinho?

As grandes linhas do desenvolvimento turístico para o Concelho de Espinho referidas pelos entrevistados foram:

- A requalificação da cidade que, já está em curso com as obras de rebaixamento da linha;
- Uma melhor qualidade dos produtos que oferecemos aos turistas que aqui chegam, nomeadamente em termos de segurança, das acessibilidade que hoje em dia é fundamental e uma componente forte de animação;
- Deve-se apostar na criação de uma zona com Bares, discotecas, restaurantes de boa qualidade, capazes de darem vida ao Concelho e de manter ocupadas as pessoas que nos visitam;
- O grande desafio poderá ser conseguir dinamizar o comércio, pois se tal for feito os empresários voltarão a investir, o que dará mais vida a Espinho;
- Definir um plano estratégico para o Concelho de Espinho, pois assim identificar-se-ia melhor as lacunas e falhas do Concelho de Espinho, estabelecendo medidas concretas para as suprir;
- Criar um “honeypot”, verificando num estudo aprofundado se o Concelho poderá e deverá ter mais do que tem, fosse equipamento de diversão, fosse na área de eventos marcantes. Haveria necessidade provavelmente de estruturar o que temos, também de forma diferente, em forma de redes para assim retirarmos o maior proveito daquilo que dispomos.

Estas orientações estratégicas explicitam mais uma vontade que medidas concretas que estejam implementadas no terreno.

20 - Conhece e sabe qual será o rumo?

Todos os entrevistados reconhecem não conhecer o rumo para o Concelho de Espinho no futuro, antes prefigurando e referindo no âmbito desta investigação aquilo que gostariam ver acontecer no Turismo no Concelho de Espinho.

5.4. Análise Conjugada dos elementos chave que compõem uma política de Turismo

Analisado que foi no capítulo 4, o âmbito de uma qualquer Política de Turismo, conhecidas as condições para que possamos efectivamente falar na existência de uma Política de Turismo, e analisadas que estão as respostas às questões formuladas aos diferentes agentes turísticos do Concelho de Espinho, pretendemos neste ponto proceder a uma análise cruzada de todas as respostas obtidas, mas agora apenas relativamente às questões que são centrais no desenvolvimento e na existência de uma Política de Turismo para um qualquer espaço geográfico.

Assim, e no âmbito descrito, seleccionamos alguns pontos, para analisar as respostas obtidas, considerados como elementos chave neste contexto. A destacar:

- Importância do sector turístico no Concelho de Espinho;
- Objectivos do sector turístico no Concelho de Espinho;
- Relações institucionais no sector turístico do Concelho de Espinho;
- Estratégia do sector turístico no Concelho de Espinho;
- Política de Turismo no Concelho de Espinho;
- Receptividade da população local face ao Turismo no Concelho de Espinho;
- Papel do estado central no processo de criação e implementação de uma política de Turismo

Apesar de as respostas obtidas, nem sempre serem possíveis uniformizar, procedemos a uma análise que se fundamenta em duas respostas básicas às questões formuladas,

o “sim” e o “não”, não contemplando para o efeito respostas intermédias, como se pode visualizar pela análise da tabela 5.4..

De facto, apenas utilizando este pressuposto foi possível efectuar uma análise coerente e válida das respostas obtidas às questões formuladas nas entrevistas realizadas. De outra forma, não seriam mensuráveis os resultados, teríamos que nos limitar à análise qualitativa dos resultados que anteriormente apresentamos.

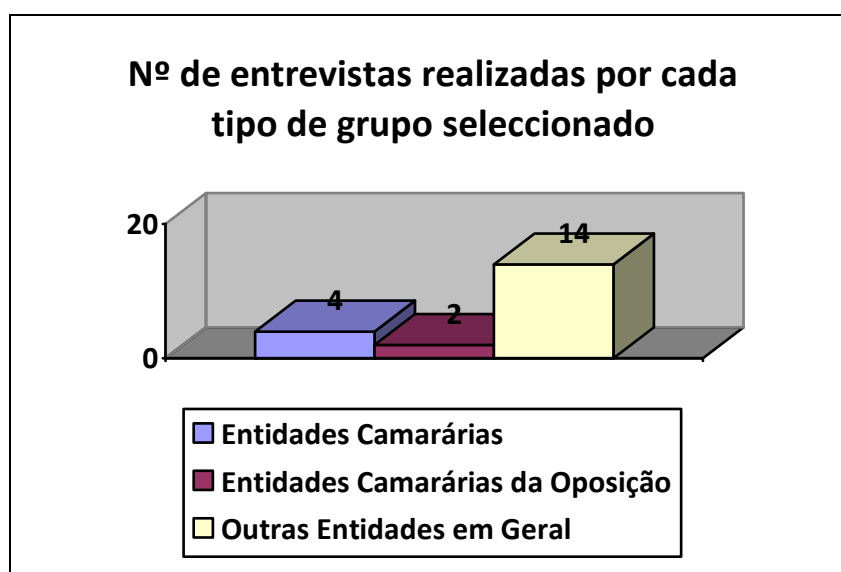
5.4.1. Enquadramento

Tabela 5.4 – Respostas às questões centrais de uma política de Turismo

QUESTÕES	Respostas às questões					
	Entrevista entidades camarárias		Entrevista às entidades camarárias da oposição		Entrevista às outras entidades em geral	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Acha o Turismo importante no Concelho de Espinho, em termos económicos, culturais, sociais?	4	0	2	0	14	0
Na sua opinião existem objectivos para o sector turístico do Concelho?	4	0	0	2	6	8
A Oposição partilha desses objectivos?	4	0				
Esses mesmos objectivos são claros?	4	0	0	2	4	10
A relação entre a câmara e os agentes económicos é fácil?	4	0				
Existe uma estratégia definida para o Turismo no Concelho?	4	0	0	2	3	10
É do conhecimento público e generalizado?	3	1	0	2	2	11
Em função do que disse, pensa que existirá uma política do Turismo no Concelho?	4	0	0	2	6	8
Acha que existe uma boa receptividade da população face aos turistas?	4	0	2	0	14	0
Acha o papel do estado central crucial em todo este processo (na criação e implementação de uma Política de Turismo)?	3	1	0	2	11	2

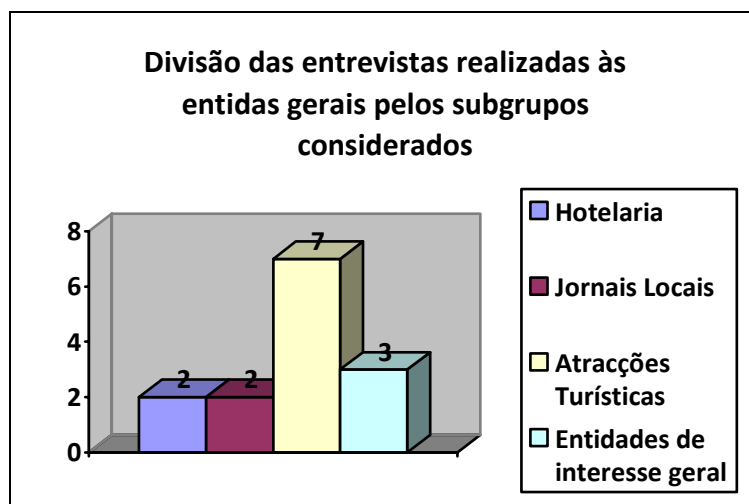
Recuando ao ponto anterior, relembramos que foram realizadas 20 entrevistas divididas pelos grupos designados (entidades camarárias, entidades camarárias da oposição e outras entidades em geral), como aliás podemos comprovar na figura 5.1 abaixo, onde podemos constatar que as entidades de interesse geral representam 14 das 20 entrevistas realizadas.

Figura 5.1 – Nº de Entrevistas realizadas por cada tipo de grupo seleccionado



As entidades de interesse geral, e conforme já apresentado, repartiram-se por outros subgrupos (hotelaria, jornais locais, atracções turísticas e entidades de interesse geral), sendo as atracções turísticas a destacaram-se com maior numero de entrevistados, conforme explicitado na figura 5.2.

Figura 5.2 – Divisão das entrevistas realizadas às entidades gerais pelos subgrupos considerados



Por outro lado, devemos fazer a distinção entre as entidades de gestão pública e privada, pois ao nível da política de Turismo este é um factor decisivo.

Da Análise decorrente da tabela 5.5, verificamos que no que toca às entidades camarárias e da oposição, estamos obviamente a falar de gestão autárquica pública.

No que respeita às outras entidades em geral, temos que 6 das entidades entrevistadas são de gestão pública e as restantes 8 são de gestão privada. Este factor vai ser importante no desenvolvimento deste capítulo 5, pois como vimos no capítulo 4, a actuação do sector público e privado é muito diversa, pelo que será de todo pertinente introduzir esta variável para discussão.

Verifiquemos então com mais atenção os dados apresentados na tabela 5.4, onde temos uma análise quantitativa pormenorizada das respostas obtidas às questões consideradas chave no âmbito de uma Política de Turismo ao nível local.

Tabela 5.5 – Classificação da actividade das Entidades entrevistadas

Grupos Alvo	Tipo de Gestão
<u>Entidades camarárias</u>	
Presidente da Câmara de Espinho e Vereador do Pelouro do Turismo – Dr. José Mota	Gestão Pública
Vereador da Câmara de Espinho, Pelouro Saúde Pública, Protecção Civil e Obras – Sr. Manuel Rocha	Gestão Pública
Vereador da Câmara de Espinho, Pelouro Cultura – Dr. Carlos Gaio	Gestão Pública
Vereador e Vice-presidente da Câmara de Espinho – Sr. Rolando Sousa	Gestão Pública
<u>Entidades camarárias da oposição</u>	
Vereadora da Oposição PSD – Dra. Maria Manuela Aguiar	Gestão Pública
Vereador da Oposição PSD – Dr. Luís Filipe Montenegro	Gestão Pública
<u>Entrevista às outras entidades em geral</u>	
Presidente Conselho de Administração do Hotel PraiaGolfe - Dr. Rodrigo Barros	Gestão Privada
Presidente da Associação Comercial de Espinho - Sr. Aleixo	Gestão Privada
Hotel Mar Azul – Óscar Marques	Gestão Privada
Representante Oporto Golf Clube - Sr. Granja	Gestão Privada
Halcon Viagens – Sra. Catarina Curral	Gestão Privada
Jornal Maré Viva – Sr. João Limas	Gestão Privada
Jornal Defesa de Espinho – Sr. Lúcio Alberto	Gestão Privada
Gabinete Turismo da Câmara Municipal de Espinho – Dra. Manuela Avelar	Gestão Pública
Centro Multimeios de Espinho – Entrevista com a responsável Dr. Ventura	Gestão Pública
Nave Polivalente de Espinho – Entrevista com o responsável Prof. João Moutinho	Gestão Pública
Complexo de Ténis de Espinho – Entrevista com o responsável Prof. Ricardo Tavares	Gestão Pública
Karting Indoor Espinho – Entrevista com o responsável Álvaro Sabença	Gestão Privada
Director Academia Musica Prof. Alexandre Santos	Gestão Pública
Responsável do Futuro Plano Director Municipal de Espinho, Faculdade de Engenharia do Porto – Professor Dr. Paulo Pinho	Gestão Pública
Total Entrevistas	20

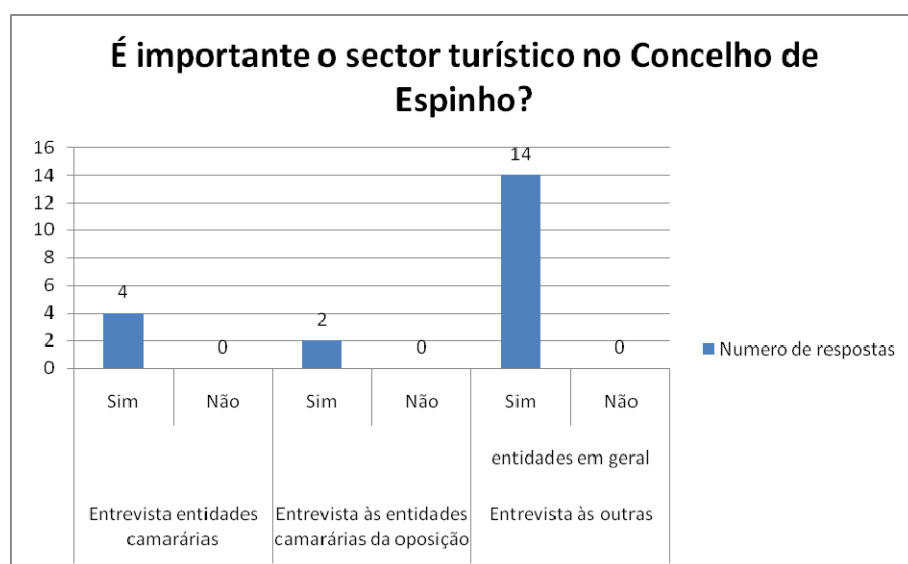
5.4.2. Análise de resultados globais quantitativos

Façamos uma análise individualizada de cada um dos itens considerados como fulcrais no estudo do tema “política de Turismo”, para que então possamos, configurar todo um cenário propício a dar uma resposta à problemática inicialmente formulada. Será que efectivamente existe uma política de Turismo no Concelho de Espinho? Avancemos então para uma análise cruzada das respostas obtidas por cada um dos grupos considerados.

5.4.2.1. Importância do sector turístico no Concelho de Espinho

A primeira das questões-chave a serem analisadas, é se de facto o sector turístico era importante para o Concelho de Espinho?

Figura 5.3 – É importante o sector turístico no Concelho de Espinho?



Como podemos verificar na figura. 5.3, não há qualquer dúvida de que o Turismo seja um aspecto importante e até fundamental para o Concelho de Espinho.

Todos os 20 entrevistados, dos diferentes grupos considerados, são de opinião que o Turismo no Concelho de Espinho é importante em termos económicos, sociais e culturais, até porque é das únicas actividades económicas com expressão efectiva no Concelho.

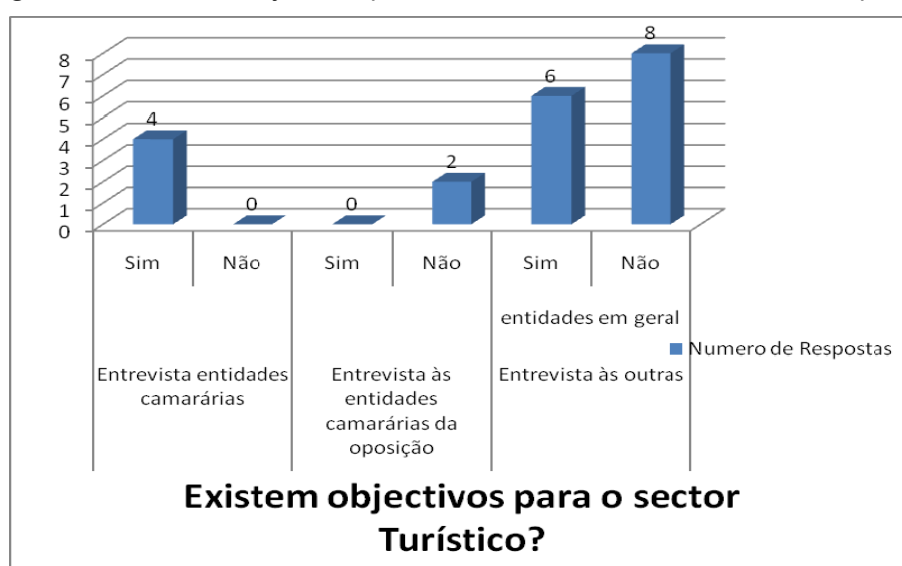
Ao mesmo tempo, e em termos históricos, a importância do Turismo vem já do passado, com Espinho desde cedo a afirmar-se como destino de veraneio por excelência, tendo inclusive sido conhecida, a cidade, durante anos como a “Rainha da Costa Verde”.

Portanto, as respostas obtidas legitimam empiricamente a importância do sector turístico no Concelho de Espinho.

5.4.2.2. Objectivos do sector turístico no Concelho de Espinho

O facto de o sector turístico ser importante no Concelho de Espinho, não significa que existam objectivos definidos para o mesmo. Neste contexto, interessava-nos especialmente aferir da existência de objectivos no sector turístico, tendo por base os grupos de entidades consideradas.

Figura 5.4 – Existem objectivos para o sector turístico no Concelho de Espinho?



Na figura 5.4, fica bem explícita uma situação de maior distribuição das respostas. Se por um lado, temos o executivo camarário que reconhece, como lhe compete que, foram definidos objectivos para o sector turístico no Concelho de Espinho, temos por outro lado a oposição a discordar completamente e a afirmar que não existem objectivos para o sector. Apesar da divergência até aqui tudo normal, porque a oposição desempenha o seu papel de discordância face às ideias do executivo camarário.

Se avançarmos para a análise das respostas obtidas nas outras entidades em geral, teremos uma grande surpresa, pois neste grupo as respostas são mais repartidas, sendo que 8 entidades dizem não se poder falar em objectivos no sector turístico do Concelho de Espinho, e 6 entidades reconhecem a sua existência. Pois bem, mas mesmo ao nível das respostas afirmativas, devemos ter em conta que as mesmas dizem respeito a entidades de gestão pública na maioria dos casos. Neste sentido, foi

constatado que as entidades respondem afirmativamente, apenas e tão só por serem entidades de gestão pública, utilizando-se muitas vezes a expressão “...salvaguardando a minha posição...”.

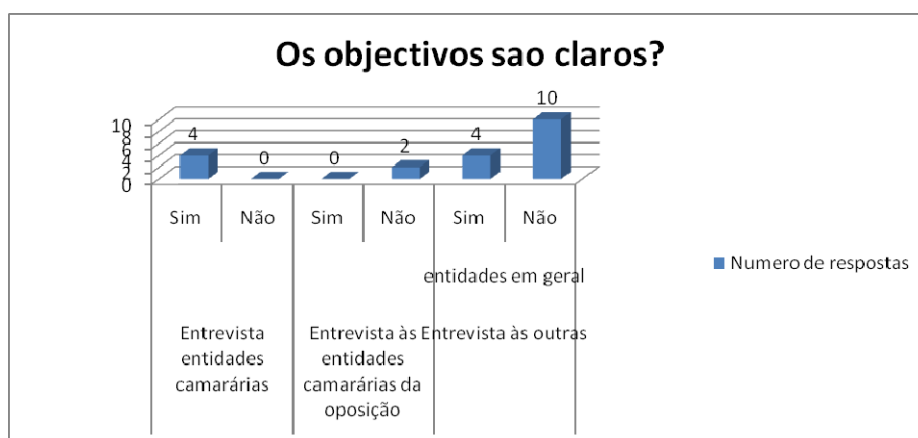
No que respeita às entidades que responderam negativamente, temos de destacar a resposta do Complexo de ténis de Espinho que, apesar de ser uma entidade de gestão pública, não reconhece a existência de objectivos para o sector turístico. Todas as outras respostas negativas explicitam claramente a ideia de que o sector privado se sente desmotivado, pois não vê um conjunto de objectivos definidos para a orientação do sector turístico no Concelho de Espinho.

É opinião consensual que, muito mais deveria ser feito, passando muitas vezes daquilo que estará no papel para a aplicação efectiva.

Neste ponto, e não querendo nós efectuar juízos precipitados, apenas assinalar a divergência de opiniões nesta questão que, contrariamente à importância do sector, não reúnem consenso.

Mais acrescentar que, se consultarmos a figura 5.5, concluímos que o cenário ainda se agrava mais, pois duas das entidades de interesse geral que haviam respondido que existiriam objectivos para o sector turístico do Concelho de Espinho, responderam agora que os mesmos, apesar de existirem não são claros

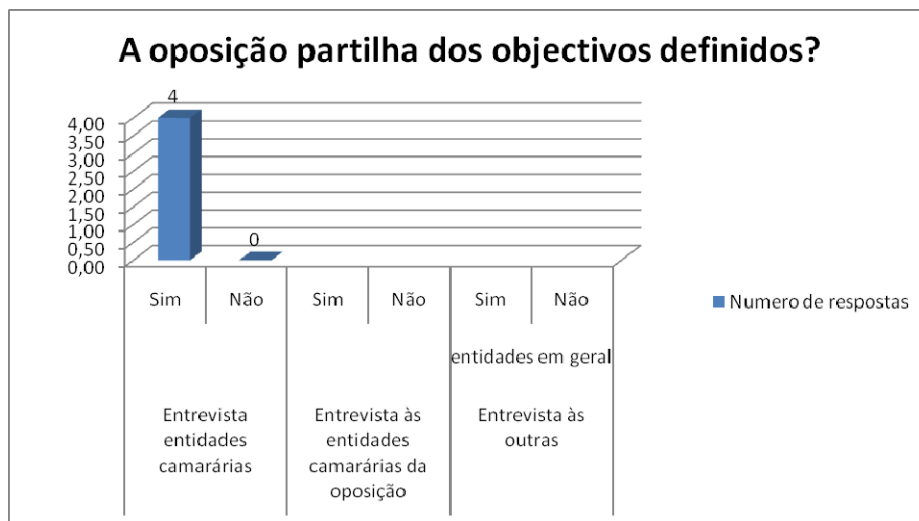
Figura 5.5 – Os objectivos são claros?



Para concluir a questão dos objectivos, e consultando a figura 5.6, foi questionado ao executivo camarário se a oposição partilhava dos objectivos definidos pela camara, sendo que a ideia geral é de que a oposição concorda com esses objectivos, mas tem de dizer sempre algo mais de diferente. Segundo afiançam, também o Concelho de

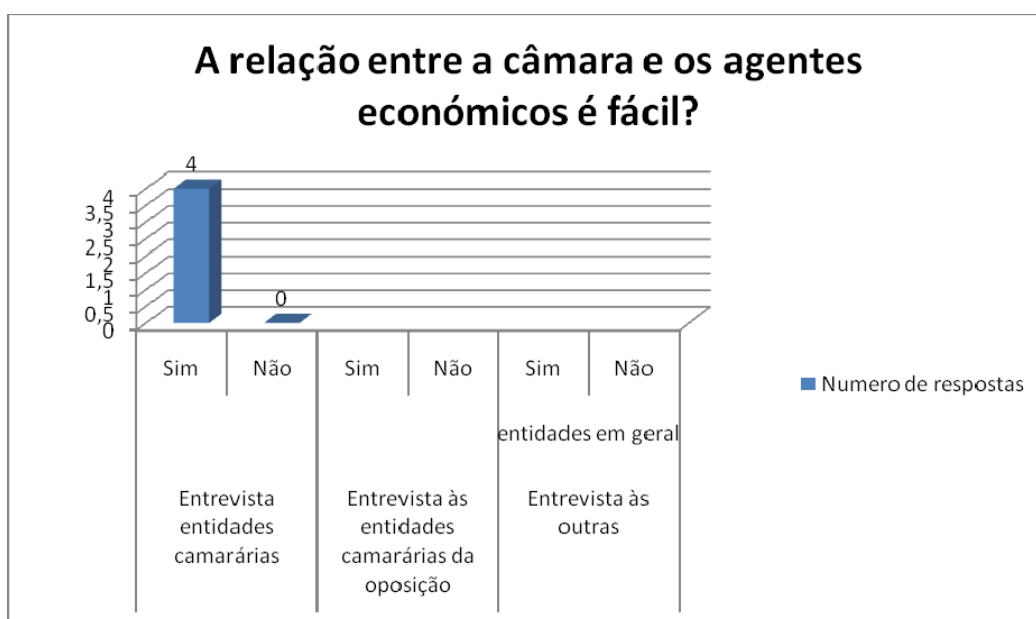
Espinho não dará para fazer muito mais. Esta questão foi apenas colocada às entidades camarárias, de forma a verificar a sua percepção em relação à envolvente.

Figura 5.6 – A oposição partilha dos objectivos definidos?



5.4.2.3. Relações institucionais no sector turístico do Concelho de Espinho

Figura 5.7 – A relação entre a Câmara e os agentes turísticos é fácil?



Questionado o executivo camarário acerca da relação desta entidade com os restantes agentes económicos e turísticos do Concelho de Espinho, e como seria de esperar, todos os seus elementos responderam que essa relação existe e é fácil.

5.4.2.4. Estratégia do sector turístico no Concelho de Espinho

Analisando outro dos aspectos fundamentais numa política de Turismo, e questionadas as 19 entidades que responderam a esta questão, pois Paulo Pinho não respondeu a esta questão, pois diz não ser conhecedor suficiente da realidade turística do Concelho de Espinho para opinar, foi questionada a existência de uma estratégia para o Turismo no Concelho de Espinho.

Pois bem, se no que se refere aos objectivos as respostas foram já preocupantes, no que se refere à estratégia diríamos que são no mínimo alarmantes.

Analisando a figura 5.8, chegamos à conclusão que apenas o executivo camarário e outras 3 entidades de carácter geral, mas com gestão pública respondem afirmativamente a esta questão. A posição da oposição pode-se dizer normal, mas termos pessoas como a responsável do Turismo e o presidente da associação de Espinho a afirmar que não existe estratégia para o sector do Turismo do Concelho de Espinho, assim como todas as entidades privadas.

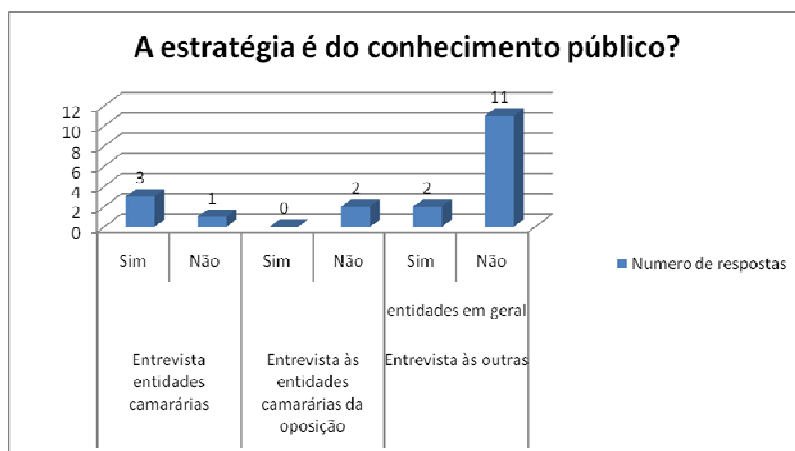
Daqui, e sem qualquer precipitação, baseando-nos na base empírica de que dispomos, poderemos dizer que não existe uma estratégia para o Turismo no Concelho de Espinho, pois apesar de o executivo camarário dizer o contrário, de facto são os agentes turísticos que experimentam essa mesma estratégia, no caso de ela existir. Como vimos, as entidades privadas não reconhecem a definição de objectivos, nem tão pouco de uma estratégia ao nível do Turismo no Concelho de Espinho. Esta é desde já uma conclusão essencial para a resposta final à problemática formulada neste capítulo e nesta dissertação em geral.

Figura 5.8 – Existe uma estratégia definida para o Turismo no Concelho de Espinho?

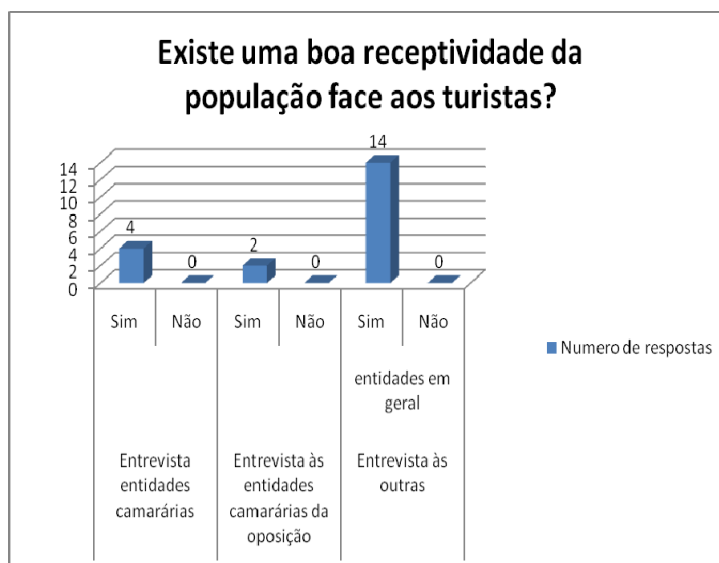
Se entrarmos em mais pormenores, e verificando se a estratégia para o Turismo, a existir, é do conhecimento público, deparamo-nos com resultados ainda muito mais preocupantes, pois temos entidades que apesar de reconhecerem a existência de uma estratégia para o Turismo, afirmam que a mesma não é do conhecimento público, como se pode verificar na figura 5.9.

Neste contexto, apenas destacar que um dos membros do executivo camarário é também de opinião que a estratégia não é do conhecimento público, evidenciando dificuldades na estratégia de comunicação do executivo.

Ao mesmo tempo, destacar que o Presidente da Câmara diz ter uma estratégia mas apenas para o executivo camarário se orientar, contudo quando questionado sobre o conhecimento público da mesma, responde afirmativamente o que de certa forma evidencia alguma contradição.

Figura 5.9 – A estratégia é do conhecimento público?

5.4.2.5. Receptividade da população local face ao Turismo no Concelho de Espinho

Figura 5.10 – Existe uma boa receptividade da população face aos turistas?

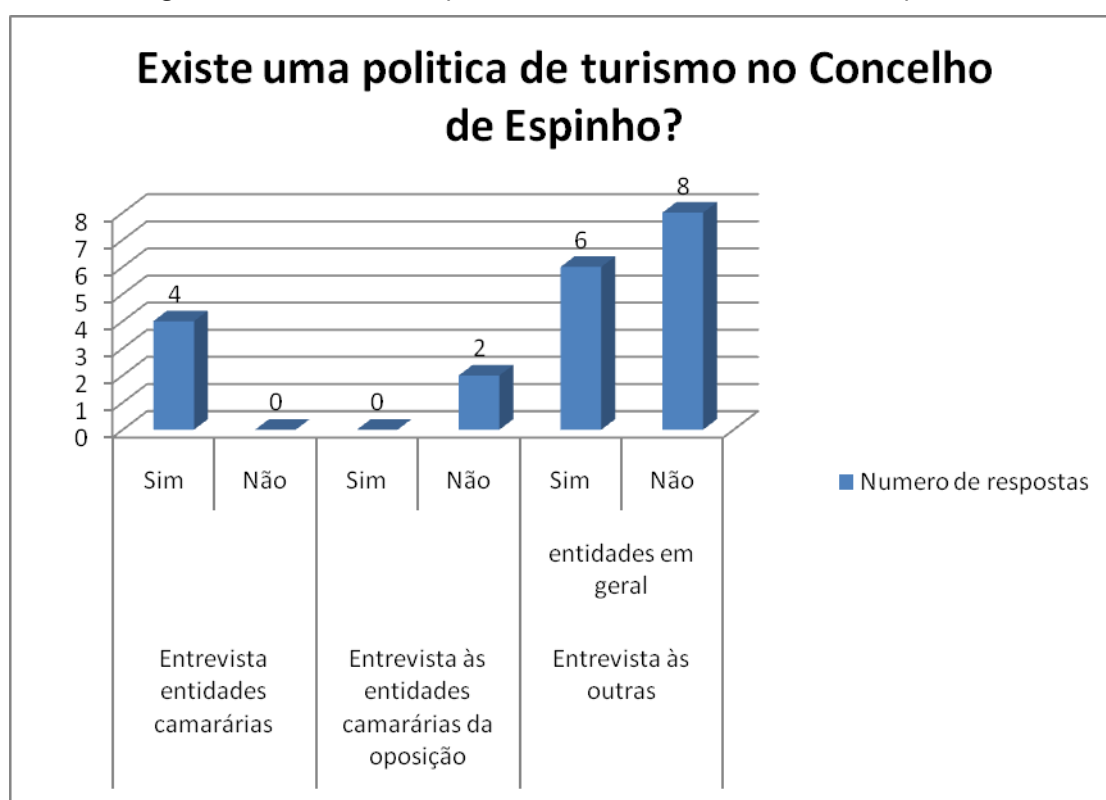
No que respeita à receptividade da população local face aos turistas e ao Turismo em geral, ficou bem evidente que os Espinhenses acolhem bem e são hospitaleiros. Contudo, e não obstante, devemos salientar que a população, e segundo alguns dos entrevistados, torna-se por vezes intolerante, face a determinadas práticas que são decorrentes da actividade turística, não permitindo por exemplo, barulho para além das 24h. Mais ainda que, o executivo camarário permite este tipo atitude, por parte da

população, tentando limitar os barulhos para além dessa hora, o que diga-se apenas contribui para que Espinho não tenha vida nocturna e animação.

Daqui devemos tirar a elação de que, os Espinhenses sabem receber bem, mas devem evoluir no sentido de aceitarem determinadas práticas que apenas beneficiam a actividade turística.

5.4.2.6. Política de Turismo no Concelho de Espinho

Figura 5.11 – Existe uma política de Turismo no Concelho de Espinho?



Chegados à questão essencial deste capítulo e desta dissertação, pretendemos analisar com toda a minúcia, as respostas obtidas e as possíveis relações que tal possa ter com outras variáveis, para que possamos aferir com substância, da existência de uma política de Turismo no Concelho de Espinho.

Na figura 5.11, é desde logo visível que voltamos aos resultados da questão referente aos objectivos. Uma vez mais, fica bem explícita uma situação de maior distribuição das respostas. Se por um lado, temos o executivo camarário que, diz que tem obviamente uma política para o Turismo do Concelho de Espinho definida, e que aliás orienta o

executivo nas decisões diárias que tem de tomar, temos por outro lado, a oposição a discordar completamente e a afirmar que não existe política para o sector no Concelho de Espinho, pois se não temos objectivos definidos e uma estratégia, não temos por consequência uma Política de Turismo.

Apesar desta divergência de ideais que, poderemos considerar como natural, pensamos que a este nível a oposição, transmite uma preocupação clara face à orientação que o Concelho de Espinho está a tomar, ou mais propriamente à falta dela.

Se analisarmos as respostas obtidas nas outras entidades em geral, obteremos resultados já vistos na análise dos objectivos do sector turístico no Concelho de Espinho. Assim sendo, neste âmbito as respostas são repartidas, sendo que 8 entidades dizem não se poder falar em política de Turismo no sector turístico do Concelho de Espinho, e 6 entidades reconhecem a sua existência.

Apesar disto, e não obstante estes resultados, ao nível das respostas afirmativas, devemos ter em conta que, as mesmas dizem respeito maioritariamente a entidades de gestão pública na maioria dos casos. Neste sentido, foi constatado que as entidades respondem afirmativamente mais uma vez, apenas e tão só por serem entidades de gestão pública, e se sentirem obrigadas a dizer-lo desta forma. Esta situação pode ter uma explicação lógica que, na nossa opinião passa pelo facto das pessoas que representam as entidades com gestão pública, e no que se refere a uma tarefa que cabe efectivamente à Câmara Municipal de Espinho, optam por se pronunciar positivamente quando pensam o contrário, pois mais uma vez a expressão “salvaguardando a minha posição...” é diversas vezes aplicada.

No que respeita às entidades que responderam negativamente, temos de destacar uma vez mais a resposta do Complexo de ténis de Espinho que, apesar de ser uma entidade de gestão pública, não reconhece a existência de política de Turismo no Concelho de Espinho.

Todas as outras respostas negativas, referem-se a entidades privadas que, vêm a sua actividade ameaçada, por falta de orientação estratégica e de um rumo fundamental, que sirva de linha orientadora para todos os agentes turísticos do Concelho de Espinho. Como alguns defendem, cada um vale por si em Espinho, e isso só serve para enfraquecer o sector no Concelho de Espinho, pois sabemos que quanto maior a organização e estruturação da oferta, maior é o potencial de atracção turística de um determinado destino.

Os entrevistados defendem que muito mais devia ser feito, pois se Espinho não tem um mapa turístico com a identificação dos principais locais de interesse, não tem sinalética turística adequada, não faz promoção em feiras e workshops e sobretudo, é incapaz de criar estruturas de animação que perdurem no tempo e não sejam apenas sazonais, pelo que, ter-se-ia que ir muito mais além e fazer muito mais que organizar pura e simplesmente alguns eventos, cujo efeito multiplicador é completamente desconhecido. Neste contexto, parece-nos que a legitimação empírica para a inexistência de política de Turismo no Concelho de Espinho está já configurada, pois por tudo quanto foi referido, é impossível termos política sem objectivos e sobretudo sem estratégia.

Se tivermos em conta uma das afirmações de um dos vereadores entrevistados “...estamos aqui não para julgar, mas para sermos julgados...”, torna-se claro que o importante é a opinião dos agentes turísticos, pois são eles que têm a percepção clara da actuação do executivo camarário, no que aos objectivos, estratégia e política diz respeito. Neste contexto, será importante aqui salientar que não basta ao poder político dizer que o que faz está bem, mas que de facto os agentes turísticos e a população em geral, percepcione e experimente as medidas positivas ou a falta delas. É aqui precisamente que surge o enquadramento para a conclusão que tiramos, pois no que respeita ao Concelho de Espinho, apenas o executivo camário consegue vislumbrar no horizonte turístico do Concelho de Espinho, objectivos, uma estratégia e acima de tudo, uma política que sirva de linha orientadora para todos os actores do sector turístico.

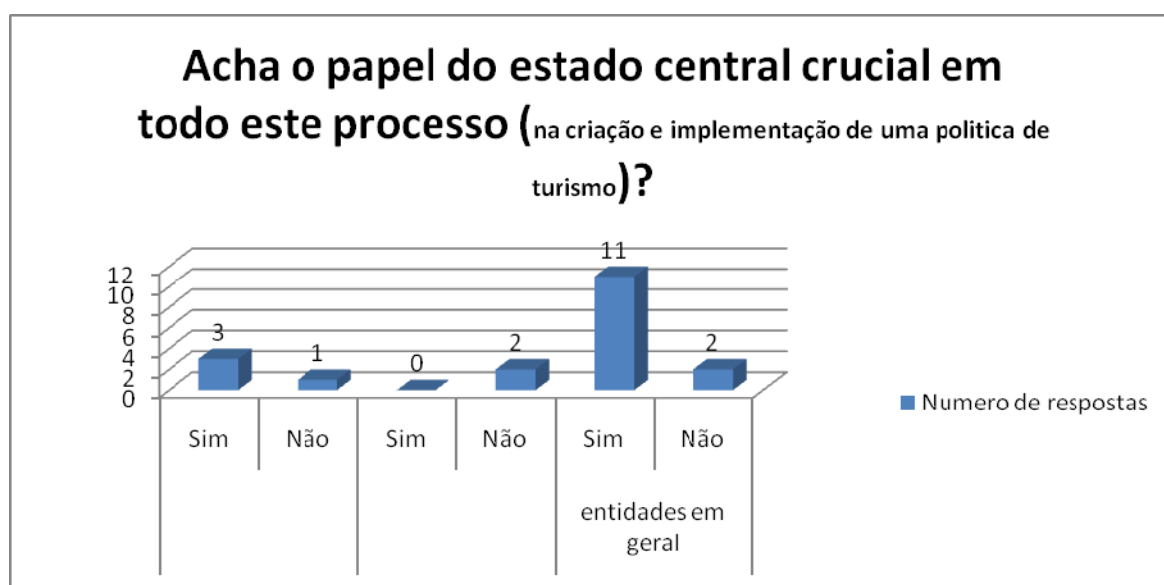
De qualquer das formas, e porque queremos que esta seja uma análise clara e objectiva, nada tendenciosa, iremos buscar igualmente a legitimação teórica da hipótese que havíamos formulado logo no início desta investigação que, efectivamente não existe no Concelho de Espinho uma Política de Turismo.

Se recorrermos ao capítulo 4, a abordagem feita pelos diversos autores, no que se refere à política de Turismo, estabelece como essencial a existência de metas e objectivos, de uma estratégia integrada que possa ser partilhada por todos os agentes turísticos, por via de um planeamento efectuado com base na colaboração e parceria efectiva dos parceiros. Por comparação com os resultados que obtivemos, e reorrendo sobretudo à base de justificação teórica, concluímos que apesar de existirem enraizadas práticas turísticas, não existem os objectivos, a estratégia e a integração dos diferentes “stakeholders”, numa base comum.

Por tudo isto, e não obstante da importância do Turismo no Concelho de Espinho, está aqui perfeitamente enquadrada a legitimação teórica para a base empírica que foi obtida nas entrevistas realizadas, de que não existe Política de Turismo no Concelho de Espinho.

5.4.2.7. Papel do estado central no processo de criação e implementação de uma política de Turismo

Figura 5.12 – Acha o papel do estado central crucial em todo o processo, de criação e implementação de uma Política de Turismo?



Independentemente da existência de Política de Turismo no Concelho de Espinho, quisemos também conhecer qual a opinião dos entrevistados sobre qual deveria ser o papel do estado central na definição e implementação de uma Política de Turismo, conforme figura 5.12. Pois bem, as respostas foram bem claras, com 14 dos 19 entrevistados que responderam à questão, a dizerem que o estado central tem um papel fundamental neste processo de definição e implementação de uma Política de Turismo. Contudo, não se deverá ignorar as 5 respostas no sentido contrário, pois segundo o que defendem, o Concelho de Espinho tem massa crítica e potencialidades para poder avançar sozinho, elaborando um plano estratégico para este espaço geográfico. Ao mesmo tempo, as associações são tema também referenciado, ou seja, funcionarmos numa base macro, apostando na aliança com Concelhos vizinhos, de

forma a criar uma região com potencial atractivo suficiente para se fazer promover dentro e fora de portas.

5.5 Considerações Finais

Conhecer melhor o sector do Turismo, a sua estruturação e conhecer as ideias e políticas colocadas em prática pelo executivo camarário, no sector turístico do Concelho de Espinho, assim como a percepção dos agentes turísticos sobre as mesmas, era o grande objectivo deste capítulo.

Decorrida a investigação, chegamos a algumas conclusões importantes que passamos a resumir:

Turismo em Espinho, é sinónimo de Turismo desportivo, Turismo de sol&praia e de Turismo de negócios. Neste último caso, baseado em duas infra-estruturas de relevo que, Espinho tem nas suas proximidades (Europarque em Santa Maria da Feira e Exponor em Matosinhos).

O Concelho de Espinho não tem uma política concertada de Turismo. Cada um trabalha por si, e com base nos objectivos próprios que define, sem que exista colaboração e parceria com outros agentes turísticos do Concelho de Espinho.

Não existem objectivos para o sector turístico e quando existem, não são claros e evidentes. Cada agente turístico actua individualmente, definindo os seus objectivos e fazendo a sua promoção/divulgação, mas não é integrado e feito conjuntamente. Cada um actua isoladamente, e isso logicamente que não é muito benéfico.

Ao mesmo tempo, a inexistência de promoção do Concelho de Espinho em Feiras e Workshops a nível Nacional e Internacional, aliada ao facto de não existir sequer um mapa de Espinho, que identifique os seus pontos de interesse turístico, fundamentam claramente esta falta de objectivos para o sector turístico.

As mais-valias do sector turístico no Concelho de Espinho, assentam fundamentalmente na Cidade como um todo, na segurança e na praia. Alguns indicam outras mais-valias de cariz natural, como seja a lagoa de Paramos, com uma beleza natural excepcional que, não se encontra contudo, suficientemente desenvolvida e não reúne consenso

para constituir uma efectiva mais-valia actualmente. Apesar disto, e não obstante, sem Espinho tem massa crítica nesta área, para no futuro torná-la numa mais-valia efectiva. O Concelho de Espinho tem uma Nave desportiva, com excelentes condições para todo o tipo de desportos, um complexo de ténis de bom nível, um centro multimeios com boas condições, um centro hípico com uma certa tradição, um aeródromo e um Campo de Golfe, o mais antigo da Península Ibérica. Espinho tem assim, todas as condições para poder desenvolver e diversificar o sector turístico com sucesso, falta somente arranjar a fórmula de todos os agentes turísticos, trabalharem conjuntamente para aumentar o fluxo de turistas para Espinho.

As maiores carências no sector do Turismo passam, pela falta de uma componente cultural mais desenvolvida, capaz de assegurar alguma vida e alguma actividade no Concelho de Espinho. Falta sobretudo animação e vida nocturna no Concelho de Espinho, fruto de um excessivo proteccionismo do bem-estar da população local.

Falta adequação de alguns agentes económicos locais às reais necessidades dos turistas, exemplificada no comércio tradicional que está fechado ao fim-de-semana, período de maior afluência turística. Se o turista vem a Espinho e não pode levar nada identificativo da sua cultura, então significa que a estrutura do sector turístico em Espinho não está preparada para “rentabilizar” a presença do turista, aumentando o efeito multiplicador. Este é um aspecto essencial a ter em conta para o futuro.

As relações entre os diferentes agentes turísticos do Concelho de Espinho, são muito escassas, em alguns casos até inexistentes. Deveriam existir pontos comuns na promoção externa dos diferentes agentes turísticos, nomeadamente das entidades com maior expressão, nomeadamente a Sociedade de Turismo de Espinho, o Grupo Solverde, a Câmara e as restantes unidades hoteleiras que o Concelho possui. No dia em que se conseguir juntar todos os agentes turísticos à mesma mesa, existirão então condições para definir uma estratégia, e quiçá uma política para o Turismo no Concelho de Espinho.

Não podemos falar actualmente em estratégia para o sector turístico no Concelho de Espinho, temos sim medidas avulsas que, são tomadas pela câmara, no sentido de se criarem infra-estruturas para melhorar as valências do Concelho.

O executivo camarário, diz que tudo está a ser feito segundo a estratégia que foi traçada, mas afinal qual é esta estratégia que tanto se fala e ninguém conhece?

Em termos de carências, o Concelho de Espinho necessita de um estudo que diga claramente, onde Espinho se deve posicionar. É necessário todos os agentes turísticos trabalharem para isso conjuntamente (câmara municipal e agentes privados). No Turismo, nada se faz de um dia para o outro, tem que se “lançar a semente” para se “colher” o resultado mais tarde.

Espinho não tem por exemplo, um estudo do perfil do turista, nem sequer de quantas pessoas visitam anualmente Espinho, o que é claramente uma lacuna. Como poderá desta forma, Espinho saber a quem oferecer os seus serviços e que estratégias definir para isso? É impossível fazê-lo, pois Espinho não conhece o seu turista potencial e efectivo.

Em Espinho, cada agente turístico tem o seu conhecimento mas não o partilha, tenta isso sim fazer-se valer por si próprio.

O povo de Espinho é bastante acolhedor, nasceu numa terra vocacionada para o Turismo, e sabe viver e compreender essa realidade. Contudo, existem alguns que servem de entrave ao desenvolvimento do Turismo, sobretudo no que se refere à criação de animação nocturna.

O estado central deve dar indicações do que pretende para o Turismo Nacional. Depois cada região tem de adequar aquilo que é o conceito de estado, a cada região. Deve dar uma linha de orientação e definir as regras e os objectivos a atingir. Depois disto, deve deixar que cada região trabalhe com os seus argumentos para as grandes linhas definidas.

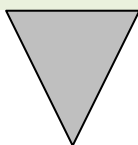
Ao mesmo tempo, o sector privado tem de ter um papel activo, no sentido de apoiar as iniciativas do estado, contudo o estado tem de lhe dar confiança para investir.

As grandes linhas para o desenvolvimento turístico do Concelho de Espinho serão:

- a requalificação da cidade que, já está em curso com as obras de rebaixamento da Linha-férrea;
- uma melhor qualidade dos produtos que Espinho oferece aos turistas, nomeadamente em termos de segurança, acessibilidades e animação. Espinho necessita de uma zona com Bares, discotecas, restaurantes de boa qualidade, capazes de darem vida ao Concelho e de manter ocupados os turistas, que visitam Espinho.

Espinho consegue atrair anualmente alguns milhares de turistas, mas não sabe aproveitar a sua presença. Deve ser a estrutura turística a ajustar-se às necessidades dos turistas, e não o contrário.

Faltam Objectivos concretos para o sector turístico



Falta uma estratégia para o sector turístico

Não temos política de Turismo no Concelho de Espinho

Por tudo quanto foi indicado e analisado, não podemos de facto falar na existência de uma política de Turismo no Concelho de Espinho, apesar de alguns defenderem que estarão reunidas as condições para que tal possa acontecer.

Espinho tem os recursos, tem as pessoas, falta-lhe uma orientação capaz de capitalizar todo este potencial que encerra.

Capítulo 6 - Conclusão

Falar em Turismo, e nas áreas adjacentes ao mesmo, é uma tarefa deveras complicada. Desde logo, a complexidade deste sector, impede que à partida se conheçam todas as variáveis que com ele interferem, assim como, a tantas vezes referenciada globalização, fez com que, o turista se tornasse ao longo dos anos mais exigente, mais perspicaz e fundamentalmente, mais conhecedor e mais culto.

Hoje em dia, temos todo o mundo à distância de um “click”. A internet veio possibilitar um maior conhecimento, mas ao mesmo tempo, obrigou à reestruturação completa do sector turístico, assim como, levou à perda de competitividade de alguns destinos que, outrora eram dados como indiscutíveis.

Foi o caso de Espinho que, apresenta um grande potencial natural para o Turismo, mas que perdeu imenso com a globalização, e ao mesmo tempo, não se soube adequar às mudanças, ao longo dos tempos.

Perdeu competitividade com isso, sendo ultrapassado em termos de potencial turístico, por outras cidades vizinhas que, souberam crescer devidamente e vocacionar-se, para este novo paradigma da sociedade actual.

O turista actual, não pretende apenas passar férias, quer ter a possibilidade de ter acesso à cultura, à animação, à gastronomia e a uma série de actividades de lazer que, lhe proporcionem uma experiência diferente.

Pelo apresentado, é essencial que os destinos turísticos se preparem com uma oferta que, corresponda às necessidades do turista e que consiga despertar o seu interesse, para “embarcar” numa experiência que se pretende única e diferenciadora.

6.1. Síntese das Conclusões

O Concelho de Espinho está vocacionado essencialmente para o sector dos serviços, não apresentando outras actividades relevantes que permitam a subsistência da população local. Teve até meados do século XX uma importância histórica significativa na indústria, mas veio a perder essa importância através do tempo.

O Turismo no Concelho de Espinho, transporta no tempo um passado valiosíssimo, no qual, desde o início do séc. XIX, se reconhece a existência de práticas turísticas, com base no veraneio dos mais ricos e abastados numa primeira fase, e depois mais tarde de todas as classes em geral. Tem uma relação com os recursos naturais, muito interessante e emergiu como uma zona balnear de um aglomerado urbano de Santa Maria da Feira.

O Turismo é, diga-se em abono da verdade, fundamental para o desenvolvimento do Concelho de Espinho, mas não pode ser equacionado conforme tem sido tradicionalmente. A ideia de Espinho, como estância balnear tem os seus limites. Não podemos querer atrair as pessoas apenas, com base no sol&praia, é preciso dispor de outras valências capazes de criarem potencial de atracção.

O sector turístico no Concelho de Espinho está pouco estudado, o que acaba por ser um contrasenso para quem apregoa que, este é o “core business” deste espaço municipal. Se o é, como aliás demonstra a presente investigação, porque não investir em promoção, em divulgação e sobretudo na orientação do turista, quando este chega a Espinho?

O Turismo é hoje, uma actividade transversal, e Espinho evidencia-se no Turismo cultural, Turismo de saúde, Turismo associado aos eventos técnicos e científicos e também nos eventos de negócios, neste último caso por força da sua localização geo-estratégica entre Santa Maria da Feira e o Porto.

Assim, parece-nos que é com base nestas valências que, se deve pensar o Turismo em Espinho, ligado à posição estratégica que tem na área Metropolitana do Porto e ligado, aos recursos naturais que possui e são bastante importantes.

Em termos de recursos turísticos, podemos dizer que o Concelho de Espinho dispõe de uma panóplia diversa de recursos, contudo, ficou bem clara a falta de animação nocturna, como sejam, bares e discotecas, pois não basta trazer as pessoas a Espinho, é sobretudo necessário proporcionar-lhes uma experiência memorável que, os cativa e os faça repetir a visita.

Espinho em termos de oferta, tem-se mantido sensivelmente ao mesmo nível durante os últimos anos, com variações pouco sensíveis da capacidade de alojamento dos seus estabelecimentos hoteleiros. Ao nível da procura, Espinho tem mantido um nível de procura bastante significativo, mesmo ao nível do que se verifica no âmbito Nacional, o que demonstra do potencial e capacidade do sector turístico no Concelho de Espinho.

A reorganização urbanística que, está em curso na cidade de Espinho com as obras de abaixamento da linha-férrea, deve constituir uma “lufada de ar fresco” para o sector turístico. A aposta em estruturas de animação e lazer deverá ser a prioridade, assim como dar maior harmonia urbanística à cidade, permitindo a sua renovação total. As expectativas são elevadas, no que se refere a este projecto de grande envergadura e importância.

A Política de Turismo, é em si um termo bastante subjectivo que, contempla uma diversidade muito grande de paradigmas e abordagens, sendo fundamental a sua correcta interpretação. Na sua essência, esta assenta na definição de metas e objectivos claros para o sector turístico, tendo por base o manancial de recursos que tem ao seu dispor (financeiros, turísticos, sociais, tecnológicos), e a envolvente (população agentes económicos, etc.).

Com base num modelo de planeamento participativo, e conseguindo envolver todos os actores do sector turístico na definição de uma linha orientadora, conseguir-se-à uma estratégia que, corresponda às suas efectivas necessidades e consequentemente mais plural e eficaz.

Cumpridos estes pressupostos teremos então uma política de Turismo, o que no Concelho de Espinho, não acontece. O Concelho de Espinho, não tem objectivos definidos que sejam claros, não tem uma estratégia para o sector turístico, não

planeia com os parceiros, e não promove o diálogo, não existindo envolvimento dos diversos “stakeholders”.

O Turismo é uma prática perfeitamente instalada e enraizada no Concelho de Espinho que, tem “players” experientes, algumas práticas de Turismo novas, e baseado numa realidade turística muito forte e evidente. Falta contudo uma orientação estratégica e uma Política de Turismo para o Concelho de Espinho.

Apesar de o Turismo ser um sector de extrema importância, pode-se dizer que faltam muitas vezes questões básicas e que se reflectem na qualidade de serviço, percebida pelo turista que visita o Concelho de Espinho. Falamos basicamente, de falta de sinalética turística, ausência de material promocional, de informação sobre Espinho e falta de articulação entre os diferentes “stakeholders” do sector turístico no Concelho de Espinho.

As possibilidades para este sector no Concelho de Espinho são imensas, sendo apenas necessário que o poder político defina e promova prioridades e as compartilhe com os demais “stakeholders”, de forma a gerir-las da melhor forma, e de maneira a produzir o melhor resultado final, para os interesses do Concelho de Espinho.

No âmbito desta investigação, e no seguimento da nota de abertura desta dissertação, optamos por ir um pouco mais longe, e efectuar uma análise de algumas práticas a nível Nacional e Internacional em termos de planeamento e desenvolvimento turístico, de forma a tirar alguns ensinamentos que possam ser aplicáveis ao caso de Espinho.

Neste contexto, serão deixadas aqui algumas indicações/sugestões para o direccionamento turístico do Concelho de Espinho que, deixaremos à apreciação das entidades deste espaço territorial para eventual adopção posterior.

Pretendemos ser mais um contributo e não “o contributo certo”, pois esse decorre de um processo complexo que, não é de todo objectivo desta investigação.

6.2. Orientações para o futuro do Turismo no Concelho Espinho – Propostas decorrentes da comparação com “Best Practices” a nível Nacional e Internacional

Neste âmbito, tomamos por base as experiências do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo do Seixal e do Plano de Dinamização Turística da “Sierra de Gata”, região situada em Cáceres, na Extremadura.

Em seguida, apresentaremos de forma sucinta medidas a implementar no sector turístico do Concelho de Espinho, e que emanam dos planos agora mencionados. Passamos então, a apresentar algumas sugestões daquilo que julgamos importante ser feito:

- Presença sistemática e organizada do Concelho de Espinho nas principais feiras e eventos da Galiza, principal mercado de origem dos turistas, concertando esforços com os principais “players” do sector turístico do Concelho de Espinho;
- Necessidade do Concelho de Espinho ter bom material informativo (portal oficial na internet em mais do que um idioma), brochuras e folhetos especializados (com roteiros e circuitos, alojamento, restauração, animação, touring, pubs e discotecas);
- Dar condições para a instalação e funcionamento de estruturas de animação nocturna no Concelho de Espinho;
- Promover a maior integração do sector turístico no Concelho de Espinho, impulsionando a comunicação e parceria entre os diferentes “stakeholders”;
- Promover o funcionamento da estrutura turística em rede, obviando os ganhos potenciais de se trabalhar conjuntamente e não individualmente;
- Definir “honeypots” no Turismo do Concelho de Espinho, de forma a determinar recursos prioritários e a melhor direccionar esforços;

- Identificar e melhor sistematizar, o património natural e cultural do Concelho de Espinho, para que se possam criar produtos turísticos alternativos e diversos, e por esta via, incluir esta vertente na oferta;
- Necessidade dos Centros turísticos da cidade de Espinho irem de encontro às expectativas do turista, com sinalética turística cuidada;
- Apostar na revitalização de estruturas turísticas vitais no Concelho de Espinho, como sejam, o Casino, o Campo de Golfe e o Parque de Campismo que, ninguém considera, mas deve contudo vir a assumir um papel de maior destaque no futuro;
- Aumentar a qualidade dos serviços turísticos do Concelho de Espinho;
- Promover a formação e a sensibilização das pessoas para a actividade turística;
- Melhorar o meio urbano;
- Ampliar e melhorar os espaços de uso público;
- Aumentar e diversificar a oferta turística complementar;
- Definir o(s) producto(s) turístico(s) do Concelho de Espinho;
- Apostar mais na descentralização da actividade turística do Concelho de Espinho, pois este espaço não se limita à cidade de Espinho;
- Elaborar um estudo da oferta e da procura turística no Concelho de Espinho;

- Elaborar um estudo referente ao Perfil do Turista, pois só conhecendo quem é o nosso “target”, poderemos definir estratégias eficazes, capazes de o atingir;
- Proceder a uma Inventariação dos Recursos Turísticos do Concelho, para melhor conhecer a realidade turística do Concelho de Espinho;
- Definir um plano estratégico de desenvolvimento para o Turismo no Concelho de Espinho, definindo uma política de comunicação e divulgação do plano, para que todos sejam mobilizados, para aquele que deve ser o objectivo fundamental de Espinho que, é recuperar e revitalizar o potencial turístico que, outrora a definiu como a “Rainha da Costa Verde”

(Proposta baseada em: Câmara Municipal do Seixal (2002) e Econet (2006)

Estas são as nossas propostas, claras e objectivas que, devem ser consideradas como um todo, para impulsionar o potencial turístico do Concelho de Espinho. De tudo quanto foi o teor desta investigação, importa dizer que, o Turismo tem de ser uma aposta clara do Concelho de Espinho, mas tem de ser visto de uma perspectiva diversificada.

O Concelho de Espinho não deve concentrar, toda a sua actividade turística no centro da cidade de Espinho, deve articular-se com a parte Sul do Concelho que, pelas suas mais-valias naturais, pode de facto, ser aproveitada pelo Turismo como factor atractivo e diferenciador.

O nosso papel nesta dissertação, e conforme explicitamos já claramente, foi o de estudar o sector e a política turística, e não tecer comentários depreciativos ou de julgamento de um trabalho sério, por parte das entidades camarárias que, obviamente padecem das suas limitações e sofrem muitas vezes com algumas das políticas erradas, que são emanadas do âmbito Nacional.

Contudo, pensamos que muito terá que ser feito, mas que é essencial definir este rumo/orientação fundamental para o sector turístico, falar com os agentes turísticos e colocar toda a gente a trabalhar para o mesmo, ou seja, para levar o

nome de Espinho mais longe, dando a conhecer esta terra que transporta no tempo um passado de grande potencial turístico que, deve ser preservado e estimulado.

Levantamos aqui a questão, pelo que sugerimos que a Câmara reflecta sobre a orientação que pretende dar ao Turismo no Concelho de Espinho, mas que o faça conjuntamente com as pessoas e actores locais.

Que de facto, este possa ser um contributo positivo para o futuro do sector turístico que, se pretende melhor!

O próximo passo é o desenvolvimento de uma Política de Turismo.

Bibliografia

ANA – AEROPORTOS DE PORTUGAL, **Evolução dos passageiros desembarcados no aeroporto do Porto**, dados anuais.

ASSOCIAÇÃO DE HOTÉIS DE PORTUGAL, **Hotel Monitor**, Gabinete de Estudos e Estatísticas, 2006.

ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE PORTUGAL, **Seminário Novas Estratégias para o Turismo**, Europarque, 16 e 17 de Novembro de 2000.

BRANDÃO, Francisco Azevedo, **Anais da História de Espinho (1985-1926)**, Espinho, 1991, pp. 4-30.

BRANDÃO, Francisco Azevedo, **Anais da História de Espinho (1926-1960)**, 1992, pp.

BRANDÃO, Raul, **Os Pescadores**, Mabreu, Porto, 1986.

BRAMWELL, Bill; Lane, Bernard, **Tourism Collaboration and Partnerships – Politics, Practice and Sustainability**, Viva books Private Limited, 2006.

BRAMWELL, Bill; Sharman, Angela, **Colaboration in Local Tourism Policymaking**, em Annals of Tourism Research, vol.26, No.2, 1999.

BURNS, Peter M., **Tourism Planning: A Third Way?**, University of Brighton, Annals of Tourism Research, vol.31, No.1, 2004.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO, **Boletim Cultural de Espinho**, vol. I, nº3, 1979.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO, **I Encontro de História Local de Espinho**, Actas de 9 e 10 de Março de 1995, 1996.

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL, **Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo**, Dossie 1 – A Metodologia, 2005.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO, **Informações sobre Espinho**, Secção de Turismo, Estudos de base do Plano Director Municipal, 1991.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO, in www.cm-espinho.pt.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO, **História de Espinho**, in www.cm-espinho.pt/Turismo/Espinho/historia.htm

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO, Plano Director Municipal – Estudos de caracterização, Espinho, 1994.

CHAI SAWAT, Manat, **Policy and Planning of Tourism product Development in Thailand: a proposed model**, em Asia Pacific Journal of Tourism Research, vol.11, No.1, Março 2006.

CARR, D.S., Selin, SW. and Schuett, M.A., Managing public forests: Understanding the role of collaborative planning, Environmental Management 22 (5), 1998, pp. 767-776.

COSTA, Carlos M. M., in *Palestra na Universidade de Brasília*, 16 de Maio 2006, CET, 2006.

COSTA, Carlos M. M., 2005, **Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo para o Município do Seixal**, Universidade de Aveiro / Câmara Municipal do Seixal

COSTA, Carlos M. M., *in Seminário Novas Estratégias para o Turismo*, Europarque, 16 e 17 de Novembro 2000, Associação Empresarial de Portugal, 2000.

COSTA, C.; Buhalis, D., (eds), **Tourism Management Dynamics: trends, management, tools**, Butterworth Heinemann Oxford, 2006.

CUNHA, Licínio, **Economia e Política do Turismo**, 1997.

DELFIN, Luís; Terrasêca, Rui, **O Norte de Portugal Turístico: 1991 – 1995**, Estatísticas e Estudos Nacionais, 1995.

DIRECCÇÃO GERAL DE TURISMO, **Evolução das Zonas Balneares com Bandeira Azul 2000/05**, Fevereiro 2006.

ECONET, **Plan de Dinamización Turística – Sierra de SanPedro y Sierra de Gata**, Estremadura, Espanha, 2005.

EDGEELL, D.E., AND Haenisch, R.T., *Coopetition: Global Tourism Beyond the Millenium*, Kansas City, MO: International Policy Publishing, 1995.

EDGEELL, David L., **Internacional Tourism Policy**, Van Nostrand Reinhold, 1990.

FAUSTINO, Artur, **As Origens de Espinho – Pescadores do Furadouro (Ovar)**, Fundadores da povoação de Espinho na Praia de Anta, in www.jf-espinho.com, 2001.

GABINETE DE ESTUDOS E ESTATÍSTICAS, Associação de Hóteis de Portugal, Hotel Monitor, 2006

GAIO, Carlos M., 1999, **A Génese de Espinho**, Campo Letras Editores, S.A., p.9-419.

GARTNER, William C., **Tourism Development: Principles, Processes and Policy**, 1996.

GRAY, B, Collaborating: Finding Common Ground for Multi-Party Problems, San Francisco: Jossey-BasS, 1989.

HALL. C., and Jenkins, **Tourism and Public Policy**, Routledge, London, 1995.

HERCULANO, Alexandre, **Portugaliae Monumenta Historica**, 1810-1877, compil., Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1867.

INSKEEP, E., **National and Regional Tourism Planning**, Routledge, London, 1994.

INSKEEP, E., **Tourism planning - an integrated and sustainable development approach**, New york: Van Nostrand Reihnold, 1991.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, **Estatísticas do Turismo 2006**, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, **Anuário Estatístico da Região Norte**, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, **Conta Satélite do Turismo (2005-2007)**, 2007.

INSTITUTO DE TURISMO DE PORTUGAL, **O Turismo em 2006**, Portugal – Continente e regiões Autónomas, 2006.

INSTITUTO DE TURISMO DE PORTUGAL, **O Turismo em 2007**, edição 2007.

INSTITUTO DE TURISMO DE PORTUGAL, **Plano Estratégico Nacional do Turismo – Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal**, Ministério da Economia e da Inovação, 2006

JENKINS, Carson L.; Lickorish, Leonard J., **An Introduction to Tourism**, 1997.

JOHNSON, Peter, Thomas, Barry, **Perspectives in Tourism Policy**, 1993.

JORNAL DE NOTÍCIAS, **Perfil do Turista que visita o Porto**, Segunda-feira 25 de Junho de 2007.

LAWS, Eric, **Tourist Destination Management: Issues, Analysis and Policies**, 1995.

LEGISLAÇÃO TURÍSTICA, in <http://lxturistica.blogspot.com>, 1956.

LIMA, André de, **A Praia de Espinho**, O Primeiro de Janeiro, 29/01/1905.

LIMA, André de, **Espinho – Breves Apontamentos para a sua História**, Boletim Cultural nº3 e 4, Espinho, 1979, pp. 13-25.

LIMA, André de, **Espinho – Breves Apontamentos para a sua História**, 1927.

LIMA, André de, **História ou Lenda?** Gazeta de Espinho, 05/10/1930.

LICKORISH, Leonard J., **Developing Tourism Destinations: Policies and Perspectives**, Longman, 1991, pp. 61-77.

LICKORISH, Leonard J.; Jenkins, Carson L., **An introduction to Tourism**, Longman, 1997, pp. 169-180.

KICKERT, W.J.M., Klijn, E-H and Hoppenjan, JFM. (EDS), **Managing Complex Networks: Strategies for the Public Sector**, London: Sage, 1997.

MATTOSO, JOSE , **Portugal no Reino Asturiano-Leonês**, in História de Portugal – Direcção de José Mattoso – Primeiro Volume, “Antes de Portugal”, Circulo de Leitores, 1992, págs. 441-562.

MILL, R C M & Morrison, A M, **The tourism system, An Introductory Text**, Prentice-Hall, New Jersey, 1985.

NEVES, Fausto, **Espinho há 50 anos**, Boletim Cultural nº13, Espinho, 1982.

OCDE, **Swiss Tourism Policy – A synthesis**, 2000.

OMT, **Notícias De La Organización Mundial de Turismo**, Fitur, Madrid, Janeiro de 2008.

OMT, Chegadas Internacionais no turismo, in WWW.UNWTO/FACTS/PUB.HTML

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DEL TURISMO, **Introducción al Turismo**, 1ª Edición, Madrid, 1998, pp. 55-255.

ORTIGÃO, Ramalho, **As Farpas - O País e a Sociedade Portuguesa – Tomo 1**, Livraria Clássica Editora Lisboa, 1986, pp. 235-250.

ORTIGÃO, Ramalho, **As Praias de Portugal - Guia do Banhista e do Viajante**, Livraria Clássica Editora Lisboa, 1876, p. 89.

PEREIRA, Álvoro, **Monografia de Espinho**, edição do autor, 1970, pp.11-105.

QUIVY, Raymond et al., 1998, **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1998, p.19-85.

REGIÃO DE TURISMO DO ALTO MINHO, **Estudo do Perfil do Turista que visita o Concelho de Espinho**, in www.rtam.pt , 2006.

REVISTA TURISMO E DESENVOLVIMENTO, Universidade de Aveiro, nº1, 2004.

REVISTA TURISMO E DESENVOLVIMENTO, Universidade de Aveiro, nº2, 2005.

SELLIN, S. and Beason, K., **Interorganizational relations in tourism**, Annals of Tourism Research 18, 639-652.

SILVA, Orlando, **Manuel Laranjeira – Vivências e Imagens de uma Época**, 1992,.

TEIXEIRA, Abel, **Espinho – As invasões do Mar através dos tempos**, 1997.

UNIVERSIDADE DO ALGARVE, **Projecto Impactur**, dados diversos in www.ciift.ualg.pt

VENTURA, Jose Silva, **As Praias de Espinho – Fragmentos**, Boletim Cultural nº13, Espinho, 1981.

WOOD, D.J. AND Gray, B, Toward a comprehensive theory of collaboration. Journal of applied Behavioral Science 27 (2), 139-162, 1991.

WORLD TOURISM ORGANIZATION, **National and Regional Tourism Planning**, Methodologies and case studies, WTO, Madrid, 1994.

WTO, **Guide for Local Authorities on Developing Sustainable Tourism**, WTO, Madrid, 1998.



**Helder Fernando de
Oliveira Couto**

**Turismo e Política de Turismo no
Concelho de Espinho**

Anexos

Anexo 3.1. Sector Turístico no Concelho de Espinho



Anexo 5.1. Guiões de Entrevista

5.1.1. Guião Entrevista – Entidades Camarárias

- 1 - Qual o sector da sua responsabilidade no Concelho de Espinho?
- 2 - Acha o Turismo importante no Concelho de Espinho, em termos económicos, culturais, sociais?
- 3 - Quando falamos em Turismo no Concelho de Espinho, falamos em quê na sua opinião?
- 4 - Quais são os objectivos que foram definidos para o sector turístico no Concelho de Espinho?
- 5 - A Oposição partilha desses objectivos?
- 6 - Quais são as mais-valias turísticas no Concelho de Espinho?
- 7 - Quais as maiores carências no sector do Turismo, no Concelho de Espinho?
- 8 - Como vê as relações comerciais/institucionais dos vários agentes económicos da região?
- 9 - A relação entre a câmara e os agentes económicos é fácil?
- 10 - Existe uma estratégia definida para o Turismo no concelho?
- 11 - É do conhecimento público e generalizado?
- 12 - O Turismo no Concelho tem algum contributo em relação ao todo Nacional?
- 13 - Quando falamos em política do Turismo, falamos em quê na sua opinião?
- 14 - Em função do que disse, pensa que existirá uma Política do Turismo no Concelho?
- 15 - Quem é a entidade responsável?
- 16 - A nível Nacional, pensa que poderemos falar em Política de Turismo?

17 - Relativamente aos problemas do sector/adjacentes, quais seriam algumas soluções que poderiam ser implementadas?

18 - Acha que existe, uma boa receptividade da população face aos turistas?

19 - A sustentabilidade, é tida em conta na estratégia turística do Concelho de Espinho?

20 - Tendo em conta, os produtos turísticos existentes no Concelho, nunca pensou a Câmara em apostar em outros produtos, novos, revitalizados e diferentes?

21 - Quais os grandes projectos/investimentos previstos para o Concelho de Espinho?

22 - Qual será o papel do “Abaixamento da Linha Férrea”, no âmbito turístico concelhio?

23 - Existirão mais projectos a serem realizados?

24 - Qual o papel que o estado central deve ter em todo este processo?

25 - Falando de futuro, quais são as grandes linhas para o desenvolvimento turístico do Concelho de Espinho?

5.1.2. Guião Entrevista – Entidades Camarárias da Oposição

- 1 - Qual o sector da sua responsabilidade no Concelho de Espinho?
- 2 - Acha o Turismo importante no Concelho de Espinho, em termos económicos, culturais, sociais?
- 3 - Quando falamos em Turismo no Concelho de Espinho, falamos em que na sua opinião?
- 4 - Na sua opinião, existem objectivos para o sector turístico do Concelho?
- 5 - Os mesmos são claros?
- 6 - Quais são as mais-valias turísticas no Concelho de Espinho?
- 7 - Quais as maiores carências, no sector do Turismo no Concelho de Espinho?
- 8 - Como vê, as relações comerciais/institucionais dos vários agentes económicos da região?
- 9 - Existe uma estratégia definida para o Turismo no Concelho?
- 10 - É do conhecimento público e generalizado?
- 11 - O Turismo no Concelho tem algum contributo em relação ao todo Nacional?
- 12 - Quando falamos em política do Turismo, falamos em quê na sua opinião?
- 13 - Em função do que disse, pensa que existirá uma Política de Turismo no Concelho?

14 - Quem é a entidade responsável?

15 - A nível Nacional, pensa que poderemos falar em Política de Turismo?

16 - Relativamente aos problemas do sector/adjacentes, quais seriam algumas soluções que poderiam ser implementadas?

17 - Acha que existe uma boa receptividade da população face aos turistas?

18 - A sustentabilidade é tida em conta na estratégia turística do Concelho de Espinho?

19 - Tendo em conta os produtos turísticos existentes no Concelho, nunca pensou a Câmara em apostar em outros produtos, novos, revitalizados e diferentes?

20 - Quais os grandes projectos/investimentos previstos para o Concelho de Espinho?

21 - Qual será o papel do “Abaixamento da Linha Férrea”, no âmbito turístico concelhio?

22 - Existirão mais projectos a serem realizados?

23 - Acha o papel do estado central crucial em todo este processo?

24 - Falando de futuro, quais são as grandes linhas para o desenvolvimento turístico do Concelho de Espinho?

5.1.3. Guião Entrevista – Outras Entidades em Geral

- 1 - Qual o sector da sua actividade no Concelho de Espinho?
 - 2 - Acha o Turismo importante no Concelho de Espinho, em termos económicos, culturais, sociais?
 - 3 - Quando falamos em Turismo no Concelho de Espinho, falamos em que na sua opinião?
 - 4 - Na sua opinião existem objectivos para o sector turístico do Concelho?
 - 5 - Os mesmos são claros?
 - 6 - Quais são as mais-valias turísticas, no Concelho de Espinho?
 - 7 - Quais as maiores carências, no sector do Turismo no Concelho de Espinho?
 - 8 - Como vê as relações comerciais/institucionais dos vários agentes económicos da região?
 - 9 - Existe uma estratégia definida para o Turismo no concelho?
 - 10 - É do conhecimento público e generalizado?
 - 11 - O Turismo no Concelho tem algum contributo, em relação ao todo Nacional?
 - 12 - Quando falamos em política do Turismo, falamos em quê na sua opinião?
 - 13 - Em função do que disse, pensa que existirá uma Política de Turismo no Concelho?
 - 14 - Quem é a entidade responsável?
 - 15 - A nível Nacional, pensa que poderemos falar em Política de Turismo?
 - 16 - Relativamente aos problemas do sector/adjacentes, quais seriam algumas soluções que poderiam ser implementadas?
 - 17 - Acha que existe uma boa receptividade da população face aos turistas?
-

18 - Acha o papel do estado central crucial em todo este processo?

19 - Falando de futuro, quais são as grandes linhas para o desenvolvimento turístico do Concelho de Espinho?

20 - Conhece e sabe qual será o rumo?

ANEXO 5.2. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

5.2.1. Entidades Camarárias

Presidente da Câmara de Espinho e Vereador do Pelouro do Turismo – Entrevista com Dr. José Mota
Dia 5 de Junho 2007, cerca das 17h00

1 – O meu sector de actividade é única e exclusivamente o da Câmara Municipal em Espinho.

2 – Com certeza que sim, pois Espinho é um Concelho que tende cada vez mais a viver dos serviços e aí está inserido o Turismo. Quando falamos de Turismo não estamos a falar de Turismo apenas de praia, pois há muitos que fazem esta confusão. Estamos a falar de Turismo de praia, naturalmente, de turismo de desporto, do Turismo de cultura e até do Turismo de conferência. Espinho está inserido no destino turístico do “Porto e Norte de Portugal” e penso que também seria importante nos associarmos à Galiza, porque temos de ter consciência que não vamos ter mais em Espinho o que tivemos há uns 30 ou 40 anos atrás, com pessoas a passar 15 dias de férias no Verão.

Temos de aspirar a que o Turismo se direcione para o Norte de Portugal, que o turista passe 3 a 4 dias em Espinho, que vá ao Minho e se vocacione para o Turismo gastronómico e religioso, que fique 2 a 3 dias em Braga e depois fique 2 a 4 dias na Galiza, é este o Turismo que estamos a falar actualmente e é naturalmente para o que temos de trabalhar.

Há alterações sensíveis muito grandes que têm vindo a acontecer. Aquelas épocas, em que antigamente as pessoas passavam 15-30 dias em Espinho em apartamento próprio ou nas unidades hoteleiras, acabaram.

3 – Falamos em tudo quanto referi, em conferências, no desporto a nível Nacional e Internacional (provas internacionais, campeonatos do mundo de Andebol, classificações em termos de voleibol, campeonato do mundo de esgrima, etc.), Festivais Internacionais de Música, de Cinema de Animação que funcionam como um conjunto de actividades muito importantes.

Existem os equipamentos para a realização deste tipo de eventos, que trazem valor acrescentado para o Concelho.

Como é perceptível o Concelho não tem grandes condições para outras coisas, como seja, a indústria transformadora, pois o Concelho não pode estar vocacionado para as indústrias poluentes que são incompatíveis com o Turismo de qualidade e a própria qualidade de vida dos residentes. Ou queremos uma coisa ou outra. Temos vindo a apostar num conjunto de equipamentos que temos construído, Nave Polivalente, Centro Multimeios, Fórum de Arte e Cultura – FACE (muito brevemente) e depois temos vindo a criar padrões de qualidade de vida elevados, num Concelho onde a água e o saneamento chega a quase 100% da sua população. Também não posso dizer que tudo é bom por aqui, porque não o é.

Temos também um grande equilíbrio urbanístico para o Turismo, pois a construção está muito limitada por aqui, sendo um aspecto que temos vindo a salvaguardar ao longo dos anos e que beneficia o conceito de Turismo que em Espinho é defendido.

4 – Os objectivos que foram definidos, são aqueles que citei. Nós fizemos um plano estratégico através de uma empresa credenciada, onde definimos os nossos objectivos. Tudo o que se tem vindo a fazer neste Concelho tem a ver com o Turismo.

Tudo o que fazemos é à medida do que idealizamos e do que estabelecemos como nosso objectivo.

Esse plano estratégico é do conhecimento público e generalizado?

Quando eu falo em plano estratégico é como deve calcular um documento nosso, que tem vindo a ser seguido segundo o que nele está estabelecido. Nesta medida é um instrumento que temos em conta na nossa gestão autárquica, mas cujo conteúdo não é do conhecimento de outras pessoas que não as do executivo autárquico.

5 - Penso que a oposição partilhará dos objectivos traçados pelo executivo camarário, neste aspecto não há grandes divergências.

Como deve calcular a oposição tem de dizer sempre alguma coisa diferente. O problema é que aqui em Espinho não há pano para mais, aquilo que existe é o que existe, não dá para inventar. E portanto nós temos muita coisa a fazer, pois há um objectivo muito claro de tentar ir melhorando cada vez mais as coisas, nomeadamente a qualidade da nossa hotelaria. Tentar criar uma mentalidade inovadora nos nossos hoteleiros, pois hoje em dia, como a pessoa é recebida faz toda a diferença. Pois independentemente da publicidade que possamos fazer, a melhor publicidade é o boca a boca, pelo facto das pessoas se terem sentido bem acolhidas vão dizer à sua Agência de viagens, aos seus amigos e a toda a gente, que este é um sítio a visitar. Hoje não chega as coisas existirem, elas têm de funcionar de forma harmoniosa para que nada falhe. Temos uma grande preocupação em fazer cada dia melhor. E de facto não temos muito mais para apostar aqui em Espinho em termos de Turismo, tentamos isso sim, inovar no que é possível.

6 – Eu já lhas citei. Para além de sermos um Concelho com uma costa importante e de qualidade nós temos aqui um conjunto de equipamentos ligados ao desporto e cultura nomeadamente muito importantes. Temos a Nave Polivalente, Complexo de Ténis, 2 Piscinas de boa qualidade, Centro Multimeios, o Fórum de Arte e Cultura que vai entrar em funcionamento agora, o Campo de Golfe que é cada vez mais importante para o Turismo apesar de funcionar essencialmente vocacionado para os seus associados mas, tem a sua relevância turística. Temos também o Karting que é um equipamento igualmente importante, temos algumas boas unidades hoteleiras e temos o Casino de Espinho que é uma verdadeira fonte de atracção turística, pois passam por lá, em média 3500 pessoas por dia. É um espaço de nomeada, não se limitando a ser um espaço de jogo, mas é um sítio para cultura onde passam bons espectáculos, onde temos exposições, feiras e outros tipos de eventos. O Casino é uma peça fundamental para o desenvolvimento turístico de Espinho.

Estas são na minha opinião as mais-valias turísticas do Concelho de Espinho.

7 – Bem, eu penso que Espinho precisará em breve de ter mais algumas camas e de boa qualidade. Penso que a restauração precisa de melhorar mais, e como é evidente existem um conjunto de coisas que devem evoluir também. Entretanto a realização da obra de enterramento da via-férrea, que é uma obra estruturante deveras importante, vai tornar aquele espaço num sítio nobre. Tem por objectivo criar melhores condições em termos de segurança e de espaço para as pessoas se poderem movimentar. Depois dessa obra feita, outras coisas haverão para fazer e para mudar para melhor.

Ao mesmo tempo está quase concluída uma outra obra – a Pousada da Juventude que será importante para o desenvolvimento turístico, pois serve os com muito dinheiro e os com pouco dinheiro. Os equipamentos desportivos que possuímos precisavam de um equipamento que os apoiasse nomeadamente ao nível de competições mais jovens, sendo solução de alojamento a preços mais reduzidos.

8 – A relação da câmara com a Hotelaria, agência de viagens e restauração existe e é frequente. Nós temos com a Hotelaria e a restauração uma excelente relação, e preocupamo-nos em trazer para Espinho actividades que os ajudem a sobreviver em boas condições. Uma das nossas apostas é feita inclusivamente em comum acordo. Muitas vezes há actividades que são trazidas para cá por alguns desses agentes, outras vezes por nós. Mas devemos salientar que as coisas funcionam bastante bem, nós procuramos diversificar as actividades, sabemos quais as épocas mais débeis para eles e tentamos nessas alturas compensar com actividades. O voleibol faz-se em Espinho há muitos anos, cuja organização proporciona uma ocupação completamente diferente em termos de hotelaria e restauração nesse período. Nós conseguimos num esforço conjunto com a Federação de Voleibol antecipar este campeonato de forma a retirá-lo da época alta em que os hotéis estão já por si completos. Para além dos participantes nestes eventos, há jornalistas, familiares e amigos que vêm atrás e por isso, representam muita gente e logo grande potencial de negócio para Espinho. No próximo ano vamos ter a “pool” de apuramento olímpico de voleibol, Taça do Mundo de Esgrima, o Congresso Internacional de Folclore que são todos

eventos que se realizam na época baixa. Nós tentamos sempre atrair na medida do possível nas épocas mais baixas do ano, actividades deste género para apoiar os agentes económicos de Espinho.

9 - Por tudo quanto disse, é uma relação normal e fácil.

10 – Com certeza que sim. Tudo aquilo que eu lhe disse não poderia acontecer se não existisse uma estratégia pensada. É claro que quando falamos em Turismo estamos a falar de uma coisa muito sensível. Muitas vezes fala-se de projectos, estabelecem-se planos e muitas vezes saem “furados”, mas isto não acontece como será de calcular só em Espinho. Nós podemos ter as melhores estratégias e os melhores planos, mas se o público a quem nós destinávamos os mesmos sofre alguma alteração sensível, pode deitar por terra todos os nossos esforços. Temos tentado nos posicionar face ao desenvolvimento, para que as coisas aconteçam com naturalidade. Penso que os Hotéis de Espinho, sobretudo os principais, têm feito um esforço neste sentido, pois tudo isto só funciona se todos estiverem empenhados e devidamente sintonizados. Se estiverem cada um voltado para seu canto é óbvio que não funciona.

Isto também não quer dizer que estejamos sempre de acordo com tudo, pois isso também não é saudável em termos organizacionais e concelhios.

11 – A estratégia é do conhecimento público, mas há sempre quem não quer ouvir, mas isso é a vida.

12 – Ter tem, contudo temos noção da nossa dimensão. Somos um Concelho com 36 mil habitantes mas que é um local muito especial. Às 2ª feiras, 6ªfeiras, sábado e domingos, Espinho transforma-se pois as pessoas de Concelhos vizinhos como Santa Maria da Feira, Ovar vêm todas para Espinho e Espinho fica completamente cheio.

Mas somos um Concelho com uma dimensão reduzida, contudo penso que temos uma importância bem à nossa medida.

13 - *Quando falamos em Turismo falamos no sector que tem mais condições de crescimento em Portugal. Foi um sector que na minha opinião foi muito mal tratado durante anos e as pessoas deviam compreender que têm de apostar neste sector, pois temos todos os valores para nos distinguirmos como um destino de eleição (temos um clima invejável, costa e uma gastronomia fantástica). Sabe, nós temos o péssimo hábito de deixar para trás o que é mais importante. Eu acho que a nossa gastronomia é de facto a mais-valia de Portugal, não há nenhuma comparável. A nossa gastronomia é simplesmente ótima. Penso que será fundamental em Portugal existir uma cultura de gastronomia e usar aquilo que de melhor nós temos. De qualquer das formas o Turismo sofreu grandes alterações desde o 25 de Abril de 1974, sofrendo bastante com as políticas postas em prática. Você sabe perfeitamente que em muitas zonas de Portugal se construiu a torto e a direito durante anos, levando à desorganização urbanística dos locais. Se tínhamos locais que não tinham nada, agora temos locais completamente desordenados que são uma autêntica confusão, pelo que começamos a ser confrontados com outras zonas do planeta, bastante melhores em termos de ordenamento que souberam fazer as coisas bastante melhor. Todos nós sabemos que o melhor Turismo é o Europeu, pois é mais fácil ir para Portugal, Espanha ou Itália do que ir para Cuba ou Brasil. Se temos clima, se vendemos com mais segurança, temos todas as condições para sermos um destino de eleição. Penso que se Portugal souber fazer as coisas que tem de fazer, poderá ter no Turismo o seu principal sector de actividade e fonte de receita, mas tem de ter preocupações aos mais diversos níveis. As pessoas quando vão de férias querem saber como são as praias, o que se pode comer, o que existe em termos de Turismo religioso, como são as pessoas, como é a animação, e tudo isto fazem-no hoje através da Internet. Se formos capazes de colocar toda esta informação de forma organizada ao dispor do potencial turista, estaremos em condições de sermos opção.*

14 – *Com toda a certeza que poderemos falar em Política de Turismo no Concelho de Espinho. É uma Política de Turismo não fundamentalista e temos perfeita consciência de qual é o nosso lugar. Ouvimos as pessoas a falar de*

Espinho como um destino turístico, da Póvoa de Varzim como um destino turístico, mas como é evidente isso não pode acontecer. Nós sabemos qual é o nosso lugar, penso que o estamos a aproveitar, pois estamos inseridos na região Norte que tem vindo a evoluir bastante bem neste sentido, tem surgido algumas instituições que tem assumido a responsabilidade do Turismo da região com grandes vantagens para todas as áreas inseridas na mesma, contudo sabemos que existe uma concorrência forte a nível mundial com tendência cada vez mais para aumentar.

15 – Neste caso é a Câmara Municipal, com especial intervenção e convergência da Associação de desenvolvimento turístico da região Norte (Adeturn) e do “Porto Convention Bureau”.

16 – Penso que nestes últimos anos tem havido um trabalho importante, pois penso que os responsáveis deste País começam a ganhar consciência efectiva da importância do Turismo em Portugal. Acho que assim, as coisas estão muito diferentes de anos atrás, pois começa a existir uma grande preocupação.

Se o PENT será o primeiro passo para tornar o Turismo como o principal sector de actividade de Portugal é subjectivo, pois a realidade de hoje não quer dizer que seja a realidade de amanhã. Aquilo que as pessoas querem hoje, pode ser que não seja o que querem amanhã, e nós temos de estar atentos para ir mudando aquilo que for necessário.

17 – Sabe que não será Espinho que poderá resolver estes problemas por si só, mas temos de ter a coragem necessária para executar aquilo que pretendemos e pensamos. Nós não vivemos numa ilha, temos perfeita consciência do caminho trilhado para Espinho, e depois estamos dependentes da imagem que o Turismo Nacional tem, pois se o Turismo Português não tiver uma boa imagem, não vai ser Espinho que conseguirá fazer nada. Estamos realmente muito dependentes do Estado Central e da imagem que o País tem além fronteiras em termos turísticos.

18 – *Acho que sim, penso que Espinho é uma terra hospitaleira, pois as pessoas habituaram-se a conviver ao longo dos tempos com os turistas durante algumas décadas, de acordo com o que era normal naquela época. As coisas mudaram e as pessoas têm agora perfeita consciência da importância da vinda dos turistas e permanência em Espinho, retribuindo com atenção, dedicação e hospitalidade que eles merecem durante a sua permanência por aqui. Por exemplo no Euro 2004, quando tivemos imensos Ingleses, Holandeses e Alemães por aqui, o comandante da polícia estava muito preocupado com os desacatos que poderiam vir a acontecer, contudo apaziguei os ânimos pois tomamos todas as medidas para que isso não acontecesse. Fizemos material informativo na língua deles sobre Espinho, colocamos os nossos técnicos de Turismo na rua para que esses turistas pudessem ter todo o apoio. Sabemos perfeitamente que quando vamos a qualquer lado e somos bem tratados, ficamos com vontade de lá voltar. Nós temos de pensar em cada tipo de turista, pois cada um tem os seus hábitos e nós deveremos oferecer-lhes soluções.*

19 – *Claro que a sustentabilidade é tida em conta na nossa estratégia, porque desenvolvemos não só para as gerações do presente como para as do futuro.*

20 - *Como já lhe disse, e dadas as mais-valias turísticas por aqui, não poderiam ser outras e não podemos inventar muito. Temos como é evidente, e apesar disso uma grande preocupação, em desenvolver novas iniciativas e projectos que possibilitem a diversificação da nossa realidade turística.*

21 – *Já lhe referi os grandes projectos. O abaixamento da via-férrea e todos os trabalhos de ordenamento que isso irá proporcionar à superfície, irão constituir as grandes novidades em Espinho nos próximos tempos. Ao mesmo tempo o projecto FACE irá ser mais um equipamento.*

22 – *Bem eu já lhe respondi a essa questão. O abaixamento da via-férrea será no nosso entender simplesmente o ponto de desenvolvimento fundamental do*

Concelho de Espinho, pois vai tornar-se num ponto de atracção futura até para as pessoas verificarem como ficou a obra.

No entender do executivo camarário será em grande medida a possibilidade de revitalizar o centro de Espinho, dando maior qualidade de vida aos residentes e aos que aqui se deslocam.

23 – Com certeza que sim. Neste momento vai decorrer um concurso de ideias em Espinho promovido pela Câmara Municipal e que pretende decidir o que fazer à superfície após a conclusão da obra de abaixamento da via-férrea. O certo é que nos vai preocupar a criação de uma zona nobre com espaços de lazer e cultura, tentando dotar Espinho com mais parques de estacionamento que são claramente uma lacuna por aqui.

24 – Como lhe disse atrás, para a política do Turismo penso que o estado central tem papel preponderante pois essa política deve vir do nível nacional. Contudo, isto não invalida que ao nível local não possamos ter as nossas próprias linhas estratégicas e lutar pela nossa realidade tal e qual ela se apresenta.

25 – Vai-me desculpar, mas ao longo de toda a entrevista já me referi a todas as grandes linhas orientadoras do desenvolvimento turístico do Concelho de Espinho, pelo que não me vou aqui repetir.

Vereador da Câmara de Espinho, Pelouro Saúde Publica, Protecção Civil e Obras – Entrevista com Sr. Manuel Rocha

Dia 8 de Junho 2007, cerca das 15h00

1 – Apenas desempenho as funções de vereador aqui em Espinho.

2 – É verdade que o Turismo é para o Concelho um vector muito importante, é verdade que nem todos os Concelhos têm apetência pelo Turismo, mas o facto de Espinho estar encostado à costa e ter mar, gera por essa razão um interesse que merece ser explorado e que deve ser potenciado.

3 – *A minha opinião é a seguinte, se estivermos apenas a falar em relação ao mar estamos a falar em Turismo limitado a um espaço de tempo muito reduzido, pois apesar de existirem hoje outras vertentes, a época balnear é muito reduzida para o Turismo, daí terem de existir outras soluções. Um Concelho que se prepara para receber visitantes, por essa razão tem de procurar e definir os pólos de atracção. É óbvio pelo facto do mar ter as características que tem, atrai hoje em dia outro tipo de desportos que são importantes e que estão a crescer neste momento. Mas penso que a criação de algumas infra-estruturas em Espinho, e falo nomeadamente no Centro Multimeios, no Complexo Ténis de Espinho e na Nave Desportiva, vieram precisamente sedimentar a aposta em criar atractivos fora da típica época balnear que falei há pouco, capazes de atraírem pessoas.*

4 – *Bem, eu em Espinho nunca tive outro Pelouro, e como é óbvio apenas faço uma análise enquanto Espinhense. Eu penso que durante muitos anos estive quase exclusivamente virado para a praia, e havia um grande crescimento de Espinho por força da existência do comboio e por falta de outros, isto é, não era tão vulgarizado o carro, assim como, pelo facto das pessoas terem um período limitado de férias, faz com que as pessoas procurem locais onde 100% garantido, vão encontrar bom tempo.*

Portanto, quando se construiu os equipamentos que se construíram em Espinho, penso que a política idealizada, foi na altura a de precisamente, criar atractivos fora da época balnear.

5 - *Na política mais ou menos todos têm ideias idênticas. Poderá divergir em questões de pormenor, mas no geral penso que há acordo relativamente aos objectivos do executivo camarário.*

6 – *Eu já as fui referindo, mas acho que temos uma agora, em execução que merece destaque. Quando tivermos o abaixamento da via-férrea concluído, e tivermos feito à superfície um arranjo urbanístico, nessa altura, acho que Espinho ficará mais atractivo e ganharemos verdadeiramente com essa potencialidade.*

7 - *As carências que eu penso que o Concelho tem, são basicamente ao nível de infra-estruturas viárias que permitam uma maior mobilidade em Espinho e também ao nível de estacionamento no centro de Espinho.*

8 – *Sim, não tenho dúvidas que existem relações óptimas entre os agentes económicos que falou, nomeadamente entre a Câmara, Hotelaria, Restauração e Agências de Viagens. Aliás exemplo disso, é que recentemente andei a explorar a situação da aquisição de um GPS, e verifiquei que Espinho é um dos Concelhos com mais informação e mais bem “catalogado” do País. Isso só favorece, pois as pessoas encontram ali toda a informação do Concelho. A câmara faz uma agenda cultural que faz circular pelas Juntas de Freguesia e equipamentos do Concelho, preocupa-se em organizar actividades capazes de trazerem benefícios para os comerciantes. Por isto, parece-me óbvio que existe uma relação próxima entre a Câmara e os comerciantes.*

9 – *Pelo referido na questão anterior, obviamente que existe uma relação fácil e óbvia entre os agentes económicos.*

10 – *Obviamente que a resposta a esta pergunta só a poderá dar o Vereador do pelouro respectivo.*

11 – *Não aplicável.*

12 – *Claro que tem. Qualquer Concelho que procure captar pessoas, é evidente que depois se reflecte a nível Nacional. É uma importância de que o Concelho não se envergonha, nem exulta com isso.*

13 – *As políticas são sempre, digamos, um elencar de todas as necessidades e depois disto é óbvio que , nós não podemos satisfazer todas as necessidades que nós queremos. A estratégia política em qualquer sector e também neste, precisa*

de ver todas as necessidades que estão em cima da mesa, quais as mais urgentes, definir prioridades e optar por estas, digamos assim.

14 – Eu penso que existe.

15 – Bem, é a Câmara Municipal, a Associação Comercial de Espinho e todos os Agentes em geral. Todos em conjunto promovem Espinho, inclusive a própria Feira Semanal de Espinho promove o Turismo.

16 – Eu penso que sim. Portugal é um País dadas as suas características e dado o facto de estar inserido na CE, tem algumas valências que sempre teve que tem de abandonar, e falamos no conjunto de áreas em que Portugal não é competitivo. Mas há 2 coisas que Portugal pode fazer. Pode valorizar os seus terrenos e a agricultura, não no sentido tradicional e tirar partido da frente de mar e do excelente clima que temos.

17 – Aqui em Espinho eu penso que falta promoção. Antigamente o comboio “despejava” aqui as pessoas, é evidente que elas vinham para aqui e a ideia passava de uns para os outros, acabando por ser uma inerência da deslocação. Hoje em dia, não se pode dizer isso. Porque em primeiro lugar temos que ter em consideração, que estamos numa zona turística que não é só Espinho, portanto essa zona tem que ser vendida, e esse trabalho acho que a Câmara tem feito. Tem sido feito com algum prejuízo para a Câmara, pois temos apostado em equipamentos com elevados custos de manutenção, mas que vemos, como a única possibilidade de trazer e atrair pessoas para Espinho e fazê-las conhecer e visitar o Concelho. Tem de haver algum apoio e incentivo que os chame. Por isso, é que entendo que apesar deste ser um esforço financeiro para a Câmara, que pesa bastante no orçamento, é essencial para trazer as pessoas para o Concelho e para incrementar as vendas dos nossos comerciantes.

18 – A população local sempre viu com bons olhos os turistas aqui em Espinho, pois habituou-se a conviver com essa realidade. Às vezes faz parte da própria

existência, ou do Turismo paralelo, como lhe quisermos chamar. As pessoas aproveitam-se normalmente da vinda dos turistas, pois o problema é este, para termos os turistas precisamos de criar as infra-estruturas necessárias para os atrair, vamos criando. Por exemplo o cinema, há alguns anos Espinho tinha duas salas de cinema, que estavam completamente cheias durante a época balnear e depois tinham uma época de Inverno com pouco movimento. Hoje em dia podemos sair com facilidade de Espinho e ir ao Cinema a Gaia ou ao Porto, mas em outros tempos, isso não acontecia. Não existe um sistema implementado perfeito, sem constrangimentos e cabe-nos a nós gerir esses constrangimentos.

19 – Na minha opinião os sistemas são sustentáveis quando tem em conta o futuro das actividades. No Concelho não é permitida a construção indiscriminada, existindo uma série de regras e limitações a respeitar, pelo que nessa medida a resposta está dada, pois aposta-se na manutenção de uma vida de qualidade para os residentes e consequentemente, também para o Turismo. Portanto a ideia de sustentabilidade está bem presente nas medidas e estratégias implementadas pela Câmara Municipal e seu executivo.

20 – Essa estratégia da Câmara deve perguntar ao Sr. Presidente que tem o Pelouro do Turismo, pois nunca falamos sobre essa questão entre o executivo.

21 – Não lhe posso falar com grandes certezas sobre esta temática, pelo que remeto para o vereador do Pelouro.

22 – Eu vou-lhe dizer assim, a via-férrea constitui a mola propulsora do desenvolvimento de Espinho. Hoje em dia estou em crer que será um ponto fundamental para a revitalização de Espinho.

23 – Existirá um espaço enorme que será libertado à superfície que poderá ser aproveitado para algumas situações importantes. Apesar do pelouro não ser meu, tenho uma ideia sobre isso. A nova estação dos caminhos-de-ferro vai marcar duas áreas fundamentais uma a Norte e outra a Sul do Centro da Cidade. Nestes

espaços pretendemos colocar infra-estruturas ligadas à cultura, com criação de espaços ajardinados e aprazíveis.

24 – Eu penso que o estado está perfeitamente consciente de que o Turismo é importante e que deverá ser revitalizado no futuro. De maneira que dessa forma, acho que o estado tem um papel preponderante para que as regiões criem elas próprias, certas dinâmicas capazes de desenvolverem as suas potencialidades.

25 – Eu penso que ao longo desta conversa já falamos nisso. Quer dizer, porque Espinho terá de crescer mais a nível de infra-estruturas que atraiam mais pessoas, fora da época balnear, pois nessa época temos também concorrentes de peso. Temos em Espinho já várias associações, somos conhecidos por algumas modalidades desportivas, pelo que isso pode ajudar a incrementar a nossa actividade turística

Vereador da Câmara de Espinho, Pelouro Cultura – Entrevista com Dr. Carlos Gaio

Dia 12 de Junho 2007, cerca das 11h00

1 – A minha actividade limita-se à Vereação do Pelouro da Cultura da Câmara em Espinho.

2 - O Turismo é uma trave mestra em Espinho desde os seus primórdios. Tem importância económica, cultural, social. O Turismo não pode ser uma opção, mas é sem dúvida uma das portas para o futuro de Espinho.

3 – O problema é que a palavra Turismo em Espinho pode ter vários sentidos. Muitas vezes as pessoas caem no erro de falar do Turismo em Espinho apenas associado à época balnear, facto que não acontece nos nossos dias. A realidade em Espinho vem adquirindo outras configurações, nomeadamente ao nível de outros aspectos turísticos que, não ocorrem territorialmente na época balnear.

Portanto, quando falamos em Turismo, falamos em praia, mas também em cultura, desporto onde temos uma série de equipamentos em afirmação em Espinho.

4 – Existem objectivos assumidos na Câmara e existem objectivos assumidos pelo nosso Presidente da Câmara. E que apontam para uma forma de desenvolvimento local, fundamentada no sector dos serviços e onde o Turismo tem papel central.

5 - Em geral a oposição comunga das linhas definidas, não me parece existirem grandes divergências.

6 - Espinho tem em termos turísticos um sector económico importante. O sector da restauração tem uma atractividade grande, tem potencialidades naturais relacionadas com a época balnear e como é óbvio potencialidades proporcionadas por outros equipamentos. Refiro-me concretamente à Nave Polivalente e ao Centro Multimeios. Estes são pontos fundamentais de atracção turística do Concelho.

7 – Problemas em termos de acessibilidades, algumas lacunas na época balnear, quando se fala num sector terciário nomeadamente na restauração, onde também temos de pensar que algo se terá de fazer para melhorar a organização e funcionamento destes estabelecimentos. A restauração deve estar preparada para reagir de uma forma mais activa e profissionalizada, face à procura para que assim se possa estimular ao máximo a sua actividade.

8 – Eu penso que existe, e como não poderia deixar de ser, uma relação necessariamente informal. Face a determinadas iniciativas e problemáticas essa comunicação existe e essa interligação faz-se, também não poderia ser de outra maneira.

9 – Sim é uma relação que me parece fácil e natural.

10 – *Eu penso que existem linhas orientadoras para o sector turístico. Convém também ter noção que é a Câmara Municipal que tem atribuições no âmbito turístico, mas não se pode centrar todas as responsabilidades sobre a dinâmica das políticas definidas aqui.*

11 – *Sim, penso que as pessoas sabem quais são as estratégias definidas.*

12 – *Eu não tenho dados concretos, mas penso que Espinho tem uma actividade turística razoável, pois basta ter uma zona de jogo para ter algum peso como pólo turístico.*

13 - *Falamos em vários segmentos de política, baseando-nos nos elementos da oferta que atraem a procura, com certas intervenções dos vários agentes. Não falamos numa única política, mas sim numa política com vários instrumentos.*

14 – *Há obviamente uma política turística que a Câmara é impulsionadora já por si.*

15 – *A Câmara Municipal, mas com um papel mais activo de outros agentes económicos.*

16 – *Acho que existe uma política de Turismo ao nível Nacional, embora se lhe possa apontar algumas deficiências, mas claramente existe uma Política de Turismo.*

17 – *Eu não me sinto tão à vontade para entrar a esse detalhe, pelo que remeto para o Sr. Presidente a resposta a estas questões.*

18 – *Penso que sim. Depende do tipo de Turismo, mas Espinho esteve sempre relacionado com o Turismo e com a época balnear, e por isso tornou-se em algo indissociável da vida dos residentes deste Concelho.*

19 – *Eu acho que sim, baseamo-nos nesse conceito para o desenvolvimento das nossas estratégias. Como lhe referi à pouco, as estratégias são definidas pela Câmara, e não será a Câmara a poder medir a sustentabilidade das suas políticas, mas penso que existe sustentabilidade nos métodos aplicados para que a actividade turística se desenvolva.*

20 – *A Câmara tem pensado, tanto o tem feito que não é por acaso que o desporto começa a ter um papel grande no Concelho. Nós sabemos que as actividades que se desenvolvem na Nave Polivalente tem importantes efeitos multiplicadores no Turismo, e isso é uma aposta clara da Câmara em mudar o sector turístico, nos nossos antepassados baseado exclusivamente na época balnear.*

21 – *Remeto esta questão também para o Sr. Presidente.*

22 – *Eu vejo-o como um instrumento de equilíbrio urbano e como um aspecto turístico muito importante. Como sabe a via-férrea veio isolar de certa forma a parte Nascente da parte Poente do Concelho e aí localizam-se alguns dos mais importantes agentes económicos. Com o abaixamento, cria-se uma ligação até aqui desconhecida, com reais aspectos positivos. Por um lado permitirá a criação de espaços que possam criar outras atractividades naquela zona para o Turismo.*

23 - *Bem existirão mais projectos, mas destes deverá falar-lhe o Presidente com mais segurança.*

24 – *O estado central tem um papel regulador, mas acho que deve ser salientado o papel que o sector privado deve ter.*

25 – *As grandes linhas são manter e reforçar aquilo que é a importância da época balnear, apostar em outro tipo de Turismo ligado ao lazer, ao desporto e à cultura.*

Questão Histórica

A evolução que se verificou em Espinho, tratava-se nos primórdios de uma aldeia de pescadores, deve-se ao processo turístico e mais nada.

No século XIX começa a surgir algum comércio e logo a seguir a via-férrea, mas o comboio só começa a parar aqui quando começam a aparecer os turistas-veraneantes.

O meu livro fala da história de Espinho até à Revolução Industrial, depois disso deverá procurar outras fontes bibliográficas.

Vice-presidente e Vereador da Câmara de Espinho – Entrevista com Sr. Rolando Sousa**Dia 11 de Outubro 2007, cerca das 16h00**

1 – A minha actividade profissional no Concelho resume-se à Vereação do Urbanismo e à Vice-Presidência da Câmara. Estou ligado ao Desporto, mas não é nada de profissional.

2 – Eu penso que até é indispensável que seja. Bem, sabemos que o Turismo que temos não é o mesmo de à 40/50 anos atrás, como é evidente. Aliás se já fez essa recolha de informação...Antigamente em termos de sol e praia tínhamos Póvoa do Varzim, Foz e Costa do Estoril, não havia mais nada. As coisas foram mudando e foram surgindo os novos sítios turísticos, como sejam o Algarve o Sul de Espanha, as Caraíbas, etc. Isto fez mudar as nossas características turísticas. Continua a ser importante no nosso Turismo o sol e mar, mas a verdade é que temos de começar a diversificar, porque não há a possibilidade de manter essa tradição antiga e o plano antigo de que Espinho era “a Rainha da Costa Verde”. Isto hoje está ultrapassado, pois de facto nessa altura vinha para Espinho muita gente do Interior e de Espanha, sobretudo de Badajoz, do Porto, Vila Real e Viseu inclusivamente, tinham casa aqui durante o Verão todo. O problema também é de vida familiar, pois antigamente era o poder paternal que prevalecia, pois só o homem trabalhava, as mulheres ficavam a tomar conta das crianças e essa era verdadeiramente uma característica de Espinho. Hoje as pessoas vêm para a praia, mas vão embora todos os dias, pois melhoraram os acessos, os transportes o que facilita sobremaneira as deslocações. Nós temos portanto de encontrar outras alternativas, que penso pessoalmente situarem-se no Turismo cultural, no Turismo desportivo, no Turismo de Congressos, sobretudo em eventos que tenhamos capacidade hoteleira para os seus participantes.

3 – Tal como já referi, falamos de sol e mar, pois continua a ser importante, mas tem de estar associada à realização de eventos. A Câmara tem feito algumas iniciativas neste sentido, e penso que a hotelaria tem beneficiado com isso. Por

exemplo na época baixa de Inverno temos as provas de atletismo de Pista Coberta, em que durante todos os fins-de-semana temos aqui centenas de atletas, e alguns eventos que já são característicos do Concelho de Espinho, como sejam, o Cinanima(cinema de animação) e o Festival de Música, e que atrai muita gente a Espinho. Por outro lado, uma das características que nós temos, é a nossa qualidade urbana, pois penso que é apetecível para muita gente vir passar um fim-de-semana a Espinho, porque julgo que Espinho continua a atrair pela sua qualidade hoteleira.

4 - A Câmara não pode trabalhar isoladamente, tem de ter ao seu lado os agentes económicos para trabalhar conjuntamente com eles de forma a criar as condições necessárias para trazer pessoas a Espinho. Aquilo que nós temos vindo a fazer nos últimos anos é procurar apoiar eventos que tragam pessoas a Espinho. Estes são os grandes objectivos que nós temos estabelecido.

5 -Penso que de certa forma partilhará, mas com certeza que pensa que se estarão a perder oportunidades de se fazer mais coisas.

6 – Bem voltamos ao princípio. Temos o mar e a praia, os equipamentos colectivos que dispomos neste momento (quer a Nave Desportiva, quer o Complexo de Ténis, o Centro Multimeios, o Futuro FACE), as unidades hoteleiras de Espinho que me parecem de boa qualidade e com capacidade para atrair grandes eventos, a qualidade urbana de Espinho, e as obras que se estão a fazer de rebaixamento da Linha Férrea, que vai permitir criar um espaço atractivo na zona central da Cidade. Temos também o Casino que é um equipamento que atrai muita gente e que realiza eventos também eles importantes nas suas instalações.

7 – Temos alguns problemas com a questão da noite. É uma questão importante, pois a juventude criou certos hábitos relativamente à noite. Como sabe as zonas de diversão nocturna estão colocadas nas áreas habitacionais que criam um conflito permanente, pelo ruído que fazem, que se torna muito difícil de gerir.

Pensamos que deveríamos arranjar um local onde pudéssemos ter instalações de vida nocturna, em locais privilegiados naturalmente, mas um pouco afastado das zonas habitacionais.

8 – Espinho caracteriza-se por ter um sector terciário muito forte. Definimos em tempos alguns incentivos para os comerciantes requalificarem os seus espaços comerciais, mas neste momento, face à situação económica do País, isso é muito complicado. Contudo, temos uma relação muito próxima e boa com os diferentes agentes económicos.

9 – A relação com os agentes económicos tem sido fácil, não temos sentido dificuldades.

10 – Há uma estratégia definida, mas como sabe o Turismo não vive unicamente para Espinho, pelo que é impossível termos uma estratégia para Espinho. Eu acho que devemos ter uma estratégia regional que traga as pessoas que, não venham só a Espinho. Temos aqui na zona do Porto algumas instalações importantes às quais nós tentamos aderir, numa estratégia mais ampla do que meramente concelhia. É aquilo que se diz uma estratégia macro em detrimento de uma estratégia micro.

11 – Talvez nós tenhamos algumas dificuldades e deficiências, pois mais cedo ou mais tarde vamos ter de ter, que é o chamado marketing urbano. Não temos um projecto de comunicação, pois toda essa estratégia implicaria custos, coisa que a câmara não pode suportar. Por isso mesmo, sei que não é do conhecimento público.

12 – Tendo em conta a dimensão do Concelho eu julgo que terá a sua importância, tanto quanto eu sei, pois durante a época balnear tivemos taxas de ocupação elevadas em termos hoteleiros, o que desde já indica que, alguma importância teremos no âmbito nacional.

13 – *Eu antigamente costumava definir a actividade turística como a capacidade de atrair pessoas para dentro da malha de Espinho. Se conseguirmos centrar no Turismo de negócios e depois conseguir manter as pessoas 2 ou 3 dias por aqui, já é um passo importante. O Turismo no fundo para mim é uma actividade económica que consiste na atracção de pessoas para além da malha normal do Concelho.*

14 – *Ora bem, estou numa posição em que é difícil responder a esta questão. Estamos aqui para ser julgados e não para julgar.*

15 – *Obviamente que é a Câmara Municipal.*

16 – *Eu acho que se tem vindo a fazer algo para desenvolver uma política de Turismo Nacional, muito com base em atrair as pessoas para determinadas zonas, sobretudo em termos da temperatura e da qualidade do tempo. Hoje parece-se igualmente importante aquilo que se vai desenvolvendo em algumas partes do País, sobretudo na atracção de pessoas para a prática do Golfe que está em grande expansão e tem grande potencial para atrair pessoas no País.*

17 – *Como é evidente eu vou acabar por repetir-me. Eu acho que Espinho devia estar integrado na Adeturn, mas não sei se isso funciona muito bem. Podíamos encontrar uma estratégia regional em que se repartissem os períodos de estadia, vocacionando os turistas que visitam Espinho a visitar o Porto e vice-versa. É neste âmbito, que julgo seria importante este trabalho em conjunto que nem sempre acontece, e que era importante promover.*

18 – *Eu desde sempre vivi em Espinho, e há muitos anos que Espinho se habituou a viver com os turistas. Mesmos os jovens Espinhenses sempre demonstraram uma grande abertura para conviverem com jovens de países estrangeiros. Portanto, Espinho vive perfeitamente com o Turismo.*

19 – *A sustentabilidade é uma coisa que se aplica a todos os sectores e no Turismo acho que também se deve manter uma política de sustentabilidade com os agentes económicos em foco, pois sabemos que temos unidades hoteleiras que têm custos fixos ao longo de todo o ano, pelo que necessitam de actividade ao longo de todo o ano e nós contamos com uma postura agressiva das gerências dos hotéis no sentido de aplicarem políticas estratégicas sustentáveis. No que se refere à sustentabilidade da Nave Polivalente, Complexo de Ténis acho que estes investimentos são sustentáveis. Há alguns anos atrás tivemos no Ténis algumas competições importantes, mas custavam à autarquia muito dinheiro, trouxemos aqui grandes atletas que utilizaram o parque hoteleiro, os nossos restaurantes e tudo o resto o que dá alguma sustentabilidade ao Concelho. No entanto, o nosso principal objectivo não é ter receitas, mas sim proporcionar receitas aos diferentes agentes económicos do Concelho.*

20 – *Nós estamos sempre em evolução. A nossa obrigação é criar condições para uma boa qualidade de vida e para resolver os problemas do dia-a-dia. É óbvio que nós temos equipamentos que têm custos de manutenção enormes e que precisariam de ser melhor utilizados, mas temos de proporcionar essas condições. A criação de uma Esplanada a Norte do Hotel PraiaGolfe que veio criar uma zona aprazível para as pessoas visitarem Espinho com toda a segurança, as obras da Piscina Solar Atlântico, que veio revitalizar completamente este equipamento, tendo-se dispendido cerca de 1 milhão de contos numa piscina de 1940, para tornar este local num espaço de lazer e diversão. Portanto, penso que temos feito o possível para fazer face à potencialidade de atrair pessoas.*

21 – *Para o futuro, vamo-nos apresentar ao próximo Quadro Comunitário de Apoio, onde estão em foco questões mais estruturais, como sejam as Escolas Primárias. Vamos criar condições em escolas que foram construídas à 40 ou 50 anos e que não respondem às necessidades actuais dos jovens e do ensino.*

Por outro lado, temos a construção do CIC – Centro Interpretação do Castro de Ovil que é um Castro que temos em Paramos e que não é explorado a alguns anos.

Vamos ter uma nova Biblioteca na Cidade de Espinho.

Há possibilidade de deslocalizar o nosso Parque de Campismo para outro local, embora seja um projecto de médio e longo prazo.

E há possibilidade também de uma remodelação do nosso Campo de Golfe, mas esse é um projecto mais de longo prazo. Estes são portanto, os principais projectos para o futuro do Concelho.

22 – Eu penso que o rebaixamento da via-férrea será muito importante, mas estou na expectativa que ela se concretize, pois a obra decorre a alguns anos e obviamente que traz muitos transtornos aos agentes económicos e às pessoas em geral. Estou esperançado que no próximo Verão uma parte importante da obra já esteja terminada, para depois organizarmos aquilo que vai ficar à superfície. Neste momento, estamos a organizar um concurso de arquitectura para o que vai sobrar à superfície. Tenho grandes expectativas sobre esse projecto, pois vai ser um factor de animação enorme naquela zona e de atracção de todo o Concelho de Espinho.

23 – A minha convicção pessoal é que poderíamos ali fazer um Centro de Arte Contemporânea, mas não lhe posso dizer se isso vai acontecer, pois estando a decorrer um concurso poderão surgir outras hipóteses. Unidades hoteleiras não serão construídas aqui, mas surgirão pequenos equipamentos de apoio às esplanadas e espaços culturais que aqui serão criados.

24 – Eu acho que o papel é fundamental. É a administração central que define a política ao nível distrital, e o Turismo é sem dúvida alguma, uma mais-valia e uma fonte de riqueza efectiva, isso é indiscutível.

25 – Bem, vou ter de me repetir... Como Espinho perdeu as suas características como estância de férias para períodos longos, e como hoje em dia e face às

mutações climáticas o clima está cada vez mais instável, é complicado termos garantia de que no Verão numa semana de férias vá encontrar bom tempo, pois as temperaturas são bastante instáveis.

De maneira que, os grandes desafios que temos são, continuar a apostar no “Sol e Mar”, mas temos de diversificar e temos de criar condições para que se desenvolva o Turismo Cultural e o Turismo Desportivo.

5.2.2. Entidades Camarárias da Oposição

Vereadora da Oposição PSD – Entrevista com Dra. Maria Manuela Aguiar

Dia 4 de Junho 2007, cerca das 19h00

1 – Para além de ser vereadora da oposição, tenho uma representação na comissão política nacional do PSD, contudo nunca estive ligada ao Turismo.

2 – É óbvio que o Turismo é extremamente importante, pois Espinho nasceu para o Turismo. Foi uma terra pioneira em termos de urbanização, com um aspecto singular em Portugal. Ao mesmo tempo, a proximidade relativamente ao Porto faz com que o potencial turístico de Espinho seja maior, e que isso possa ser fundamental sob o ponto de vista económico, cultural e social.

3 – Quando eu falo em Turismo em Espinho, falo em Turismo ligado ao mar. Aqui a praia é quase mítica pois, foi ela que deu origem ao nome da cidade. Podemos falar também de desporto, pois Espinho tem excepcionais condições para a prática de desporto, o que possibilitaria a oportunidade de se apostar com maior clareza em eventos de grande dimensão. Penso que, se quisermos falar em Turismo em Portugal, temos em Espinho um excelente exemplo, pois tem praia, tem mar, tem uma estrutura urbanística singular e tem uma história que traz do passado o reconhecimento das suas mais-valias, enquanto estância de férias.

4 – *Penso que existe uma certa preocupação com o Turismo no Concelho, mas não se vê uma estratégia delineada, com uma definição clara de objectivos a atingir. Temos alguns equipamentos importantes, que poderão trazer turistas a Espinho, mas penso que Espinho poderia ter uma maior oferta turística, pois é o que define um espaço em termos de mercado. A verdade é que Espinho com outra capacidade hoteleira poderia fazer outro tipo de promoção, mais abrangente e completa e diversificar verdadeiramente a sua oferta. É preciso interiorizar a ideia de que a actividade número um de Espinho é o Turismo, o que digamos também a nível Nacional deveria acontecer.*

5 – *Não aplicável.*

6 – *O mar, o traçado de Espinho, os equipamentos desportivos, a organização e a calma da cidade são as grandes mais-valias do Concelho.*

7 – *As entradas no Concelho e a Cidade de Espinho estão mal sinalizadas, passando quase despercebidas. Poderão estar à espera da conclusão das obras da Linha para efectuarem uma série de trabalhos em Espinho, contudo acho que a sinalização turística devida é uma carência efectiva. Preocupa-me sobretudo as soluções urbanísticas que irão ser implementadas em toda a zona de rebaixamento da via-férrea.*

8 – *O executivo camarário não é homogéneo e nós, oposição, só existimos para darmos uma mera opinião. Dado que não participamos activamente neste executivo é muito complicado estar a dizer-lhe quais as relações institucionais existentes, contudo posso dizer-lhe que não vemos restauração, agentes de viagens, comerciantes a serem ouvidos, sendo excepção a hotelaria.*

9 – *Não tenho a certeza se existe uma estratégia, mas sei que existem coisas que poderiam estar feitas de forma diferente e melhor, como é o caso da realocização do parque industrial. É fundamental que isto leve uma reviravolta, mesmo em termos culturais, a cidade precisa de mais e melhor à imagem e semelhança de*

outros Concelhos vizinhos, como é o caso de Santa Maria da Feira e Gaia. Por exemplo, Espinho era preferido em relação à Póvoa de Varzim durante muitos anos, contudo isso já não acontece actualmente, porque a Póvoa desenvolveu-se muito nos últimos anos. Portanto, penso que não poderemos falar verdadeiramente numa estratégia para o Turismo, pois seria fundamental conseguir estender a época balnear para além dos típicos meses de Julho e Agosto, talvez de Maio a Setembro com a criação de uma série de actividades paralelas capazes de animarem o Concelho durante este período.

As nossas piscinas não têm potencial de atracção ao longo de todo o ano, e mesmo as nossas praias, penso que deveriam estar muito mais cuidadas, que não estão actualmente, e para quem tem na praia o seu principal potencial turístico deverá repensar urgentemente as orientações que tem preconizado.

10 – Não aplicável.

11 – Com certeza que sim. O Turismo é uma realidade em Espinho e tem um contributo, ainda que diminuto no todo Nacional. Existe um pouco a ideia que aqui tudo o que é bom em termos de animação dura pouco tempo, 2 a 3 meses e não mais, pois falta potencial e as barreiras burocráticas são muitas. Contudo, também é sabido que Espinho é cada vez mais conhecido pela sua calma, sossego e qualidade de vida. Esses interesses são contrários ao desenvolvimento excessivo de actividades nocturnas.

12 – Quando falamos em política do Turismo falamos em orientações capazes de potenciar as mais-valias turísticas de um espaço geográfico. No caso de Espinho, temos o mar, a praia, voleibol, o rancho folclórico, entre outras.

É importante também potenciar a restauração local, pois Espinho tem fama de ter uma cozinha típica estritamente ligada ao mar, com uma marca que está perfeitamente lançada e reconhecida no mercado.

O comboio traz para aqui as pessoas que passam aqui o dia, depois vão-se embora e isso não se traduz em animação à noite.

13 – *Penso que não. Deveríamos ter nas entradas da Cidade e do Concelho sinalética turística que identifique as mais-valias aqui presentes, pois só assim os turistas saberão o que visitar e a forma de o fazer. Existem zonas que estão completamente degradadas e que estão a precisar de uma lavagem completa. Acho que se deve manter uma certa harmonia e não romper com o que vem do passado. É uma pena o Teatro de S. Pedro ter encerrado, o que não favorece a animação, tem um centro comercial com um aspecto completamente degradado. Por tudo isto e muitos outros aspectos não podemos falar aqui em política do Turismo.*

14 – *Não aplicável.*

15 - *Penso que verdadeiramente não, pois se compararmos com a Madeira verificamos que têm uma estratégia para o Turismo verdadeiramente implacável, apostando na qualidade e em unidades hoteleiras de elevado nível. Se tivéssemos no Continente um Presidente como o da Madeira, concerteza que as coisas seriam diferentes, pois seríamos muito mais profissionais e convictos no que fazemos.*

16 – *É importante termos praias limpas e ordenadas, boa restauração e sermos capazes de organizar eventos que captem pessoas especialmente na época baixa. Parece-me importante alargar a época balnear, fugindo da aposta simplesmente em Julho e Agosto. Maio, Junho e Setembro devem ser meses a apostar, pois nem a piscina municipal está aberta, nem quase nada está aberto. Esta é uma época em que o Concelho tem de estar a funcionar em pleno.*

17 – *Os Espinhenses são um povo hospitaleiro e que sabe receber, pois têm consciência que Espinho depende em muito da actividade turística e acima de tudo da arte de bem receber. Penso que aqui nada de negativo pode ser apontado, antes pelo contrário.*

18 – *Como lhe disse, não me parece que exista uma estratégia para o Turismo, e*

a existir parece-me que muito mais poderia ser feito com vista à sustentabilidade do desenvolvimento turístico.

19 – *A esse nível não lhe posso responder com muita precisão, pois penso que muito pouco tem sido feito neste sentido. Estamos próximos do Porto e Santa Maria da Feira, que são destinos com grande actividade cultural, e nesse sentido, penso que muito mais deveria ser feito para conseguir uma maior integração inter-municipal com o aproveitamento das valências de cada destino.*

20 – *O grande projecto que está previsto para Espinho é o do “abaixamento da via-férrea”, pois constituirá um ponto-chave para o desenvolvimento turístico futuro do Concelho.*

21 – *O papel do abaixamento da via-férrea será como espero a revitalização completa da cidade de Espinho, tornando-a num espaço mais aprazível e mais digno de receber milhares de turistas.*

22 – *A este nível não lhe sei dizer se existirão mais projectos a serem realizados, contudo apenas sei que irá decorrer um concurso de ideias que espero, traga para Espinho aquilo que realmente necessitamos, que passa pela reabilitação urbana, rejuvenescimento e criação de uma série de infra-estruturas que permitam a diversificação da oferta.*

23 – *É óbvio que o estado central deverá ser o primeiro impulsionador na criação de uma política de Turismo, contudo deverá ser localmente que as entidades camarárias devem ter a audácia de avançarem nesse sentido, pois melhor do que ninguém conhecem o seu território.*

24 – *Bem, correndo o risco de me repetir, as grandes linhas para o desenvolvimento futuro passarão necessariamente pela diversificação e alargamento da oferta turística em Espinho, desenvolvimento da animação no Concelho e melhoria da estratégia de comunicação para com o turista.*

Vereador da Oposição PSD – Entrevista com Dr. Luís Filipe Montenegro**Dia 5 de Junho 2007, cerca das 10h30**

1 – O sector da minha responsabilidade é todo e é nenhum. Nas últimas eleições foram eleitos 4 vereadores do PS e 3 do PSD, pelo que não nos foram acometidas responsabilidades directas.

2 – Desde logo, é a principal actividade económica do Concelho. Alicerçada em alguns subsectores, como seja, o comércio tradicional, o Casino, os equipamentos desportivos.

Espinho é um Concelho de reduzidas dimensões e por isso não tem potencial para receber aqui grandes indústrias, desenvolver aqui explorações agrícolas, por isso deve sim aproveitar a sua localização geo-estratégica na zona Sul da Área Metropolitana de Aveiro. Deve aproveitar também a grande proximidade e capacidade pelas vias rodoviárias, ferroviárias e aeroportuárias da Cidade do Porto. Fundamentalmente deve aproveitar aquilo que é a sua grande bandeira, a faixa costeira em toda a sua extensão e que a fazem uma área propensa para o Turismo por excelência. A actividade turística é sem dúvida alguma, a actividade que dá maior dinamismo económico e social ao Concelho.

3 – Temos sempre que falar na praia. Não podemos falar em desenvolver uma estratégia de desenvolvimento turístico para Espinho sem começar pela praia. Não temos locais de extrema beleza natural, por isso temos de nos fazer valer da excepcional faixa costeira que dispomos. Aquilo que penso, é que existem depois algumas actividades que se desenvolvem devido à existência desta faixa costeira e por isso, deve a mesma merecer toda a nossa atenção, pois é ela a força de atracção que Espinho possui. Poder-se-á colocar a questão da sustentabilidade deste tipo de opção, pois a praia por si só não serve de todo para a rentabilização da actividade turística. É preciso serem criadas uma série de actividades para complementar a oferta turística. Desde logo, capacidade hoteleira de excelência,

actividade hoteleira de excelência, aproveitamento do casino que é objectivamente um sector importante, a restauração, e o necessário entrosamento e interligação de todos estes agentes.

Acho que é fundamental pensarmos em integrar Espinho numa estratégia turística de um espaço mais vasto, pois este é na minha opinião o grande desafio para Espinho, para então podermos falar em política de Turismo, pois não existe e não existe mesmo em Espinho!

Como é possível com uma oferta turística tão vasta a nível Internacional e com preços muito competitivos fazer com que as pessoas venham conhecer e visitar Espinho? Sabemos que as 5 freguesias que o Concelho tem e os seus cerca de 21 km² não são suficientes em termos turísticos e por isso é preciso alargar a escala e integrar Espinho em espaços vizinhos com maior visibilidade e dimensão. Integrar em Portugal, associar ao Concelho de Vila Nova de Gaia e de Santa Maria da Feira. Santa Maria da Feira é uma grande potência económica na região Norte, assim como a Ria de Aveiro que não chega a Espinho, mas que esta muito próxima e representa um potencial turístico imenso. Acho que devemos ter uma estratégia claramente regional que possa alicerçar as mais-valias turísticas do Concelho de Espinho.

4 – Penso que existem muito poucos. Acho que o Concelho tem por objectivo realizar meia dúzia de eventos que chamam atletas e familiares, não chamam grandes públicos e atenuam de certa forma a época baixa da hotelaria...contudo muito pouco na minha opinião.

Sou daqueles que defendo muito maior ambição nesta matéria. Deve-se apostar em grandes eventos que consigam atrair milhares de pessoas e aí sim, fazer com que Hotéis, Restaurantes e Comercio em Geral beneficiem disso mesmo.

Respondendo directamente à questão, poderei dizer que não existem objectivos estratégicos, não sabemos que tipo de turistas procuramos e fundamentalmente que tipo de turistas vêm a Espinho, se repetem a visita, etc.

Desde à alguns anos a esta parte que defendo que se deveria parar e fazer este exame de aferição sobre o sector turístico para conhecermos bem quem nos

visita e podermos trabalhar em torno disso. Saber o número de turistas, a sua origem, o que procuram aqui, se gostam ou não de Espinho.

Obviamente que se irão conseguindo fazer algumas iniciativas para o Turismo em Espinho nos próximos anos, contudo penso que isso representa a diferença entre quem quer assumir a linha da frente e quem está interessado em perdurar no tempo no poder, ou sejam, no fundo deixar que as coisas aconteçam de forma natural.

5 – Não aplicável.

6 - A praia como já disse e não vou repetir, a localização geográfica, os equipamentos desportivos e culturais que o Concelho já tem e a própria população com características de acolhimento muito agradáveis fortemente enraizada na realidade comunitária de Espinho.

7 – A principal é a falta de uma estratégia. Não sabemos exactamente o que queremos, nem tão pouco sabemos para onde queremos ir. A este nível, acho que podemos falar ainda em alguns subsectores em que somos claramente deficitários e onde temos políticas erradas. Uma é sermos capazes de captar grandes eventos, e não simplesmente criar eventos que têm pouca expressão. Não deveremos querer criar uma oferta cultural que possa ombrear com a oferta cultural do Porto, temos sim de ter uma oferta cultural remetida à nossa realidade. Acho que também não estamos a aproveitar devidamente a vertente do Turismo de negócios com um cariz muito particular. Estamos próximos de uma estrutura importantíssima a nível nacional – o Europarque em Santa Maria da Feira que vai criar um parque empresarial imenso quadruplicando a sua actual área, surgindo hotéis, clínicas e muitos outros equipamentos. Parece-me importante que Espinho não passe à margem desta evolução, pois deverá saber tirar os devidos benefícios que decerto daí advirão. Arrisco a dizer que existem alguns “clusters” no sector do Turismo que se encontram também sub aproveitados. No âmbito do Turismo de saúde, temos um balneário marinho que é uma grande mais-valia e que penso merecia ser explorado.

Contudo, todas estas ideias necessitariam de ser melhor estudadas, quer tecnicamente quer em termos de viabilidade prática.

Penso que era fundamental termos um ponto de partida e um ponto de chegada, contudo também sei que não se poderá dizer que o Concelho vai desaparecer, pois subsistirá a sua existência, contudo poderíamos lutar por algo diferente e melhor. Pois tendo em conta o mundo globalizado em que vivemos, Espinho está a perder objectivamente competitividade em relação aos outros. Por exemplo, tínhamos num passado uma grande colónia de férias vindos do Norte Litoral e Interior que vinham em veraneio nos meses de Verão e alugavam casas para aqui permanecer longos períodos. Agora o facto é que perdemos tudo isso, pois também é certo que os tempos mudaram, mas também não é menos certo que outros Concelhos vizinhos cresceram e capitalizaram as pessoas que outrora vinham para aqui. Penso que não apostamos sequer o suficiente na protecção e manutenção das nossas praias, o que indicia uma vez mais a falta de estratégia e de rumo.

8 – Julgo que haverá diálogo com o sector hoteleiro por aquilo que é a minha percepção. Com a realização de eventos na Nave Polivalente é necessário ter o apoio das unidades hoteleiras para oferecer capacidade de alojamento para estes eventos. Demais, não me parece que exista uma relação da Câmara com agências de viagens, nem com Restauração o que é uma pena. A gastronomia de Espinho podia desenvolver-se, pois tem tradição em pratos típicos que lhe podiam dar notoriedade caso esta fosse uma aposta clara.

9 – Penso que não existe estratégia, por tudo quanto já disse ao longo desta entrevista.

10 – Não aplicável.

11 – Tenho muitas dúvidas. Temos uma ou outra coisa que tem impacto, sobretudo os grandes eventos que têm aqui lugar, mas julgo que muito aquém do que poderíamos ter.

12 – *Para mim, estamos a falar de um sector de actividade que é fundamental para Espinho pelas razões já apontadas, mas que objectivamente é também fundamental para o País. Sou daqueles que vi com muitos bons olhos que o 16º Governo Constitucional, liderado na altura pelo Dr. Santana Lopes, tivesse formado um Ministério do Turismo.*

O Turismo tem hoje um peso significativo em termos de PIB e terá ainda um maior peso no futuro. É um facto que não se deve apostar em determinados produtos em que não somos competitivos e que outros países produzem muito mais barato.

Penso que a política do Turismo deve ser uma prioridade e um desígnio Nacional.

13 – *Não. Acho que existem algumas ideias, não quero aqui estar a ser céptico. Fizeram-se alguns investimentos que em termos globais podem vir a ser rentáveis, e portanto temos aqui alguma obra, mas o problema é que estamos a falar de um sector altamente profissionalizado e daí a minha conclusão de que não há Política de Turismo no Concelho de Espinho. Um Concelho que não sabe que turistas é que tem, não sabe quais os efeitos das actividades culturais e desportivas na economia local, não tem ligação com os Concelhos vizinhos sobretudo no aproveitamento da agenda cultural do Porto e do Europarque em Santa Maria da Feira de forma a criar sinergias potenciadoras de maior atracção, não pode falar em política de Turismo. Quem não sabe aproveitar devidamente o Turismo de negócios, o Turismo de Saúde, quem não consegue criar uma ligação entre a hotelaria e a restauração, nem sequer com o Golfe e o Casino, inviabiliza a existência de uma política de Turismo.*

14 – *Não aplicável.*

15 – *A nível Nacional penso que poderemos falar de política de Turismo, pois o PENT é disso exemplo, apesar de ter alguns pontos criticáveis, mas que será sem dúvida uma linha orientadora para o futuro, pois o mesmo já não se poderá dizer a nível local.*

16 – *Objectivamente falta um estudo de caracterização do nosso Turismo actual e sustentar pistas para o caminho futuro, pois é fundamental profissionalizar a avaliação do sector para que o próprio se possa desenvolver e perdurar no tempo.*

Seria fundamental interligar os sectores e os agentes económicos, aproveitar a proximidade de S.M.Feira, Gaia, área Metropolitana do Porto.

17 – *Os Espinhenses suportam de bom grado a actividade turística no Concelho. Percebem claramente que o Turismo e os turistas em particular, são fundamentais para o desenvolvimento local e para o seu próprio bem-estar.*

18 – *Muito sinceramente penso que não. Andamos a enganar-nos! Pois construímos grandes infra-estruturas desportivas e passamos a patrocinar por completo eventos desportivos, para que os mesmos venham para aqui. O natural será o conseguirmos durante mais alguns anos, mas depois, vamos perder estes eventos, e vamos ficar com infra-estruturas extremamente pesadas em termos de custos de manutenção ao abandono. Será um grande problema para resolver.*

19 – *Desde 1993 que a Câmara é dirigida pelo mesmo executivo, portanto nunca ouvi nada de especial em torno disto. Nunca ouvi falar em nada mais do que as contrapartidas do dinheiro do jogo e dos quadros comunitários de apoio, que nos foi facultado a alguns anos atrás. Continuo a pensar que podemos e devemos ser um palco privilegiado para grandes eventos. Mas quando nós nem conseguimos fazer perdurar no tempo as grandes práticas que marcaram a história do Concelho, como é o caso da pesca artesanal, penso que está tudo dito quanto às capacidades do Concelho de preservar, desenvolver e potenciar.*

20 – *A obra de abaixamento da via-férrea, a construção da Pousada da Juventude que vai suportar a actividade da Nave Polivalente, e o projecto FACE.*

21 – O abaixamento da via-férrea vai ser muito importante para o centro urbano da cidade, dando mais mobilidade na chegada e saída da cidade. Espero que as opções de finalização da obra quer a Norte quer a Sul não sejam nefastas para a cidade e para as pessoas.

22 – Não tenho conhecimento, pois haverá ainda um concurso de ideias para só depois se tomarem essas decisões.

23 – Não me parece que o papel do estado central seja crucial em todo este processo, mas o que é fundamental é o poder local. Acho que deve existir um órgão superior capaz de organizar e parece-me fundamental o inter-municipalismo, pois senão caímos no erro dos últimos 15/20 anos em que cada município construiu os seus equipamentos a seu belo prazer sem se pensarem nas áreas de abrangência. Deve existir um poder intermédio capaz de dizer que não é possível termos todos os Concelhos com equipamentos desportivos, é necessário diversificar a oferta. Penso que no caso concreto, o grande ímpeto para uma política de Turismo está na autarquia, e com o devido respeito pelos executivos camarários que aqui prestaram serviço nos últimos 30 anos, não me parece que esta questão tenha sido tida em conta e não fomos o suficientemente ambiciosos nesta matéria.

24 – Interligação regional, preocupação em saber quem é o nosso turista, coordenação de todos os agentes económicos turísticos concelhios e aproveitamento de potencialidades na área dos negócios e da saúde, enquadradas nas nossas características e complementares a todas as ofertas que Espinho já possui, com um índice verdadeiro e competitividade. Falta liderança na minha opinião na Câmara Municipal, pois a Câmara não lidera processos no sentido de captar negócio e oportunidades para o Concelho.

Por exemplo, a Nave Polivalente é um equipamento desaproveitado, que deveria ser um equipamento do Grande Porto e não do Concelho de Espinho que é muito pequeno em si para ter dimensão de atracção de grandes eventos a nível Nacional.

5.2.3. Outras Entidades em Geral

5.2.3.1. Hotelaria

Grupo Solverde

- *Hotel Solverde – Depois de vários contactos, nunca se mostraram disponíveis para conceder a entrevista. Na última tentativa, indicaram-me o Director Geral do Aparthotel para me dar a referida entrevista;*

- *Casino Solverde – Contactos tentados sem qualquer tipo de resposta da Direcção do Casino Solverde;*

- *Aparthotel Solverde – Depois de várias tentativas sem resposta, e face à resposta que aqui subscrevo, a minha investigação foi posta em causa, sendo que ponderei a minha desistência. O Sr. Filipe Pereira, revelando um espírito fechado e nada jovial, recusou-se literalmente a dar-me qualquer tipo de entrevista, pois eu era “Representante Comercial do Hotel PraiaGolfe”. Mais disse que “era perfeitamente normal que assim fosse, pois eu era da concorrência”. Neste caso que eu fazia mal, pois “devia entrevistar unidades hoteleiras que não fossem concorrentes do Hotel PraiaGolfe”. Ora tendo em conta que estou a realizar uma dissertação sobre o Concelho de Espinho e que toda a hotelaria está concentrada no Centro do Concelho, constituindo por isso concorrência evidente, parece-me que o que me foi sugerido é ir para outro Concelho, pois em Espinho existem poderes instalados sobre os quais não se pode falar. Apesar destas serem “não” entrevistas, penso que terei toda a legitimidade de avançar na minha investigação, sendo que saíram daqui grandes ilações para a conclusão desta dissertação.*

Por outro lado, e apesar da importância das entrevistas a este grupo, parece-me que face à postura adoptada de independência total, isolamento e falta de relacionamento institucional, parece-me que possuo já uma série de testemunhos capazes de me permitirem chegar a uma conclusão em relação ao tema proposto.

Contactos efectuados (via email):

Boa Noite Sr. Filipe Pereira,

No seguimento da nossa conversa da passada 4ªfeira, venho pelo presente enviar-lhe o guião de entrevista a aplicar para Sua apreciação.

Uma vez mais lhe peço a sua compreensão e colaboração para que esta entrevista se possa realizar, pois o Solverde é o principal grupo hoteleiro do Concelho e por isso é uma entidade imprescindível em toda a investigação.

Penso que este guião em nada belisca o sigilo institucional que cada empresa encerra, antes pretende contribuir para o desenvolver e o repensar do Turismo no Concelho de Espinho.

Na próxima semana estarei fora em serviço, e assim gostaria de solicitar sua disponibilidade para agendar a tal entrevista na semana posterior.

Fico a aguardar uma resposta, na esperança de que possa obter a S/ colaboração na prossecução de tão nobre objectivo.

Mais acrescento, que é enquanto Mestrando na área do Turismo que realizo esta entrevista, não pretendendo em qualquer momento invadir a realidade comercial da V/ instituição e da qual o Hotel PraiaGolfe é concorrente.

Apresento os mais estimados cumprimentos

Hélder Couto

Mób. Ph.:+351 918283130

E-mail Directo: hcouto@netvisao.pt

----- Mensagem Original -----

Assunto: Marcação de Entrevista

Remetente: "Helder Fernando de Oliveira Couto" <hcouto@netvisao.pt>

Data: Sun, 7 Outubro 2007 11:10

Para: hotelapartamento@solverde.pt

Bom Dia Sr. Filipe Pereira,

Por indicação da Anabela Secretária do Hotel Solverde, retomo o contacto para conseguir a marcação da dita entrevista.

Mais informo que a V/ participação é fundamental, pois como principal grupo hoteleiro de Espinho, terão decerto uma opinião que poderá ser uma mais-valia efectiva para a minha investigação.

O tema é "Podemos falar de política em Turismo no Concelho de Espinho?", tendo sido já entrevistados quase todos os agentes económicos de Espinho, incluindo o Sr. Presidente da Câmara.

Neste cenário, e porque tenho um timing limitado para realização desta dissertação de mestrado, agradecia desde já toda a s/ colaboração para que o agendamento seja feito para uma data próxima.

Grato pela atenção dispensada

Apresento os mais estimados cumprimentos

Hélder Couto

Mób. Ph.:+351 918283130

E-mail Directo: hcouto@netvisao.pt

----- Mensagem Original -----

Assunto: FW: [Fwd: Marcação de Entrevista]

Remetente: Direcção Geral - Hotel Solverde <direccaohotel@solverde.pt>

Data: Thu, 27 Setembro 2007 14:08

Para: hcouto@netvisao.pt

Exmº Senhor,

No seguimento do vosso e-mail vimos pelo presente informar que não será oportuno a realização da entrevista com o Sr. Gonçalo Castro, neste momento.

No entanto pedimos que contacte com o Sr. Filipe Pereira, Director do Aparthotel Solverde no sentido de obter as informações pretendidas.

Melhores cumprimentos,

Anabela Ribeiro

Secretária

> -----Mensagem original-----

> De: Helder Fernando de Oliveira Couto [mailto:hcouto@netvisao.pt]

> Enviada: segunda-feira, 24 de Setembro de 2007 21:24

> Para: direccaohotel@solverde.pt

> Assunto: [Fwd: Marcação de Entrevista]

> Importância: Alta

>

> Exmo. Dr. Gonçalo,

> Volto ao contacto, pois necessitava de agendar com

> a máxima brevidade uma entrevista com o Dr., pois estou a realizar uma

> tese de mestrado pela Universidade de Aveiro e estou a realizar

> entrevistas a todos os agentes económicos do Concelho de Espinho.

> O tema é "Podemos falar de política em Turismo no Concelho de Espinho?"

> Esta é uma entrevista que terá duração aproximada de 30/45 minutos e que

> será objecto de gravação caso o Dr. me dê autorização para tal.

> Agradeço Sua amabilidade para marcação desta entrevista o quanto antes.

> Mais informo que sou representante comercial do Hotel PraiaGolfe, mas

> estou a contactá-lo como mestrando em "Gestão e Desenvolvimento em

> Turismo".

> Agradeço desde já toda a atenção que me possa vir a dispensar

> Cumprimentos

>

> Hélder Couto

> Móv. Ph.:+351 918283130/ +351 964839014

> E-mail Directo: hcouto@netvisao.pt

**Presidente Conselho de Administração do Hotel PraiaGolfe – Entrevista com
Dr. Rodrigo Barros**

Dia 15 de Fevereiro 2008, cerca das 16h00

1 – Resume-se à Hotelaria pura e simplesmente.

2 – Acho que é importante o Turismo, pois tem vindo a consolidar-se ao longo dos anos. O Turismo passou aí uns anos em que perdeu um bocado do protagonismo, mas penso que nos últimos anos tem reconquistado de certa forma a sua quota de mercado e penso que se tem vindo a consolidar não só com as potencialidades existentes, mas também na qualidade que tem melhorado das suas infra-estruturas, que permite que Espinho se possa posicionar efectivamente no mercado de Turismo mais moderno.

3 – Falamos numa componente forte de lazer, no Turismo desportivo, o óbvio Turismo de sol e praia e o Turismo de negócios à custa de duas ou três infra-estruturas de relevo que temos aqui à volta de Espinho. Portanto, acho que estão aqui reunidas as três grandes vertentes do Turismo, lazer, desporto e sol&praia.

4 – Para falar sinceramente acho que não, pois não temos uma política concentrada de Turismo. Existe sim, as unidades do Concelho que fazem o seu trabalho de divulgação e promoção e esses sim têm objectivos, mas não é nada concentrado, nem sequer em parceria. Não podemos dizer que é, porque não existe este espírito em Espinho, contudo acho que se devia agir em parceria e vocacionar conjuntamente esforços para que o nome de Espinho pudesse chegar mais longe. Contudo, nada disto existe em Espinho.

5 – Obviamente que os objectivos não são claros. A única coisa que podemos dizer que é clara é a vontade das unidades hoteleiras fazerem a promoção e o interesse da Câmara em que se faça a promoção, mas não é integrado e feito conjuntamente. Cada um faz o seu, e isso logicamente que não é muito produtivo.

6 – As mais-valias para mim são fundamentalmente a Cidade como um todo, a segurança e a praia. Apesar de muitos indicarem outras mais-valias, até de cariz

natural, não me parece que além destas tenhamos alguma suficientemente desenvolvida e que reúna consenso para constituir uma efectiva mais-valia.

7 – As maiores carências no sector do Turismo, penso que estamos a falar de um Concelho em que falta uma componente cultural, como sejam, igrejas, museus, e outras infra-estruturas capazes de assegurar alguma vida e alguma actividade em Espinho. No desporto, parece-me que estamos bastante bem, assim como, no lazer, pois o próprio Concelho traz das suas origens as efectivas mais-valias para fazer valer esta vertente. É verdade que temos o Casino que tem também actividade cultural, mas que na minha opinião se limita muito ao típico show que existe em todos os casinos.

8 – Acho que as relações são boas, apesar de achar que poderiam ser melhores como em tudo, podemos fazer sempre melhor. Acho que se devia falar mais e haver mais pontos comuns na promoção externa. Parece-me que Espinho ganhava com o facto das 4/5 entidades mais importantes de Espinho, nomeadamente a STE – Sociedade de Turismo de Espinho através do Hotel PraiaGolfe, o Grupo Solverde, a Câmara e as restantes unidades hoteleiras que o Concelho tem, conseguirem sentar-se à mesa e definir uma estratégia de promoção comum. Mesmo em feiras e tudo, pois minimizava custos e conseguíamos criar um produto que teria um valor agregado superior. Como se costuma dizer, juntos somos quase sempre mais fortes do que sozinhos!

9 – Acho que existe uma vontade de definir uma estratégia, mas não temos nenhuma estratégia. Mas efectivamente a vontade existe, pois a Câmara fez exactamente isso ao criar infra-estruturas para melhorar as valências do Concelho. Temos uma Nave Desportiva muita boa, um complexo de ténis bastante bom, um Centro Multimeios com excelentes condições, um centro hípico com alguma tradição e um aeródromo, ou seja, temos muita coisa e temos de arranjar uma maneira de trabalhar conjuntamente tudo isto para conseguirmos trazer para Espinho mais turistas.

10 – Não é do conhecimento público porque não existe pura e simplesmente.

11 – Eu penso que tem o seu contributo, dentro da sua dimensão, é uma pequena quota mas tem obviamente o seu contributo essencialmente também dentro da Área Metropolitana do Porto.

12 – Quando falamos em política do Turismo falamos em todos os itens que compõem o Turismo, ou seja, a promoção, a requalificação, as propostas que desenvolvemos para atrair os turistas. Enfim, são as valências que apresentamos no mercado para que os turistas cheguem até nós, não só internos como externos.

13 – Eu penso que estão reunidas as condições para vir a existir política do Turismo no Concelho, mas que ainda não existe actualmente.

É só uma questão de as pessoas se sentarem à mesa e chegarem a um consenso.

14 – Acho que no âmbito da responsabilidade da política, existem duas entidades que têm de segurar essa bandeira: a Câmara e o maior grupo hoteleiro do Concelho – Solverde. Se estes agentes económicos derem o impulso, todos os outros irão atrás. Porque estas entidades, pelo peso que possuem têm necessariamente de ser a âncora disto tudo.

15 – A nível Nacional, eu penso que com a nova estrutura estamos a caminhar para que haja uma estratégia concertada. Por exemplo o PENT, penso que extremamente elitista que se vai cingir a novos projectos para grandes grupos. Para pequenas empresas, penso que o PENT não serve para nada, contudo para grandes grupos que façam avultados investimentos será muito útil, mas é sem dúvida redutor pois não contempla todos os agentes. Sabemos que grande parte das empresas no Turismo é de pequena e média dimensão, e portanto é fundamental criar instrumentos para estes agentes poderem revitalizar os seus produtos.

16 – Bem, neste âmbito eu vou falar do que mais conheço que é a Área Metropolitana do Porto, que também é uma zona muito próxima. Neste momento, penso que há um grande vazio de um estudo que nos mostre para onde ir, para quem nos direccionarmos, pois apostamos hoje em dia no Douro, como sendo a grande potencialidade do Norte por apenas ser património Mundial, mas não me parece que seja o caminho certo, pois temos imensas carências nesta zona e não conseguimos fixar as pessoas durante muito tempo no Douro. No Douro as pessoas visitam as vinhas, visitam as caves e depois não tem muito mais para fazer, por isto não me parece o caminho certo.

Relativamente a toda a Área Metropolitana do Porto em geral, aquilo que eu acho é que falta um estudo que nos diga onde nos devemos posicionar e trabalharmos conjuntamente, Câmaras Municipais e agentes privados. No Turismo nada se faz de um dia para o outro, existe muito trabalho para ser feito e leva às vezes 5 anos a sortir efeito o esforço promocional que as entidades realizam.

Por exemplo, em Espinho não existe um estudo do perfil do turista, nem sequer de quantas pessoas nos visitam anualmente, o que é claramente um problema. Como poderemos saber a quem oferecer os nossos serviços e que estratégias definir para isso? Desta forma é impossível fazê-lo, pois não conhecemos o nosso turista efectivo e o potencial. Por exemplo, a troca de informações de resultados mensais dos hotéis é quase inexistente, é quase tema tabu haver abertura e transparência numa relação comercial saudável, ainda que concorrencial. Em Espinho, cada unidade hoteleira tem o seu conhecimento mas não o partilha, tenta isso sim fazer-se valer por si própria.

Ou seja, em suma falta conhecer o turista para melhor direccionar estratégias, melhor acolher, pois cada turista tem as suas preferências e nós devemos estar prontos para satisfazer todas as suas pretensões.

17 – Penso que o povo de Espinho é bastante acolhedor, sendo que vem do passado esse espírito hospitaleiro do povo Espinhense, pois esta terra cresceu e desenvolveu-se com base no Turismo e nos serviços, logo não é novidade. É óbvio que receber os turistas hoje é completamente diferente do que era recebê-

los à 15 anos atrás, pelo que devemos estudar o nosso turista, aprender a conhecê-lo de forma a responder aos seus anseios.

18 – Eu acho que o estado tem que dar indicações do que pretende para o Turismo Nacional. Depois cada região tem de adequar aquilo que é o conceito de estado a cada região. Ou seja, vamos apostar nas “Low Cost”, em que cada região faz o seu trabalho junto das “Low Cost”. Acho que fundamentalmente o estado deve dar uma linha de orientação e definir as regras e os objectivos a atingir. Depois disto deve deixar que cada região trabalhe com os seus argumentos para as grandes linhas definidas.

O sector privado, tem de ter um papel activo no sentido de apoiar as iniciativas do estado, contudo o estado tem de lhe dar confiança para investir, pois nenhum empresário quer perder dinheiro. É importante que se definam horizontes a 10/15 anos de distância com linhas orientadoras homogéneas, capazes de reunirem o apoio dos investidores para apostarem em projectos válidos e com alguma segurança de retorno financeiro.

19 – Eu penso que as grandes linhas do desenvolvimento turístico do Concelho de Espinho serão a requalificação da cidade, que já está em curso com as obras de rebaixamento da linha, uma melhor qualidade dos produtos que oferecemos aos turistas que aqui chegam, nomeadamente em termos de segurança, das acessibilidade que hoje em dia é fundamental e uma componente forte de animação. Sabemos perfeitamente que hoje em dia o turista gosta imenso de ter animação para onde vai, e disso dependerá em grande medida o facto de voltar ou não a esse destino. Claramente neste âmbito Espinho está um bocado carente em termos de animação, existindo muito pouco em termos de animação. Acho que se deve apostar na criação de uma zona com bares, discotecas, restaurantes de boa qualidade, capazes de darem vida ao Concelho e de manter ocupadas as pessoas que nos visitam.

20 – Este rumo que aqui tracei é mais um desejo meu do que efectivamente o rumo que se esta a seguir, mas existe efectivamente a vontade de chegar mais

longe e a Câmara Municipal tem feito um esforço notável, pois já fomos um dos principais destinos turísticos do País, mas perdemos esse estatuto porque outros destinos mais competitivos criaram outras valências e tornaram-se mais atractivas. Hoje haverá necessidade de fazer tudo para recuperar esse estatuto, ainda que seja complicado ou quase impossível.

Gerente Hotel e Restaurante Mar Azul – Entrevista com Sr. Óscar Marques
Dia 26 de Fevereiro 2007, cerca das 14h00

1 – A minha actividade no Concelho de Espinho resume-se a Hotelaria e a Restauração.

2 – Com certeza que acho que o Turismo é importante sobre todas as dimensões e até fundamental, pois tirando o Turismo e os serviços, e não tendo industria, o Concelho não tem mais nada. É portanto a única actividade com relevância e capaz de desenvolver todas as dimensões que referiu, seja económica, social e cultural.

3 – Espinho é um Concelho que está localizado à beira mar e portanto tem todas as condições para ser uma cidade turística. No entanto, na minha opinião Espinho está demasiado velho, está abandonado, precisa de se revitalizar, pois Espinho parou no tempo. Portanto, quando falamos em Turismo no Concelho, falamos na minha opinião, fundamentalmente de praia e mar e depois de algumas estruturas desportivas importantes que dispomos. Fora isto, não me parece que possamos falar de muito mais.

4 – Não tenho conhecimento de nenhum objectivo que tenha sido definido para o Turismo no Concelho.

5 – Não aplicável

6 – *Em termos turísticos, estamos a falar de um Concelho pacato, calmo e seguro, com uma situação geográfica excelente. A própria forma como está organizada, em que o centro da Cidade de Espinho tem tudo ao dispor das pessoas, não precisando de se deslocar muito para obter os mais diversos bens ou serviços, assemelhando-se quase a um shopping a céu aberto em que temos tudo ao dispor. Estas parecem-me ser de facto, as grandes mais-valias de Espinho.*

7 – *Primeiro de tudo a animação, pois Espinho não tem noite. Ou seja o que acontece é que as pessoas durante o dia têm praia, complexos desportivos, comércio e zonas de lazer bem desenvolvidas, e depois à noite não têm nada...Espinho morre completamente. Não temos espaços que possam criar espectáculos e que possam trazer mais gente a Espinho.*

8 – *Bem, parece-me que podemos dizer que existe alguma relação entre as instituições turísticas, contudo não é nada estruturado e organizado que traga mais-valias. Muitas vezes organizamos aqui eventos que as pessoas nem chegam a ter conhecimento, por isso, é que acho fundamental colaborar para dar a conhecer e chegar mais longe.*

9 – *Como eu já lhe respondi atrás, se não conheço objectivos, acho que também não temos estratégia para o Turismo em Espinho.*

10 – *Não aplicável.*

11 – *Espinho é visitado por muitos turistas e por isso mesmo, tem a sua representatividade e o seu peso a nível Nacional, dentro da dimensão do Concelho que é reduzida.*

12 – *Para mim política de Turismo é um conjunto de medidas que visam criar condições para um espaço estar limpo, para dispor de informações para o turista, de boas acessibilidades e sinalização e na minha opinião criar todas as condições*

para que o turista quando nos visita se sinta integrado e em perfeitas condições de usufruir de uma estadia agradável. Porque eu acredito que nós temos as estruturas criadas, mas não temos nenhuma estratégia de divulgação para fazer chegar aqui as pessoas.

13 – Por tudo o que anteriormente disse, sinceramente parece-me que não.

14 – Não aplicável.

15 – A nível Nacional, acho que estamos a começar a traçar as linhas gerais de uma Política de Turismo. Portugal apercebeu-se que tem no Turismo uma das principais fontes de receita e que pode tirar grandes dividendos se direccionar os esforços para onde são devidos. Nós em Portugal não temos petróleo, não temos ouro, diamantes, marfim pelo que temos de apostar no que de melhor temos, e isso é sem dúvida o Turismo.

16 – Primeiro de tudo, acho que devíamos agir conjuntamente, instituições turísticas e Câmara Municipal, no sentido de criar uma série de situações a destacar:

- Publicidade capaz de mostrar o que de melhor temos em Espinho;*
- Formação, pois as pessoas que trabalham no Turismo não têm a formação adequada para receber o turista, sendo este mais um problema Nacional;*
- Informação de qualidade e uma gama de serviços capaz de responder às necessidades do turista;*

17 – Tenho a certeza que existe uma boa receptividade, porque é deles que nós vivemos, pois afinal de contas Espinho nasceu, cresceu e desenvolveu-se com o Turismo.

18 – Pelo que disse atrás parece-me fundamental a intervenção do estado central ao nível da promoção e da formação ao nível local.

19 – Neste momento está a decorrer uma grande obra em Espinho, de rebaixamento da Via-férrea, que tem causado graves prejuízos a todos e que já decorrem há alguns anos. Contudo, se os interesses não forem deturpados, esta obra será uma grande novidade para a revitalização total de Espinho, pois todos esperam que assim seja.

Mas digo-lhe que tenho algum receio que esta obra venha a servir o interesse de grandes grupos em detrimento do interesse público. Vamos aguardar...mas sinceramente não sei, pois os interesses pessoais das pessoas são muitas vezes mais fortes que tudo o resto.

20 – O rumo é desconhecido, porque ninguém diz nada. Aliás o meu receio vem precisamente daí, pois as coisas estão a ser feitas e uma pessoa tenta-se informar, e ninguém sabe dizer como vai ser e quando acaba precisamente.

5.2.3.2. Jornais

Maré Viva – Entrevista com o Director do Jornal João Limas

Dia 3 de Maio 2007, cerca das 10h00m

1 – Para além de Director do jornal Maré Viva, sou também director de informação da rádio XL, rádio local de Espinho e paralelamente tenho também a concessão de umas das praias do Concelho de Espinho.

2 – Sim, sem dúvida que é importante. É um sector económico que tem de ser e tem sido muito importante, com algumas lacunas aqui e ali, mas isto é natural e tem pecado por defeito. Temos condições naturais propícias para cativar visitantes e turistas em geral, mas já há muito que assim é, porque aliás não é por acaso que Espinho continua a transportar no tempo a definição de “Raíña da Costa Verde”, pelo facto de conseguir atrair um nicho de população do país do sul, do norte das freguesias limítrofes e aqui e ali consegue capitalizar algum mercado existente na Galiza. Essencialmente por características próprias e até

por características históricas que há quem defenda que Espinho nasce através da chegada de dois galegos. Apesar disto, devemos ter em conta que o Turismo actualmente já não é como antigamente, pois antigamente notava-se que as pessoas das freguesias limítrofes, montavam arraiais durante toda a época balnear em Espinho e agora isso já não acontece. As pessoas passam 2 ou 3 dias aqui, mais dois noutra local e assim sucessivamente, pelo que não ficam estáticas. Espinho não tem sabido acompanhar essa evolução pelo simples facto de não ter um programa paralelo durante a época balnear, que consiga cativar as pessoas que a rodeiam. Quando falamos do Turismo em termos culturais julgo que Espinho tem condições para desenvolver determinadas infra-estruturas para este tipo de programação. Em termos de desporto, não só aquele que é praticado ao ar livre no Verão, mas também no Inverno, pois quando falamos em Turismo não podemos nos cingir à chamada época alta.

Por exemplo na Nave Polivalente os eventos organizados na época baixa têm vindo a conseguir capitalizar gente para o Concelho, como é o caso nítido dos 3 meses de provas de atletismo das várias índoles, permitindo assim que os hotéis em época baixa consigam ter uma taxa de ocupação aceitável e simultaneamente o parque da restauração e do próprio comércio tradicional tenham alguma rentabilidade numa época que tradicionalmente seria de baixa facturação.

3 – Falamos em praia e no factor anteriormente referido, que ainda vai sendo de alguma forma o sector onde vamos vendo maior trabalho, que é o Turismo desportivo e também no Campo de Golfe que é o mais antigo da Península Ibérica.

4 – Não existem, pelo seguinte:

Num Concelho que tivesse esses tais objectivos a atingir, parece-me que teria de se dar a conhecer muito mais. Um exemplo muito simples disto, um turista que chega a Espinho e não sabe onde as coisas se situam necessita de saber numa 1ª fase onde se situa o Posto de Turismo, porque temos apenas as indicações nas entradas do Concelho, a indicação de que temos Turismo e a seta a indicar

para a frente mas depois chegados ao centro do Concelho dentro da cidade não existe uma única placa indicativa onde é o Posto de Turismo.

Mas mesmo que chegue o turista ao posto de Turismo, nós deparamo-nos com a inexistência de um mapa da cidade, onde os principais locais de interesse do Concelho que são muitos estivessem retratados. Portanto, começa por aí e quando não há esta preocupação para dar a conhecer aquilo que nós temos, penso que em termos objectivos estamos falados.

5 – Obviamente se não existem, não são claros.

6 – As mais-valias que o Concelho tem para oferecer e que podem ser capitalizadas para o investimento em termos turísticos. Temos praia, mar, bons acessos, pois estamos na periferia da segunda cidade do País – o Porto, o que me parece deveria ser aproveitado não para sermos uma cidade dormitório, mas sim para ser alternativa de alojamento ao Porto, pois temos praia, temos um ambiente calmo que podem criar curiosidade nas pessoas. Temos um Centro Multimeios, onde temos um planetário e o casino que consegue atrair um determinado nicho da população, temos uma nave polivalente que poderá acolher todo o tipo de organizações de índole cultural, social e desportivo. Julgo que em termos de parque hoteleiro temos boas condições, pois todos os hotéis estão em zonas de excelência a poucos metros da praia e zona tranquila. Para além disso, temos um aspecto, que talvez os políticos e os agentes económicos se esquecem, que se prende com o Turismo rural. Quando falamos em Concelho de Espinho não nos devemos cingir apenas a Espinho, pois em Paramos temos dois pontos que penso merecer destaque: são eles a Lagoa de Paramos Barrinha de Esmoriz que é um espaço de eleição pela sua beleza natural e a própria unicidade das espécies de aves que por ali param, e que não é explorado essencialmente por culpa do Concelho de Santa Maria da Feira que ainda não tem o seu problema de saneamento resolvido e faz as suas descargas para a lagoa, o que impossibilita que se possa embelezar aquele local e rentabilizá-lo para o Turismo rural. Paralelamente na freguesia de Paramos temos também o Castro de Ovil, onde há um projecto para rentabilizar e formar ali um determinado

número de infra-estruturas que possa cativar outro tipo de pessoas que Espinho não consegue actualmente atrair, contudo estamos a falar de um investimento que já está para ser feito há cerca de 15 anos e quando falamos do Castro de Ovil que é sítio brilhante em termos históricos e naturais, pois todos nós temos curiosidade de saber como tudo o que nos rodeia nasceu, e é sem dúvida uma grande mais-valia para o Turismo. A par de tudo isto, Espinho tem um aeródromo, que fez com que Espinho ganhasse em tempos algumas organizações importantes. Por exemplo, a Airbus organizou à 2 anos atrás uma viagem para os seus colaboradores a Espinho, que chegaram em aviões de pequeno porte a Espinho e aí se fizeram alojar e utilizaram demais serviços, dando nome ao Turismo de negócios que é um sector também que poderemos explorar, até pela proximidade que temos do Porto e de Santa Maria da Feira, que pelos congressos e eventos de grande dimensão que organiza poderá ser de facto uma mais-valia. Assim parece-me essencial que pelo parque empresarial extremamente relevante que existe na região, Espinho deve e tem de investir neste aeródromo como ponto fundamental de chegada para algum tipo de clientes.

7 – Em primeiro lugar a falta de divulgação/promoção ao nome Espinho, pois não podemos, porque aparecemos no mapa como uma zona de praia, esperar de braços cruzados que as pessoas nos visitem.

Julgo que é necessário, marcar presença em feiras turísticas, pois a promoção, parece-me a carência fundamental do sector em Espinho. Paralelamente temos as situações mais específicas e do dia-a-dia, como seja, a já referida inexistência de um mapa turístico, a sinalização também, a circulação automóvel no centro da cidade, temos algumas dificuldades em termos de transportes públicos para percorrer o Concelho de Espinho.

Temos também a obra de requalificação urbana que “à la long” poderá ser vantajosa, porque foi um primeiro passo para acabar com a circulação no centro da cidade, contudo actualmente complica, apesar de no futuro poder vir a ser benéfica, no abolir da circulação automóvel no centro da cidade.

Em termos de praias há pouca limpeza, excluindo a praia concessionada pela Câmara Municipal – Praia da Baía existe pouca abertura para que outras medidas

sejam implementadas de forma a darmos a conhecer o que de melhor temos – a praia.

Outra característica que me cria alguma confusão é o comodismo da população de Espinho. Tivemos à 3 anos atrás um evento como o Euro 2004, em que tivemos em Espinho cerca de 1000 holandeses repartidos por todo o parque hoteleiro e nesse período de organização, que foi um período de festa em todo o país, tivemos em Espinho às 22h pessoas a fazer queixa porque andavam holandeses a cantar na rua. Esta situação num Concelho que se quer assumir como um destino turístico não pode acontecer. Parece-me que o sossego e a qualidade de vida que Espinho oferece é uma mais-valia, sobretudo para quem cá vive, mas se queremos ser um Concelho turístico temos de nos sujeitar a algumas situações que são inerentes à actividade turística.

8 – Penso que existe interacção entre a Câmara Municipal de Espinho e demais agentes económicos, provavelmente não podemos generalizar mas podemos especificar. Nós temos em Espinho uma Nave Polivalente e estou a dar só este exemplo, que pode ser esclarecedor para aquilo que se passa. Durante os 3 meses do ano o atletismo, e de quando em vez acolhe outras iniciativas que atrai muita gente, seja ela de organização camarária, seja de outra instituição de Espinho. São muito poucos os agentes económicos que se associam a estas organizações, e não falo em oferecer o quer que seja, mas sim contribuir oferecendo um preço mais competitivo e mais agradável porque acaba por ganhar na mesma. Basta darmos uma vista de olhos pelos cartazes das últimas organizações que tiveram lugar em Espinho e verificamos que os símbolos são sempre os mesmos. E aqui justiça seja feita que se tem de tirar o chapéu à Sociedade de Turismo de Espinho – Hotel PraiaGolfe e ao Grupo Solverde que são os dois agentes económicos com mais peso no Concelho, mas que não me parece ser sinónimo que têm de ser sempre os mesmos a contribuir para que algo se faça em Espinho. A par disso desagrada-me ver que os restantes agentes económicos turísticos no Concelho de Espinho, critiquem publicamente e em praça pública a Política de Turismo da Câmara Municipal de Espinho, quando são solicitados para contribuir, refugiam-se no facto de o País estar em crise e não

darem o seu contributo para que grandes eventos se realizem, ou para o que quer que seja, vá em diante. Há também, por parte de alguns agentes turísticos do Concelho algum comodismo e que entendem que a Câmara tem de fazer tudo, contudo penso que não é assim. A Câmara tem muito a fazer, mas não tem obrigatoriamente de fazer tudo, nem tem de zelar pelos interesses dos privados, contudo as empresas de Espinho e geridas por Espinhenses devem merecer o apoio da Câmara, pois este parece-me ser um argumento forte para a Câmara assim proceder. A par disso, e a jeito de sugestão, e que já terá sido feito em tempos, existem inúmeras feiras por essa Europa fora e julgo que concertadamente, a tal interação, o tal diálogo que deveria existir entre agentes turísticos, agentes económicos, comércio tradicional, restauração e Câmara Municipal na feitura de, por exemplo, uma brochura, suportada em conjunto em termos de despesa para dar a conhecer onde estão as instâncias, as zonas balneares de peso do Sul de Espanha e o nosso Algarve, de forma a darmos a conhecer as mais-valias de Espinho.

9 – A estratégia existe, mas não sai do papel. Eu há pouco referi que Espinho é uma cidade que tem grandes potencialidades, e que mais pode ganhar com as geminações. Se optarmos por apresentar as mais-valias turísticas do Concelho em conjunto com outras potencialidades de Concelhos vizinhos, poderemos inverter completamente o cenário que actualmente vivemos no Concelho de Espinho. Depois em termos da estratégia, existirá um aposta no desporto, na Nave Polivalente, em termos de folclore e em termos de grandes linhas na estratégia do Turismo estaremos conversados.

10 - A estratégia que está definida, essencialmente na mente dos políticos do Concelho, é expressa e publicitada, por tudo aquilo que os jornais vão escrevendo em termos dos relatos, que fazemos das reuniões da assembleia municipal, quer da cobertura que fazemos às reuniões de câmara ou as entrevistas que fazemos ao presidente da câmara, que acumula a vereação do Turismo, pelo que penso que aquilo que se gostaria de fazer e aquilo que não se faz é conhecido através

da comunicação dos jornais, que têm obrigação de divulgar todas essas questões.

11 – Julgo que sim, na medida em que somos dos poucos Concelhos que tem uma nave polivalente, um centro multimeios com planetário e um complexo de ténis no país. Portanto, por aí, penso que conseguimos capitalizar para Espinho a organização de eventos, que em mais nenhum Concelho se pode fazer, porque não têm as características que nós temos. Contudo, estão a começar a surgir alguns desafios importantes, pois a cidade de Pombal está a construir um espaço com pista de atletismo em tudo semelhante à da nossa nave polivalente. Aí veremos, se quando tivermos alguém que possa competir connosco, em termos de organização deste tipo de eventos, se teremos a capacidade de conquistá-los na mesma.

12 – Temos que dividir em alguns aspectos, deveremos separar o trigo do joio e julgo que não devemos colocar tudo no mesmo “bolo”, pois parece-me que “Política de Turismo” é um termo em si muito vago. Temos que rentabilizar os equipamentos desportivos e por aí conseguir atrair uma população que por si, não viria a Espinho, rentabilizar os espaços culturais, dar outras condições a quem nos visita em termos de época balnear e simultaneamente delinear uma estratégia com os agentes turísticos, para que se possa durante as datas de maior afluência conseguir elaborar um programa paralelo diurno ou nocturno, para que conseguirmos cativar e reter as pessoas no Concelho. A par disso, parece-me de alguma forma patético que num Concelho que quer ser uma instância turística, que tem essa ambição e apregoa que o é, não me cabe na cabeça que nos dias de maior visita ao Concelho, o comércio tradicional esteja fechado. Este é um facto que me parece inacreditável, pois um visitante que vem a Espinho e quer uma chávena, uma camisola ou outro de recordação ao Domingo não tem, porque o comércio tradicional está fechado. Este será um outro aspecto a mudar na tal estratégia global de todos os agentes turísticos, para que isto possa andar para a frente e possamos inverter o ciclo e tornarmo-nos mais competitivos em relação aos outros Concelhos.

13 – *Não pode existir. E reforço a ideia, pode existir em termos de papel, mas do papel para a prática vai uma diferença muito grande e tirando uma ou outra situação vai-se fazendo pouca coisa.*

14 – *A Câmara Municipal de Espinho. Mas os privados devem aparecer também como especiais interessados e propulsores, pelo desenvolvimento de uma política para o sector turístico.*

15 – *Ao nível Nacional penso que sim. Porque temos de englobar quando falamos a nível nacional o Algarve, apesar de ser quase um mundo à parte e os portugueses não serem muito bem tratados por aqueles lados, também é importante relembrar aos algarvios essa situação, mas julgo que se investe na promoção do nome Algarve muito dinheiro. Em relação aos Açores e Madeira que também é Portugal apesar de ser regiões autónomas, há também a preocupação de promover também estes dois destinos. A par disso um ou outro município têm tido a preocupação de divulgar aquilo que têm, como é exemplo, toda a área envolvente ao Parque da Peneda Gerês, que é uma das grandes bandeiras do Norte do País, que facilmente faz chegar a todos os portugueses, aquilo que tem para atrair. E julgo que neste aspecto, não nos podemos queixar muito.*

16 – *Em primeiro lugar um maior diálogo entre todos os agentes económicos, turísticos, autárquicos do Concelho de Espinho. Apesar de serem todos concorrentes, deveria existir uma interacção entre todos os agentes turísticos do Concelho. Se um trabalhar bem, todos vão trabalhar, e assim o Concelho fica a ganhar. Penso que, temos em Espinho Hotéis para todas as carteiras e que devia existir um plano conjunto da parte de todos, no referente a promoção e divulgação de Espinho, que é o que, neste momento poderia funcionar, como a chave para a solução de grande parte dos problemas do Concelho no sector. Deve ser a Câmara Municipal e a Associação Comercial de Espinho a ter um papel fundamental, nesse unir de esforços para que, saia alguma coisa concreta de todos e aí, é que incide a minha crítica fundamental, pois penso que o papel da*

Câmara não é tanto abrir os cordões à bolsa, mas sim e fundamentalmente criar as condições para que haja um diálogo aberto. Espinho tem uma benesse que poucos Concelhos não têm, que é o facto de ter um casino, que gera receitas que são reencaminhadas para a câmara, com o fim de serem aplicadas no sector turístico do Concelho. É óbvio que, esta questão suscita uma outra, que é de saber onde estas receitas são aplicadas, sendo que, por lei têm de obrigatoriamente ser aplicadas no sector do Turismo do Concelho.

17 – Se os turistas forem pacíficos, no sentido de, não gostarem de sair à noite, de contar anedotas numa esplanada, aceitam os turistas. Eu próprio já tive oportunidade de falar com alguns turistas que saem daqui encantados, são bem tratados em termos dos nossos hotéis, nos nossos restaurantes, mas aqui julgo que o papel dos hotéis é também fundamental, que devem saber, mediante o cliente que tem à sua frente, encaminhá-lo para um local adequado e coincidente. Penso que em geral, Espinho recebe bem, no sentido referido. Fora isto, Espinho recebe mal e tivemos o exemplo do Euro 2004 que há pouco referi e é bem elucidativo daquilo que em Espinho se passa.

18 – Julgo que sim. Em primeiro lugar, porque julgo que Portugal em termos de Turismo não é só Algarve. Eu tive um exemplo de uma viagem que fiz pela Europa, em que se viam cartazes promocionais de Portugal só com referência ao Algarve e ao aeroporto de Faro. Isto entristece-me, porque Portugal tem muito mais para oferecer do que o Algarve. Temos toda uma Costa Litoral com praia, apesar de termos água mais fria é de facto uma alternativa ao Algarve, temos Lisboa, e acima de tudo um interior fabuloso que ainda está completamente por descobrir.

19 – Essencialmente parece-me que a grande linha de orientação futura é darmos a conhecer o nome de Espinho, não nos agarrarmos ao que à 40, 50 anos atrás era feito mas, mostrar o que Espinho é, o que pode oferecer e aquilo que pode complementar (no caso concreto, a cidade do Porto). Temos a proximidade também do parque empresarial de Santa Maria da Feira, temos em termos

desportivos capacidades muito boas para explorar e depois temos todo um conjunto de serviços que uma cidade grande, como o Porto tem para oferecer e depois podemos ser, não só uma cidade dormitório mas também uma cidade alternativa que permita durante uma estadia em Espinho, uma visita ao Porto.

20 – Não existem linhas orientadoras para o futuro do Turismo no Concelho, pois se existissem deixariam de ser linhas para o futuro e seriam do presente já. Contudo, nem uma coisa nem outra, têm no sector turístico.

Existe vontade de alguns agentes económicos do Concelho em ver o nome de Espinho mais promovido. Todos nós sabemos que em termos de política autárquica e de finanças as coisas não estão fáceis, pois existem restrições em termos governamentais para os custos das autarquias serem cada vez menores e é óbvio que as preocupações primárias, em termos de investimento nas câmaras, vão de encontro aos bens que são apelidados como de primeira necessidade das populações.

Defesa de Espinho – Entrevista com o Director do Jornal Lúcio Alberto
Dia 3 de Maio 2007, cerca das 16h00

1- A minha actividade no Concelho cinge-se ao Jornal.

2 – O Turismo tem de ser importante para o Concelho de Espinho, dadas as características do Concelho e a sua história. É claro que, se não existir Turismo, Espinho tem de procurar outras soluções pois, teria assim pouca capacidade de resposta e nem sequer estaria actualmente preparado para isso. Não podemos pensar em indústria, pois este é um Concelho de cariz turístico, já desde há muitos anos, isto é, pela história das sucessivas gerações que, têm dado uma vertente diferente ao Turismo, pois este já não é o que era. Mesmo a nível Nacional, o país tem de apostar forte no Turismo, até pelas suas características naturais, sociais e culturais. O Concelho de Espinho também tem um pouco essa imagem, com uma particularidade muito interessante, o Concelho sempre apregoou que era um Concelho turístico, e com o afirmar de Portugal, como uma

plataforma turística, despontaram outros Concelhos com um grande potencial turístico, com os quais Espinho tem de concorrer, e falamos de Concelhos litorais e também da mais recente concorrência do interior, ainda que com um cariz diferente.

A aposta destes Concelhos no Turismo rural e de habitação, tem atraído capitais nacionais e estrangeiros para serem aplicados neste âmbito. No Concelho de Espinho há um dado curioso, há umas décadas quem impulsionava o Turismo em Espinho eram os habitantes da zona Interior, Viseu, Amarante, Régua que faziam férias em Espinho, alugando ou comprando 2ª habitação em Espinho para passar 3 ou 4 meses de férias. Hoje em dia, tudo mudou e temos um manancial de ofertas muito grande, em que as agências de viagens desempenham um papel fundamental, com as várias ofertas para viagens a todo o mundo. Ao mesmo tempo, as auto-estradas são benéficas e fizeram com que tudo ficasse mais perto, e daí que Espinho tenha perdido um pouco o comboio, porque os outros Concelhos diversificaram a sua oferta e com as novas facilidades de deslocação as pessoas optam por outros destinos. Temos por exemplo, o caso das pessoas do Porto que, apanham o comboio em Campanhã e vêm fazer praia para Espinho, o que não resulta em ganhos para a hotelaria, mas apenas para a restauração e similares. Espinho pode-se dizer, que perdeu a pujança turística que teve outrora. Espinho tem assim de apostar na construção de infra-estruturas que se voltem determinantemente para o Turismo cultural. Temos a nave polivalente que vai capitalizando no Turismo desportivo, contudo isso não chega.

3 - Há quem diga que o Turismo que vai evoluindo em Espinho é o do Garrafão, mas também não concordo com isso. A época balnear de Espinho é agitada por uma elevada adesão de turistas vindos de Concelhos vizinhos. O Turismo em Espinho é fundamentalmente praia, mas temos já algumas estruturas voltadas para outro tipo de Turismo, como seja a Nave Polivalente, o Centro Multimeios que, conseguem atrair grandes eventos que se traduzem em resultados efectivos para a hotelaria, que beneficia com isso.

4 – *Objectivos existem, mas não sei se estão traçados na realidade. Vai acontecendo aqui e ali uma marcação de uma agenda planeada, onde podemos dizer que existem objectivos a cumprir. Há cerca de 2 anos que decorre em Espinho a Festa da Cerveja, que atrai pessoas um pouco de todo o País, contudo este tipo de iniciativas com objectivos claros e objectivos não são muito numerosos.*

Os espectáculos no casino, que também vai atraindo uma série de turistas ao Concelho.

5 – *Não são mesmo nada claros.*

6 – *Naturalmente o mar e a praia é o expoente máximo do potencial atractivo do Concelho de Espinho, mas também o Casino é fulcral.*

Temos também o aeródromo, que entretanto foi encerrado por um acidente fatal à cerca de 2 anos, contudo também não acho que fosse ainda um ponto de atracção turística no Concelho.

7 – *Fala-se muito em Turismo, mas fazemos muito pouco por um sector que está em crescente afirmação e que se apresenta como a grande solução para Portugal e para Espinho concretamente. Falta uma imagem de marca e promoção mais incisiva.*

Haveria a necessidade de apostar na construção de novas valências hoteleiras, não só no perímetro urbano da cidade, mas também nas outras freguesias do Concelho. Estruturas amovíveis que fossem instaladas, apenas no Verão ou no Inverno. Falta igualmente animação ao longo do ano, capaz de fixar as pessoas em Espinho por um período mais alargado.

8 – *A minha percepção segundo aquilo que visualizo neste ou naquele encontro, é que existe uma preocupação da autarquia em reunir os grandes investidores em torno dos grandes eventos, e isso tem-se revelado benéfico. São disso exemplo, o Campeonato Mundial de Esgrima, Campeonato Nacional de Atletismo entre outros. O exemplo mais recente, foi o Congresso da JSD que esgotou a*

capacidade hoteleira de Espinho e de alguns Concelhos vizinhos. Existe de facto uma consulta de alguns agentes económicos na organização de grandes eventos, contudo dever-se-ia ponderar conjuntamente os eventos, de forma a concluir da sua importância, o que até hoje não acontece.

Era de todo proveitoso discutir-se conjuntamente um plano de animação que permitisse uma maior diversidade e identificação com a cultura local.

Pensando numa base mais alargada, não podemos dizer que exista uma relação efectiva entre os diferentes agentes económicos do Concelho, mas também penso que em nenhum lugar em Portugal existirá esta base de relacionamento.

9 – Existem vontades e muito provavelmente existem ideias, mas digamos que um plano pensado para desenvolver Espinho como um centro turístico de excelência, não existe de todo. Algumas ideias surgem nas campanhas eleitorais, mas logo caem por terra.

10 – Não aplicável.

11 – O próprio desenvolvimento do Turismo e do Casino de Espinho não me parecem suficientes, para dizer que Espinho tenha alguma importância para o Turismo a nível nacional. Por outro lado, a quota-parte de fluxos turísticos direccionados são diminutos e insignificantes para o todo nacional.

12 – Uma terra que se identifica como turística, tem de ter mais. Tem de ter uma oferta organizada para o antes, durante e o depois para que o turista tenha uma estadia memorável e agradável, que o faça voltar. Espinho pode-se dizer que tem uma política de Turismo unicamente voltada para as valências mar, praia e Casino. E sendo o turista hoje em dia extremamente exigente, penso que faltará a aposta em outras áreas fundamentais que possibilitem, poder-se falar na realidade de uma Política de Turismo. E em Espinho, falta a promoção e uma nova imagem turística.

13 – *Não existe política de Turismo em Espinho, sem qualquer dúvida. Tirando o casino, por um lado, e a nave polivalente e centro multimeios que, atraem muita gente em eventos pontuais. Espinho evidencia a falta de mais atractivos e de uma oferta integrada.*

14 – *A existir seria a Câmara Municipal a principal responsável.*

15 – *Fala-se muito em Turismo, mas na prática faz-se pouco, pelo que acho que, não faz qualquer sentido falar em política no Turismo.*

16 – *Espinho é um Concelho pequeno e a sua densidade demográfica é igualmente reduzida, pelo que me parece que seria importante apostar num Turismo mais eficaz. Para tal seria fundamental apostar na construção de novas valências, não só na parte central do perímetro urbano da cidade, mas também na sua envolvente à imagem e semelhança de alguns dos Concelhos vizinhos, como é o caso de Gaia.*

17 – *Existe uma boa receptividade, porque os Espinhenses sabem que nasceram numa terra de Turismo. Embora, penso que sobretudo a restauração, deveria ter alguma unidade, para mostrar ao turista que existe uma gastronomia local. Entristece-me que o turista venha a Espinho e não tenha locais onde possa comprar artesanato.*

18 – *Não me parece crucial, pois Espinho pode e tem condições para ser autónomo.*

19 – *A manutenção e progressão do Casino, pois este é um ex-líbris de Espinho, é necessário ser equacionada, projectada e concretizada no curto prazo, um programa de dinamização/animação turística do Concelho e isso terá de englobar autoridades autárquicas, representantes da restauração e diferentes agentes económicos do Concelho. É por assim dizer, necessário criar uma identidade própria, com base na congregação de todos os agentes socioeconómicos de*

Espinho e fundamentalmente, criar uma vontade colectiva claramente orientada para a actividade turística.

20 – Não conheço muito bem o rumo, pois não é divulgado.

5.2.3.3. Atracções turísticas

Representante Oporto Golf Club – Entrevista com Sr. Granja

Dia 27 de Dezembro 2007, cerca das 10h00

1 – A minha actividade resume-se no Concelho de Espinho ao Golfe.

2 – Eu penso que, o Turismo é bastante importante para o Concelho de Espinho, trazendo desde os seus antepassados um valor imenso. Quer em termos económicos quer sociais o Turismo funciona, como uma das principais forças de desenvolvimento, pois Espinho é claramente um Concelho de serviços.

3 – Quando falamos em Turismo no Concelho de Espinho, falamos na minha opinião em Praia, e em Desporto.

4 – Não sei...penso que essa questão devia ser respondida mais pelas entidades de Espinho, mas no que me apercebo enquanto representante do golfe, acho que existem diversos objectivos.

5 – Pelo que lhe acabei de dizer, parecem-me claros.

6 – Uma das mais-valias indiscutíveis é o Golfe, temos também a Nave Desportiva que serve para acolher diversos eventos, as piscinas que são também importantes, e não esquecendo a inevitável praia, como elemento fundamental de atracção.

7 – *Penso que, em termos desportivos era importantíssima uma Pista de Atletismo, de resto pelo que me apercebo em redor e comparando com outras realidades, não me parece que tenhamos grandes dificuldades em termos de infra-estruturas. Temos diversas infra-estruturas e de boa qualidade, poderão faltar algumas actividades, mas não vejo muito mais a referir neste caso.*

8 – *Existe uma colaboração muito próxima da Câmara de Espinho com o Golfe, incluindo também as Juntas de Freguesia de Silvalde e Paramos, pois nós estamos sediados entre Silvalde e Paramos, estando uma parte do campo de Golfe em Silvalde e outra em Paramos, e de facto estas instituições têm sido colaborantes com o Oporto Golfe Club quando nós necessitamos. É evidente que Oporto Golfe Club é um Clube privado, vive dos seus associados, mas há outras coisas de que nós precisamos e eles colaboram no sentido de nos darem as melhores condições para desempenharmos a nossa actividade.*

9 – *Acho que existe uma estratégia para o Turismo no Concelho.*

10 – *Eu acho que é do conhecimento público, e até pelo que leio nos jornais, constantemente com discursos do Presidente da Câmara abordando o tema, falando do Turismo e das medidas que são tomadas pelo executivo neste âmbito.*

11 – *Eu penso que esse contributo é indiscutível, apesar de poder não ser muito significativo, mas que tem a sua quota de importância, isso sem dúvida.*

12 – *Na minha opinião falamos num conjunto de medidas que são tomadas para desenvolver quer o Turismo desportivo quer cultural.*

13 – *Eu penso que existe de facto uma política para o Turismo no Concelho.*

14 – *Eu penso que a Câmara de Espinho tem uma palavra importante a dizer, mas acho que esta deve ser uma responsabilidade de todos.*

15 – A nível Nacional, penso que é indiscutível que podemos falar em política do Turismo.

16 – Como lhe disse, não me parecem existir grandes lacunas, pelo que não vejo necessidade de responder a esta questão.

17 – Eu penso que existe uma boa receptividade, pois nomeadamente no que respeita ao Golfe, ficamos extremamente contentes quando temos aqui turistas, pelo que neste assunto, penso que não existirá qualquer tipo de dúvida.

18 – Acho que o estado Central tem uma função importante da definição de uma política, mas ao nível local as instituições devem assumir as suas responsabilidades, partindo deles este tipo de iniciativas.

19 – Em termos de futuro, o que penso é que, as obras de rebaixamento da Via-férrea vão beneficiar imenso o Turismo em Espinho, bem como, tornar Espinho um Concelho mais moderno. Na minha opinião, é o grande destaque do presente para o futuro, mesmo inclusive para o Golfe que, também me parece beneficiará bastante com isso.

20 – Não em pormenor...apenas pelo que vejo e leio.

Centro Multimeios de Espinho – Entrevista com a responsável Dr. Ventura
Dia 4 de Maio 2007, cerca das 12h00

1 - A minha responsabilidade no Concelho de Espinho cinge-se ao Centro Multimeios.

2 – O Turismo associado à feira de Espinho e depois o Turismo de fim-de-semana. Espinho tem no Turismo uma importante fonte de recursos para o Concelho.

Não temos muitas soluções, pois Espinho é um Concelho pequeno e é também um sítio onde é muito caro viver, pois este é um sítio apetecível para se viver, pela sua qualidade de vida.

3 – Em primeiro lugar falamos de praia. Muitas pessoas vêm de comboio para a praia, estando períodos curtos de tempo em Espinho. Além disso vê-se que em Agosto o Centro Multimeios está cheio de Espanhóis e de Ingleses.

4 - Espinho defende a sua praia e tenta criar estruturas que correspondam às expectativas das pessoas. Deve merecer igualmente atenção o Turismo cultural, pois Espinho deve se distinguir pela sua força e unicidade.

Penso que, antes de tudo deveríamos pensar na população que aqui vive e nas suas necessidades, pois uma vez identificadas, estaremos a criar as valências necessárias para o turista.

Se temos uma boa praia, uma boa oferta cultural para os residentes, quem não vive cá, acaba também por querer vir conhecer para usufruir dessas condições.

5 – Eu penso que são claros.

6 – A parte associada à praia e ao Turismo de Verão é uma parte importante, sendo os visitantes ocasionais que vêm passar o fim-de-semana à cidade e toda a movimentação que há referente à feira de Espinho. Obviamente que tem também o Turismo associado aos equipamentos que a cidade tem.

7 – Eu não lhe chamaria carências, mas antes a necessidade de Espinho se preparar para o futuro. Utilizar as novas tecnologias, montar e estruturar, pois falta informação turística sobre Espinho, sendo que hoje em dia é relativamente fácil de o fazer.

8 – Eu só posso responder pelo Multimeios. Neste âmbito, não tenho conhecimento de nenhuma iniciativa para concertar esforços em torno de um objectivo comum, isto obviamente falando de todos os agentes económicos

agindo concertadamente. Pontualmente, consultam-se os hotéis ou outras entidades, contudo são iniciativas isoladas e não uma prática regular e concertada entre todo o tecido económico do Concelho de Espinho, ou mesmo da Cidade.

9 - Existe uma estratégia de valorização da praia, o que me parece fundamental.

10 – Eu não sei, mas também não sei se tem de ser a Câmara a fazê-lo e a liderar o projecto. Penso que deveriam ser as organizações a fazê-lo e a tentarem liderar todo este processo. Porque é que as organizações não se associam e se auto-promovem, não estando à espera que uma alma pensadora, faça todo o resto.

11 – Se atendermos à dimensão do Concelho, de certeza que tem. Deve ser dos Concelhos do País que deverá ter mais Turismo e isso parece-me inegável.

12 – Relativamente ao que eu disse atrás, de termos um Concelho sobretudo voltado para quem cá vive, eu acho que quando falamos em política de Turismo, falamos numa política de bem-estar, boas condições de vida, e um local onde as pessoas gostem de estar. Acho que isto é importante em primeira linha, pois Espinho não é um local onde possam existir eventos como no Porto e em Lisboa que de alguma forma tendem a catapultar esse espaço e por vezes esses mesmos espaços superam-se. Estou a falar no exemplo, de uma Expo 98 que ultrapassou a própria cidade. Acho que fundamentalmente vamos falar em primeiro lugar, em coisas essenciais e só depois em outras questões. Parece-me contudo, que ainda existem muitas questões básicas a resolver no Concelho.

13 – Alguma política existe obviamente. A questão é até que ponto essa política está a ser levada a efeito, como ela é implementada, estatisticamente como as coisas estão a ser tratadas para se tirarem conclusões das políticas que se implementam no terreno, mas tudo isto são questões que a mim me transcendem. Se eu lhe disser que o estudo desses números não está a ser feito? Parece-me

fundamental nós conhecermos quem nos visita, pois só assim poderemos responder às suas reais necessidades. Parece-me contudo, que estes estudos são necessários para mercados mais elaborados, pois se apostarmos unicamente no Turismo de Praia, parece-me que tal não seja necessário. A questão aqui é saber para o quê se destina a política, e o que se pretende com ela?

14 – Acho que aqui devemos dividir as responsabilidades. Por um lado, temos a Câmara que tem um departamento de Turismo, por outro lado, temos os agentes, que de alguma forma, beneficiam com esse Turismo e que se têm provavelmente de associar. Se estão ou não associados, é algo que me transcende pois eu não tenho essa percepção.

15 – Acho que sim, porque estamos a fazer todos os possíveis em termos promocionais para elevar o nome de Portugal como destino turístico, e até porque o número de visitantes não para de aumentar, o que é reflexo de algo.

16 – Eu penso que a primeira coisa que tinha de acontecer, era um turista chegar a Espinho e vir-lhe parar às mãos a informação sobre a cidade. Se eu for ao posto de Turismo, tenho mapa da cidade ou não tenho? Tenho os sítios que posso visitar identificados ou não tenho? Este parece-me ser o grande início, e podemos ir buscar o exemplo a Espanha, onde se faz exactamente o mesmo.

17 – Acho que sim, mas a receptividade tem limites, no sentido em que, para uma Cidade que está cheia em Julho e Agosto, e durante todo o ano 2 a 3 vezes por semana, penso que a população é extremamente tolerante e tem uma extrema receptividade ao turista.

18 – O estado central tem um papel fundamental em termos de regulação e de estímulo às autoridades locais, para que a oferta turística se possa estender de uma forma coerente no território. Sobretudo num País onde o Turismo tem uma representatividade tão grande, isso tem de ser devidamente acautelado.

19 – Acho que Espinho tem de ter uma oferta mais vasta ao nível do Turismo de qualidade, sobretudo no que se refere ao Golfe, existe um, mas deveriam existir mais.

O Turismo cultural deveria ser também estimulado, quando vemos por essa Europa fora músicas na rua, aqui em Espinho vemos alguma falta de vida. Falta também alguma iniciativa privada.

Parece-me que, com a eliminação da barreira do comboio, as coisas vão estabilizar e a cidade terá então condições para se reordenar. E estarão as autoridades locais a aguardar essa altura para efectuarem uma série de trabalhos relevantes para o Concelho.

20 – Não conheço, mas também não sou a pessoa indicada para lhe falar nisso.

Nave Polivalente de Espinho – Entrevista com a responsável Prof. João Moutinho**Dia 4 de Junho 2007, cerca das 14h30**

1 – A minha actividade no Concelho cinge-se à Nave Polivalente.

2 – Parece-me que o Turismo é uma actividade fundamental para o Concelho.

3 – Penso que, falamos sobretudo em Turismo desportivo, quer na Nave e no Complexo de Ténis que semanalmente e em épocas baixas, conseguem atenuar a característica, baixa ocupação hoteleira desta época. Ao longo do ano, temos muitas actividades que trazem muitas pessoas ao Concelho de Espinho

4 – Eu como outros colegas somos apenas técnicos e limitamo-nos a aplicar as ordens do poder político. Foi através dele que, se deu a projecção necessária ao Turismo desportivo nos últimos anos, pelo que pode ver aí os grandes objectivos que foram traçados no que respeita ao Turismo desportivo, na captação de grandes eventos que tragam muita gente a Espinho. Por exemplo, temos a Pista de Atletismo, em que todas as provas Nacionais de atletismo são aqui entre Novembro e Março que, é uma época baixa para a hotelaria. Para além disso , temos também o Turismo de congressos e feiras que se realizam também na Nave Polivalente com frequência. Notamos que, claramente de ano para ano somos mais procurados.

5 – Sim parecem-me bastante claros.

6 – Espinho desde sempre foi conhecida como a “Raíinha da Costa Verde”, contudo muita coisa mudou e já não poderemos falar neste aspecto. São todos os eventos organizados no Concelho de Espinho e que conseguem atrair muitas pessoas durante o ano.

7 – *Penso que, com o enterramento da Via-férrea e o facto de Espinho estar todo em obras, é um aspecto extremamente negativo neste momento e que se vai prolongar por cerca de 1 ano ou mais. Vai faltando estacionamento, e uma série de situações que serão decerto normalizadas com o reordenamento urbanístico da cidade de Espinho.*

8 – *A minha colega do Turismo, melhor do que ninguém lhe pode responder a esta questão. Pessoalmente penso que exista uma boa relação entre Câmara Municipal, Hotelaria e demais agentes em Espinho, mas não passa da minha opinião.*

9 – *Sim, penso que sim.*

10 – *Se é pública não sei, mas é um facto que a Câmara apoia muitos eventos em Espinho e que tem papel fundamental na sua realização. Muitos pensam que as candidaturas são fáceis e que são dados adquiridos, contudo é muito complicado. Temos de elaborar o caderno de encargos, com a Câmara a ter papel crucial na definição de contrapartidas, capazes de conquistar a organização destes eventos de cariz Nacional ou Internacional.*

11 – *Eu penso que sim. Somos um Concelho pequeno, mas temos a nossa importância e relevância em termos turísticos, seja muito ou pouco, é com toda a certeza proporcional à nossa dimensão.*

12 – *Para mim, Política de Turismo é trazer o máximo de pessoas aqui a Espinho. Por exemplo, a Feira de Espinho traz semanalmente muita gente a Espinho e isso é muito importante para a cidade. Nesta perspectiva, acho que temos muitas possibilidades para explorar.*

13 – *Parece-me óbvio que existe.*

14 – *A entidade responsável é a Câmara Municipal no seu Pelouro específico.*

15 – *Sim, também a nível Nacional penso que existe uma Política de Turismo.*

16 – *Esta questão deve ser feita ao Turismo e não a mim.*

17 – *Penso que a população de Espinho tem uma grande consciência do Turismo em Espinho, por isso são muitos receptivos ao mesmo.*

18 – *Sim o Estado deve ter um papel activo e participativo na definição de uma política de Turismo.*

19 – *Não tenho ideia, remeto para a colega do Turismo.*

20 – *Não conheço qual será o rumo, remeto para o Turismo.*

Complexo de Ténis de Espinho – Entrevista com a responsável Prof. Ricardo Tavares

Dia 4 de Junho 2007, cerca das 15h30

1 – *A minha actividade em Espinho resume-se à responsabilidade do Complexo de Ténis.*

2 – *O Turismo mudou bastante em Espinho na minha opinião. Deixamos de ter o turista que vem para passar longos períodos de tempo em Espinho e passamos a ter turistas que vêm a Espinho e vão-se embora no próprio dia. Nessa óptica este não me parece um bom Turismo e que não trará grandes benefícios a Espinho.*

3 – *Falamos em algum Turismo desportivo, podia ter mais, mas tem algum, como é exemplo de alguns torneios que se fazem aqui no Complexo de Ténis, o “Beach Volley”. O Turismo que existe aqui, penso que não é verdadeiro, pois as pessoas que vêm aqui vão à praia e voltam no final do dia à sua residência. Contudo, sei*

que existem Espanhóis, Franceses e Alemães que vêm a Espinho, sobretudo porque estamos próximos do Porto e de Santa Maria da Feira que, são pólos atractivos muito importantes. Sei que alguns hotéis têm ofertas, em que usam a proximidade destas cidades para atrair mais turistas.

Em suma, quando falamos de Turismo em Espinho falamos essencialmente de desporto na época baixa e em Sol&Praia na época alta.

4 – No sector público, tenho algumas dúvidas, pois desconheço. Não vejo nenhuma política de fundo a ser aplicada para o sector turístico.

5 – Não aplicável.

6 – Para além do sol e praia, penso que a Nave Polivalente com a Pista Coberta de Atletismo, será uma grande mais-valia. Em relação ao Concelho de Santa Maria da Feira, nós estamos mais próximos do aeroporto e devemos aproveitar este factor. Parece-me que, se apostarmos neste tipo de Turismo associado ao Casino, ao jogo, Campo de Golfe teremos condições para tornar a época baixa não tão baixa e atenuar um pouco os resultados fracos dos privados nesta época. Na minha óptica só poderá existir Turismo de uma forma organizada e estruturada, se existir intervenção do sector público, pois o privado se não tiver uma linha de orientação, não vai querer investir e andar para a frente. Eu tenho um ponto de vista muito particular, pois vou olhando em volta de Espinho e vou vendo outros Concelhos que, têm excelentes iniciativas no âmbito do Turismo e que isso lhes tem trazido alguma notoriedade.

É um facto que, se evoluiu em termos de Turismo desportivo, com a criação de infra-estruturas, como a Nave Polivalente e o Complexo de Ténis, contudo não passa disto. É um facto, que todos dizemos que estamos sempre com estas infra-estruturas repletas de eventos, mas serão estes eventos os que mais interessam ao Concelho? Será que para um Concelho com o cariz turístico de Espinho estas são as actividades ideais?

Vejamos, fazer durante 2 meses torneios de futsal com algumas instituições do Concelho, o que é que isso interessa para o Turismo? Eu digo que absolutamente nada.

Será que não era mais significativo para Espinho fazer um grande evento em que se trouxessem cá 200/300 pessoas de todo o País?

Mas, este tipo de políticas tem que ser implementadas pelas pessoas responsáveis, de forma a estabelecer-se uma linha comum, para a qual se oriente os procedimentos de todos os agentes económicos. Fundamental é ter consciência que, precisamos de investir agora para ir buscar depois, mas quando não existem verbas é muito complicado.

O complexo de ténis está a tentar sobreviver com os meios e recursos que temos à disposição. Não temos por isso, tempo para pensar se o Turismo beneficia com isso ou não, pois a sobrevivência ocupa-nos todas as atenções.

7 – Na minha opinião, a maior lacuna é o turista chegar a Espinho e não ter um sítio para ir beber uma cerveja à noite, pois se fosse eu, ia-me embora no dia seguinte. Durante o dia, Espinho tem 3 km de praia e as pessoas podem estar na praia, mas a partir das 22h, temos apenas 2 a 3 sítios onde podemos ir e conversar com os amigos. A partir da 00h, nada mais temos para fazer em Espinho.

Podemos dizer que, é falta de iniciativa privada, mas também temos que ter em conta que a mesma está à partida “castrada”, pois não se pode admitir ter um negócio em que a partir das 24h temos polícia à porta. Falta animação e vida em Espinho!

Parece-me que temos em Espinho bons Restaurantes, com comida típica com enorme variedade de peixe, mas não os sabemos aproveitar, como forma de cultura e diversão.

8 – Não sou a pessoa ideal para falar desse assunto. Contudo, presumo que exista algum tipo de relacionamento. Contudo, se é o ideal para que o Turismo em Espinho necessita, acho que não.

9 – *Como eu disse anteriormente parece-me claramente que não existe uma estratégia definida para o Turismo no Concelho.*

10 – *Não aplicável.*

11 – *Terá com certeza, mas podia ter muito mais.*

12 – *Quando falamos em Política de Turismo, falamos em desenvolver um plano de desenvolvimento turístico local, obviamente que inserido na Área Metropolitana do Porto. Era essencial criar estruturas diferentes, que não existam noutros sítios, ou existindo nós tenhamos mais qualidade, para poder atrair gente a Espinho de forma a elas deixarem aqui o seu dinheiro.*

A Política de Turismo que eu compreendo, é desenvolver um plano de desenvolvimento turístico junto com privados e públicos, criar estruturas desde espaços para comércio e serviços adaptados ao Turismo. Acho fundamental existir maior diversidade de serviços turísticos para além da tradicional praia.

13 – *Penso que não, por tudo o que disse ao longo desta entrevista, acho que é clara a minha ideia.*

14 – *A entidade responsável é a Câmara.*

15 – *Penso que a nível Nacional estamos a tentar falar nisso, nem sempre bem é um facto, mas podemos falar de certa maneira em política de Turismo.*

Portugal percebeu que a sua vocação é a actividade turística, funcionando como principal motor da economia, e por isso recaem todas as atenções sobre este sector actualmente, vendo-se o mesmo como a salvação para o desenvolvimento económico de Portugal.

16 – *Em Espinho é preciso tomar uma medida de fundo muito importante, e é preciso muita coragem e empenho para a tomar. Existem duas zonas, que têm de ser alteradas em Espinho na minha óptica. A zona Norte onde temos um parque*

de estacionamento, o Restaurante Cabana entre outras coisas, em que essa marginal precisa de uma intervenção, onde se possa criar uma zona de diversão, em que as pessoas possam ir à noite e divertirem-se sem incomodar ninguém.

Na zona Sul, Espinho tem uma Zona Industrial, sendo que sabemos que não existe indústria em Espinho, mas sim apenas Turismo e Serviços. Então para quê manter uma zona industrial nesta zona? Contudo, na minha opinião destas duas áreas a mais propícia à criação de uma zona de diversão seria a Norte, pois a Sul temos o bairro piscatório que pode causar alguns problemas. Penso que as acessibilidades a Espinho são óptimas hoje em dia, e que se torna apetecível para as populações dos Concelhos vizinhos virem cá.

Voltando atrás a uma das questões feitas, sinal de maior descoordenação entre o sector público e privado, é destruir o pontão de entrada na cidade em início de Julho. É inaceitável este tipo de situação.

17 – Sim, penso que existe uma boa receptividade e uma consciência plena de que o Turismo é a vida de Espinho.

18 – Sim, acho o papel do Estado fundamental sob o ponto de vista regulamentador e impulsionador da criação e implementação de uma política de Turismo.

19 – Esta questão será melhor colocar à colega do Turismo.

20 – Não conheço, deve colocar a questão à colega do Turismo.

Karting Indoor Espinho – Entrevista com a responsável Álvaro Sabença
Dia 4 de Junho 2007, cerca das 18h00

1- Já estive em tempos ligado ao Parque de Campismo, mas neste momento a minha actividade resume-se ao Karting Indoor de Espinho, com a Discoteca e o Restaurante, que aqui temos.

2 – *Sem dúvida que acho importante. Eu considero o Turismo, petróleo, pois um turista quando está a viajar está a pagar alojamento e pequeno-almoço e deixa nesse local um apreciável montante, daí eu dizer que é petróleo.*

3 – *Temos de falar de praia, de Casino e de tudo que está associado. Em tempos, existiu um projecto para que a piscina municipal trabalhasse também de Inverno captando também algum Turismo nesta época caracteristicamente mais baixa.*

4 – *Penso que não existem objectivos, pois quando se fala em objectivos estamos já a falar de uma política de Turismo. Penso que a política do Turismo nem é boa nem é má, mas sim inexistente.*

5 – *Não aplicável.*

6 – *As mais-valias são o Casino, a Feira, o Golfe e depois acho que existe muita coisa acessória. Por exemplo, Paramos tem uma beleza natural muito grande e que está completamente desaproveitada.*

Por exemplo, a semana passada tive conhecimento de um projecto pequeno, muito bem feito, muito bem conseguido de uma escola de surf e que até se poderia pagar para ter esta escola em Espinho, pois já tem campeões nacionais nesta escola, vindo inclusivé estrangeiros para esta escola, e nós temos em Espinho das melhores praias para surf. Depois surge a impossibilidade de montar uns duchas na praia, o que inviabilizou o projecto, o que de sobremaneira acho inconcebível.

Aqui em Espinho, o que acontece é que as pessoas trazem o dinheiro, investem e depois não as deixam trabalhar. Só o Casino consegue trabalhar em pleno e sem restrições em Espinho. Existem uma série de limitações burocráticas que limitam ou impedem o sucesso dos negócios em Espinho. Eu acho que não há Turismo sem noite. E o facto de aniquilarem a noite prejudica bastante o Turismo. Aqui em Portugal, o empresário da Noite é considerado um marginal, quando se formos à vizinha Espanha vemos um ambiente completamente distinto, em que a Noite está perfeitamente enquadrada no Turismo.

7 – *Começa logo pela falta de animação, criação de grandes eventos que marquem e atraiam pessoas.*

8 – *Penso que no que respeita a Hotelaria existe uma relação estreita, pois as pessoas responsáveis têm formação e impera a máxima do associativismo como caminho a seguir para o sucesso. No que diz respeito aos outros agentes, penso que existe muito a ideia de esconder e não falar, para o “vizinho” não saber e conhecer a realidade.*

9 – *Claramente penso que não podemos falar numa estratégia no sector turístico, pois não existe nenhuma.*

10 – *Não aplicável.*

11 – *Acho que tem um contributo em relação ao todo Nacional.*

12 – *Acho que falamos em todos os agentes e numa certa orquestração que tem de existir. Em termos de divulgação Nacional e Internacional, penso que seria fundamental a aposta em eventos marcantes. Acho que há necessidade de juntar as pessoas, uni-las, motivá-las e criar um plano com objectivos claros. Tal como as empresas privadas, devem existir metas a atingir e o negócio tem de dar lucro, senão têm de ser operadas alterações para que assim seja.*

13 – *Não tenho conhecimento de que exista.*

14 – *Não aplicável.*

15 – *Penso que podemos falar em política do Turismo em Portugal mas em pequena escala, limitando-se quase só ao Algarve.*

16 – *Para mim era fundamental juntar os agentes económicos, debater ideias, pois é a velha máxima de que “juntos somos mais e melhor do que sós”.*

17 – *Sim penso que existe uma boa receptividade.*

18 – *Sim penso que o estado central deve ser o primeiro a dar o exemplo.*

19 – *Não sei bem quais serão as linhas, mas acho que mais valia era os Espanhóis tomarem conta de Portugal, porque isto está terrível por aqui.*

20 – *Óbvio que não sei qual é, nem conheço nenhum.*

5.2.3.4. Entidades de interesse geral

**Presidente da Associação Comercial de Espinho/Assessor Independente do
Presidente da Câmara Municipal de Espinho – Entrevista com Sr. Aleixo
Dia 26 de Fevereiro 2007, cerca das 10h30**

1 – *A minha actividade em Espinho é diversa, pois tenho um pequeno comércio aqui, sou Presidente da Associação Comercial de Espinho e simultaneamente exerço as funções de assessor independente do Sr. Presidente da Câmara.*

2 – *Obviamente que sim. Nós somos um Concelho que depende muito do Turismo. Temos cerca de 20 km² e cerca de 35000 habitantes e somos claramente uma terra pequena. Por isso mesmo, são muito importantes as pessoas que chegam a Espinho para o Turismo. Estamos integrados no Norte de Portugal, onde as águas são frias comparando com a costa Algarvia, pelo que nos devemos fazer valer por aquilo que temos. Portanto, parece-me que Espinho tem todas as condições para ter uma vida cheia de Turismo.*

3 - Falamos fundamentalmente das praias. Temos 3 ou 4 unidades hoteleiras de alguma qualidade, o que também não nos dão possibilidade de colocar aqui eventos de grande dimensão, temos também algumas áreas interessantes e importantes em Espinho ligadas ao desporto e á cultura, mas parece-me que o turista vem cá pelas praias. Eu estou à vontade para falar deste assunto, pois trabalho aqui, e vivo aqui há 20 anos. Portanto, eu vivo cá, eu trabalho cá, eu compro cá, eu durmo cá e eu faço férias cá, mas faço isso com muito gosto. Isso surpreende algumas pessoas de Espinho, que muitas vezes conhecem melhor outras paragens que a Sua própria terra.

4 – Bem, claro que objectivos todos nós temos. Agora a questão está se conseguimos atingir estes objectivos. O pior é que esses objectivos muitas vezes não são atingidos, pois vivemos num mundo global, existe muita concorrência no mercado, hoje em dia está tudo muito complicado, pois as empresas não dão a rentabilidade que deveriam dar e isso faz com que não se façam tantas reservas nos hotéis, não se organizem reuniões e workshops com tanta frequência. A degradação da economia das empresas, por assim dizer, traduz-se em dificuldades para surgirem novos projectos. Na minha opinião, os Portugueses em geral estão a precisar de uma injeção de moral. Nós conhecemos outras realidades e sabemos que não é Espinho o único local a atravessar grandes dificuldades, todos as têm neste momento, uns mais outros menos, como é óbvio e normal. Vejo muita gente a pensar em fechar os seus negócios, em reduzir custos, em como vão sobreviver no futuro. Ainda esta semana estive reunido com o Ministro da Economia e falávamos que Portugal não pode querer fazer investimentos megalómanos em sectores de actividade em que claramente não somos competitivos. Em Portugal temos um problema de competitividade muito grande para resolver. Existem países com as matérias-primas mais baratas, mão-de-obra mais barata e que não faz sentido querermos competir à partida com estes Países.

5 – Não são muito claros, existem simplesmente.

6 – Sabe, essa pergunta é um bocado complicada. Temos o Casino que é uma atracção fundamental, especialmente para os turistas, mas que também o é para os locais. O turista permanece mais tempo em casa, mas quando sai gasta dinheiro. Já me aconteceu algumas vezes dizer que não ia fazer férias, pois não tinha dinheiro. Contudo, fui outras vezes viajar com viagem e estadia paga, e apesar disso, acabei por gastar muito mais do que esperava nessas viagens. Isto para dizer que nós temos é de ter capacidade para atrair o turista, termos algo de atractivo. Primeiro temos as praias, embora falemos apenas da época balnear, temos também a proximidade do Porto que muitas vezes funciona como mais uma dificuldade. Nós não temos, nem de longe nem de perto o orçamento da Câmara do Porto, não temos as infra-estruturas que o Porto tem, e portanto nós teríamos que ter algo diferente do Porto capaz de fazer com que o turista venha para Espinho e não para o Porto. Isto não é fácil, temos que continuar a ter e a organizar eventos importantes. Temos a nossa Nave Polivalente que é uma infra-estrutura importante e acho que é fundamental que se caminhe para a criação de entendimentos com os agentes económicos locais do Turismo. A minha vontade, sempre foi a de sabermos traduzir este potencial em negócio. Pois passam por Espinho atletas Nacionais e Internacionais das mais diversas modalidades, alguns deles muito conhecidos, e não o sabemos aproveitar, não passando da mera realização de eventos desportivos.

A questão que coloco é: Onde existem em Portugal Naves Desportivas como a de Espinho? E eu responder-lhe-ei, que poucas existem com a capacidade e condições da nossa. É sabido que temos atletas, que conseguem medalhas para Portugal e que precisam de um sítio para treinar. Espinho tem essas características e condições, com uma boa qualidade de vida, que tem um povo muito humilde. Acho que a Nave Polivalente é fundamental para competirmos com outros Concelhos. E quando falamos em rentabilidade da Nave, falamos em centenas e centenas de atletas, que todos os meses vêm para Espinho para treinar e portanto, que por consequência podem comer, dormir e comprar no comércio de Espinho. A questão está em ter a capacidade de junto do poder central conseguir trazer eventos de prestígio para a Espinho. Temos que, nos adaptar à realidade e criar um mecanismo eficaz, pois não é só, trazer o atleta

para cá, é dar-lhe tudo o que ele precisa. Eu não sei se a responsabilidade é da Câmara Municipal, se é do Turismo se é do sector dos desportos, mas acho que o Espinhense tem pouca informação sobre os eventos que acontecem na Nave e mesmo o Senhor que tem responsabilidades numa das unidades hoteleiras de grande prestígio de Espinho, obviamente que sentirá essa falta de informação. Pronto, em resumo acho que devemos ter essa capacidade de movimentar pessoas, de reagir perante as adversidades e ter fé que os tempos difíceis vão passar e melhores tempos virão. Nós sabemos que quando estiver concluída a obra de enterramento da linha férrea com a normalização do transito, quando for aberto o Pólo da Universidade de Aveiro aqui em Espinho, o que se vai reflectir também na economia local de Espinho, pois os jovens universitários são pessoas que gastam hoje muito dinheiro. O nosso pavilhão multiuso também é importante, temos realizado lá algumas conferências que trazem para cá gente. Portanto, Espinho tem muitos pontos de interesse, temos de trabalhar juntos, para vermos o que está bem e o que está mal, e para fazermos isto funcionar.

7 – As carências são muitas. A animação desde logo, é um problema grande que convém pensarmos nele. Espinho é um Concelho muito pequeno e a verdade é que quando falamos em animação só recebemos críticas e represálias, pois Espinho não tem uma vida turística. Espinho, começou à anos atrás por receber algumas pessoas ligadas ao sector da cortiça, que tinham em Espinho a sua 2ª habitação. Era fino, era bonito para os homens do sector cortiça, do papel e dos têxteis ter aqui uma casa de férias. Hoje em dia o que é aconteceu, Espinho tem pouco terreno disponível, sobretudo na área da Cidade. O valor da habitação e do terreno aumentou exponencialmente de forma que os jovens saíram todos de Espinho. Quem é que aqui ficou? Os mais velhos, que apenas se interessam em tomar o seu chazinho e bolachinhas e em ver a novela, querem tranquilidade e sossego.

Portanto, temos que ser realistas, pois existem algumas dificuldades para a animação funcionar. Os jovens não falam, quem fala são as pessoas mais velhas e parece que fazemos tudo mal, pois as pessoas estão sempre a criticar, mas curioso é que quando acertamos ninguém manda um fax, uma carta uma

saudação pelo bom trabalho efectuado. Isto é um grande defeito dos portugueses, que só estão disponíveis para criticar e nunca para elogiar.

Temos em Espinho uma discoteca que é um projecto interessante, a discoteca Abox, sendo o seu proprietário o Sr. Álvaro Sabença um homem da noite à já alguns anos, mas está cheio de problemas, porque a população local não está inserida no espírito de vida nocturna e como tal, as discotecas são criadas mas desaparecem rapidamente. Vejamos os exemplos, das Discotecas do Hotel PraiaGolfe e do Solverdes que fecharam portas faz já alguns anos. Portanto, não há noite em Espinho, algo que atraía as pessoas e que as mantinha ocupadas durante um determinado período. É óbvio, que queremos criar mais animação, mas depois, começamos a receber reclamações todos os dias da população, também não pode ser.

Assim é impossível termos discotecas e bares em Espinho. Também direi que os políticos terão a sua quota-parte de responsabilidade, pois não têm uma gestão empresarial. Os políticos têm uma gestão política das situações, ou seja, podemos criar um ambiente atractivo e com muita animação e depois temos a população todos os dias a enviar cartas de reclamação para a Câmara. É esta a gestão política, vai a Câmara criar um ambiente que não é aceite pelos seus eleitores? É complicado e normalmente opta-se por não ir contra a população, pois o que conta são os votos!

Eu acho sinceramente que actualmente não temos as mínimas condições para competir com o Porto, que tem todas as condições e que depois faz o turista pensar...porque haverei de ficar em Espinho, se tenho que ir para o Porto e tenho? O turista assim, vai directamente para o Porto e já não passa em Espinho. Estamos no Séc. XXI, num mundo globalizado e ninguém diz nada, nem faz nada para mudar a competitividade de Espinho.

8 – Bem eu conheço Espinho, e a menos que façam as coisas nas minhas costas, eu acho que fui o único presidente que organizou um jantar, que até foi no Hotel PraiaGolfe, para apresentar o projecto que tinha para a cidade. Eu acho que seria essencial fazermos uma reunião trimestral entre todos os agentes, ou no mínimo semestral. Pois não há diálogo, a Câmara não diz qual vai ser o rumo, o que

pensa fazer. Não há diálogo e esta é a mentalidade empresarial que temos em Portugal e que Espinho não foge à regra. Digo-lhe que não percebo porque, pois temos protocolos que fazem uma análise fria e crua ao que se pretende, e muitas vezes a malha é tão apertada que o cliente fica logo impossibilitado de avançar. Acho que a mentalidade deve ser no sentido de que, quando os agentes precisarem da nossa ajuda nós possamos ajudá-los de facto e não dificultar-lhes a vida. Por exemplo, só para lhe exemplificar a mentalidade do empresário, se tivermos na mesma rua dois negócios semelhantes, e um deles estiver a sucumbir o outro empresário nunca ajudara o outro, levando ao inevitável desaparecimento do negócio, pensando com isso que se venderá mais. Pois posso assegurar-lhe que será precisamente ao contrário, pois a zona perderá atractividade e as pessoas já não virão em tão grande número. Isto é portanto um erro, que infelizmente se verifica muitas vezes.

Eu penso assim, se não tivermos industria, se não tivermos comércio, então também não vamos ter Turismo. Onde encontra os advogados, arquitectos, médicos, etc? É nas grandes superfícies. A mentalidade das pessoas é que tem de se alterar, pois senão o comércio tradicional está condenado a desaparecer.

Hoje as grandes superfícies estão vocacionadas para fazer as pessoas comprar o que necessitam e o que não necessitam, pois hoje claramente vamos às compras e gastamos mais naquilo que supostamente não precisávamos. Falando concretamente daquilo que melhor conheço, e quando aqui cheguei, Portugal tinha 10 milhões de habitantes e cerca de 6 grandes superfícies. Hoje em dia temos cerca de 1.200.000 metros quadrados de grandes superfícies e com a política que o governo acabou de aprovar em 2010 teremos 2.500.000 metros quadrados de grandes superfícies. Temos neste momento 7% da quota de mercado, o que com as alterações que vão ser produzidas ficaremos com cerca de 2/3% de quota de mercado.

E depois os centros das cidades deixam de ter vida, e os turistas chegam e não vêm luz, nem vida, nem coisíssima nenhuma.

Eu não entro na parte política, sou assessor do presidente mas independente e não falo de política pois acho que não devo. E no dia que eu achar que devo falar de política eu peço a suspensão do meu mandato ou inclusive demito-me. O

problema fundamental é que as pessoas têm muitas vezes receio de dar “O murro na mesa” e dizer basta, algo tem de mudar, pois têm receio de criar inimizades.

Sabendo que Espinho é um centro comercial ao ar livre, é um local que as pessoas gostam, mas para quem trabalha na indústria é no fim-de-semana, sábado e domingo que vai tratar de comprar aquilo que precisa, e que corresponde precisamente ao período em que o comércio está fechado em Espinho.

Tudo isto para lhe dizer, que nós fazemos algumas coisas, trazemos para cá alguns milhares de pessoas, mas podíamos aproveitar melhor a presença das pessoas, temos de nos ajustar às necessidades das pessoas e não o contrário.

9 – Não há uma estratégia definida. Para mim a Câmara Municipal tem alguma influência nisso, deveríamos fazer uma reunião geral com todos os agentes turísticos para definição de uma orientação.

Parece-me que não será difícil todos sentarmo-nos à mesa, numa reunião informal em que possamos falar, lançar ideias e definir objectivos e orientações claras para Espinho. Mas voltamos à questão que referi à pouco, será que queremos uma gestão empresarial ou uma gestão política que agrade aos eleitores? Esta é a questão essencial.

10 – Não aplicável.

11 – Acho que podia ter mais, mas obviamente que dentro da sua dimensão tem alguma representatividade.

12 – Como eu lhe vou explicar isto...quer dizer eu vejo como uma decisão de construir mais bares, discotecas, mais parques, mais hotéis etc. Todas as cidades, aldeias, vilas têm uma área mais vocacionada para o Turismo, seja um monumento, uma igreja ou algo com interesse capaz de atrair pessoas. Eu entendo que deve ser um conjunto de medidas capazes de promover o crescimento e desenvolvimento do sector turístico. Eu por exemplo tenho um projecto megalómano para Espinho, muito interessante que colocará aqui em

Espinho todas as semanas 500/600 pessoas, permitindo uma ocupação dos hotéis a 100% e a utilização da nossa restauração e comércio, pois ninguém quer ir para Santa Maria da Feira, nem para Aveiro, nem para Gaia. As pessoas gostam de Espinho, nós temos essa sorte. Espinho tem uma costa lindíssima, espectacular, todos juntos faremos grandes coisas por Espinho!

No interior do País, em Bragança, Castelo Branco e arredores tudo gosta de Espinho, e porque não vamos fazer promoção lá, não fazemos um workshop lá para dar a conhecer melhor Espinho? E porque não ir à Feira de Vigo Anual com um stand da Câmara Municipal de Espinho. Temos um bom serviço, temos bons funcionários, falta-nos animação, diversão, ocupação para os turistas que visitam Espinho e esperam encontrar uma zona animada com vida.

13 – Sinceramente penso que não.

14 – Temos 4 pessoas no Turismo que constituem um custo elevadíssimo e que devem desenvolver algumas iniciativas. O Sr. Presidente enquanto Vereador do Pelouro do Turismo, não pode lembrar-se de tudo, não pode fazer tudo. ´

É preciso ter a capacidade de confrontar muitas vezes o chefe e dizer, desculpe lá, mas acho que seria importante fazer isto ou aquilo. Acho portanto, que deve ser a Câmara a ter essa responsabilidade, de criar e implementar uma Política de Turismo.

15 – A nível Nacional acho que sim. Através do nosso ministro da economia, Manuel Pinho, que tem uma política voltada para o Turismo. Nunca se apostou tão forte no Turismo, sobretudo com a campanha que Portugal faz, utilizando figuras públicas em termos internacionais, como seja Mourinho, Cristiano Ronaldo e outros; que fazem com que Portugal seja conhecido em todo o mundo.

Contudo, acho que temos um problema nos investimentos anuais, que normalmente são orientados sempre para as grandes estruturas ou grandes destinos, e os outros?

Isto não é fácil de discutir!

Mas eu não percebo uma coisa no caso de Espinho, se o Presidente é uma pessoa com larga experiência, com os seus vereadores também muito experientes, porque que é que isto está tão mau?

16 – Já lhe respondi a esta questão em questões anteriores, não me vou repetir.

17 – Sim existe uma boa receptividade. O povo de Espinho é simpático e recebe bem.

18 – Isto tem de funcionar pela sua proximidade, ou seja, não vai ser um técnico de Lisboa que vai definir o que Espinho necessita. Teria de ser descentralizado ao máximo, para que possamos definir uma política que reflecta os problemas reais. Temos de trabalhar em rede para que possamos trabalhar conjuntamente para uma série de objectivos.

Falta-nos aqui, um posto de Turismo que tenha um folheto com a apresentação dos hotéis de Espinho e de todos os nossos serviços. Falta-nos “lembranças de Espinho” para que o turista venha e compre, para levar para a sua terra de origem.

Nós não temos nada aqui em Espinho, temos de fazer algo para mudar.

19 – Espinho precisa de mudar, precisa de mais gente. Acho que o grande desafio é nós conseguirmos dinamizar o comércio, pois se o conseguirmos os empresários voltarão a investir, o que dará mais vida a Espinho. A alameda vai ficar lindíssima, pois temos um projecto grandioso para esse local e tenho a certeza que, com a conclusão da obra teremos outras condições para avançar. A estrutura vai ser convidativa, para as pessoas deixarem os carros aqui em cima e irem a pé até ao centro da cidade

Vamos ter um parque de estacionamento para 500 carros e o sistema de parquímetros no centro da cidade.

20 – O rumo foi o que lhe descrevi, contudo existirão sempre incertezas.

Halcon – Entrevista com Chefe de Agência Catarina Curral
Dia 2 de Maio 2007, cerca das 15h30m

1 – O sector da minha actividade no Concelho de Espinho resume-se à Agência de Viagens que dirijo. Abriu à 2 anos sobre o sistema de Franchising, e o negócio tem corrido relativamente bem.

2- O Turismo é imprescindível para o desenvolvimento económico, cultural e social do Concelho, contudo também não me parece que a Câmara Municipal aposte determinantemente nisto, pois não vejo a ser feita muita coisa.

3- Falamos na Feira que atrai muita gente, no mar, na hotelaria e pouco mais. Não vejo mais potencialidades em Espinho. Acho que seria fundamental apostar em grandes eventos, na organização frequente de teatro.

4- Eu espero que sim, pois Espinho tem potencialidades, contudo é necessário existir mais incentivos da câmara, pois os hotéis e demais infra-estruturas são criadas para criar potencial de atracção ao Turismo, mas é também sobretudo para a população local.

5 – Os objectivos não são claros, pois não há interactividade e preocupação em dar a conhecer objectivos se é que eles existem. Caso nítido disso foi a abertura da agência Halcon em Espinho à 2 anos, em que enviamos convites à Câmara e ninguém compareceu para dar o seu apoio.

6- A praia, a parte hoteleira é de boa qualidade ainda que não seja excelente, apresenta preços muito competitivos que atrai muitos Espanhóis para Espinho, fundamentalmente cativados pelo Sol das praias, o Casino e a proximidade do Porto.

7- Essencialmente fazer uma gestão e um planeamento das actividades existentes como sejam os Hotéis, a Restauração e as Agencias de Viagens

deviam interagir de forma integrada, para que assim conseguíssemos todos lutar por um suposto objectivo comum, que será efectivamente o de elevar mais alto o nome de Espinho como destino de eleição. Eu sou de Espinho, e posso dizer-lhe que V.N.Gaia e Santa Maria da Feira têm-se desenvolvido imenso nos últimos anos, o que faz com que apresentem uma diversidade de oferta que Espinho de todo não possui. Santa Maria da Feira à poucos anos não era “nada”, tinha enormes carências de desenvolvimento turístico, contudo hoje em dia, apresenta uma dinâmica muito grande sobretudo sob o ponto de vista cultural e tem conseguido atrair fortes investimentos e projectos para o Concelho que fazem deste uma referência na região Norte na forma de como bem proceder e orientar o desenvolvimento.

Em Espinho falta na minha opinião muita gestão e planeamento, sendo que os mesmos se cingem à zona de jogo-casino e de certa forma à praia, contudo é de notar que nem a praia está devidamente aproveitada, pois sendo o voleibol uma referência no Concelho, verificamos que na praia não existem redes para a pratica deste desporto ao longo do ano, com excepção de Junho, Julho, Agosto e Setembro.

Muitas pessoas vêm Espinho como um destino de referência desde há muitos anos, mas se nos apercebermos da realidade vemos que muita coisa por Aqui falha e pouca coisa resulta.

8 – Não existe uma grande relação entre as agências, hotelaria, restauração e Câmara Municipal. Por exemplo o Hotel Solverde de quando em vez envia uma promotora para trazer algumas novidades, mas como já trabalhei lá sei como funciona. Por exemplo no que respeita às restantes unidades hoteleiras se formos ao hotel para ver um quarto são muito prestáveis, contudo não nos mantêm informados das novidades. No entanto, devo salientar que começa já a ser evidente alguma preocupação das pessoas em interagirem mais, o que pode ser um bom prenúncio. Acho que seria fundamental esta interacção porque se estivermos todos bem informados sobre o Concelho e a sua realidade em cada momento, só temos a ganhar com isso.

9- *Desconheço totalmente a existência de uma estratégia para o Turismo no Concelho, pelo menos que seja algo que nos tenha sido comunicado e transmitido posso dizer-lhe que não.*

10 – *Obviamente e na sequência do que disse, essa estratégia a existir não é do conhecimento generalizado, pois pelo menos a Halcon não tem conhecimento da mesma.*

11 – *Sim Espinho tem alguma representatividade no Turismo a nível Nacional, pois não é novidade que praticamente toda a gente uma vez na vida veio a Espinho, contudo nem sempre isso é sinal de Turismo, pois são pessoas que fundamentalmente vêm de fim-de-semana e nada mais.*

12 – *Na minha opinião falamos de Gestão e planeamento da actividade turística.*

13 – *Penso que não, pois a existir é desconhecida por algumas entidades e por mim concretamente.*

15 – *Portugal parece-me que tem evoluído bastante a este nível e temos conseguido fazer coisas muito boas e grandiosas. Agora o que me parece fundamental é que Portugal consiga gerir e planear esta actividade turística de forma a fazê-la perdurar.*

16 – *Fundamentalmente a formação das pessoas, pois neste ramo à muita falta de conhecimento, sensibilidade e percepção do que é o Turismo e o que exige.*

17- *A população tem uma excelente receptividade ao Turismo e aos turistas em geral, tentando dar o seu apoio no possível para tornar a sua estadia agradável.*

18- *Se tivermos a falar no Porto, Algarve e Lisboa parece-me importante, contudo aqui não vejo muita importância.*

19- Essencialmente penso que o futuro deverá passar pelo desenvolvimento da cultura, com mais teatro, mais desportos, mais divulgação e maior interacção com os Concelhos limítrofes que podem criar sinergias de atracção com o Concelho de Espinho. Se não promovermos o que é nosso quem irá promover?

Não sinto que exista um rumo comum, é um bocadinho, cada um por si.

20 – Não sei e não conheço qual será o rumo, se é que existe algum definido.

Gabinete Turismo da Câmara Municipal de Espinho – Entrevista com a responsável Dra. Manuela Avelar

Dia 4 de Maio 2007, cerca das 10h00

1 – A minha actividade resume-se à responsabilidade do Gabinete de Turismo da Câmara Municipal de Espinho.

2 – Sim, o Turismo é fundamental, quer pela tradição que tem em termos turísticos, quer pela representatividade do sector de serviços no Concelho de Espinho.

3 – A história do Turismo em Espinho, e como sabe começou pela praia. Contudo não existia nessa altura, a diversidade de oferta de espaços de praia e com preços atractivos, tal qual existe hoje em dia. A qualidade das praias e o iodo foram o facto que, fez distinguir as praias de Espinho, sendo ponto fundamental de atracção para a burguesia dos antepassados. Posteriormente, começou-se a utilizar a Talassoterapia “Vir a Banhos!” para criar um elemento adicional de atracção, vocacionado essencialmente para a saúde. Hoje em dia, Espinho já não é apenas um destino de praia, mas obviamente que a praia é parte fundamental de um produto composto que espinho tenta oferecer.

Espinho em termos Nacionais ou mercado interno alargado, falando concretamente de Espanha, continua a trazer aqui pessoas que vêm à procura de redescobrir as origens, pois tudo começou aqui!

Espinho tem de aproveitar a importância que tem em termos turísticos, para revitalizar a sua imagem, pois existem aspectos que não podem continuar a ser pedras basilares do seu desenvolvimento.

Hoje em dia, apostamos muito no Desporto, tendo alguns equipamentos desportivos relevantes, pese embora uns serem mais utilizados que outros. Pensamos que talvez no futuro possamos constituir uma opção no circuito turístico desportivo, pois temos todas as potencialidades para isso. Temos também os desportos de mar, que não estão a ser aproveitados, e que deveriam merecer a nossa atenção especial, pois temos uma costa ótima para isso.

Contudo, o sol&praia continua a ter um papel fundamental, pois quer o turista venha em negócios, desporto ou congresso, acaba sempre por passar sempre pela praia, funcionando sempre como um complemento.

4 – A responsabilidade do sector em Espinho é da Câmara, pelo que os objectivos definidos são políticos. Como todos os objectivos têm um prazo de validade, correspondente ao tempo de duração do mandato, pelo que os objectivos são delineados a curto e médio prazo.

Normalmente no sector público, e contrariamente ao sector privado, as pessoas planificam e pensam no curto e médio prazo, pois vêm a sua função limitada a um mandato de 3 ou 4 anos, e por isso tentam definir objectivos que não comprometam o futuro.

Dai a dificuldade de gerir estas situações. Assim e concluindo, acho que existem objectivos, mas fundamentalmente a curto prazo.

5 – Sim, pode-se dizer que são claros.

6 – Os equipamentos, a praia, as piscinas, a simpatia da cidade e a forma como estão organizadas as coisas.

7 – As maiores carências são fundamentalmente em termos de animação. Não lhe consigo explicar o fenómeno da animação em termos privados, mas parece-me que se prende com burocracias e taxas. Contudo falta muito a iniciativa

privada. No Turismo, fazemos tudo quanto é possível, mas obviamente estamos muito limitados pelos recursos financeiros de que dispomos, facto que se tem vindo a agravar de ano para ano pois os orçamentos são cada vez mais reduzidos. Penso que a ideia poderia passar por parcerias entre as empresas de animação e o município, pois assim estaria viabilizada e facilitada uma situação que se torna imprescindível para o Concelho de Espinho.

8 – Falando apenas como técnica de Turismo, claro que não existe uma base de relações entre todos os agentes económicos do Concelho de Espinho. Com excepção de 2 a 3 casos, que correspondem aos hoteleiros, e que de facto têm uma perspectiva diferente das coisas, todos os outros sectores não estão interessados em dialogar.

Como exemplo, temos o caso recente de estarmos a tentar fazer o levantamento pormenorizado da nossa restauração, para fazermos um roteiro gastronómico, contudo as pessoas resistem e não nos dão a informação. Na restauração é visível a falta de formação, tirando o caso do Hotel PraiaGolfe e do Solverde, muito há para fazer neste campo.

9 – Que eu tenha conhecimento não, pois não temos definido um plano estratégico.

10 – Não aplicável.

11 – Todos temos um contributo em termos Nacionais, contudo é óbvio que Espinho tem um contributo reduzido para o Turismo a nível nacional, mas também nunca foi avaliada e medida a sua importância.

12 – Política de Turismo é o conjunto das estratégias definidas, ou seja definirmos no sector 2 a 3 vectores de orientação para direccionarmos esforços para os atingirmos. Isto é política de Turismo. Um dos grandes vectores da política do Turismo em Espinho, poderia ser, como alterar o cenário da animação em Espinho.

13 – *Salvaguardando a minha posição, e tendo em conta que o pelouro do Turismo está com o Sr. Presidente, tem uma política definida, embora não esteja escrito e não seja transmitida como tal. Penso que, fundamentalmente se aposta no Turismo desportivo e na interacção com os restantes equipamentos. Apesar de não estar escrito, o Sr. Presidente é uma pessoa muito convicta e que tem por certo, algo delineado na sua cabeça.*

14 – *A entidade responsável é a Câmara Municipal.*

15 – *Penso que sim. Em termos Nacionais, continuamos com o mesmo problema dos mandatos, contudo existem instituições definidas para a promoção, foi criado mais recentemente o PENT (Plano Estratégico Nacional para o Turismo) que constituem algumas medidas importantes e fundamentais numa política de Turismo.*

Quando terminar o mandato deste governo o PENT esta definido, mas ainda não está em acção. Poderemos cair no risco de voltar a iniciar tudo.

16 – *Essencialmente haver maior comunicação/interacção entre todos. Pois unidos poderemos sempre fazer mais do que individualmente. O público e o privado deviam colaborar muito mais, de forma a constituir sinergias efectivas. Isto penso que não seria muito complicado, pois somos um Concelho muito pequeno, em que esta base de relações e de maior interajuda não seria algo de complicado.*

17 – *Isso penso que sim. Alguma população não tem noção dos turistas que vêm a Espinho, mas quando tem, recebem com agrado as pessoas.*

Contudo, a população funciona muitas vezes, como travão à própria animação, pois a câmara recebe propostas que se prolongam até à 1/2h da manhã, e vê-se obrigada a ponderar bem as propostas e a limitar a duração, pois senão terá no dia seguinte, 20/30 reclamações.

Espinho tem uma população muito própria, com um nível de vida muito próprio, e quando a população vê alterado o sossego em que normalmente vive, não o aceita como sendo fruto do Turismo.

18 – Não me parece decisivo a intervenção do estado central. As autarquias são autónomas e tem elas próprias capacidade e possibilidade de apostar no sector do Turismo, ou em qualquer outro que achem prioritário. Apesar de, sob o ponto de vista dos fundos ser sempre importante, pois temos recursos financeiros limitados, não me parece por si só facto inibidor de se conseguir fazer algo.

19 – Penso que a primeira fase seria definir um plano estratégico para o Concelho de Espinho. Assim conseguiríamos identificar melhor as nossas lacunas e falhas, estabelecendo medidas concretas para as suprir.

Segundo, criar um “honeypot”, verificando num estudo aprofundado se o Concelho poderá e deverá ter mais do que tem, fosse equipamento de diversão, fosse na área de eventos marcantes. Haveria necessidade provavelmente de estruturar o que temos também de forma diferente, em forma de redes para assim retirarmos o maior proveito do que dispomos.

20 – Sim conheço as linhas gerais do rumo definido, mas é Sr. Presidente que conhece melhor esse rumo.

Faculdade de Engenharia do Porto – Entrevista com o Professor Dr. Paulo Pinho

Professor Catedrático do Departamento de Engenharia Civil

Responsável pela Revisão do PDM de Espinho

Dia 8 de Maio 2007, cerca das 20h00

O PDM sob o ponto de vista técnico está concluído. Agora, o PDM está pronto a avançar, restando fazer a consulta pública para fechar o mesmo, esperando-se com isso, produzir algumas alterações interessantes para enriquecer o plano. Contudo, o plano está pronto tecnicamente, estando as suas várias partes

aprovadas.

O Turismo foi abordado no plano e com bastante cuidado, pois o Concelho de Espinho é essencialmente de serviços, teve até meados do século XX uma importância histórica significativa na indústria, mas veio a perder essa importância através do tempo.

Tem uma relação com os recursos naturais muito interessante e emergiu como uma zona balnear de um aglomerado urbano de Santa Maria da Feira. Existem uma série de elementos de lazer e recreio.

1 – O Turismo é muito importante, mas não pode ser equacionado conforme tem sido tradicionalmente. A ideia de Espinho, como estância balnear tem os seus limites. Tenho a sensação que Espinho capitaliza muito mais noutras valências associadas ao Turismo, que não apenas o Sol e Praia. Como sabe, hoje em dia o Turismo é uma actividade transversal, e hoje em dia Espinho evidencia-se no Turismo cultural, Turismo de saúde, Turismo associado aos eventos técnicos e científicos.

Assim, parece-me que é com base nestas valências que se deve pensar o Turismo em Espinho, ligado à posição estratégica que tem na área Metropolitana do Porto e ligado aos recursos naturais, que os tem e são bastante importantes. É muito importante o balneário, campo de golfe, equipamentos desportivos interessantes, como sejam o complexo de ténis, a Nave Polivalente e os recursos naturais, sobretudo na parte Sul da cidade de Espinho e até Paramos, onde temos a Lagoa de Paramos, que é um espaço de grande beleza e valia natural, que se encontra desaproveitada e tem muitas potencialidades para desenvolver. Penso que, o Turismo é uma aposta, mas tem de ser visto de uma perspectiva diversificada.

O PDM prevê a articulação do Turismo com a parte Sul do Concelho, que pelas suas mais-valias naturais, pode de facto ser aproveitada pelo Turismo como factor atractivo.

Contudo, existem ali responsabilidades a nível Nacional que têm dificultado a aposta naquela zona e o investimento não se concretiza. Por exemplo o PDM propõe que o Parque de Campismo seja realocado, pois esta actualmente

numa zona completamente desadequada e que deveria estar nas proximidades do Campo de Golfe, tendo este ultimo de sofrer também alguns trabalhos de remodelação. É visível que este espaço não tem capacidade de carga para grandes equipamentos, contudo serviria perfeitamente para instalar o campo de campismo, criar uma zona natural em conjunto com uma zona franqueada de acesso ao espaço marítimo e complementada pelo campo de golfe. Esta zona do Concelho ganharia assim outra dimensão, e isto é no meu entender fazer Política de Turismo.

3 – Os objectivos têm de ser emanados de uma entidade. No caso específico, e referindo-me à Câmara Municipal, esta tem um papel regulador e incentivador do sector. Contudo, não posso falar pela Câmara Municipal, pois não é esse o meu papel de coordenador do PDM.

Mas, posso referir-me à sensibilidade que senti nas conversas tidas com os responsáveis da Câmara, quer com o Presidente quer com o Vereador do Pelouro do Turismo – Sr. Orlando Sousa. Durante este processo de revisão do PDM deu para perceber a sensibilidade que a gestão camarária tem para o tema do Turismo.

Percebi também, que todos os investimentos são pensados para gerar sinergias para o sector do Turismo.

Temos um caso pratico disso mesmo, pois fui envolvido no processo de justificação do rebaixamento da linha férrea em Espinho, e dado que se vai libertar a poente algum espaço, propus a criação de um parque de estacionamento para servir de apoio a esta área.

Não tenho uma percepção directa destas relações. Os espaços de Restauração exercem um papel fundamental na animação do espaço público, isto quando existe uma relação com o mesmo, e isto é um valor inestimável. Seria drástico para Espinho se perdesse todo o comércio e restauração que existe na cidade, pois ela vive muito ligada a isso. Este é um Concelho de serviços e portanto todas estas complementaridades restauração, hotelaria, tudo isto é essencial. Turismo em Espinho é o oposto ao Turismo de Resort, pois o conceito de aterrar num

espaço e ficar limitado a ele com todas as condições à volta, não faz sentido em Espinho. O mercado turístico em Espinho é composto por pessoas que ficam em Espinho, para passear. Tem um desenho urbanístico que é uma notável herança, e onde a restauração desempenha papel fundamental na animação do espaço público.

A política de Turismo, não tem que ser vista em função daquilo que ela é plasmada. E portanto, eu posso falar pelo rebatimento do sector turístico no plano director municipal, por parte da Câmara. Por aí, não tenho qualquer dúvida em dizer que o Turismo foi um vector essencial para o PDM, e nesse sentido reflecte uma postura da câmara. Neste processo a importância do Turismo emergiu, porque é óbvio basta ver o Concelho e aquilo que ele pode dar.

Director da Academia de Música de Espinho – Entrevista com o Prof. Alexandre

Dia 12 de Outubro 2007, cerca das 09h30

1 – Sou Director da Academia de Música e concelho com o exercício da Advocacia.

2 – Penso que é importante. O Turismo tem sido indicado, como um dos vectores fundamentais do desenvolvimento económico concelhio. Agora essa, é uma questão, considerar que é importante em termos abstractos, outra coisa é dizer que é importante, porque tenho indicadores que o demonstrem. Eu não tenho conhecimento da realidade Espinhense a esse nível. Mas, não me parece que seja tão visível e tão significativa a frequência turística. Não vejo o Concelho com potencial de atracção para pessoas que venham em veraneio e que venham propositadamente passar férias.

Digo isto, porque não conheço o tipo de procura que a hotelaria aqui tem. Parece-me que Espinho tem vocação para um Turismo mais específico, nomeadamente cultural, muito mais que o Turismo de praia. No Verão temos muitas pessoas por aqui, mas são muitas de Concelhos vizinhos de Espinho... e isso penso que não

é Turismo. Já no aspecto cultural, penso que esta é uma área fundamental para a criação da tal imagem que queremos promover. O que parece é que a dimensão turística de uma determinada região é um conjunto de factores nos quais a dimensão cultural se insere, mas todos eles têm de ser trabalhados de uma forma homogénea. É preciso trabalhar a oferta cultural, a oferta de equipamentos, o espaço público, a limpeza, e um conjunto de factores para que possa haver poder de atracção.

3 – Não sendo uma pessoa ligada ao Turismo, poderei não ter a percepção correcta para lhe responder a isso. Mas temos várias formas, podemos falar no Turismo gastronómico, no Turismo desportivo, Sol e Praia, e no âmbito cultural penso que não podemos falar em Turismo, pois não temos uma programação cultural definida com eventos que atraiam pessoas de forma contínua e não com iniciativas isoladas. Isso torna impossível que alguém se desloque a Espinho especificamente para o tema cultural, contudo existe, quem venha cá para passar um fim-de-semana ou algo assim para assistir aos concertos. Mas, não temos um conjunto de acontecimentos que seja estruturado nesse sentido.

4 – Não sendo do Turismo tenho dificuldades em responder. De qualquer das formas, e no que respeita à Academia de Música, contribuímos para uma estratégia turística mais alargada. Quer o Auditório quer o Festival Internacional, não tenho dúvidas em afirmar que trazem pessoas a Espinho. Enquanto leigo na matéria, acho que num Concelho com estas características a imagem que se tem de criar é de uma multiplicidade de opções em que o âmbito cultural não pode ser uma mera formalidade. O Concelho tem de crescer ao nível cultural de forma a contribuir para todas as outras dimensões e a favorecer a atractividade do Concelho. É preciso ver que existe uma política de investimento cultural. A Câmara tem claramente objectivos para o Turismo, mas era necessário que os esforços de todos agentes económicos fossem orientados no mesmo sentido. Com coisas simples construímos uma imagem credível e válida, e nós sabemos o quanto é fundamental para o Turismo a imagem. Por exemplo, o ano passado o Festival Internacional de Cinema foi encerrado por um pianista célebre e também

polémico, que ficou alojado num hotel em Espinho, e que fez com que algumas pessoas se deslocassem a Espinho e ficassem alojadas no mesmo hotel do artista. Portanto, é simples verificar como grandes iniciativas criam atracção e trazem pessoas a Espinho, o que mostra a importância da construção de uma imagem integrada, não apostando única e simplesmente nas vertentes óbvias, mas tentando explorar outras. Todos sabemos que Espinho tem um mar belíssimo, mas nem tem qualidade para competir com outras paragens. Parece-me que seria importante tomar algumas medidas em termos de informação, identificando-se os principais sítios de interesse, como sejam museus, castelos, etc.

5 – Não me parecem claros.

6 – As mais-valias já lhas referi à pouco e não as vou repetir.

7 – Eu não conheço bem o trabalho que a Câmara tem feito, mas talvez pudesse ter mais iniciativa, provavelmente porque a iniciativa privada toma a dianteira, não sei e nem quero com isto fazer nenhuma crítica, mas como leigo na matéria acho que a qualidade do espaço urbano em Espinho esta muito degradada, no sentido em que esta a passar por uma fase de obras profundas. Não tenho dúvida que se a obra de rebaixamento da Via-férrea for direccionada para o arranjo urbanístico vai acrescentar valor a Espinho. Não existe por exemplo, uma oferta cultural específica que atraía um determinado tipo de público, ou seja, Espinho tem milhares de pessoas ao fim de semana, mas serão turistas? Serão pessoas que vêm ocupar espaço que traga benefícios para Espinho? Acho que devemos ter capacidade crítica e saber o que é e o que não é.

Há uma política de ocupação do espaço que não é qualificada, pelo que penso que existe uma questão estrutural de organização do espaço em Espinho.

8 – Não vejo, não existem, do ponto de vista daquela tal estrutura de consistência para criação de uma imagem.

9 – *A estratégia pode falar pela mesma estratégia e pelos mesmos objectivos. Não me parece que exista uma estratégia capaz de integrar todas as valências na área cultural. Deverá haver uma estratégia, pois vemos a Câmara frequentemente falar disso ainda recentemente na biblioteca o presidente defendia que Espinho devia apostar no Turismo desportivo, de conferência, pois espinho não tem nenhuma grande valia histórica. As pessoas vêm a Espinho para usufruir do Sol e Praia, com equipamentos de qualidade nas imediações onde tenham alternativa a um mau dia de praia, repensar o Turismo do golfe.*

Tentar intervir um bocadinho no sector da restauração que na minga opinião não tem uma oferta organizada, apesar de termos bons restaurantes, não temos instrução e caracterização dos espaços para o turista identificar claramente os sítios e onde pode por exemplo comer um bom peixe. Que seja do meu conhecimento Espinho não este tipo de informação sistematizada.

10 – *Não é do conhecimento público, pois eu não a conheço.*

11 – *Eu acho que sim apesar de ser um contributo extremamente reduzido.*

12 – *Falamos seguramente em implementação, definição de planos estratégicos para aumentar o Turismo, tanto em quantidade como em qualidade.*

13 – *Enquanto agente cultural e não turístico, penso que efectivamente há que fazer algo mais no sector cultural, pois a cultural é um subsector do sector turístico, como é o arquitectónico, o gastronómico, etc. Imagino que haverá uma política, mas não tenho conhecimento para o dizer de forma fundamentada.*

14 – *A mim parece-me que claramente será a Câmara Municipal.*

15 – *A nível Nacional nós temos políticas de Turismo. Será provavelmente complicado falar numa única política de Turismo, porque o desenvolvimento do Pais podia ser muito mais homogéneo e não é. Hoje por exemplo, sob o ponto de vista do Turismo o Algarve é a grande referência. Contudo, parece-me que não*

houve política, pois não me sinto minimamente atraído para ficar no Algarve, precisamente porque não houve Política de Turismo. Não há política de Turismo, e desse ponto de vista Portugal é incrível, quando o Turismo está em baixa, motiva e faz campanhas para os portugueses fazerem férias cá, quando o Turismo está em alta, são os próprios actores que estão no terreno que rejeitam a presença de portugueses, nomeadamente no Algarve e na Madeira. Por exemplo na Madeira em determinados restaurantes se não falar o idioma Inglês, tenho um atendimento discriminatório face a quem o fala. Isto é no meu entender terrível, pois a oferta de um serviço não pode ter subjacente este tipo de pressuposto. O empresário turístico selecciona os seus clientes de uma forma absolutamente discriminatória, não existe um nível de formação dos empresários para compreenderem estas coisas. A construção selvagem, etc...etc. Há uma política de concertação porque temos Sol e Mar. Isso nós sabemos, não sabemos muito mais...

16 – Basicamente é trabalhar nas políticas de Turismo e sabermos todos o que andamos a fazer. Hoje se for a algumas cidades do Interior respira o ar da política de Turismo. Os casos de Guimarães, Braga, Gaia são bons exemplos disso. Em Espinho não aproveitamos o que temos. É preciso caracterizar mais, identificando as reais mais-valias, para investir também mais, direccionando os investimentos para aquilo que mais vale a pena.

17 – Seguramente acho que sim, repare estamos a falar de Turismo.

18 – Naturalmente que sim. O Turismo é uma área de interesse geral e estratégico a Nivel Nacional, representando já um volume muito interessante do nosso PIB, e portanto, tem de ser um sector prioritário.

19 – Começar por definir a serio um plano estratégico para o Turismo. Eu penso que nada se faz, quando se esta a fazer uma remodelação profunda, sem primeiro se começar pela estruturação. É preciso as pessoas pensarem aquilo que querem e que necessitam para podermos ter um bom plano. Tem de ser um

plano plural, não pode haver a definição de uma estratégia sem se falar com quem vive no terreno e quem sente as efectivas dificuldades ou facilidades.

20 – Não conheço qual será o rumo, pois também não tenho grandes conhecimentos nesse âmbito.